



PARA SEMPRE PERDIDA

AMY GENTRY

ROCCO INTRA



AMY GENTRY

PARA SEMPRE PERDIDA

Tradução de Geni Hirata

ROCCO EDITAL

Para Curtis, o melhor ser humano vivo.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Preâmbulo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Julie

Capítulo 4

Gretchen

Capítulo 5

Vi

Capítulo 6

Violet

Capítulo 7

Sarr

Capítulo 8

A garota nova

Capítulo 9

Karen

Capítulo 10

Charlotte

Capítulo 11

Petes

Capítulo 12

Baby

Capítulo 13

Ela

Capítulo 14

Esther

Capítulo 15

Julie

Capítulo 16

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Preâmbulo

Jane acordou e sussurrou:

– Julie?

O quarto bocejou à sua volta. Após dois anos dormindo sozinha, em seu próprio quarto na nova casa, Jane já não sonhava com o ventilador de teto caindo e retalhando-a em cima da cama. As aranhas também haviam desaparecido das trevas; crianças de dez anos não precisam vigiar os cantos do quarto antes de dormir. Somente quando alguma coisa a acordava no meio da noite, o silêncio à sua volta ansiava pela respiração suave de Julie. Na casa velha, Jane costumava erguer um dos pés sobre o gradil de cima do beliche e dar risadinhas até Julie dizer *Psiu, Janie, volte a dormir*. Agora, ela fechava os olhos com força antes que seu olhar pudesse se desviar para os cantos escuros onde as paredes se uniam ao teto.

O barulho seguinte certamente veio do quarto de Julie. Jane afastou as cobertas e deslizou os pés descalços para o carpete. Na casa velha, um tapete escorregava no assoalho de madeira quando saía da cama. Agora, seus pés não faziam quase nenhum ruído no carpete espesso conforme caminhava para a porta e espreitava o corredor escuro. Um tênue espaço ligeiramente menos escuro pairava no final – uma porta fechada.

E raramente dormiam de portas fechadas; o quarto de Janie ficava quente demais; o de Julie, frio demais. Mamãe reclamava da ventilação nas casas de dois andares, mas o quarto de meus pais, no térreo, sempre ficava fechado à noite; porque eram adultos. Agora Julie também era, ou queria ser. Desde que completara treze anos, parecia estar o tempo inteiro praticando a vida adulta; escovando os cabelos devagar diante do espelho do banheiro como se ensaiasse em segredo para uma peça teatral, sentando-se à escrivaninha para escrever em seu diário, em vez de se jogar na cama de barriga, como Jane, e fechando a porta

do quarto.

No fim do corredor, o pálido espaço de luz estremeceu, uma fenda escura abriu-se em um dos lados; era a porta do quarto de Julie semiaberta, com quatro grandes dedos agarrados à borda.

Antes de ter tempo para pensar, Jane mergulhou dentro do closet, agachou-se e fechou a porta. Os dedos estavam muito altos na porta para a mão de Julie e eram grandes demais para pertencerem à sua mãe. Também não seriam de seu pai, Jane não sabia como, mas tinha certeza de que não pertenciam a ele, e isso era o mais estranho de tudo.

Um sutil e apavorante clique a fez lembrar que a porta do closet nunca permanecia fechada por muito tempo. Ela lançou as mãos para a frente, mas a porta já se abria lentamente.

Jane apertou os olhos quando um passo leve e macio começou a vir pelo corredor. Quando olhou de novo, um momento depois, a porta do closet havia parado a oito centímetros do batente. A fresta de corredor, visível de seu esconderijo, quase brilhava em contraste com a escuridão do closet. Jane podia ver cada fibra do carpete bege, cada ondulação na pintura e, pendurado na parede, metade de um retrato emoldurado, em que uma Jane estava sentada no colo de uma Julie, ambas de muito tempo atrás, num vestido infantil enfeitado com um barquinho. Nesta noite o barquinho oscilava nas ondas bordadas. Tudo o mais ondulava também. O som dos passos continuava na direção do quarto de Jane.

As tábuas do assoalho no corredor rangeram. O dono da mão estava já a meio caminho do quarto. Poderia ele ouvir o estalido em seus ouvidos toda vez que seu coração acelerado sacudia o barquinho? Jane resistiu à ânsia de encolher-se no meio das roupas, e seus cabides chacoalharam.

Nesse exato instante, um pé magro apareceu no carpete, tinha uma mancha de esmalte cor-de-rosa na unha do dedão do pé, e Jane suspirou. Era apenas Julie. Por uma hora, debruçou-se sobre as unhas dos pés aplicando o esmalte cor-de-rosa com perfeição, antes de sua festa de aniversário. Já pelo meio do verão, a maior parte do esmalte já fora raspada no fundo branco e áspero da piscina do quintal, deixando apenas aqueles pequenos triângulos perto das bordas. Portanto, Jane estava errada a respeito dos dedos, imaginando coisas outra vez, como aranhas nas sombras. Como esperado, Julie surgiu na moldura da porta, com sua costumeira camisola de Mickey Mouse se agitando ao redor dos joelhos,

dirigindo-se para as escadas ao lado do quarto de Jane, provavelmente apenas descendo para um lanche noturno. A camisola do Pato Donald de Jane, que combinava com a de Julie, estava em um saco de papel pardo, esperando para ser doada à Goodwill; já estava pequena demais. Sua mãe dissera que um dia ficaria mais alta do que Julie. Jane abraçou os joelhos cobertos pelo pijama, aliviada.

Só que os dedos estavam de volta, desta vez no ombro de Julie, agarrando o tecido de sua camisola, e seus longos cabelos louros estavam presos entre os dedos ossudos. Jane mal teve tempo de notar a postura reta, empertigada, de Julie, como a de um boneco de marionete de olhos arregalados, antes de ver o homem alto que vinha logo atrás. Julie e o estranho moviam-se juntos em câmera lenta, como se seu longo braço e a mão cabeluda formassem uma corrente prendendo um ao outro.

Reaja!, Jane disse a si mesma, mas nada aconteceu. Tudo estava paralisado, inclusive ela própria, como em um sonho; só que Julie e o homem continuaram andando. Devagar, mas em movimento; devagar, mas quase chegando ao seu quarto. Jane abriu a boca para gritar. Então, Julie a viu. O grito de Jane voltou para seu estômago quando Julie lançou um olhar fixo diretamente para dentro de seu esconderijo no closet. Jane devolveu o olhar, suplicando a Julie que lhe orientasse, preparando-se para obedecer, gritar ou chorar, talvez até rir se fosse uma brincadeira. Ela certamente não a deixaria sozinha naquele pesadelo. Se Julie ao menos lhe dissesse o que fazer, Jane prometeu, silenciosamente, que obedeceria e nunca mais se queixaria dali em diante.

Sem mexer a cabeça, Julie ergueu as sobrancelhas e olhou significativamente na direção do homem atrás dela, depois de novo para Jane, como se lhe dissesse para olhar bem, o que Jane não queria fazer; em vez disso, manteve os olhos fixos em Julie. A garota e o homem viraram-se para o patamar da escada sem parar à sua porta, e Jane entendeu por que Julie estava andando tão empertigada: o homem mantinha a ponta de uma faca longa e afiada em suas costas. Jane sentiu uma pontada aguda, como a picada de um inseto, entre suas próprias omoplatas, e seus olhos se encheram de lágrimas.

Estavam no topo da escada quando se ouviu um clique alto vindo do sótão. Jane sabia que era apenas o estalido da própria casa se acomodando, mas o homem parou e olhou por cima do ombro nervosamente. Na fração de segundo em que o estranho olhou para trás, Julie, como se tivesse sido libertada de um

feitico, virou a cabeça para Jane, levou o dedo indicador da mão esquerda aos lábios e formulou um O mudo.

Silêncio.

Jane obedeceu. Julie começou a descer as escadas, seguida pelo homem com a faca.

E esta, segundo a única testemunha, é a história de como perdi minha filha – minhas duas filhas, tudo de uma vez – em uma única noite.

1

Faz oito anos que Julie se foi, mas ela está morta há muito mais tempo – séculos –, quando saio para o ar escaldante para dar minha última aula da primavera. Nesta época, meados de maio, Houston é tão quente quanto o hálito. Antes mesmo de se fechar a porta atrás de mim, se inicia uma fricção úmida entre minha pele e as roupas; são mais cinco passos até a garagem e cada lugar oculto torna-se perigoso. Quando finalmente chego ao carro, as dobras dos meus dedos estão molhando de suor as laterais da caneca térmica de plástico. Minha mão escorrega quando entro no SUV, respingando gotas grudentas de café puro na tampa. Algumas também vão em minha mão, mas deixo que me queimem a pele e ligo rápido o ar-condicionado. A cada ano, o verão chega mais cedo.

Saio de ré pelo caminho de entrada, atravesso o portão de segurança – que instalamos quando já era tarde demais –, manobro pelas ruas vizinhas, pego a via de acesso, e então desemboco na I-10, onde maciças rampas de acesso de concreto escalam o céu como as vértebras de um dinossauro. Às 8h, já enfrento o coração de artérias entupidas e uma ponte de safena tripla, é a hora do rush, abro caminho entre catorze pistas de engarrafamento, a paisagem é a de capôs cintilantes e lanternas traseiras vermelhas piscando debilmente na manhã nublada.

Preciso ver por cima dos carros, por isso o econômico Prius fica na garagem enquanto dirijo o volumoso Range Rover preto de Tom – que não o dirige nunca – por três diferentes autoestradas até a universidade, ida e volta, todo dia. Arrasto-me a passos de tartaruga, posso ignorar os demais motoristas e concentrar-me nas letras lascadas, nas fachadas, nas marquises de concreto dos centros comerciais à beira da estrada: BIG BOY DOLLAR STORE, CARTRIDGE WORLD, L-A HAIR. O letreiro em néon rosa de um restaurante mexicano, o monstrengo amarelo e azul de uma IKEA aparece por trás da estrada de pedágio, os tijolos amarelados de

conjuntos habitacionais mal protegidos da autoestrada por fileiras de murtas desordenadas – tudo me faz lembrar que o pior já aconteceu. Preciso dessa sucessão como minha mãe necessitava de seu rosário. *Ave, sr. Lava-jato, cheio de graça, o Senhor é convosco. Rogai por nós, ó Impressão Rápida. Nossa Senhora do Aluguel de Boxes, a ti enviamos nossos apelos.*

Até os outdoors de Julie já se foram. Havia um bem aqui, na intersecção da I-10 com a rodovia interestadual conhecida como Retorno 610, junto à torre residencial para idosos, entalada entre a Primeira Igreja Batista e uma passarela de concreto; mas há cinco anos os gestores do truste decidiram que os outdoors deveriam ser retirados. Seria a mais tempo? Acho que foi devido à despesa, embora eu nunca tenha tido a menor ideia de quanto custavam – o Fundo Julie era coisa de Tom. Atualmente, o radiante sorriso de dentes branqueados do pastor de uma megaigreja irradiava-se do outdoor ao lado das palavras “FÉ DIÁRIA, NÃO FÉ ORDINÁRIA”. Imagino se colaram o anúncio diretamente em cima do rosto dela ou se a arrancaram em tiras primeiro. Pensamento ridículo esse meu; o outdoor já fizera a propaganda de muitas coisas desde então: consultório de dentistas, reversão de vasectomia...

Um verso de Wordsworth do plano de aula de hoje me passa à mente como uma piada de mau gosto:

*Para onde fugiu o fulgor visionário?
Onde estão agora, a glória e o sonho?*

Aciono o pisca-alerta e entro no Retorno. Apesar de todo o tempo que passei lendo e estudando a poesia de Wordsworth – apesar do fato de que vou ensiná-la dentro de poucas horas a uma turma repleta de jovens estudantes impressionáveis, planejo continuar ensinando-a enquanto a universidade me permitir manter minha posição sem publicações, sem trabalho em comitês nem qualquer outro esforço além da dificuldade nada insignificante que sinto em me levantar da cama todos os dias para encarar um mundo onde o pior já aconteceu e, por alguma razão, ainda estar viva; não acredito na glória nem no sonho. Acredito em estatísticas.

As estatísticas dizem que a maior parte das crianças sequestradas é levada por pessoas conhecidas; Julie foi levada por um estranho. Também dizem que a maioria dos sequestradores de crianças tenta atrair suas vítimas para um veículo;

Julie foi levada de seu próprio quarto sob a ameaça de uma faca no meio da noite enquanto minha outra filha, Jane, observava tudo de dentro de um closet. E, finalmente, as estatísticas ainda dizem que três-quartos das crianças sequestradas e assassinadas estão mortas nas três primeiras horas depois do sequestro. Três horas é mais ou menos o tempo que achamos que Jane ficou no closet, paralisada de medo, antes de acordar Tom e a mim, chorando, em pânico.

Quando soubemos que Julie havia desaparecido, seu destino já estava selado.

A inevitabilidade dos fatos espalhou-se como uma infecção ou cheiro de gasolina. Para me convencer de que Julie está morta, digo a mim mesma que ela sempre esteve – antes de nascer, antes de eu nascer. Antes de Wordsworth nascer. Ao passar pelos pinheiros do Memorial Park, eu a imagino olhando fixamente para cima, com olhar perdido, sob um manto de agulhas de pinheiro douradas e avermelhadas. Passando de carro por Crestview Apartments, eu a vejo enterrada no canteiro de azaléas. O shopping center com o SunRay Nail Salon and Spa propicia visões da caçamba de lixo atrás do mesmo SunRay Nail Salon and Spa. Esse é meu fulgor visionário.

Eu costumava querer o mundo para Julie. Agora só quero alguma coisa para enterrar.

Minha aula – a última antes das férias de verão – passa como um filme ruim, turvo e indistinto. Eu poderia ensinar Wordsworth dormindo e, embora não esteja dormindo agora, continuo sonhando. Vejo o azul cristalino da piscina, brilhando como uma joia de plástico, circundada por um deque recentemente polido sob os pinheiros altos e esguios. As meninas ficaram muito empolgadas com a piscina e me lembro de perguntar a Tom, o contador, se podíamos arcar com aquela despesa. O Energy Corridor District, com seu excesso de Starbucks e clubes campestres, não fazia realmente o nosso estilo – especialmente não o meu. As meninas adoravam a piscina mais até do que gostavam de cada uma ter seu próprio quarto. Elas não pareciam notar que nós estávamos saindo de prosaicas moradias universitárias para uma parte da cidade com casas duplex, dois carros na garagem e gramados verdes salpicados de cartazes de apoio a times de futebol do colégio. São várias as razões para termos nos mudado, mas a que todos querem ouvir, claro, é que achávamos que seria mais seguro.

– Estão dispensados. Não esqueçam: os trabalhos finais devem estar no meu

escaninho no dia 28, somente até as cinco horas da tarde.

Quando cheguei ao “Boas férias”, a maioria já havia saído. Enquanto desço o corredor para a minha sala, sinto a vibração do telefone no bolso. É uma mensagem de Tom. *Pode pegar a Jane? IAH 16h05, United 1093.*

Ponho o telefone sobre a mesa, volto-me para meu computador e verifico o calendário acadêmico da Universidade de Washington. Em seguida, consulto a lista telefônica da universidade e telefono para um diretor que conheço desde a faculdade. Segue-se uma breve conversa.

Envio uma mensagem de volta a Tom. *Preciso levar o jantar também?* Alguns minutos depois: *Não.*

Aparentemente, Tom e eu falaremos apenas isso sobre o fato de Jane voltar para casa mais cedo do seu primeiro ano na faculdade.

Atualmente, é difícil distinguir Jane na multidão. Nunca se sabe de que cor estão seus cabelos. Fico próxima à esteira de bagagem 9 e espero até que uma jovem alta de cabelos pretos com nuances de vinho emerge de uma multidão de passageiros, tinha também uma mecha verde desbotada caída na frente dos olhos; esta sobrevida de mais uma tintura.

– Oi, mamãe.

– Oi, Jane. – Abraçamo-nos, a pesada mochila bate em meu quadril quando ela se inclina para a frente, e em seguida a esteira de bagagem vazia emite um guincho estremecido e nós duas nos viramos para olhar enquanto penso na melhor maneira de não perguntar sobre a chegada inesperada.

– Você mudou seu cabelo outra vez – comento.

– Pois é.

Tudo o que Jane diz e faz é uma variação da atitude ríspida e rebelde que se tornou uma marca no colégio, uns dois anos depois de Julie ser sequestrada. No ensino médio, Jane acrescentou música ensurdecidora, tintura de cabelo e piercings aleatórios a seu repertório, mas a atitude rebelde permaneceu como a pivô de seu comportamento. Tom costumava acompanhá-la zelosamente escada acima, onde enfrentava os soluços e berros que eu só ouvia abafados. Eu achava que ela precisava de privacidade.

– Fez boa viagem?

– Tudo bem.

Era longa a viagem. Eu desconfiava de que Jane houvesse escolhido a Universidade de Washington por causa de sua distância de Houston. Quando ela era pequena, costumava dizer que queria ir para a universidade onde eu ensino, mas as flâmulas e símbolos da minha universidade desapareceram mais ou menos na mesma época em que a atitude agressiva começou. Jane acabaria no Alaska se eu não tivesse insistido em uma faculdade que tivesse trimestres letivos, em vez de semestres – toda diferença possível era crucial. No conjunto, era um comportamento típico de adolescente, sem dúvida, mas em se tratando de Jane, fazia sentido de uma forma particular e perversa – como o fato de, segundo a administração, ela ter recebido o grau Incompleto em todos os seus cursos da primavera.

Isso depois de ter permanecido em Seattle durante todo o ano letivo. Não dei muita importância ao fato de ela não ter vindo para casa para o Dia de Ação de Graças; é comum os estudantes não viajarem para casa no sistema de trimestres, já que o do outono começa bem tarde. Quando ela nos explicou, por telefone, no meio de dezembro, que permaneceria lá, que um de seus professores a convidara para um jantar de fim de ano, que de qualquer modo nossa família nunca realmente comemorava o Natal, não é?, e que ela achava que ficar lá seria bom para seu sentimento de independência, eu praticamente pude ouvir o coração de Tom se dilacerar. Disfarcei o silêncio dele dizendo o que era de se esperar, na verdade, a única coisa possível de se dizer: “Sentiremos sua falta, é claro, mas compreendemos.”

Agora, parecia que todo feriado era mais uma situação em que Jane mais uma vez batia a porta na nossa cara e em que eu fracassava em reagir adequadamente.

– Bem – digo, recomeçando. – Ainda está gostando da U-Dub?

– “Avante Huskies” – ela diz, repetindo o mote dos fãs dos Huskies com um fraco gesto de punho fechado. – Sim, mamãe. Nada mudou realmente desde a última vez em que nos falamos.

As malas começaram a cair na esteira e nós duas nos inclinamos para olhar.

– Esse casaco foi suficiente para o janeiro lá de cima? A liquidação de inverno já começou, podíamos ir às compras.

Ela pega constrangidamente no tecido da jaqueta militar que usa desde os dezesseis anos.

– Este está bom. Já disse a vocês que lá não fica tão frio assim.

– As aulas estão indo bem?

– Sim – ela responde. – Por quê?

– Só estou perguntando.

– Estão indo muito bem – ela fala. – Na verdade, estão indo tão bem que meus professores estão me deixando entregar trabalhos em vez de fazer provas.

Em vez de provas! Soa oficial. Penso em que jeito ela conseguiu para fazê-los concordar em lhe dar Incompletos em vez de reprová-la. Meus alunos geralmente dizem apenas “Emergência familiar” e cruzam os dedos para que eu não exija mais detalhes.

Cuidadosamente, pergunto:

– Eles fazem muito isso na U-Dub?

– Mamãe – ela responde. – Diga apenas “Universidade de Washington”.

Dou um leve aperto em seu ombro.

– Estamos muito contentes por você estar em casa.

Abaixo o braço e ficamos ali paradas, lado a lado, olhando fixamente para a rampa de descarga metálica brilhante, até que metade dos demais passageiros já tivesse, resgatado suas malas e as levado nos carrinhos de bagagem, essa ausência fazia a vibração da esteira rolante soar ainda mais alto. Finalmente, a mala de rodinhas de Jane dá uma cambalhota pela rampa e cai com um baque surdo na esteira à nossa frente. Foi um presente de formatura – cor de maçã verde e já desgastada pela viagem inaugural de ida e volta a Seattle, quase da cor da mecha de cabelos pintada de verde. Jane agarra a mala antes que eu possa reagir, mas me deixa levar sua mochila quando para e tira a jaqueta diante do sopro de ar úmido que nos atinge do lado de fora das portas automáticas.

– Estou vendo que já estamos no modo pântano.

– Nada como estar em casa – respondo, e sou recompensada com o esboço de um sorriso.

A volta para casa, no entanto, é espinhosa. Disparo perguntas idiotas sobre a vida universitária, apesar de passar a maior parte do meu tempo em uma universidade.

– Que tal os alojamentos?

– Bastante bons.

– Ainda se dá bem com sua colega de quarto?

– Ela é legal. Procuramos ficar fora do caminho uma da outra.

- Vai continuar a dividir o quarto com ela no próximo ano?
- Provavelmente, não.

Finalmente, recorro a um assunto em que tenho certeza de conseguir resultados, embora seja difícil para mim.

– Bem, fale-me sobre esta professora de inglês com quem você jantou no Natal.

- O nome dela é Caitlyn e, na verdade, ela é professora de semiótica.

Caitlyn.

- Não sabia que ainda ensinavam semiótica nos departamentos de inglês.

– O curso chama-se Interseccionalidades. É um curso de inglês, mas é interdisciplinar, passa por linguística, estudos de gênero e antropologia. Há uma série de pré-requisitos, mas procurei a Caitlyn em sua sala logo no primeiro dia e a convenci a me incluir.

Não posso deixar de sentir uma chama de orgulho. Como uma verdadeira filha de professora, Jane conhece todos os macetes da Academia. Além do mais, essa é, há séculos, a maior série de palavras consecutivas que ela me diz sem que Tom esteja por perto.

- Me fale mais sobre isso, o que você leu?
- Acho melhor esperar e falar sobre isso com papai também – ela diz.
- Claro – concordo.
- Não quero ter que falar tudo duas vezes.
- Certamente, querida.

Ligo o rádio na NPR e o som reconfortante, moderado, das notícias na hora do rush enche o carro conforme passamos lentamente por um campo de tiro e um ginásio esportivo, onde um técnico de ginástica olímpica provavelmente está neste exato momento gritando com garotas de rabo de cavalo em formação. Jane olha fixamente pela janela. Presumo que esteja tentando entender por que Tom não veio pegá-la, em vez de mim. Eu também gostaria de entender.

Poucos minutos depois, nós duas descobrimos. Entramos no caminho da garagem, o céu começava a brilhar com o anoitecer, avisto Tom através da janela da cozinha, preparando o jantar. Quando abro a porta e entro, sinto o aroma da massa preferida de Jane: fettuccine Alfredo com camarão empanado e aspargos grelhados, uma receita ridiculamente decadente que Tom pegou na Food Network e só prepara em ocasiões especiais. Para expiação, uma salada verde em

uma tigela ao lado da tábua de cortar, pronta para se unir às reluzentes e coloridas louças Fiestaware na mesa de jantar.

– Janie! – Tom abre os braços e dá um passo à frente. Jane se atira e coloca os braços ao seu redor, fechando também os olhos com força contra seu peito. Afasto-me para o banheiro, depois para o quarto para trocar minhas roupas de trabalho por jeans mais confortáveis, demorando-me alguns minutos para guardar algumas roupas lavadas que estavam ali, dobradas, em um cesto ao pé da cama. Quando retorno, já estão conversando animadamente, Tom de costas para mim, enquanto corta tomates para a salada, Jane descansa as pontas dos dedos na tábua de açougueiro como se tocasse piano.

– Pai, você não acreditaria nos nomes que as pessoas citavam no curso – ela diz. – Derrida, coisas assim. Todo mundo era muito mais inteligente do que eu.

– Ei, ela deixou você entrar, e ela é ganhadora do prêmio MacArthur Genius.

– Toda vez que eu abria a boca, parecia uma idiota.

– Ao menos você abriu a boca – ele diz, pousando a faca ao lado da tábua por um instante enquanto a encara. – Aposto como havia gente apavorada demais para falar.

O sorriso agradecido de Jane, visível por cima do ombro de Tom, me irrita. Como se pudesse pressentir minha presença, Tom se vira e me vê ali parada. Ele atira um punhado de tomates cortados sobre as folhas verdes e pega a saladeira.

– Está tudo pronto! – ele avisa. – Pegue o macarrão, Jane. Vamos nos sentar e comer, nosso primeiro jantar de família que temos em só-Deus-sabe quanto tempo.

E é então, acredite ou não, que a campainha toca.

2

A primeira coisa que vejo são seus cabelos claros, iluminados na claridade poluída, rosada, do pôr de sol de Houston.

Depois, o rosto – pele pálida e fina, esticada sobre maçãs do rosto coradas, de modo que as olheiras escuras sobressaíam sob os olhos fundos. O rosto parece tanto jovem quanto velho. Está de calça jeans desgastada, com rasgos nos joelhos, e veste uma camiseta. Abre a boca para falar e vejo que está descalça.

Há algo familiar nela, mas é como se meu corpo inteiro tivesse se fundido com o ambiente ao redor, as conexões do meu cérebro refeitas para parecerem mãos cegas tateando, os dados sensoriais ricocheteando inutilmente de um lado para outro em busca de algo ao que se agarrar: *Cabelos. Olhos. Jovem. Descalça.*

Os olhos dela se arregalam e o sangue foge de seu rosto.

Minhas mãos se estendem à minha frente, de palmas para fora, os dedos abertos, prontas para me proteger como escudos de um pôr do sol nuclear, como se eu estivesse prestes a cair, mas é a jovem na soleira da porta quem cai, os joelhos cedem, de modo que ela se dobra perfeitamente enquanto desmorona sobre o tapete da entrada, os cabelos louros prendem-se levemente nos arbustos de azaléas em sua queda. Abro a boca e acho que devo estar gritando, chamando Tom, embora não consiga ouvir minha voz, porque meu cérebro ainda está ofuscado pelo pôr do sol refletido de seu rosto. Tom aparece correndo atrás de mim, para, e em seguida se arremeter pela porta. Quando enxergo outra vez, a jovem simplesmente desapareceu naquele abraço, os cachos e nós dos cabelos comprimidos entre seus dedos enquanto ele a abraça junto do peito, embalando-a para a frente e para trás.

– Julie, Julie, Julie – ele repete, soluçando, como o coro dos pesadelos que, agora sei, nunca cessaram, mas tem se desenrolado toda noite por oito anos, e talvez também durante todo dia, em um fluxo contínuo que simplesmente preferi

negar.

A visão de Jane paralisada no corredor reacende a luz na minha cabeça.

– Ligue para 911 – consigo murmurar. – Diga que precisamos de uma ambulância.

Para Tom, que emite sons estranhos e animais de dor que também ouvi em meus sonhos, falo:

– Traga-a para dentro.

E simplesmente assim, o pior acontecimento de nossas vidas é revertido. Julie está em casa.

As primeiras vinte e quatro horas após o reaparecimento de Julie são estranhamente similares às primeiras vinte e quatro horas que se seguiram ao seu desaparecimento, uma simetria que empresta um significado extra a cada detalhe. Há a umidade do longo e quente começo de verão; as murtas que já estavam perdendo as flores quando Julie foi levada no começo do outono agora apenas começavam a florir; os botões se abriam como pedaços de lenço de papel amassados. Há as sirenes ensurdecedoras atravessando o bairro em direção à nossa casa, exatamente como da última vez, mas trazendo socorro médico, em vez da polícia. É hora do crepúsculo, em vez do nascer do sol, de modo que os vizinhos que abrem a porta da frente de suas casas para ver o que está acontecendo estão usando roupas de trabalho em vez de roupões e segurando pegadores de panela em vez de jornais. Tudo está exatamente ao contrário, como o negativo da foto de uma tragédia.

Somente um de nós poderia acompanhar Julie na ambulância, e Tom imediatamente dá um passo à frente, de modo que Jane e eu entramos no SUV e seguimos atrás. Quando paramos na Emergência, já estão retirando sua maca, agora ligada a um cabide de medicação intravenosa. A maca é empurrada corredor adentro e instalada em um espaço isolado por cortinas, com aquela excruciante combinação de lentidão e urgência própria dos setores de emergência.

Os trinta minutos seguintes se passam como horas sob as lâmpadas fluorescentes. Julie acorda, resmunga alguma coisa e dorme outra vez. Tom senta-se ao lado da cama, segura a mão de Julie e murmura algo ininteligível; eu ando de um lado para o outro; Jane recosta-se em uma cadeira; enfermeiras

entram e saem a intervalos esporádicos, sem nunca nos dizer nada, mas fazendo perguntas sobre detalhes de seguro de saúde ou sobre o histórico médico de Julie, perguntas que parecem tão inúteis e redundantes que fico convencida de que algumas daquelas pessoas querem apenas ver a famosa garota Whitaker em carne e osso. Uma enfermeira entra para colher amostras de sangue e Julie acorda sobressaltada com o chumaço de algodão frio e úmido na parte interna de seu braço, mantém os olhos abertos apenas o suficiente para balançar vagamente a cabeça às brilhantes perguntas da enfermeira, mas apaga assim que a agulha penetra em sua veia. A cortina que nos separa do corredor esvoaça quando as pessoas passam às pressas e não ajuda nada em bloquear a cacofonia de rodinhas rangentes, avisos indecifráveis pelos alto-falantes e reuniões de corredor pontuadas por sonoros suspiros e uma ou outra risada.

Quando a médica finalmente chega, expulsa a todos, independentemente das objeções minhas e de Tom.

– Só preciso dela por dois segundos – ela diz. – Vocês, mãe e pai, não saiam de perto.

Desnecessário dizer, nós não saímos, mas Jane aproveita a oportunidade para achar um toalete. A médica emerge do espaço acortinado depois de uma conversa sussurrada que me esforço, sem sucesso, para ouvir. Dou uma espiada em Julie ao fundo, acordada, mas corada e desorientada, antes da médica fechar a cortina ao sair. Julie está desidratada, a médica nos diz, sofre de exaustão e insolação, e não come há vários dias, mas não parece haver nenhum ferimento nem doença, nenhuma substância estranha em sua corrente sanguínea.

– Depois que os fluidos fizerem efeito, ela sem dúvida ficará completamente saudável – conclui; e o fato de dizer “completamente saudável” provava que ela não pode ter lido o boletim médico, que nunca assistiu ao noticiário, ou que se tornou tão insensível por causa de seu trabalho que não consegue pensar além de uma frase feita indelevelmente associada em sua mente à palavra *fluidos*. – Basta levá-la a uma clínica para acompanhamento daqui a algumas semanas. Eles marcarão a consulta quando lhe derem alta.

Quando entramos no cubículo de Julie outra vez, alguém bate na divisória e um detetive de polícia entra atrás de nós. Com uns quarenta anos, de cabelos escuros, não era muito diferente de um detetive de polícia de uma série de TV, porém muito menos atraente, ele deixa a cortina uns trinta centímetros aberta e

olha fixamente para Julie pelo improvisado vão da cortina.

– Julie Whitaker – ele diz. – Inacreditável.

Julie não presta a menor atenção, mas ao ver Tom e eu outra vez, ela se deixa cair no travesseiro, soluçando sem lágrimas. Tom corre para tomá-la nos braços. Notando minha expressão, a médica diz que irão transferir Julie para um quarto com porta assim que houver algum desocupado e, em seguida, sai às pressas. O policial se apresenta como detetive Overbey e começa a fazer perguntas sobre as circunstâncias da chegada de Julie, que respondo da melhor forma possível, considerando-se que, até onde se saiba, ela podia ter saído diretamente do brilhante pôr do sol alaranjado, da testa de um deus ou flanco aberto de um homem enquanto dormia. É quanto nos parece sem importância a questão de como Julie nos foi devolvida.

Ao fundo, ouço Tom repetindo as palavras: “Você está segura agora. Está tudo bem. O médico disse que você vai ficar bem.” E está falando para si mesmo tanto quanto com ela, e embora as palavras não se destinem a mim, são tão reconfortantes que deixo minha atenção ser levada em direção a eles e daí para longe das perguntas do detetive Overbey.

Ele percebe.

– Gostaria de falar a sós com Julie por apenas alguns minutos.

– Não – Julie diz, agarrando o braço de Tom, mas olhando para mim. – Não vá.

– Não vai levar muito tempo.

Tom fica de pé diretamente em frente à cama de Julie. Ele é um homem alto, corpulento e imponente, mesmo emocionalmente abalado.

– De jeito nenhum. Nós a deixamos sozinha uma vez esta noite, para a médica. Não vamos deixá-la outra vez.

Tom e o detetive começam a discutir e o minúsculo espaço fechado com cortina encolhe. As mesmas palavras continuam a ser repetidas e no começo não compreendo. Finalmente, ele se dirige diretamente a Julie, ignorando Tom.

– Sei que não está se sentindo bem e detesto ter que incomodá-la agora – ele começa. – Mas preciso perguntar: Você sofreu abuso sexual?

Julie apenas olha para o detetive e balança a cabeça afirmativamente. Tom tranca o maxilar e encontro um momento para me alegrar por Jane ainda não ter voltado do banheiro.

O detetive Overbey explica o exame forense e eu então compreendo que ele

usa os acrônimos SANE – *Sexual Assault Nurse Examiner*, sobre a enfermeira forense especializada nos procedimentos protocolares em caso de agressão sexual, e SAFE – *Stop Abuse for Everyone* –, uma organização de direitos humanos.

– A enfermeira especializada em casos de abuso sexual já está a caminho – ele diz. – Ela deverá chegar logo para preparar a sala de exames. Assim que você sair da intravenosa, ela pode começar.

Julie sacode a cabeça dizendo que não, e Tom dá um passo à frente, pronto para brigar.

O detetive Overbey, igualmente imponente, não se intimida.

– Se houver qualquer prova de estupro, é melhor coletá-la...

– Ouça – Tom diz, apontando o dedo para o detetive para dar ênfase às suas palavras. – Temos feito tudo o que a polícia nos diz, desde o primeiro dia, e nunca fizemos uma única pergunta que não devêssemos. Oito anos mais tarde, depois...

– Ele engasga, soluça, quase não consegue continuar. – Anos depois de termos qualquer notícia, nossa filha aparece à nossa porta e não graças a vocês. E agora você quer mantê-la acordada a noite toda lhe fazendo perguntas, tratando-a como se ela fosse a cena de um crime? – Ele resfolega com desdém. – Nós viremos amanhã.

O detetive Overbey começa a retrucar, mas um débil ruído vindo da cama de Julie o faz calar.

– A última vez foi... há muito tempo – ela diz serenamente. – Pelo menos, seis meses.

O detetive Overbey suspira como se a notícia de que nossa filha não foi estuprada nos últimos seis meses fosse decepcionante, mas aceitável.

– Está bem, então. Ainda recomendamos que voltem amanhã, mas de uma perspectiva forense não há pressa. Descanse e obteremos um depoimento completo de vocês na delegacia amanhã.

Julie concorda debilmente. Tom deixa-se cair para a frente, põe as mãos sobre os joelhos.

Jane entra, trazia uma caixinha de suco na mão. Deve tê-lo conseguido no posto das enfermeiras. Quando vê Julie acordada, sorri timidamente e diz:

– Bem-vinda de volta.

Seis horas mais tarde, no meio da noite, Julie recebe alta, completamente

hidratada e usando uma camisola hospitalar em substituição ao jeans e à camiseta sujos que a polícia levou como prova. Ela se apoia no braço de Tom enquanto varro tudo para dentro da minha bolsa: antibióticos profiláticos para clamídia e gonorreia, uma receita para Valium, caso tenha dificuldade em dormir, e uma pasta de arquivo lotada de folhetos sobre agressão sexual, listas de telefones fotocopiadas para serviços de assistência a vítimas do Departamento de Polícia de Houston e diversos abrigos para mulheres. Também tem o cartão do detetive Overbey, com os cantos enfiados em quatro cortes na capa da pasta, para não se perder. Eu o retiro e o enfio no bolso de minha calça jeans.

Tom nos leva de volta para casa, Julie dorme no banco de trás do SUV sobre o travesseiro descartável que a deixaram trazer. Jane, que dormiu bastante no hospital, agora fita Julie em silêncio. Ninguém fala nada – em parte porque não queremos acordar Julie, mas também porque nós próprios não queremos acordar. Talvez seja apenas eu.

São três horas da madrugada quando abrimos a porta dos fundos e entramos na cozinha pela lavanderia. Parece a casa de uma outra família, preservada em um dia perfeitamente normal, como um museu da vida cotidiana: acima da máquina de lavar roupa, uma blusa está pendurada para secar; na tábua de cortar, um punhado de brilhantes e vermelhos tomates cortados descansa ao lado de uma faca em uma poça de suco vermelho. Através da porta para a sala de jantar, a elaborada refeição de boas-vindas a Jane jaz esquecida na mesa de jantar: a salada murchou, os camarões empanados se encharcaram de gordura, o molho endureceu sobre o macarrão frio e grudento. Enquanto os outros atravessam a cozinha em direção à sala de estar, entro na sala de jantar e começo a pegar os pratos cheios de fettuccine. Não levo mais do que alguns instantes para empilhar a prova de que estávamos sobrevivendo dentro da pia da cozinha.

Quando me reúno a eles na sala de estar, Jane e Tom estão de pé, desajeitadamente junto ao sofá em que Julie repousa, como pessoas acomodando um parente distante que veio passar a noite. Tom sacode a cabeça, tem o rosto vermelho, e quando percebo o que estão discutindo, meus esforços na sala de jantar parecem inúteis.

Tom instalou seu escritório no quarto de Julie há sete anos. E não conversou comigo antes; nem me informou que estava se demitindo de seu emprego de contador, o emprego pelo qual havíamos nos mudado para o Energy Corridor, a

fim de trabalhar como consultor fiscal. Certo dia, passei pelo quarto dela e vi que fora transformado em um santuário cuidadosamente preservado, com uma escrivaninha e um armário de arquivos onde antes ficava sua cama, pôsteres substituídos por fotografias emolduradas de Julie. Compreendi sem que precisassem me dizer que aquele escritório novo seria o comando central da busca, que Tom estava transformando a falta dela em um emprego de tempo integral. Somente agora, com Julie diante de nós, isso parece um exorcismo.

– Não me incomodo de ficar no sofá – Julie dizia.

– Ela pode ficar no meu quarto – sugere Jane, ainda se mantendo um pouco afastada, como se tivesse medo de se aproximar demais. Agarrando o cotovelo desajeitadamente, mais parece a garotinha que era aos dez anos de idade, mais do que eu julgaria possível, embora perceba com uma pontada no peito que é bem mais alta do que Julie. Jane olha fixamente para Julie, não ansiosa como Tom, que parece que nunca mais a deixará longe de sua vista outra vez, mas com uma expressão cautelosa. – Eu não me importo.

– Não, por favor – Julie diz. – Não quero tirar o quarto de ninguém.

Sinto o desejo repentino de colocá-la em nossa cama, entre Tom e eu, como fazíamos quando tinha sete anos, estava com febre e não conseguia parar de tremer. Isso, entretanto, não é prático e, enquanto isso, a sala de estar reverbera, aberta como uma boca, à nossa volta, as janelas escuras atrás das cortinas.

– Tom, o colchão inflável? – sugiro. – Ela pode ficar no quarto dela até você retirar sua escrivaninha.

– Uma porta que se fecha seria bom – ela diz, e fica decidido. Julie não tem nenhum artigo de higiene pessoal, nenhuma bagagem, e ninguém quer perguntar por que, de modo que Jane lhe dá camiseta e shorts para dormir e saio à procura de uma escova de dentes sobressalente, ainda na embalagem. Depois que a azáfama termina, Julie desaparece atrás da porta do escritório de Tom, como o sol atrás de uma nuvem. Imagino se ela se sente confortada ou perturbada com todas as suas fotos na parede.

Quando por fim também acomodamos Jane para dormir, garantindo a ela que poderá decidir se quer ir à delegacia quando acordar, já é quase dia. A porta do quarto se fecha e minhas pernas parecem que vão se dobrar sob o peso de meu corpo, mas me sinto mais acordada do que não me sentia há anos. Meus pensamentos voam, ou melhor, dão cambalhotas, tropeçam sobre si mesmos,

enquanto executo minha rotina de dormir.

– Anna? – Tom diz, de uma maneira que sugere que está me chamando pela segunda ou terceira vez. Saio do banheiro e o vejo deitado em seu lado da cama, erguendo os olhos com expectativa.

Em vez de descobrir o que ele quer, eu me surpreendo falando exatamente o que estou pensando:

– O que vamos fazer?

– Ela está de volta – ele diz. – Já não temos que fazer mais nada.

Saio de dentro do meu jeans, mantenho a camiseta para dormir.

– Ela está de volta – ele repete, como uma criança teimosa.

– Não sabemos o que ela passou. – Penso no cartão do detetive enfiado no bolso do meu jeans quando o penduro atrás da porta do closet. – Temos que ter cuidado.

– Devíamos ter sido mais cuidadosos na época. – Sua voz falseia um pouco.

Saio do closet.

– Ela pode não ser mais a mesma...

– Nenhum de nós é – Tom diz. Faz-se uma longa pausa. – Você não acreditava que ela fosse voltar um dia.

Sento-me na borda da cama. Posso sentir seus olhos perfurando minha nuca e fecho os meus, digerindo a acusação. Após alguns instantes, viro o rosto para ele.

– Eu não acreditava que fôssemos *encontrá-la* – digo, confiando em que ele entendesse a diferença.

Tom não responde, mas quando me inclino para apagar a luz na minha mesinha de cabeceira, sinto algo se mover, apenas um pouco do ar da noite entre nós se afastando, como uma brisa soprando através de uma fissura na parede. Ele se vira de lado, de costas para mim, mas algo a respeito desta discussão me faz lembrar o casamento que tínhamos, as discussões que surgiam somente quando estávamos juntos na cama. Com entusiasmo entrávamos em qualquer discussão na época, sabendo que ainda iríamos acordar um ao lado do outro de manhã. Agora, vendo as costas de Tom, penso. *Julie está em casa. Qualquer coisa pode acontecer.* Vejo seu rosto outra vez da maneira como o vi na varanda da frente, apenas ligeiramente familiar, as maçãs do rosto e o maxilar marcados, deixando os ossos à mostra.

– Boa noite – digo.

Durmo até meio-dia e acordo com o barulho de panelas e vozes na cozinha.

Conheço bem um sonho. Aquele em que Julie aparece e digo: “Sonhei tantas vezes com você, mas desta vez você está realmente em casa.” Levanto-me, entro no banheiro, jogo uma água no rosto e me olho no espelho, esperando ver minhas feições se distorcerem, se desfazerem. Tudo permanece imóvel dessa vez, agora é real.

Um calafrio percorre meu corpo e uma leve dor de cabeça surge em minha frente. Visto o jeans da noite anterior e me dirijo ao térreo.

A mesa da cozinha está banhada de luz. Minha filha radiantemente loura está sentada no lado mais perto da janela, ainda usando a camiseta de Jane, grande demais para ela. Tom lhe sorri da cabeceira da mesa enquanto conversam – aparentemente, sobre nada importante: suco de laranja, o tempo, alguém quer mais ovos. Por um instante, a cena parece quase normal. Então, Jane entra com um copo na mão e senta-se em frente a Julie, e um tremor percorre minha espinha enquanto observo a estranha normalidade que voltou à nossa família: uma jovem de cada lado da mesa, quatro lugares para quatro pessoas. A palavra *simetria* me vêm à cabeça.

– Bom dia – digo da porta.

– Você dormiu muito – Jane diz, mas Julie já está se levantando e em três grandes passos já me abraça. Isso me pega de surpresa. Desde quando uma filha minha atravessa a casa correndo para os *meus* braços? Quando estou começando a perceber o cheiro de seus cabelos, ela recua e olha para mim, as mãos deslizando pelos meus braços para segurar minhas mãos.

– Oi, mamãe – ela diz, um pouco sem jeito, e por um instante nos fitamos diretamente nos olhos uma da outra.

Já me acostumei a olhar para Jane, que herdou meus traços característicos, meu nariz afilado, meus olhos fundos. Quando olho o rosto de mulher de Julie, percebo que não há nenhuma verruga, nenhuma marca, mancha ou ruga. Ela é *perfeita*. E se afasta, constrangida; e percebo que olhava fixamente para ela.

– Desculpe-me – digo. – Faz tanto tempo que não vejo seu rosto.

– Eu entendo – fala Tom.

– Sente-se, só vou pegar um pouco de café – digo. – Dormiu bem? – Há uma caçarola grande no fogão com um resto de ovos mexidos. Coloco um pouco em meu prato, repentinamente faminta.

– Dormi muito bem – ela responde, como uma hóspede bem-educada. – O colchão de ar é confortável.

– Ela só acordou há alguns minutos – fala Tom. – Estive atendendo telefonemas do departamento de polícia a manhã inteira. *Venha quando quiser* aparentemente significa “Se não chegarem aqui até as nove, terão notícias minhas”. – Seu rosto se entristece. – Acho que faz sentido. Estão com medo da imprensa. Tenho certeza de que isso logo vai começar.

O sorriso de Julie se esvai.

– Provavelmente, deveríamos ir, agora que mamãe já acordou.

Tom coloca a mão sobre a dela na mesa.

– Leve o tempo que precisar.

– Quanto antes formos, mais cedo terminará – digo.

Os olhos de Tom se enchem de lágrimas e percebo que ele não quer saber o que Julie passou. Ao mesmo tempo, me ocorre que eu quero. Ela está examinando meu rosto com uma expressão quase agradecida.

– Sim – ela concorda. – Quero acabar logo com isso.

Do modo que olha para mim, posso ver que Julie quer que eu esteja lá, e mais ninguém. Não posso manter Tom longe da delegacia, mas resolvo que vou convencê-lo a esperar no corredor, o que significa que Jane deverá ir também, para lhe dar alguém de quem deverá tomar conta.

– Vamos, Julie – chamo. – Vou achar alguma coisa no meu armário para você usar. – Uma saia, penso, olhando seu corpo minguado. E vou precisar de alguns alfinetes de segurança.

– Ele disse que me mataria se eu resistisse. Mataria minha família.

– Você acreditou nele? – Overbey pergunta.

Estamos sentados na delegacia – eu, Julie, Overbey e uma detetive mais jovem, a detetive Harris – em uma sala reservada com janelas de vidro fosco e uma única mesa. Tom está do lado de fora, esperando no saguão com Jane, a pedido de Julie. Overbey queria interrogar Julie a sós, mas ela olhou do rosto dele para o meu e novamente para o dele, então suspirou e me convidou a entrar. Estou segurando, mas não bebendo, um copo de café puro tão fraco que se podem ver pequenas bolhas de ar agarradas à parte interna do isopor e ler o número de série impresso no fundo. A detetive Harris o trouxe para mim – *Típico*, penso –

enquanto Overbey fazia as perguntas.

– Claro que acreditei nele – Julie diz. – Ele segurava uma faca na minha garganta.

– Uma faca de cozinha – Overbey retruca, consultando suas anotações, como se já não soubesse de tudo no arquivo do caso. – Tirada da cozinha. Alguma outra arma?

– Julie tinha treze anos – interrompo, mas Overbey ergue a mão e faz sinal com a cabeça para Julie continuar, e de fato ela não parece transtornada.

– Não vi, mas eu acreditei nele. E se me acontecesse agora outra vez, sabendo o que eu sei sobre ele, ainda acreditaria nele. – Ela respira fundo. – Quando saímos de casa, tomamos um ônibus bem perto da farmácia CVS, na Memorial Drive, e fomos para a rodoviária no centro da cidade.

– Alguém viu vocês?

– O motorista, talvez, mas eu estava apavorada demais para dizer qualquer coisa. Na rodoviária, ele comprou duas passagens. Descemos em El Paso. – Ela para e seus olhos se tornam opacos e sem vida.

– Foi onde ele me estuprou pela primeira vez.

– Lembra-se de onde estava?

– Em algum motel. Não me lembro qual.

– Motel Six? Econo Lodge?

Ela lhe lança um olhar gélido.

– Desculpe-me. Só ficamos lá uns dois dias e depois partimos novamente. Estávamos sempre viajando. Ele roubou um carro em El Paso – Overbey faz um gesto sutil sem olhar para Harris, que faz uma anotação – e por algum tempo andamos nele, mas acho que conseguiu vendê-lo. Ele simplesmente voltou sem o carro um dia.

– Ele a deixou sozinha?

– Sim. Ele me deixava amarrada e amordaçada quando tinha que sair. Estávamos no México quando ele vendeu o carro, acho, mas não tenho certeza porque estava vendada. Depois disso fiquei na traseira de uma van por muito tempo. – O sonho de uma van e alguém preso com fita adesiva flutua diante dos meus olhos. – Levei algum tempo para descobrir que ele havia me vendido.

– Ele o quê? – Overbey ergue os olhos abruptamente.

– Ele me vendeu – ela diz. – Cinco homens, talvez seis.

Harris balança a cabeça e retorna às anotações.

– Esses homens...?

– Ah, sim. – Ela dá um sorriso frio, nervoso. – Sim, eles fizeram isso.

Meus olhos se fecham.

– Sra. Whitaker, a senhora está bem? – É a voz de Harris. Estou afundando, os olhos fechados, em um vapor escuro e frio que causa um formigamento nas minhas extremidades. Ouço Overbey corrigir sua parceira:

– A sra. *Davalos* atende pelo seu nome de solteira.

Abro os olhos novamente, mas os pontos negros levam alguns instantes para desaparecer.

– Estou bem – murmuro. Quero estender a mão para segurar a mão de Julie, mas ela mantém os braços cruzados com força em cima do peito.

– Poderia identificar algum dos homens?

– Eu estava de olhos vendados – ela repete pacientemente.

– Algum sotaque?

Julie pensa.

– Alguns falavam espanhol um com o outro, mas nenhum deles falava muito. De qualquer modo, foram alguns dias... eu acho. Não consigo me lembrar muito bem. Então, me venderam de novo. A alguém importante dessa vez.

Os detetives se entreolham significativamente.

– Quem?

– Nunca soube seu nome. Os outros o chamavam de El Jefe quando estavam falando dele, mas era *senõr* diante dele.

– Continue – Overbey diz calmamente enquanto Harris rabisca furiosamente.

– Como sabia que ele era importante?

– Ele tinha uma casa enorme, como um complexo, com guarda-costas, muitos empregados domésticos e muitos homens com armas enormes que vinham receber ordens. – Ela para e respira fundo. – Por favor, não me pergunte onde, eu não sei. Eu não saí.

– Por quanto tempo?

– Oito anos.

Mais tarde, conto a Tom o mínimo possível, o suficiente para explicar as páginas de fotos em miniatura que Julie examinou na delegacia, fotos de mexicanos na

casa dos cinquenta anos, calvos e de queixos volumosos. Narro os vários estágios de seu cativeiro, mas não as queimaduras de cigarro que ela recebeu quando tentou fugir; os anos de abuso sexual, mas não do modo como ela os relatou, como se descrevesse a trama de um programa de televisão não muito interessante. Conteí que seu captor cansou-se dela, mas não porque fosse velha demais depois que saiu da adolescência; conto que Julie foi vendada e levada de helicóptero para o telhado de um edifício em Juárez, mas não que o guarda provavelmente tinha ordens para matá-la em vez de deixá-la fugir. Conto que ela se escondeu na traseira de um caminhão para atravessar a fronteira, mas não que temia a patrulha americana da fronteira porque não tinha certeza se ainda conseguia falar inglês, ou sequer falar, depois de tanto tempo; que ela saltou do caminhão em um sinal vermelho e correu, mas não que se arrastou, um pé depois do outro, por quilômetros ao longo da rodovia de acesso I-10, invisível da autoestrada, como as pessoas que você aprende a não ver tropeçando pelos estacionamento dos postos de gasolina, agarrando seus pertences em sacolas de plástico.

– Meu Deus – ele diz baixinho. Estamos sentados à mesa da cozinha e as meninas estão em cima, dormindo, uma reversão peculiar às tranquilas conversas que costumávamos ter há muito tempo, a respeito de assuntos tão triviais que não imagino por que nos dávamos ao trabalho de escondê-los. – Então Julie foi vendida a um cartel de tráfico humano, depois para algum chefe das drogas?

É estranho como ouvi-lo repetir essas expressões em voz alta transformando tudo em história, mais do que o amontoado de palavras na sala de interrogatório conseguiu fazer.

– Sim, é o que parece.

Tom inclina-se para a frente apoiado nos cotovelos sobre a mesa da cozinha, tentando se controlar, cada músculo tenso.

– Bem, é isso o que os detetives dizem?

– Na verdade, eles não disseram muita coisa. Estavam apenas tomando o depoimento dela, fazendo perguntas.

– Certo. Não querem dizer nada que possa nos aborrecer, como, sabe, *tráfico humano* ou *escravidão sexual*. Isso pode implicar que eles sabem e não podem fazer nada para acabar com isso! – A voz de Tom falha na última exclamação. Já não se importa mais em abaixar a voz.

– Acho que eles devem saber de alguma coisa. Harris mencionou uma força-tarefa...

– Sim, há uma força-tarefa em todo o estado para tráfico humano – Tom diz, surpreendendo-me. Recordo, então, do quanto ele tem feito, de a quantas organizações de busca se filiou, dos grupos de apoio para pais de crianças desaparecidas, das páginas do Facebook e penso no que mais ele sabe que eu não sei. – Se formaram há alguns anos, depois que uma grande reportagem foi publicada. Obviamente, chegou tarde demais para ajudar Julie, mas acho que devemos ficar felizes por ela poder ajudá-los. – Ele suspira aliviado. – Como ela estava lá dentro?

– Ela parecia bem... – digo. – Considerando-se tudo por que passou. Um dos detetives me disse que ela está em choque e precisa consultar um terapeuta.

– Claro – Tom diz. – Vou achar alguém. Vou ligar hoje mesmo.

3

Para atravessar a primeira semana, levo Julie para fazer compras. O que mais posso fazer com esta mulher de 21 anos que apareceu para substituir minha filha de treze anos desaparecida? Nos primeiros dias, empresto coisas minhas – ela é mais do meu tamanho do que do tamanho de Jane –, mas sinto-me mal em vê-la em uma das minhas austeras suéteres compridas e pretas, os cabelos louros tragados pelas golas grandes demais, como uma boneca de papel vestida para um enterro.

– Tenho algumas coisas para comprar na Target – minto. – Quer vir? Podemos comprar algumas roupas para você.

Julie adorava sair comigo para fazer compras para a volta às aulas, especialmente escolher todos os cadernos, canetas e lápis roxos, cor-de-rosa e verdes brilhantes. Além de comprar as tradicionais calças jeans, camisetas e roupas de baixo, eu sempre comprava para ela uma roupa inteiramente nova para o primeiro dia de aula, e ela a mantinha pendurada na maçaneta da porta durante semanas, na contagem regressiva dos dias para o reinício do ano letivo. Ainda vou à mesma Target, que naturalmente pouco mudou em oito anos, e me pergunto se as lembranças que evoca de uma de nossas atividades de mãe e filha são tão agradáveis para Julie quanto para mim.

Uma vez lá, porém, as paredes vermelhas parecem de alguma forma agressivas demais, as luzes fluorescentes refletindo-se nas veredas de linóleo branco capazes de provocar dor de cabeça. Julie me segue obedientemente pela loja como se fosse sua primeira vez ali, ou mesmo em qualquer loja, e não posso deixar de me contrair diante das araras de biquínis de neoprene em tons fluorescentes, todos emaranhados em seus cabides, os minivestidos de viscose jogados no chão sob a arara de liquidação, o logotipo da marca – um alvo vermelho e branco suspenso acima das arcas de roupas íntimas em cores

berrantes. Se as roupas no meu closet parecem sérias demais para uma jovem de 21 anos, tudo aqui parece frívolo e descartável demais para alguém com o rosto de Julie. Fazendo-a atravessar apressadamente o departamento de roupas, pego um ralador de queijo de modo aleatório na seção de cozinha e ficamos paradas, de uma maneira um pouco absurda, na fila do caixa expresso, esperando para pagar e sair.

Julie olha fixo para as fileiras de doces em suas caixas coloridas e me ocorre que a situação é a mesma de quando eu estava parada com Jane junto à esteira de bagagem, o silêncio de duas pessoas fingindo que é normal se falarem tão pouco. Só que, em relação a Jane, sei que ela não quer conversar, ao menos não comigo. Em relação a Julie – quem sabe? Qualquer que seja a conversa que eu esteja esperando ter com ela, não vai acontecer na fila do caixa rápido da Target, nem mesmo com os dois minutos a mais, ganhos com a mulher à nossa frente discutindo sobre um preço de liquidação. Ouvi a história, mas quem sabe realmente o que Julie passou ou como se sente? *Olhe para ela agora, penso, fitando o vazio.*

Não. Quando conseguimos sair da loja e entrar no carro, ela diz:

- Eu amava aquele filme.
- Qual filme?
- *A Princesinha.*

Agora me recordo de tê-lo visto no estande de exposição perto da caixa registradora. Não me lembro muito do filme, além de sua palheta de cores excepcionalmente lúgubre. É uma dessas histórias de internato, lembrei, onde os adultos são malvados com a órfã. Eles a mantêm presa no sótão. E sinto uma leve onda de pânico.

- Você devia ter dito alguma coisa. Podíamos tê-lo comprado.
- Ah, tudo bem, eu não quero.
- Podemos voltar lá.
- Mãe, eu só estava me lembrando.

Mas estou quase chorando no silêncio que se segue. Ela vira o rosto para a janela e diz:

- O cavalheiro indiano a procura por toda parte para poder lhe passar a fortuna de seu pai, mas no final descobre que ela estava na casa ao lado o tempo todo.

Tento falar, mas não consigo nenhum som.

– Eu costumava pensar sobre isso às vezes – ela diz sucintamente, a título de explicação, virando o rosto para mim. O véu de amabilidade se estendeu sobre seu olhar outra vez. Lá fora, começa a chover.

Acelero o carro em direção à Nordstrom, onde compro para Julie grandes braçadas de regatas de seda, jeans de grife, suéteres de caxemira em promoção, camisas de colarinho, blusas camponesas e camisetas, finas como lenço de papel, a cinquenta dólares a peça. Compro uma bolsa, uma carteira, um cinto. Um par de mocassins de couro marrom, um par de sandálias brancas e três pares de sapatilhas em diferentes cores, tudo de marca, mas com o logo do fabricante impresso na parte interna, de modo que não se pode saber o quanto são caros. Só eu vou saber.

Julie também vai ficar sabendo, embora eu faça o possível para manter as etiquetas de preço longe depois que a vejo verificando a etiqueta em uma blusa e em seguida tentando disfarçadamente pendurá-la de volta na arara.

– Julie – digo-lhe com firmeza. Ela balança a cabeça com um ligeiro sorriso, e sinto uma onda de euforia, forte, como o primeiro gole de café depois de uma noite bem dormida.

Durante as duas horas seguintes, fico do lado de fora do provador, entregando-lhe tamanhos, cores e estilos de tudo: sutiãs, blazers, até maiôs. Enquanto tento decidir a qual restaurante elegante a levaremos primeiro, ela abre uma fresta da porta e estende a mão pedindo um vestido azul-real, bem ajustado, na altura dos joelhos, em um tamanho menor. Ao entregá-lo a ela, avisto de relance, através das enormes aberturas das mangas do vestido grande demais, uma pequena mancha, do tamanho de uma moeda, em suas costelas, de um tom entre o preto-azulado e o esverdeado que não parece uma contusão. A porta se fecha antes que eu possa lhe perguntar sobre isso e o vestido não lhe cai bem, de modo que acabamos por não comprá-lo. Temos muitas outras opções.

Sáimos com quatro enormes sacolas de compras lotadas, cada uma com duas, como a cena de um filme sobre mulheres ricas e poderosas. E *de fato* me sinto poderosa, quase como se tivesse conseguido escapar impune de alguma coisa, embora o total de quatro dígitos no recibo diga o contrário. Julie também está sorrindo, abertamente, usando um top de malha e calça jeans, dos quais arrancamos as etiquetas, bem no caixa, enquanto o longo recibo ainda estava

sendo impresso. O sol saiu de trás das nuvens enquanto estávamos lá dentro e agora, alto e brilhante, faz evaporar as novas poças d'água no estacionamento. Tudo cintila. Com uma sensação eletrizante, penso em Tom, sentado ao seu computador, vendo a compra surgir em seu software de contabilidade on-line. É maior do que a prestação de nossa casa.

Somente tarde da noite, quando estou quase adormecendo, é que aquela mancha escura, azulada e esverdeada, em suas costelas, se materializa na palavra *tatuagem*.

No dia seguinte, eu a levo de carro a um centro empresarial de pedrinhas e concreto na Memorial Drive, o telefonema de Tom rendeu uma referência ao consultório escuro e ligeiramente surrado da psicóloga Carol Morse, PsyD. Julie entra e, na sala de espera, onde alguns fícus florescem misteriosamente na ausência de luz natural, pego meu livro sobre Byron e a paisagem, depois o guardo e, em vez disso, passo noventa minutos folheando revistas. Penso nas muitas consultas em meu futuro, em todas as salas de espera que me aguardam, e torço para que atualizem as revistas regularmente.

No caminho de volta para casa, Julie me pergunta se pode ir dirigindo sozinha para suas consultas com a terapeuta.

Tom e eu discutimos a questão por três dias seguidos.

– Ela não pode dirigir sem carteira – ele argumenta. – Ponto-final.

– O consultório da terapeuta não é tão longe. Ela não vai ter que pegar a autoestrada...

– Então, vamos comprar uma bicicleta para ela.

Só que em uma cidade sem calçadas, uma bicicleta me parece mais perigosa que um carro.

– E ficar levando buzinas ou até mesmo ser atropelada? As pessoas são sequestradas de bicicletas, Tom. E o ônibus é igualmente ruim. – *Desprotegido*, tenho vontade de dizer. Penso em Julie percorrendo a estrada de acesso. – É claro que ela vai obter uma carteira de motorista, mas isso leva meses, e há todas aquelas provas, formulários e documentos. O que ela faz até lá? Julie vai ter que fazer um exame de vista.

– E deveria mesmo! Há razões para todas essas exigências – Tom diz, mas percebo que ele começa a vacilar e, assim, continuo insistindo. É o primeiro

pedido que Julie realmente me faz, e pediu a *mim*, não a Tom. Imagino que queira ficar sozinha no carro pela mesma razão que eu: aquela sensação de estar blindada, protegida, quando se está sentado por trás das janelas escurecidas, no ar-condicionado, em total privacidade. Posso lhe dar alguma coisa que é melhor do que roupas.

No final, chegamos a um acordo. Eu a inscrevo na autoescola de verão da faculdade comunitária perto de nossa casa e Tom concorda em dar aulas de direção a Julie agora, de modo que possa ir e voltar dirigindo das sessões de terapia, com cuidado, usando as ruas do bairro. São as aulas particulares que realmente decidem o assunto; a determinação de Tom desmorona diante da óbvia felicidade de Julie, e durante toda a semana seguinte acordam cedo com ar conspiratório e partem para vários estacionamentos pela cidade por algumas horas. Quando voltam, almoçamos juntos e, então, Tom vai trabalhar enquanto Julie e eu nadamos na piscina. Nas tardes, eu a levo para fazer compras – compramos toda a mobília de seu quarto em uma única ida à IKEA, como se fosse uma estudante universitária – ou vamos à sessão de terapia, quando tem alguma marcada; algumas tardes vamos ao cinema. Depois de um jantar em família, vemos TV com Jane por perto, enroscada no sofá, absorta em seu caderno. É uma rotina aconchegante, em que Julie está sempre inserida e nosso tempo juntos é confortavelmente preenchido com tarefas, de modo que ninguém precisa inventar assuntos de conversa que não sejam os oito anos de ausência de Julie ou encontrar razões para gentilmente tocar seu braço sem que seja, ao menos não de forma óbvia, para verificar se está mesmo ali.

Nas primeiras semanas, temos a sensação de que esta rotina pode durar para sempre, apesar de pequenas perturbações. Tom atende ao telefone ríspidamente quando não reconhece a identificação do número, diz aos repórteres que não estamos interessados em falar. “Não sei quando”, rebate. “Nossa família precisa de privacidade agora.” Por fim, desliga a campainha e me deixo afundar na felicidade de saber que ele está cuidando de tudo, como fez nos dias que se seguiram ao que aconteceu. No fundo, há assuntos nos quais evito pensar – meu trabalho, os graus Incompletos de Jane, SANE, SAFE –, mas envio ao chefe do meu departamento um e-mail dizendo que vou mandar as notas dos meus alunos com atraso e concluo que Jane, que se tornou mais quieta na presença de Julie, deve estar fazendo progresso em seus trabalhos de final de curso atrasados. O

que mais poderia estar escrevendo o tempo todo naquele caderno? E quando Julie começa a dirigir após algumas semanas de aulas matinais com Tom, vai e volta muito bem de suas consultas, como eu sabia que o faria. Esta é nossa nova vida normal e parece que estamos todos aprendendo juntos, como uma família.

Tom e eu até recomeçamos a fazer sexo, o que não acontecia regularmente havia anos. Ele me toca com cuidado, como se percebesse que minha pele está quase em carne viva. Julie está na casa há algumas semanas e embora esteja me acostumando a isso, ainda parece que alguém esfolou todo o meu corpo. Cada poro parece estar aberto, cada fio de cabelo é um filamento sensível, capaz de me inundar de sensações à menor brisa. Tenho lutado há muito tempo para reprimir qualquer sensação. Lembro-me de que, quando a dor era insuportável, me deitava no sofá com a televisão ligada, bebia grandes doses de vodka, uma atrás da outra, esperava apenas perder a consciência, permanecia o mais imóvel possível, aprendendo a arte do entorpecimento. E agora é como se eu tivesse sido jogada em água fervente, o torpor foi arrancado de minha pele e agora eu não posso mais me expor ao ar.

Se algo está faltando – se tenho medo de amá-la tanto quanto amava antes – é só porque o potencial para o amor parece tão grande e tão intenso que temo que eu vá desaparecer se tentar exprimi-lo, que arrancará a minha pele, soprará para longe como nuvens, e deixarei de existir.

Certa manhã, acordo com Jane acima de mim no meu lado da cama, sacudindo meu cotovelo. Por um instante, surpreendida em sonhos de que não posso me lembrar, acho que estamos revivendo tudo outra vez.

– Mãe – ela sussurra, ansiosa. – Mamãe, pode acordar?

Estendo a mão instintivamente para Tom.

– Não acorde o papai. Apenas venha depressa, sim?

Estou nua sob as cobertas, percebo a tempo de não tirá-las de cima de mim. Jane vê.

– Vou esperar lá fora. É a Julie – ela acrescenta desnecessariamente, já que mesmo antes de despertar por completo ainda estou revivendo aquele dia.

Deixo o roupão e visto o jeans e a blusa de ontem, para o caso de termos de ir direto para o carro.

– Foi embora? – pergunto quando saio do quarto, minha pele se contraindo

sob o ar-condicionado.

Jane olha para mim com estranheza e sacode a cabeça.

– Não, nada disso. Acho que ela está passando mal.

Ainda estamos sussurrando quando ela me conduz. Jane espia pelo corredor, para a porta fechada do banheiro.

– Está trancada – ela diz, desamparada.

– Há quanto tempo?

– Não sei... – ela diz. – Desde antes de eu acordar, há meia hora. Pensei que estivesse tomando banho, mas então a ouvi... gemendo, algo assim. Eu bati, mas ela não responde. – Sua voz é trêmula.

Vou até a porta do banheiro, bato de leve.

– Julie?

Não se ouve nenhum gemido agora, apenas um som seco, pesado, e um clique rítmico, que associo de imediato a uma noite sentada no vaso sanitário, dobrada ao meio.

– Querida, você está bem aí dentro? Está passando mal?

Duas palavras pronunciadas explosivamente, em uma expulsão de ar, quase inaudíveis.

– O quê?

– Vão embora. – Seguidas de uma arfada de dor.

Viro-me para Jane.

– Pegue um cobertor do closet e leve-o para o carro. Minhas chaves estão em cima da mesa. Vou descer em alguns minutos.

Ela sai imediatamente para cumprir minhas ordens.

Olhando para a porta do banheiro, digo:

– Julie. Você tem que me deixar entrar. Você vai destrancar a porta, está bem?

Nada além de um gemido e do estalido ritmado do assento da privada.

Quando dou por mim, estou dentro do banheiro. Não me lembro desta parte, mas Tom me diz mais tarde que acordou com uma gritaria (de Julie) e pancadas fortes (minhas), e que quando chegou ao corredor de cuecas, meu braço já havia desaparecido até o ombro no buraco que eu quebrara na porta do banheiro, e logo eu já estava girando a maçaneta pela parte de dentro, retirando meu braço e abrindo a porta. Desde o meu punho ensanguentado ao sangue no piso do banheiro, havia sangue por toda parte, e ele ficou girando de um lado para outro, à

procura do intruso que devastara sua família.

Assim que entrei, ao ver Julie, compreendi imediatamente o que estava acontecendo. Eu mesma já sofrera um, depois de Jane. É doloroso, há muito sangue, embora me lembre de ter desejado nos piores momentos que tivesse perdido Julie dessa forma em vez da outra.

As lágrimas rolam pelo seu rosto. Enrolo uma toalha ao redor de seus ombros e a ajudo a se levantar.

– Ligo para você do hospital – digo a Tom, que ainda treme ao nos seguir pelas escadas e para a cozinha.

– Nem sabia que tínhamos uma arma. – É a última coisa que digo para ele, ali parado, de cuecas, junto à bancada central, mais para lembrá-lo do revólver que está segurando do que por qualquer outra razão. Tom olha fixamente para a arma em sua mão como se também não soubesse.

– Ela está bem – digo a Tom pelo telefone sentada na área de espera. – Cistos de ovário podem ser muito dolorosos quando se rompem. Diga a Jane que está tudo bem. – Ele protesta. – Sim, eles também estão preocupados com a perda de sangue, mas não acham que seja nada sério. A maior parte do sangue era meu, da porta. O ultrassom...

O ultrassom tinha mostrado uma mancha minúscula, irregular, já parcialmente desintegrada, expulsa no começo da manhã, em minúsculos pedaços de tecido, em um êxodo vermelho e espesso. Quando Julie viu o que estava no monitor, ficou pálida e silenciosa, soltou a minha mão e disse:

– Saia.

Saí, mas antes vi seu rosto. Ela sabia.

Termino o telefonema com Tom, recoloco o celular na bolsa e me sento. Se qualquer membro da emergência me ouviu e sabia que eu estava mentindo, não se incomodou o suficiente nem para me olhar. Aposto que já ouviram muitos abortos se tornarem cistos de ovário no telefone com o pai.

Pego uma revista e meu rosto se crispa com a dor nos nós de meus dedos enfaixados. Pensando nas roupas que comprei, faço uma careta. O jeans apertado teria se tornado mais apertado nas últimas semanas? Não consegui perceber? Lembro-me da tatuagem, lembro-me, acima de tudo, do que ela disse à polícia: “Seis meses.” Agora sete. E me odiei por pensar: *Ela mentiu.*

Omissões não são necessariamente mentiras, ou são? É para isso que serve a terapia, contar os detalhes horríveis que não acrescentam nada, mas fazem toda a diferença. Sem dúvida, é o que Julie faz no consultório da terapeuta por noventa minutos, duas vezes por semana: conversar com minha substituta – não é esta a teoria? Uma profissional especializada em quem pode projetar uma versão de mim que, ao contrário da verdadeira, será capaz de lidar com tudo, guardar tudo, fazer com que tudo faça sentido.

A terapeuta, Carol Morse, de repente parece a resposta. Ela não pode me dizer nada confidencial, é claro, mas talvez nas atuais circunstâncias – uma gravidez, um aborto, a saúde de Julie em perigo – ela encontre um modo de me dar alguma ideia do que está acontecendo com minha filha. Há muito mais que não sei, mas posso lidar com a verdade de Julie. O pior que pode acontecer a um pai ou a uma mãe já me aconteceu. E agora, de certo modo, o pior também já aconteceu a Julie. É algo que compartilhamos.

Quando ela finalmente recebe alta, vamos andando para o carro. Mais um final de noite se transformou em amanhecer durante o tempo no hospital. O sol já se levanta, a autoestrada está livre, o calor é apenas uma cintilação trêmula e difusa, que promete muito mais. Dirijo por alguns minutos, ambas em silêncio.

– Foi o guarda – ela diz. – No helicóptero. Não sei por que eu não quis contar. Acho que foi porque... – Ela luta consigo mesma. – Não foi realmente estupro.

Pausa. Assimilo esse detalhe, tento fazê-lo se encaixar.

– O que quero dizer é que eu propus. Achei que assim seria menos provável que ele me matasse. Eu... eu não queria lhe contar... Porque tinha vergonha. De qualquer modo, pensei... – Sua respiração é entrecortada. – Achei que eu não podia engravidar. Minha menstruação nunca mais foi regular desde... – Ela para quando uma lágrima rola pelo meu rosto. – Bem, nunca mais.

Balanço a cabeça. Esta mulher tem mais de 21 anos. Não sou tão velha e tenho 46, com rugas de sofrimento gravadas por todo o rosto que jamais se dissiparão. Mas ela soube. Vi seu rosto quando ela olhou para a tela do ultrassom.

– Eu te amo – digo, e é a verdade, a verdade absoluta. Mas neste novo mundo, depois do aborto, soa como uma mentira.

– Mãe – ela diz, com desespero.

– Não contarei a seu pai, nem a Jane. Isso fica entre nós.

Uma cálida onda de alívio se irradia dela quando se recosta novamente no

assento. Era o que queria o tempo todo. Ela olha para fora da janela e olho para a estrada à minha frente, e estamos mais próximas com nosso segredo do que jamais estivemos.

Julie

acordou com um novo surto de cólicas, sufocando um grito.

A televisão estava ligada, mas sem som; ela teria adormecido com o mesmo filme ou seria um diferente? Enquanto ainda estava meio adormecida, Tom veio descendo as escadas correndo do quarto dela, que usava como escritório durante o dia, enquanto decidiam para onde mudar sua escrivaninha. Isso a deixava nervosa, mas Julie não quis dizer nada sobre o assunto.

Olhando para ele agora, parado ao pé da escada, lembrou-se rapidamente dele na noite anterior, segurando uma arma. Perguntou-se onde estaria a arma agora.

– Você chamou? Você está bem?

– Estou bem. Foi só um pesadelo. – Primeiro ela havia sonhado com Cal, mas perto do final o sonho transformou-se em pesadelo, quando as cólicas começaram a disparar por seu corpo cada vez com mais força. Não podia se lembrar da pior parte do pesadelo, com Tom ali parado, apenas uma sensação seca ao redor da boca e as cores amarela e vermelha, as cores da manta, notou com desagrado, afastando-a. Agora que estava acordada, a dor aguda em seu ventre começava a diminuir para uma dor difusa e vazia.

– Quer que eu traga um chá para você?

– Gostaria de sair um pouco de casa. – O ar ali dentro era de certa forma tanto frio quanto sufocante, e as grandes janelas a faziam sentir-se como um espécime dentro de um vidro. Talvez fosse o modo como todos a olhavam. – Posso pegar o carro?

– Sua mãe saiu a alguns minutos. Jane pegou o meu – ele respondeu rapidamente. Julie sabia que a ideia de vê-la dirigir sem carteira ainda o deixava incomodado. – Sua mãe deve voltar logo. Ela só foi até o escritório pegar alguns trabalhos atrasados. Por que não fica descansando mais um pouco? Pode ver outro filme.

Com um giro, Julie pôs os pés no chão.

– Tudo bem. Vou dar uma caminhada.

Tom a observou em dúvida, enquanto se levantava com esforço. Julie tinha as pernas trêmulas, como se seus pés ainda estivessem nos estribos da cama do hospital.

– Vou ficar bem, papai – ela obrigou-se a dizer. – Só preciso desanuviar a cabeça. Deixe-me trocar de roupa, sim?

Ele balançou a cabeça, assentindo.

– Estarei na cozinha.

Julie subiu para o quarto, abriu a porta do closet e ficou olhando as fileiras de botas e sapatilhas novas, algumas nunca usadas, ainda nas caixas. Podia ver, mais adiante no corredor, no quarto de Jane, um par de tênis Converse de cano alto, surrados, jogados ao lado da cama, onde costumava largá-los. Em um impulso, caminhou pelo corredor e os calçou. Ficavam um pouco largos, de modo que ela acrescentou um segundo par de meias e, em vez de amarrar os cadarços em volta dos tornozelos, como Jane, ela os amarrou até o alto e deu um nó duplo. Queria algo que não saísse do pé caso precisasse correr.

A ideia fez suas pernas cambalearem ainda mais. Pegou um agasalho de moletom com capuz do closet de Jane, depois pensou melhor – Tom poderia notar – e pendurou-o de volta. Não havia nada parecido com um agasalho com capuz em seu próprio closet, somente cardigãs e blazers e outros tipos de roupa que nunca havia usado. Entusiasmou-se na loja por essa razão, mas agora seus tons pastel perfeitos pareciam balas açucaradas. Chamativos demais. Pegou o cardigã mais discreto, cinzento e macio, e vestiu-o. Em seguida, enfiou a mão entre o colchão novo em folha, agressivamente duro, e o colchão da cama box, retirou o celular e enfiou-o no bolso da frente, esperando que o cardigã o escondesse.

Embaixo, passou rapidamente por Tom, agarrou a bolsa nova e gritou por cima do ombro enquanto fechava a porta com um baque às suas costas:

– Volto antes do jantar.

O ar externo atingiu seu rosto como o vapor que sai de uma tigela de sopa. Sentada na casa gélida de Tom e Anna, esquecia-se do calor abafado aguardando do outro lado da janela. Tirou o cardigã no final do caminho de entrada e enfiou-o na bolsa.

No fim do quarteirão, tirou o celular do bolso e ligou-o, satisfeita com sua inspiração de última hora de jogá-lo com seus documentos nos arbustos do jardim antes de tocar a campainha. Perder a consciência não fazia parte do plano. Talvez tivesse sido o calor e toda a caminhada, mas quando Jane entrou no hall, Julie achou que estava vendo o fantasma de Charlotte. O hospital também não fazia parte do plano, mas ao menos o médico lançara luz sobre certas questões. Questões que, é claro, Anna agora também conhecia.

Não era de admirar que se sentisse tão fraca. O tempo inteiro achara que era contra o amor que estava lutando, ou do qual estava tentando se afastar, aquele terno sentimento de entrega que ameaçava traí-la sempre que Cal a olhava. Agora, ela sabia que a traição era mais profunda, estava em seu sangue, ossos e tecidos. Não era de admirar que tivesse se sentido violada. Não era de admirar que tivesse se sentido dominada. Ainda bem que ele nunca descobrira o que havia dentro dela.

Recuperar o telefone fora complicado, já que a vigiavam tão de perto naqueles primeiros dias. Mas, no terceiro dia, ela saíra para pegar a correspondência e o pegara ao retornar. Quando o ligou, a tela se iluminou e lá estava Cal, sorrindo para ela com aquela expressão irritante de amor e fé da qual se embebera tão profundamente e que tanto a fortalecera – o suficiente para fazê-la se lembrar de quem realmente era e por que ele não podia descobrir. Quando viu a reportagem na biblioteca naquele dia – Cal a deixara lá para estudar o material do exame supletivo para quem não terminou o ensino médio – teve forças suficientes para se afastar.

Julie apagou tudo o mais de seu celular antes de sair de Seattle, mas não teve forças para se livrar de Cal. Sentia como se ele ainda estivesse ali de algum modo indefinível. Quando, no hospital, soube do que se tratava, pensou que, talvez, de algum modo, quando tivesse terminado, pudesse voltar.

Sabia que era uma ideia idiota, seu corpo concordava, e tomara a decisão.

Ela deu uma rápida e longa olhadela para a tela e, por um instante, sentiu-se deitada ao lado dele outra vez, seus dedos percorrendo aquele peito de leve, os dedos dele entrelaçados em seus cabelos, ouvindo enquanto descrevia o rosto pálido de sua mãe, um dos olhos fechado de inchaço, emoldurado na janela traseira do Volkswagen da tia. Com um último olhar vazio na direção do garotinho negro que chorava na janela da cozinha, Julie virou a cabeça loura para

a frente, dando-lhe as costas para sempre.

Entendeu, e não se tratava do fato de também ela ser loura. Às vezes, as pessoas têm que ir embora, pensou consigo mesma. Respirou fundo e pressionou *delete*.

Então, notou a nova mensagem de voz. Não reconhecendo o número, pressionou *play* e começou a ouvir, mas, um instante depois, ela afastou bruscamente o telefone do ouvido como se ele a tivesse mordido. Quantas vezes teria que excluí-lo até ficar livre? E quantas vezes ainda sofreria por isso? Ela nunca mais atendera suas chamadas e parara de ouvir as mensagens depois das primeiras; todas diziam o mesmo. Agora, ele estava tentando contatá-la de números diferentes, esperando pegá-la desprevenida. Olhou mais uma vez para o número desconhecido e, então, com um sobressalto, reconheceu o código de área: Portland, Oregon. Deve ser coincidência, um celular que pegou emprestado de um amigo. Se ele realmente tivesse ido a Portland, poderia significar que estava tentando encontrá-la, estava seguindo sua pista, a começar por Will. Certamente, é por onde começaria. Cal sempre quis um pretexto para confrontar Will e reaver seus pertences; disse que encarar o passado era importante, como se soubesse alguma coisa a respeito. Mas Cal podia estar descobrindo, neste momento. E desde que começasse nessa direção, quanto tempo levaria para encontrá-la?

Olhando à volta, pelo bairro de Anna e Tom, mal podia acreditar que estivesse ali, muito menos imaginar Cal aparecendo. Era vazio de pedestres no calor da tarde, o bairro tinha meios-fios altos e brancos, mas nenhuma calçada, e Julie foi andando pela rua, desviando-se de trechos irregulares de asfalto desfeito. Passou por todas as casas, uma após a outra, todas imensas depois do minúsculo apartamento de Cal em Seattle, seus gramados aveludados adornados com viçosos arbustos e canteiros de begônias tão perfeitas e imóveis que pareciam flores de seda. Algumas entradas tinham colunas, como mansões de fazenda.

Seguindo o barulho do tráfego, ela saiu da área residencial e começou a andar por uma via movimentada. Os carros lançavam ar quente e cascalhos em seus tornozelos ao passar em alta velocidade. Também ali, não havia calçada, sequer meio-fio, apenas uma trilha estreita, desgastada, no mato rasteiro perto da beira da estrada, antes de mergulhar em valas de escoamento forradas de ervas daninhas emaranhadas. Ela passou por um pequeno centro comercial

irregularmente espalhado ao longo da via: Kroger, Qwik Klean, Jenny's Gifts, a caixa de vidro listrada de uma Dairy Queen. O único destino lógico daquele caminho acidentado era a parada de ônibus. Ela lançou um olhar na direção da cabine e viu três mulheres esperando o ônibus, em uniforme de trabalho, cada qual com um carrinho cheio de frascos de material de limpeza. Mulheres da limpeza. Suas costas doeram só de olhar.

Ao passar pelo McDonald's, ela viu um longo toldo azul espreitando do meio do centro comercial por trás dele: Bobby's Pool Hall, em encardidas letras antes brancas. Caminhou em sua direção, aliviada. Então, afinal de contas, havia esconderijos aqui. Embora as outras lojas no centro comercial tivessem vitrines de vidro, notou que as janelas do salão de bilhar do Bobby eram cobertas com placas de compensado castigadas pelo tempo e pensou se o local ainda estaria em funcionamento. Não que precisasse de um refúgio, apressadamente percebeu; só permaneceria ali por algumas semanas. Mas não era uma má ideia descobrir o que havia nos arredores. Além do mais, tinha dinheiro na carteira e talvez o que ela realmente queria era sentar-se por algumas horas longe da estrada, bebendo para esquecer a dor em seu ventre.

Àquela hora da tarde, havia apenas alguns ratos de bar. Sentavam-se perto da entrada, conversando com uma mulher de cabelos encaracolados atrás do balcão, que ria alto enquanto cortava rodela de limão em uma tábua de cozinha. Nenhum deles lhe prestou atenção, até ela encostar-se ao balcão. Então, a bartender parou de rir abruptamente.

– O que deseja, querida? – perguntou, estreitando os olhos. – Emprego? Tem que ter dezoito anos.

– Corona, por favor.

A mulher riu.

– Vai ter que me mostrar algum documento de identidade, querida.

Julie abriu sua carteira nova e retirou um documento que dizia que tinha 24 anos. No mesmo instante em que o entregava, sentiu um momento de pânico. Era uma carteira de motorista da Califórnia, verdadeira, do tipo que pode metê-la numa grande encrenca por roubar.

A bartender lançou um olhar longo e severo ao documento, depois olhou para ela e de novo para o documento.

– Mercedes Rodriguez? – disse, destacando as sílabas, como se fosse um nome

impossível para qualquer pessoa.

– Mercy – ela disse automaticamente. A última vez em que usou Mercy, tinha cabelos curtos e castanhos, mas estava escuro no salão de bilhar Bobby's, e as largas maçãs do rosto e os olhos azuis pareciam bem semelhantes. *Mercy, Mercy*, implorou ao próprio rosto, *pareça-se com Mercy*.

Quase funcionou. Podia perceber que a mulher esforçava-se para aceitar. Então, alguém chamou do fundo do bar:

– Bev!

A bartender olhou ansiosa por cima do ombro e, quando voltou a olhar para Mercy, tinha decidido.

– Desculpe, *señorita* – ela disse, toda a paciência esvaindo-se de sua voz. – Você não parece ter 24 e é uma identidade de fora do estado. Preciso ter cuidado nesta vizinhança. Pelo que sei, você saiu do colégio até parar aqui.

Bev atirou a carteira de motorista em cima do balcão e afastou-se apressada.

Maldita cidade. Não planejava ficar muito tempo ali, mas já mostrara uma identidade falsa a dez quarteirões da casa de Tom e Anna, que fora recusada. *Não cuspa no prato em que comeu* significava algo diferente quando ela trabalhava no Black Rose, mas aplicava-se ali também. Pegou o documento de cima do balcão e enfiou-o de volta no bolso.

Agora, os dois homens no bar fitavam-na. Um deles disse:

– Ora, Bev, tenha dó!

O outro entrou na conversa:

– Ela tem idade suficiente. Reconheço como contar anéis de uma árvore. – Soltou uma gargalhada.

Agora, Julie realmente tinha que dar o fora dali. Com um súbito movimento instintivo, pegou o celular e discou um dos números que Tom e Anna a fizeram anotar em um pedaço de papel e guardar em sua carteira nova.

– Alô? – A voz tinha o tom hesitante de alguém atendendo a um número desconhecido.

– Oi, Jane – ela disse. – É Julie.

– Onde você está? Que número é este?

Ela olhou pela janela e viu um letreiro do outro lado da rua.

– Estou no Starbucks perto da nossa casa. Peguei emprestado o celular de uma pessoa. Ouça, eu tinha que sair de lá, mamãe e papai estavam me sufocando.

Pode vir me pegar?

– Você está no Starbucks na Memorial?

– Sim. Tenho que desligar, esta senhora precisa do seu telefone de volta.

– Me espere aí, estou na casa de uma amiga. Estarei aí em alguns minutos. –

Jane desligou.

Ao sair, ela bateu a porta do bar com toda força que conseguiu, mas ricocheteou em uma lufada de ar a quinze centímetros do batente e Julie ainda pôde ouvir as vozes lá dentro, rindo, enquanto atravessava a rua apressada.

Quinze minutos mais tarde, Jane entrou no estacionamento do Starbucks no SUV de Tom, abaixou o vidro da janela e disse:

– Bonitos sapatos.

– Obrigada. – Julie olhou para baixo e viu os Converse de Jane em seus pés. – Quero dizer, sinto muito.

– Tudo bem. – Apesar dos cabelos escuros e da franja, Jane não se parecia nada com Charlotte. Jane era mais alta, mais forte, Julie reconheceu.

– Mamãe me comprou um monte de sapatilhas – ela disse, desculpando-se. – Eu só queria algo para caminhar. – Abriu a pesada porta do lado do passageiro e entrou.

– Eu já disse que está tudo bem. – Olhando de perto o rosto de Jane, especialmente quando sorria, Julie podia dizer que ela nunca estivera muito longe de casa. A faculdade não contava, mesmo que fosse do outro lado do país, ainda assim era mais perto de casa do que uma única viagem de ônibus poderia levá-la. Desconsiderando-se os piercings de Jane (dois: nariz e sobancelha), tatuagens (duas pequenas, uma no ombro e outra no quadril, e Anna não sabia de nenhuma das duas) e cabelo (a descoloração e o verde eram obviamente um trabalho feito em casa, mas a tinta preta era de um salão de cabeleireiro), via-se uma jovem que nunca tivera que fazer muitas viagens de ônibus.

Julie lamentava ter submetido seus cabelos a esta última rodada de descoloração. No começo, ficaram bem macios, mas agora as pontas estavam ressecadas; a parte abaixo dos ombros, quebrando-se. Pior de tudo, um cabelo mais escuro começava a surgir nas raízes. Se ela não tivesse que encarnar a personagem tão desesperadamente, era provável que ficasse com o louro-escuro. Só não queria ser uma jovem de cabelos louro-escuros. Queria ser Julie.

Jane chocalhou suas chaves contra o volante impaciente.

– Então, para onde vamos?
– Quero cortar tudo isso – Julie mostrou um punhado de pontas duplas.
– Agora mesmo?
– Sim, agora mesmo. E pintar, talvez. Achei que você conhecesse um bom lugar para isso.

Jane pareceu impressionada.

– Posso levá-la ao lugar onde costumo ir. Fica em Montrose. De que cor você vai tingir? – ela estreitou os olhos com conhecimento de causa. – Melhor que não seja preto.

– Não sei, talvez vermelho – ela falou sem pensar. No Rose, ela sempre fazia dinheiro com cabelos vermelhos. Além do mais, aquele louro platinado de Julie estava começando a lhe dar nos nervos. Ela olhara as fotografias da garota desaparecida e de si mesma no espelho com antecedência, mas quando começou a representar Julie para Anna, Tom e Jane, algo mudou. Percebeu a inocência de Julie na maneira como os três a olhavam, e era irritante. Anna, em particular, observava-a como se fosse quebrar.

Jane já estava saindo do estacionamento, o maxilar forte bem definido sob pequenos pontos de acne encobertos com maquiagem, dizendo:

– Ótimo, vamos embora.

Se Julie estava preocupada com Anna, devia ter começado com Jane. Manter Anna à distância era o superpoder de Jane.

O Range Rover de Tom rodava suavemente, mais um luxo e um conforto tão impregnados na vida de Jane que nem se dava conta de que estavam ali. Jane entrava e saía das quatro pistas de tráfego na Westheimer enquanto dirigia para a cidade, o SUV logo diminuído por Suburbans pretas gigantescas, com vidros escuros, carretas reluzentes de incontáveis pneus, um Hummer que parecia capaz de se transformar em um robô.

A algumas pistas de distância, um conversível prateado deslizava morosamente como uma bala semiderretida ao sol. Os apartamentos deram lugar a edifícios empresariais reluzentes e brancos, erguidos no meio de terrenos rodeados por palmeiras e arbustos muito bem cuidados. Tudo cintilava, até mesmo as placas de trânsito, montadas em gigantescos arcos cromados.

– Pode acreditar em quanto a Galleria mudou?

Ela percebeu a ligeira entonação na voz de Jane e imediatamente sentiu um

formigamento na nuca, alertando-a para uma lembrança compartilhada que de modo algum podia ignorar.

– Sim, é verdade – concordou.

– Lembra-se daquela vez em que mamãe nos deixou na Galleria para fazermos nossas compras de Natal?

– Era nisso que eu estava pensando também.

– Achei que éramos muito espertas – Jane continuou, mantinha o olhar nas lanternas traseiras à sua frente. O sinal de trânsito abriu e elas avançavam preguiçosamente, mas não conseguiriam ultrapassar a zona de perigo neste sinal verde. – Parecíamos tão adultas. Você devia estar em qual, na sexta ou na sétima série? Porque... – Interrompeu-se. – E eu devia estar na quarta ou quinta. Comemos crepes naquele único lugar mais sofisticado na praça de alimentação. Lembra-se de que nos separamos por uma hora para comprar os presentes uma da outra? Essa foi minha parte favorita. Nós sincronizamos nossos relógios e nos encontramos na confeitaria depois. – Ela riu. – Eu até dei uma volta para disfarçar a direção de onde estava vindo para que você não pudesse adivinhar onde eu tinha comprado seu presente. Acho que foi na Claire's, se não me engano.

A voz de Jane se embrenhava em seus ouvidos, mas a atenção de Julie foi desviada para um garoto de uns doze ou treze anos, de camiseta e calça jeans larga, frouxa, sob o peso de uma grossa corrente de carteira, que andava a passos largos pela margem, ainda sem calçadas, apenas uma passagem estreita da vala de drenagem paralela à estrada. Seus cabelos emaranhados eram compridos e castanhos, e muito deliberadamente escondiam o rosto enquanto andava, de mãos nos bolsos, visivelmente suando. Ele alcançou a base de um dos arcos cromados, o qual demonstrou ser, ao nível do chão, um grande obstáculo. Entre o arbusto denso e a curva cromada, o garoto levantou a perna esfarrapada e esvoaçante da calça com uma das mãos e passou por cima do obstáculo, como uma dama em desenho animado levantando a saia para passar por cima da poça.

– Julie? – A voz de Jane ecoou e percebeu que tinha perdido uma pergunta. A música estava mais suave; Jane devia ter diminuído o som. – Lembra-se? O que você fez quando nos separamos?

– Experimentei vestidos para o baile de formatura – ela disse. – Fingi que eu era uma princesa.

– Oh – Jane exclamou, e riu. – Bem, isso definitivamente explica por que eu

acabei ganhando um Vale Presente da Waldenbooks naquele ano.

Ela sabia muito bem que não devia deixar passar este momento por causa de um garoto idiota.

– Pensei que você adorasse ler!

– Mas você podia ter escolhido um livro. – Inacreditavelmente, Jane parecia magoada, embora ainda estivesse rindo. – Sabe, acho que nunca usei o cartão. Quero dizer, depois que tudo aconteceu.

O sinal mudou e elas mal conseguiram atravessar o cruzamento desta vez, movendo-se a passo de tartaruga. Ela ficou observando o garoto vagar pelo mato ao lado da estrada até o alcançar, continuar e finalmente ultrapassá-lo. Pelo espelho retrovisor, o garoto parecia quase imóvel.

Ela virou-se novamente para Jane.

– Olhe, pare o carro. Quer que eu lhe compre a última edição do Baby-Sitters Club? Provavelmente já estão no número dez mil.

Funcionou. Jane riu e aumentou o som da música.

Em Montrose, estacionaram o carro em frente a um salão de cabeleireiro que tinha um estúdio de tatuagem em cima. Desceram do carro e Jane respirou fundo. Devia ser ali que Jane ia para sentir que Houston era sua cidade, não apenas um lugar em que foi parar acidentalmente, por causa de seus pais. A parte triste era o orgulho de Jane de seu conhecimento privilegiado, como se tivesse sido duramente conquistado. Como se ninguém pudesse entrar em uma cidade qualquer e encontrar os artistas, os gays, os viciados e os estúdios de tatuagem, em meia hora, filando uns cigarros e pegando os jornais gratuitos na esquina.

O cabeleireiro estava cheio, mas a mulher na recepção olhou para Julie e disse que poderia começar com a pintura de seu cabelo e então cortar o cabelo de sua cliente seguinte enquanto a tintura agia. Julie sentou-se na cadeira, sentiu os dedos da mulher em seus cabelos e a viu olhar para baixo criticamente. Rápido, antes que a mulher pudesse fazer um comentário sobre suas raízes, pediu:

– Curto e vermelho.

A mulher fitou-a nos olhos pelo espelho e disse:

– Ok, querida, deixe-me pegar as amostras.

Saiu e voltou com um fichário cheio de mechas de uns três centímetros, como as crinas sedosas de minúsculos cavalos ou os troféus de todas as garotas que ela

já fora. Julie apontou para uma delas e a mulher balançou a cabeça.

– Ah, claro, número oito, vai ficar bem em você – falou, desaparecendo nos fundos para misturar a tinta.

Jane permaneceu atrás, olhando seu rosto no espelho.

– Mamãe vai pirar – ela disse. – Mas acho que vai ficar ótimo.

– O que vai fazer enquanto tenho que esperar?

– Ver revistas, eu acho. – Jane encolheu os ombros. Julie pôde ver a conclusão se abatendo sobre os olhos de Jane de que não havia nada de particularmente especial sobre aquele salão. Qualquer lugar deve parecer descolado se você está pintando o cabelo para deixar sua mãe furiosa.

Isso deu uma ideia a Julie.

– Você poderia ir lá para cima – ela sugeriu. – Fazer a tatuagem enquanto espera.

– Acha que estou nadando em dinheiro?

– Não tem um cartão de crédito?

– Mamãe consignou. Vai aparecer na conta dela.

Uma onda de generosidade, acompanhada da necessidade de tirar Jane da sala antes que se tornasse óbvio que suas raízes eram escuras, fez Julie apontar para sua bolsa, comprada por Anna, no chão.

– Ela me deu uns duzentos dólares. Por que não paga meu cabelo com seu cartão e eu lhe dou o dinheiro em espécie? Pode gastá-lo lá em cima.

Jane hesitou.

– Não me diga que você não tem a sua próxima já escolhida. – Julie previa algo pequeno e discreto, mas visível.

– Estive pensando em um pequeno contorno do mapa do Texas no meu anelar esquerdo – Jane admitiu.

– Então, vá fazê-la!

– Mamãe vai ver – Jane disse. – Pensei em esperar...

– Até quando? Até fazer trinta anos? Vamos, pare de esconder quem você realmente é.

Podia ver que Jane estava começando a aceitar a ideia.

– Você vai ficar bem aqui embaixo? – ela perguntou, pegando a bolsa.

– Sim. Não ligo para revistas. – Era verdade. Ela costumava dar uma olhada em suas capas de plástico na biblioteca quando Cal a deixava lá para estudar para os

exames supletivos. Certa vez, até levou uma *Better Homes and Gardens* às escondidas para o banheiro e arrancou a ilustração de um bolo branco e fofo, cercado de enfeites de Natal prateados e dourados – não pela receita, apenas pela foto. Agora, o bolo da revista estava embolado em uma lixeira em algum lugar em Jersey Village, onde o ônibus a deixara, juntamente com seus sapatos, um cordão de ouro barato com um pingente em forma de cavalo e a mochila cheia de souvenirs. Todos os seus bens materiais. A não ser...

Ela arremeteu-se para a frente, mas era tarde demais; Jane já estava remexendo em sua bolsa grande e flexível. Antes de poder formar as palavras *Me dê isso aqui, eu vou achar*, Jane já estava com a carteira na mão e retirava as notas de vinte novinhas, sacadas no caixa eletrônico. Julie sentou-se novamente na cadeira, torcendo para que Jane não notasse os documentos na carteira, o telefone no bolsinho interno, nem seu próprio pânico momentâneo.

Mas Jane simplesmente sorria, radiante, diante das notas.

– Obrigada! – agradeceu, dirigindo-se para as escadas.

Bem a tempo. A cabeleireira estava de volta em um avental preto, segurando uma tigelinha cheia de uma pasta vermelha e brilhante em uma das mãos e um pincel na outra.

– Vai ficar maravilhoso – ela disse –, pode acreditar. – E Julie acreditava, realmente acreditava. Recostou-se na cadeira e sentiu a substância pegajosa e fria aplicada em seu couro cabeludo, onde os cabelos estavam partidos ao meio.

– Estamos nos livrando dessas raízes horríveis primeiro – a cabeleireira continuou a tagarelar, da maneira como as boas cabeleireiras fazem quando percebem que você não quer falar muito. Em certo momento, ela disse:

– Minha irmã e eu somos como vocês duas: somos tão diferentes na aparência que as pessoas nunca acreditam que somos irmãs.

Julie deixou a cabeleireira inclinar seu queixo para baixo em direção ao chão e finalmente descobriu algo que a vinha incomodando desde que chegara a Houston. Estivera importunando-a pelos cantos de sua visão onde quer que fosse, da Target à terapeuta, a Bobby's Pool Hall, ao café de tijolos envelhecidos onde Jane insistira em parar para comer doces no caminho para o cabeleireiro. Algo que não parecia certo, alguma característica que fazia a cidade inteira parecer o cenário de um palco. Agora, cercada por outros clientes e com a cabeça virada para o chão, olhando por baixo da mesa com seu grande espelho, podia vê-

los apoiados em banquetas para os pés do outro lado, todos em fila: os sapatos.

Eram impecáveis. As sapatilhas de couro legítimo tão lustrosas, as solas dos tênis Reebok amarelo fluorescente, as sandálias de couro milagrosamente brancas enfeitadas com leões dourados, emoldurando unhas dos pés de esmalte reluzente sem uma única lasca. Olhando fixamente para o chão, Julie fez sua mente voltar pelas últimas semanas e viu um desfile de sandálias de dedo e botas de couro sem nenhum arranhão, como se tivessem acabado de sair da caixa. Podia ver, emoldurados pelo avental de plástico preto, seus próprios pés empoleirados na barra de inox, nos Converse de Jane, que lhe pareceram confortavelmente usados. Agora, notava que os minúsculos furos na lona – um perto do dedão direito, outro do lado, outro perto do calcanhar – estavam localizados com exagerada perfeição. Ela já havia usado sapatos até gastarem e ficarem esburacados; a lona deveria estar puída embaixo dos cadarços, os buracos deviam ter surgido ao longo da costura do calcanhar, não em perfeitos buraquinhos ovais no meio do tecido. E as solas de borracha deviam estar finas a ponto de poder sentir cada pedrinha na calçada. Eles não eram usados; foram artificialmente envelhecidos.

Imaginou uma cidade dividida entre aqueles iguais a ela e ao garoto de calças largas – pessoas cujos sapatos sofriam constantes impactos, desgastes, suor, deformação e manchas de capim, lama e asfalto desfeito – e aqueles que passavam com uma rajada de ar em SUVs, aqueles que nunca caminhavam mais do que vinte passos por dia do lado fora, muito menos andavam até o ponto do ônibus ou até a loja de conveniência, e cujos sapatos, portanto, *nunca se desgastavam*.

Por um instante, teve vontade de contar isso a Cal.

Mas não Jane. Nunca teve que andar a lugar algum. Ela encontraria meios de se rebelar contra Anna e Tom sem jamais se rebelar contra isso.

A cabeleireira inclinou a cabeça de Julie para trás e então olhou para o teto, esperando, pelo bem de Jane, que a agulha lá em cima não a estivesse ferindo demais.

4

Se Tom desconfia que o cisto de ovário não é um cisto de ovário, não diz nada, e eu, de minha parte, não digo nada sobre a arma que apareceu em sua mão noite passada. Depois de instalarmos Julie no sofá na manhã de segunda-feira com chá quente e o controle remoto, ela liga a televisão em um filme a cabo que já está no meio, uma dessas comédias românticas com tema de Natal e seis tramas diferentes tão isoladas umas das outras que a maioria dos atores provavelmente nunca compartilhou o mesmo set de filmagem. Noto que *A Princesinha*, que voltei e comprei para Julie naquela primeira semana, ainda está ali em seu invólucro de plástico, em cima do Blu-ray player.

Sento-me perto com seus pés no meu colo sob a manta, massageando-os distraída. Julie parece incrivelmente cansada e, em quinze minutos, adormece, sucumbindo, afinal, à sua noite de sofrimento.

Com delicadeza, removo seus pés enrolados na manta do meu colo, retiro o controle remoto de baixo de seu braço e tiro o som da televisão no exato instante em que um corretor de valores num terno elegante ergue os olhos, verifica que faltam cinco minutos para a meia-noite e sai apressadamente de seu escritório para pedir a atriz em casamento do outro lado do filme. Tom está na cozinha, colocando a louça do café da manhã na máquina, antes de subir para trabalhar.

A ideia da presença de Tom no quarto de Julie não é a única razão pela qual não quero voltar para a cama. O cansaço começa a me incomodar, mas há outra coisa me incomodando.

– Tenho que pegar alguns trabalhos dos alunos no meu escritório – digo. – Detesto ter que sair agora, mas ela vai dormir por algum tempo. – Olho para Julie. – E eu preciso acabar logo com isso para poder dar as notas.

Tom não precisa saber que consegui convencer o chefe do meu departamento a me deixar entregar as notas finais no fim do verão. É surpreendente como os

chefes de departamento são sensíveis ao meu tipo particular de emergência familiar – o tipo que envolve facas, filhas e o noticiário nacional.

Tom olha para mim da cozinha sem dizer nada, e admito que me sentiria melhor se soubesse há quanto tempo tenho vivido em uma casa com uma arma carregada. Em vez disso, pergunto:

– Você vai estar aqui caso ela acorde?

– Claro – ele diz. – Ela está...

– Já disse, ela está bem – interrompo bruscamente. Em seguida, em um tom mais brando. – Só não quero que ela se veja sozinha em casa quando acordar.

Tom balança a cabeça, concordando.

No carro, ao telefone com Carol Morse, devo parecer um pouco distante, embora ache que meu pedido para vê-la seja perfeitamente razoável. Afinal, ela já me convidou para marcar uma hora antes.

– Quer vir com Julie hoje à tarde? – ela pergunta.

Sei que Julie não virá esta tarde – estará dormindo, mas posso dizer a Carol quando estiver com ela.

– Não, achei que desta vez eu apenas... quero vê-la sozinha.

– Está bem – ela diz, e continua: – Tenho um cancelamento hoje de manhã às onze. Pode vir a essa hora?

É provavelmente o seu intervalo de almoço. Talvez eu esteja soando pior do que imagino.

Faço hora na livraria ao lado de seu consultório, folheando romances e livros de mistério. Quando entro, fico um pouco surpresa ao ver que é mais jovem do que me lembrava, mais nova do que eu. Usa calças capri de sarja. Por algum motivo, aquilo me incomoda.

– Entre, entre – ela diz, indicando-me um sofá com uma manta tricotada dobrada sobre um dos braços. Noto uma caixa de lenços de papel na mesinha lateral, ao lado de um abajur com uma base de cerâmica artisticamente irregular, e me pergunto se Julie costuma chorar ali. Carol Morse fecha a porta e senta-se à minha frente em uma cadeira de espaldar baixo.

– Obrigada por me encaixar – digo, repentinamente nervosa. – Espero que isso seja... é um pouco estranho. É a respeito de Julie.

– Como está Julie? – ela pergunta com um apropriado grau de preocupação.

– Bem. Quer dizer, não está bem – respondo. – Está doente hoje, de modo que

não virá. – Carol apenas olha para mim, mas por alguma razão não quero lhe contar sobre o hospital. No momento, é o único segredo que eu e Julie compartilhamos; talvez eu tenha medo de descobrir que Carol já sabe. Continuo, tateando para ver se ela dará a informação por conta própria. – Eu estava esperando que você pudesse me ajudar com Julie. Sinto que... sinto que ela está escondendo coisas de mim. E sei que você não pode falar sobre o que ela lhe conta, mas tenho algumas coisas para dizer que talvez mudem sua posição sobre isso.

– Sobre confidencialidade do paciente? Impossível.

– Mesmo para os pais?

– Especialmente para os pais. – Ela olha para mim calmamente. – Anna, você sabe que sua filha não tem comparecido às sessões há duas semanas?

Após uma pausa de surpresa, consigo dizer:

– Carol, como eu poderia saber, já que ninguém se deu ao trabalho de me contar? – Ela permanece em silêncio por tempo suficiente para eu perceber com desconforto meu tom hostil. – Quero dizer, não, eu não fazia a menor ideia. Ela diz que tem vindo aqui, eu simplesmente presumi... quero dizer, você não acha que iríamos querer saber disso?

– Julie é adulta – diz a mulher com frieza. – Suas consultas são completamente confidenciais. – Tenho a repentina visão de Carol Morse em casa com seu marido, ouvindo Fleetwood Mac na jacuzzi que certamente possui no deque dos fundos da casa que comprou, tirando dinheiro de estranhos, convencendo-os de que suas vidas estão ok, de que tudo dará certo.

Com dificuldade, controlo minha súbita vontade de me levantar.

– Ela veio às duas primeiras sessões, sei que veio – digo. – Pode me contar alguma coisa sobre o que ela disse? Pode me contar... alguma coisa? – Tenho que conseguir arrancar alguma coisa desta mulher. – Por favor. Ela não nos contou nada além do que está no relatório da polícia. O que... – Não consigo dizer-lhe que o que Julie contou à polícia não é verdade. Ao menos, não tudo.

Enquanto procuro as palavras para lhe contar sobre o hospital e o ultrassom, Carol Morse diz:

– Já perguntou a Julie?

Se eu perguntei a Julie? Se eu... – algo dá um curto-circuito em meu cérebro. Tenho vontade de me levantar e gritar histericamente. Tenho vontade de

derrubar o abajur de cerâmica artística, jogar a manta tricotada no chão e pisoteá-la.

Em vez disso, pergunto:

– Você tem filhos?

– Não – ela responde, sem se alterar.

– Dá para ver – digo. Pego minha bolsa, levanto-me.

– Sra. Whitaker – ela fala.

– *Doutora* – corrijo rispidamente.

– Dra...

– *Davalos*.

– Dra. Dava...

– Ah, pode me chamar de Anna.

– Anna – ela repete, recusando-se a morder a isca. Nem sequer está em pé e, embora eu queira sair intempestivamente, de algum modo o fato de que ela ainda estar sentada em sua cadeira de encosto baixo me impede de fazê-lo por mais um instante. – Anna, Julie tem tido uma vida muito difícil. Isso posso lhe dizer. O trauma do que ela tem passado não é algo que a maioria das pessoas possa imaginar.

Ela quer falar de trauma.

– Muitos sobreviventes de abuso sexual sentem uma sensação de vergonha esmagadora – ela explica. – Especialmente quando o abuso é prolongado e combinado a outros traumas. Julie precisa se sentir segura em conversar com você.

– Claro que ela está segura – retruco. Lágrimas de raiva começam a rolar por meu rosto apesar dos meus esforços.

– Ela não sabe mais como se relacionar com sua família, ou com quem quer que seja que não tenha passado pelo que ela passou. Talvez ela a proteja de detalhes porque não quer entristecê-la ou transtorná-la.

– Apenas me conte – suplico-lhe.

– Sua tarefa é deixá-la sentir que você a ama, independente do que aconteceu.

– *Por favor*.

– Anna, não quer vir se sentar? Temos mais trinta minutos neste encontro. Acho que também seria bom para você conversar com alguém. Não acha que é verdade?

Saio de lá e entro no carro tão depressa que já estou quase a meio caminho de casa quando me ocorre passar pela universidade. Tanto para justificar minha mentira – afinal, deve haver realmente trabalhos de alunos – quanto para me sentar atrás de uma porta trancada e pensar. Não quero ver nem falar com ninguém no momento, nem mesmo com Julie. Quando chego ao meu escritório, noto uma luz vermelha piscando no telefone, indicando que tenho mensagens. Levo um segundo para descobrir como acessá-las; quase ninguém liga para telefones de escritório atualmente. As três primeiras mensagens são de repórteres e as apago sem ouvir mais do que as primeiras palavras de apresentação.

Após o quarto bip:

– Hum, dra. Davalos, aqui é Alex Mercado. Sou investigador particular. Sei que não está conversando com a imprensa no momento e não preciso lhe fazer nenhuma pergunta. Na verdade, tenho informações para lhe dar... informações que acho que estará interessada em conhecer. Então, ligue-me de volta. – Ele deixa um número de telefone. – Repito, sou Alex Mercado e gostaria de encontrá-la em algum lugar e conversar pessoalmente, se puder.

“Fim da mensagem”, diz a voz feminina na gravação. “Para repetir esta mensagem, pressione...”

Anoto o número ao ouvir a mensagem pela segunda vez. Depois, ouço-a mais duas ou três vezes antes de apagá-la, só para ter certeza de que estou realmente ouvindo alguém identificar-se como um “investigador particular” na minha secretária eletrônica. Estou.

Nunca contratamos um detetive particular para encontrar Julie. Tínhamos muita fé na polícia na época... um pensamento que agora me provoca a explosão de uma risada raivosa. Creio que eu considerava os detetives particulares como uma solução apenas para pessoas em filmes. De qualquer forma, durante algum tempo não estive encarregada das soluções, nem praticamente de nada. A primeira coisa que faço agora é ligar meu computador e procurar *Alex Mercado investigador particular* no Google. E surge imediatamente sob um link para AMI Inc., que me leva a um website tão antiquado que penso “Não há como isso não ser falso”. Na verdade, há de fato um chapéu Fedora no logotipo. O que virá em seguida? Uma lente de aumento? Abro uma nova guia e começo a procurar websites onde os investigadores particulares são registrados, em busca de

credenciais.

Na época em que Julie desapareceu, havia malucos. Nós não queríamos trocar nosso número de telefone porque ainda acreditávamos que ela pudesse tentar entrar em contato conosco, e embora a polícia tivesse uma linha especial de pistas só para Julie, ainda recebíamos os telefonemas: *Tenho informações que vocês vão querer*, sempre diziam, ou *Eu a vi, juro por Deus que era ela, está em Tucson*, ou *Está em Jacksonville*, ou *Está na cidade de Missouri*. Um ou dois se recusaram a ser encaminhados para a polícia. *Tem que ser vocês e tem que ser pessoalmente*. Desnecessário dizer que a polícia tinha escuta em nossa linha, o que, presumo, também tinha a ver com suas suspeitas de mim e de Tom – meu Deus, que época – e os telefonemas devem ter sido todos rastreados a homens solitários de meia-idade, vivendo com suas mães doentes ou adolescentes brincando de “Verdade ou Consequência” porque nenhum deles levou a nenhuma pista.

Na época, achei difícil acreditar que tantas pessoas quisessem fazer parte de circunstâncias tão horríveis, mas nos anos que se seguiram, os anos de pesadelos esquecidos e de longas viagens de ida e volta ao trabalho passando por centenas de sepulturas imaginárias de Julie, quase podia compreendê-las. É muito fácil esquecer o quanto o mundo é terrível. A tragédia nos faz lembrar. Nesse sentido, é purificadora. Mas quando começa a esmaecer, é preciso voltar à fonte, incansavelmente.

Quando encontro um site de registros de aparência confiável, onde a busca pode ser feita pelo CEP, surpreendo-me ao descobrir que Alex Mercado Investigations é o segundo nome a aparecer. No website da AMI, cliço no link “Sobre nós” e recebo as credenciais de Alex Mercado: Quase três anos como detetive na unidade de vítimas especiais do Departamento de Polícia de Houston; seis anos como detetive particular. Alguns links levavam a reportagens sobre crimes que a agência alega ter ajudado a solucionar; um dos links menciona seu nome.

Pego o telefone e disco. Uma voz masculina atende depois do segundo toque.

– Alex Mercado Investigations. É Anna Davalos?

– Sim – respondo, um pouco surpresa, embora naturalmente possua um identificador de chamadas. – Você deixou uma mensagem para mim.

– Obrigado por retornar a minha ligação – ele diz. – Olhe, compreendo que isso possa parecer um pouco estranho, mas realmente gostaria de encontrá-la

pessoalmente e conversar.

– Sobre Julie?

– Naturalmente. Não me sinto confortável em dizer mais pelo telefone. Poderia me encontrar em algum lugar?

– Sim, mas tem que ser hoje. Tem que ser agora. – É surpreendente o quanto é fácil terminar esta conversa: sugiro um restaurante de beira de estrada, não o afetado tipo retrô que encontramos na minha vizinhança, mas uma Waffle House perto da autoestrada. Sinto meu pulso se acelerar, mas minha voz permanece absolutamente calma e imperturbável quando digo: – Encontro-o lá em meia hora. – É como se eu fizesse isso todos os dias.

Exatamente quando estou prestes a desligar, ele faz uma última pergunta, como se não conseguisse se conter.

– Já ouviu falar de Gretchen Farber?

– Não – respondo. – Quem é?

– Não se preocupe com isso – Alex Mercado diz. – Vejo-a em meia hora.

Gretchen

cometeu um erro, e o nome do erro era Cal. Ele deveria ser mais um degrau na escada do buraco negro de onde ela viera. Era culpa dela que ele tivesse se tornado mais do que isso. Na época, ela vinha planejando seu próximo passo há tanto tempo que já lhe parecia inevitável. Assim que a apresentação terminou, ela sorriu, murmurou “Obrigada” no microfone e esgueirou-se rapidamente para os bastidores. Dirigiu-se ao toalete feminino, mas desviou-se no último instante sem hesitações, saindo sorrateira pela porta dos fundos, percorrendo rapidamente o beco e dando a volta para a entrada da frente. Então, esperou. Um minuto, dois minutos, três minutos, o coração descompassado da corrida e a pele arrepiada do frio. Sem casaco, sua capa preta do Exército da Salvação ainda estava caída, como um álibi, ao lado de sua bolsa nos bastidores. Ao menos não estava chovendo, para variar, fora um pequeno halo de neblina à volta do letreiro em néon da boate.

E, então, lá estava ele, levantando a gola enquanto emergia na calçada, a luz néon lançando um brilho cor-de-rosa em sua cabeça raspada. Gretchen se preparou para fazer seus sonhos virarem realidade, tentando parecer que esperava por outra pessoa quando ele por acaso entrou em seu caminho.

– Ei, tem um cigarro? Estou morrendo de vontade.

Ele simplesmente olhou para ela, pestanejou por um instante, depois abriu um sorriso desarmado.

– Não fumo – ele disse. – Lamento.

– Não lamente. É um péssimo hábito. Eu não devia estar fazendo isso. Se a minha banda me vir, eles me matam. – Ela indicou a garganta, abriu a boca, apontando para dentro, como se Cal pudesse ver o estrago que os cigarros já haviam feito em suas cordas vocais. Então, lembrou-se das mãos de Will em seu pescoço, de como usara uma gola rulê, mas não conseguira cantar por dois dias

depois daquilo. Will dissera a Dave e a Len que estava com laringite.

– Você está bem? – ele perguntou de repente, o sorriso se extinguindo.

Só lhe restavam mais trinta segundos para resolver aquilo, então, ela tentou parecer um pouco abalada, apenas o suficiente para lançar um leve tremor na voz.

– Noite difícil – admitiu. – Honestamente, acho que preciso ficar um tempo longe desses caras. Para onde você está indo?

– Nenhum lugar – ele respondeu. – Para casa. Quer uma carona?

– Sim – ela aceitou. – Se concordar em dar uma parada em uma loja de conveniência ou algo assim para pegar cigarros. – E riu. – Desculpe-me, pareço uma completa maluca.

– Não, tudo bem – ele disse, e ela sabia que era bem mais do que isso. Ainda observava a porta logo atrás pelo canto do olho. Muita gente estava fumando embaixo do letreiro, mas não havia ninguém ali fora que Gretchen não quisesse ver... ainda. A porta se abria sem parar, cuspidando a cada vez mais algumas camisas xadrez de flanela. Cal notou que ela observava a porta e virou o rosto para olhar por cima do ombro, e Gretchen fez seus olhos tornarem-se pratos de porcelana fixos nos dele até parar.

– Meu nome é Cal – ele apresentou-se, estendendo a mão. – Como já é por volta de meia-noite, você – apontou para a marquise encardida – deve ser Gretchen.

Não era, mas ele estava tão orgulhoso desta fala que ela compreendeu imediatamente que não tinha nenhuma outra. Assim, apenas balançou a cabeça confirmando e apertou sua mão cálida, um pouco aborrecida diante da ideia de tudo em que acreditava tão piamente.

– Obrigada, Cal. – Ao agradecer, sua voz ficou novamente embargada, desta vez, não de propósito. Ela retirou a mão rápido; ele deu um passo à frente, como se costuma fazer quando se vê algo ameaçando tombar de uma prateleira.

Ela empertigou-se e disse:

– Então, onde está estacionado?

– Para lá. – Apontou e ela deixou que ele passasse à sua frente com um leve roçar de seus ombros, seguindo-o logo atrás. Deu-lhe um pouco de tempo fora de sua linha de visão, de modo que pudesse refletir em sua incrível sorte. Essa ideia era tão triste que ela quase riu. Esperava que ele se esquecesse dos cigarros, porque embora pudesse prender a respiração com o pulmão cheio de maconha

por um minuto e meio antes de expirar, os cigarros a faziam tossir sem parar.

Cal não esqueceu. O carro diminuiu a marcha a cinco quarteirões da boate e preparou-se para entrar em um posto de gasolina.

– Na verdade, estou mesmo é faminta – ela falou de repente, como se fosse uma confissão. Você está com fome?

– Poderia comer.

– Conhece algum lugar que esteja aberto a esta hora? Só estive em Seattle para shows esporádicos, não conheço nada por aqui.

– Claro, sim. – Cal não pareceu se perturbar com a súbita mudança. – Você tem que voltar em pouco tempo?

– Só estou com fome – ela repetiu.

Ela se perguntou se eles já teriam encontrado sua bolsa embaixo do banquinho, então percebeu que Cal dizia alguma coisa que não ouvira.

– Desculpe-me, o quê? Eu...

– Você também está cansada – ele disse. – Eu só estava dizendo que foi um ótimo show. Você sempre fica tão exausta depois de uma apresentação?

– Não – ela respondeu, reclinando-se no banco do passageiro enquanto a exaustão reconfortante, familiar, de estar sendo levada embora se derramava sobre ela. A sensação de partir: um sentimento perfeito, melhor do que qualquer segurança no mundo.

Ficou satisfeita quando viu que o restaurante ficava a apenas quinze minutos ao longo da autoestrada, entre altas barreiras de sinalização e árvores ainda mais altas. Estava escuro, mas ela podia avistar a Space Needle projetando-se acima de uma colina; era a distância a que estava o centro da cidade, com a boate, a van e Will, que agora devia estar olhando à volta impaciente, talvez enviando alguém ao toalete feminino para verificar se Gretchen estava lá.

Cal abriu a porta. O restaurante tinha a parte interna das janelas embaçadas e um cheiro delicioso.

– É perfeito – ela disse, enquanto deslizaram pelos bancos conjugados, imitando os veios de madeira. Ela pediu um hambúrguer e fritas. Cal escolheu um sanduíche de atum e queijo, chamado Tuna Melt, com salada.

– Então, você vem sempre aqui para shows? – Carl perguntou.

– Você devia saber.

Ele corou.

Que gracinha, ela pensou.

– Sim, eu a vi algumas vezes – ele disse cuidadosamente. – Vocês tocam muito em Portland?

– Duas vezes por semana – ela falou.

– Há quanto tempo você canta?

Ela procurou alguma coisa na mesa para brincar, encontrou o saleiro branco estriado.

– Estou com a banda há seis meses.

– Você gosta?

– Gosto de ser boa nisso – ela respondeu.

– Isso não é exatamente a mesma coisa – ele disse. – Gosta da *sensação*?

– Gosto da *sensação* de ser boa nisso.

– Quero dizer, você precisa cantar para viver? Porque quando a vejo lá em cima, parece que sim.

– Bem, não – ela retrucou, aborrecida com a ideia. – Só estou tentando fazer um bom trabalho.

– Bem, é essa a impressão que você dá. É incrível de ver. É... como se ninguém mais devesse ver, entende?

– Sim, é o que Will acha também – ela falou com uma risada curta. – Se eu não fosse a única razão de estarmos sendo contratados, ele me trancaria em algum lugar e me faria cantar somente para ele.

– Não foi isso que eu quis dizer – Cal falou.

– Sei que não foi. Mas é assim que é.

Cal franziu a testa, obviamente tentando pensar em algo para dizer. Gretchen resolveu poupar-lhe o esforço.

– Ele bate em mim – ela disse calmamente. – Estou fugindo dele.

– Ele bate em você.

– E eu estou fugindo dele.

Ele pegou o saleiro de suas mãos e colocou-o em pé à frente dela. Podia observar, pela primeira vez, que ela não tinha casaco nem bolsa. Agora era o momento em que também desconfiaria, corretamente, de que ia pagar o jantar. Tentou não prender a respiração à espera de sua próxima pergunta.

– Como posso ajudá-la?

Ela fitou-o nos olhos, que eram castanho-escuros com anéis azulados ao

redor da íris, e falou com voz suave:

– Você já está ajudando. Não sabia?

Pegou o saleiro de volta e colocou-o de lado, girou-o de modo que alguns minúsculos grãos de sal voavam pela mesa a cada volta. Largou o saleiro, sabendo instintivamente o quanto ele queria limpar a mesa. Não o fez.

A comida chegou. Ela pegou o hambúrguer e deu uma grande mordida. Pelo canto do olho, notou Cal agradecendo à garçonne com um sinal de cabeça e somente depois que ela se afastou foi que Cal desenrolou a faca e o garfo e abriu o guardanapo de papel no colo. Em seguida, pegou a faca e cortou o sanduíche ao meio na diagonal.

– Uau – ela exclamou.

– O quê? – Ele pegou um dos triângulos e mordeu a ponta.

Com a boca cheia, ela indicou o sanduíche dele com o hambúrguer nas mãos.

– Gosto de comer uma metade de cada vez, caso eu queira levar o resto para casa – ele explicou. – E acho os triângulos esteticamente agradáveis.

– Isso é esquisito. – Ela riu. – Parece um assassino em série.

– Que idade você tem? – ele perguntou.

– Que pergunta indelicada!

– Esqueça – ele disse. – Você obviamente não tem idade suficiente para querer esconder, então deve ser muito nova.

– Vinte e sete.

– Besteira – ele duvidou.

– Qual a sua idade? – Ela colocou uma batata frita na boca, deixou-a entre os dentes por um instante mais do que o necessário antes de mordê-la.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

– Velho demais para você.

– Quarenta?

– Obrigado. – Ele riu. – Trinta, na verdade.

– Tenho 25.

– Sim, aposto que sim – ele disse. – Meu Deus, não deveria estar em uma faculdade ou algo assim?

– Me formei cedo – ela falou. – Aprendo rápido.

– Ora, vejam só – Cal comentou.

– Mas você não é formado.

– Como sabe?

Ela mirou uma batata frita no nariz dele e atirou.

– Porque você não previu isso.

Ela também não havia previsto. Aquela descontração de um flerte era nova. Nunca fora nada além de sensual ou melosa com Will, conforme a situação exigisse; com Lina, quieta e submissa. Pensou, de uma maneira distante, quanto daquilo era uma encenação, quanto uma reação real ao agradável jantar, à comida chegando ao estômago, os músculos relaxando-se. A ausência de medo, pela primeira vez em meses.

Enquanto isso, Cal a examinava com uma expressão séria.

– Ouça, Gretchen – ele disse. – Posso encontrar um lugar para você ficar por algum tempo.

– Posso ficar com você?

Ele hesitou.

– Tem alguma outra pessoa para quem você possa telefonar?

– Eu pareço ter alguém mais a quem possa telefonar? – ela disse com um gesto que incluía os dois, sozinhos, e o restaurante à meia-noite.

– Bem... – Ele fez uma pausa, depois suspirou. – Acho que pode ficar na minha casa esta noite.

– Você faz sempre isso? Oferecer uma cama a estranhos?

– Conheci, certa vez, outra pessoa que teve que deixar uma situação ruim às pressas – ele contou, ignorando sua provocação.

Mas ela parara de ouvir, depois das palavras *esta noite*. O resto viria depois. Uma vez que estivesse dentro da casa, sabia muito bem como fazer aquilo durar. Ela só não sabia que duraria para ela também. Esse foi seu erro.

5

Alex Mercado parece uns dez anos mais novo que qualquer investigador particular que eu já tenha visto em um filme ou série de TV. Tem um rosto redondo, infantil, bronzeado e bem barbeado. Para meu alívio, não está usando um chapéu Fedora e percebo agora que o estive imaginando com um por causa do website. Mas é claro que ele se veste discretamente, de jeans e camisa polo para fora da calça. Entretanto, em uma Waffle House quase vazia, com homens solteiros tomando café sozinhos nos compartimentos, percebo no mesmo instante qual deles está à minha espera, o que se confirma, levantando-se e inclinando-se para me cumprimentar com um aperto de mão.

– Sou Alex. Obrigado por vir – ele diz e indica o banco do outro lado da mesa, convidando-me a sentar. O estofado guincha quando deslizo para a meia parede e a janela de parte de vidro fosco. Faz muito tempo desde que estive pela última vez em uma Waffle House. Olhando ao redor, imagino que seja o tipo de lugar que meus alunos frequentam quando estão de ressaca. O cheiro, maçã com canela e gordura ligeiramente rançosa, é estranhamente agradável.

– Vem sempre aqui? – pergunto. – Acho que já o vi aqui antes.

Ele parece um pouco desconcertado e penso: *Isso é pelo identificador de chamadas, meu caro.*

– Só queria um lugar onde pudéssemos conversar sem sermos interrompidos – ele diz. Sua voz é um pouco áspera, mas em vez de fazê-lo parecer mais velho, o faz soar quase como um adolescente, como se sua voz estivesse desafinando. Ele olha ao redor e ri. – Há somente uma garçonete trabalhando agora e, acredite, ela não é muito atenciosa.

– Só para seu conhecimento, meu marido sabe que estou aqui.

– Ok – ele diz. Posso ver que não acredita em mim.

– Fale – digo, para acabar com as amenidades.

– Sei que se trata de um assunto delicado – ele pronuncia a palavra *delicado* com mais cuidado a cada sílaba do que o normal. – Sei que provavelmente você está se sentindo muito...

– Sim, estou – digo. – Então, do que se trata?

– Você conversou com sua filha sobre o que aconteceu?

– O relatório da polícia...

– Sei o que está escrito no relatório da polícia.

– Sabe? – Naturalmente, vi trechos no noticiário da TV da entrevista coletiva que a polícia deu, mas sem a família ali como atração central, a entrevista foi rápida, apenas alguém falava *sã e salva e força-tarefa de tráfico humano*, depois *sã e salva* mais uma vez, em meio aos flashes das câmeras, enquanto a foto de Julie na sétima série aparecia em um dos cantos e um texto se desenrolava na base da tela: “Sequestrada aos treze anos a salvo em casa depois de oito anos.” Certamente, nenhum detalhe do relatório da polícia foi liberado ao público. – Como sabe?

– Eu o li – ele diz.

– Como?

– Sou detetive particular, tenho meus meios. Mas eu não perguntei sobre o relatório. Você conversou com sua filha sobre o que aconteceu?

– Eu estava lá quando ela deu seu depoimento.

Alex apenas continua me olhando.

– Não passamos cada minuto acordadas falando sobre isso – digo. – Se é isso que quer dizer.

– Não quer saber?

– Não quero bisbilhotar.

– Sra. Davalos.

– *Doutora* – digo sem pensar, mas ele continua a pressionar.

– Notou alguma inconsistência na história de Julie?

Quatro sessões de terapia perdidas. Uma tatuagem. A expressão em seu rosto quando viu a tela da ultrassonografia. Sua voz: *Saia*.

– Já lhe ocorreu questionar... – Ele se interrompe e abaixa a voz, fazendo um ar sério, não inteiramente de desculpas, mas de preocupação. – Olhe, sra... *dra*. Davalos. Já houve casos de... é incomum, mas francamente também é incomum uma criança desaparecida aparecer por conta própria oito anos mais tarde, assim do nada. Mesmo depois de apenas três dias, quando nenhum resgate foi pedido e

há uma arma envolvida, a probabilidade de recuperação...

– Sei disso.

– Bem, os tiras não vão questionar a volta de sua filha. Ela está em casa, a salvo, e já não é mais problema deles.

– Ainda estão procurando...

Ele me interrompe:

– Claro, ficaria muito bem para eles pegar o bandido depois de todo esse tempo, revelar uma rede de tráfico humano. Uma tremenda manchete. Mas devo lhe dizer, doutora, que a partir do que eu li, essa é uma rede de tráfico humano bastante bizarra. Ninguém sequestra uma garota no Texas e a arrasta por três estados se está querendo levá-la para o México. A fronteira está bem ali.

– Talvez o sequestrador não tivesse um plano – argumento.

– Claro – diz Alex. – Talvez ele seja uma nova espécie de psicopata, quero dizer, não são muito comuns, mas pode ser. E ele a vê em algum lugar, quem sabe onde, e num impulso aproveita uma oportunidade para sequestrá-la, depois precisa se livrar dela rapidamente... ok. E por acaso esbarra nessa rede de tráfico humano e ela acaba no México com El Jefe, o chefe das drogas que mora em um complexo que parece saído direto de um filme. – Ele para, sacode a cabeça. – Foi uma ação corajosa, mas inteligente.

– O que quer dizer com inteligente? – pergunto. – Que ação?

– Porque agora o FBI está envolvido. – Alex Mercado está começando a falar mais para si mesmo do que para mim, a preocupação dando lugar a uma expressão que considero quase insuportável, uma expressão de *interesse*. – Então, há a força-tarefa estadual, o Departamento de Polícia de Houston e o condado, todos tentando trabalhar juntos. Tudo se complica, e se torna lento. As investigações podem se arrastar por meses a fio. E, enquanto isso, acha que os tiras *querem* o rosto dela na mídia, fazendo todo mundo se lembrar de como deixaram a peteca cair por oito anos? Por que acha que essa coletiva de imprensa foi feita tão às pressas? Acha que querem relembrar a todos que a queridinha dos sequestros nos Estados Unidos acabou de voltar para casa por conta própria? – Alex fala rapidamente, e agora faz uma pausa, para ter certeza de que estou prestando atenção. – Especialmente quando ela estava bem debaixo do nariz deles o tempo todo e eles não fizeram nada para salvá-la?

– Debaixo... – *Mas ela está salva*, penso.

Alex empurra um envelope de papel pardo grande para mim por cima da mesa. Embora sinta um alarme disparar em algum lugar da minha cabeça – *Não abra, não abra* –, forço a abertura do prendedor de metal e levanto a aba. Eu o coloco sobre a mesa, enfio dois dedos e retiro de dentro alguns recortes de uma reportagem e uma fotografia. A fotografia não faz sentido para mim no começo, mas logo faz, por um breve e nauseante instante – pedaços de tecido apodrecido, e algo pior... – Desvio os olhos e vejo as manchetes de relance: *Oaks River. Arredores de Houston.*

Restos mortais encontrados.

Empurro tudo novamente para dentro do envelope e pressiono a aba sobre o prendedor de metal enquanto meu estômago sobe à minha garganta.

– Quem o contratou? – Minha voz está trêmula.

– Eu tinha acabado de entrar para a força policial quando sua filha desapareceu – Alex fala em tom de conversa, sem responder nem tocar no envelope, como se de repente tivéssemos sido levados para fora daquela apavorante Waffle House e largados na fase de conhecer um ao outro, em um embaraçoso primeiro encontro. – Detestei tudo aquilo. Saí em dois anos. Acredite-me, abrir mão daqueles benefícios é muito difícil, de modo que se você descobre que aquilo não é para você, tem que sair depressa. – Deu uma risada curta. – Minha mulher evidentemente também pensava assim.

– Quem o contratou? – repito.

– Ninguém...

– Então, o que diabos você está tentando fazer aqui?

Uma garçonete se aproxima com uma garrafa térmica de plástico na mão e, incredivelmente, Alex indica sua xícara e deixa que a encha. Faz um rápido sinal de agradecimento com a cabeça, a vê se afastar e então se volta de novo para mim. Quando abre a boca, sinto a vibração do telefone na bolsa. Tom deve estar se perguntando onde estou. Que horas devem ser, aliás?

– Anna, eu estava lá. Você não quer saber por que eles nunca encontraram sua filha?

– Imagino que por absoluta incompetência. – O som do meu nome em sua voz áspera me deixa tão furiosa que mal consigo me conter. É hora de terminar esta conversa ridícula. – Tenho que ir – Levanto-me. De uma maneira distante, sinto o telefone vibrar pela segunda vez.

– Você quer a verdade. Eu também. Bem, tenho motivos para acreditar que a verdade é... pior do que imaginávamos. O que está neste envelope... – ele fala cada vez mais rápido, sacudindo o dedo indicador para aquela coisa inominável, queimando um retângulo amarelo no fundo da minha córnea. – Eles sequer vão comparar os registros dentários de sua filha. Julie Whitaker foi removida do banco de dados de pessoas desaparecidas. Eu chequei.

– Porque ela está em casa – sussurro. Deitada no sofá, embaixo de uma coberta.

Brr. Outra mensagem de texto.

– Eles acham que os restos mortais têm de oito a dez anos, Anna. Acham que é de uma garota de treze anos. Mas o nome de Julie nem será cogitado...

– E por que deveria?

– A menos que você interponha uma dúvida razoável de que a mulher que está vivendo em sua casa não é quem diz ser.

– A mulher que está vivendo em minha casa? – repito, como uma idiota.

– Poderia me fazer um favor? Poderia me arranjar uma amostra do DNA dela? Um fio de cabelo da escova seria o ideal.

Brr. Brr. Tiro o celular da bolsa, olho rapidamente para baixo, leio a última mensagem de Tom e sinto-me repentinamente zozza.

Mas Alex continua.

– Tenho um amigo no laboratório criminal que examinaria uma amostra de cabelo e veria se combina. Não procuramos ninguém e ninguém descobre, nem mesmo ela, até você... até nós termos uma resposta.

– Desculpe-me. – Empurro o envelope de volta por cima da mesa, como um aperitivo que não consigo terminar.

– Vamos colocar da seguinte forma: Tem certeza de que é ela? Ok, então isso é apenas confirmação, paz de espírito. – Ele olha para mim de modo incisivo.

Brr.

– Mas você não tem certeza, não é? Não absoluta.

Ele permanece sentado, as mãos entrelaçadas à sua frente sobre a mesa, mas parece que paira sobre mim, penetrando nos mais recônditos recessos de minha mente, colocando o dedo em tudo. É o tipo de violação que me atinge por completo, como se esquecer de colocar o relógio para despertar, deixar a porta da sala sem trancar ou simplesmente viver em um mundo onde qualquer pessoa

pode entrar em sua cozinha e levar sua filha sob a ponta de uma faca. Um mundo onde isso pode acontecer é um mundo onde posso fracassar em cada ato de fé e confiança, um mundo onde a melhor coisa que já me aconteceu é apenas mais uma máscara para a pior coisa, e a pior coisa que me aconteceu cabe dentro de um envelope de papel pardo; e cabe, na verdade, em três palavras: *Restos mortais encontrados*.

– Tenho certeza – afirmo.

– Você tem o meu número – ele diz. Não me oferece o envelope de novo. – Ligue para mim se quiser conversar mais.

Meu telefone toca continuamente agora. Tenho que voltar para casa, para Tom, e enfrentar os castigos que já começam a se abater sobre nós por causa das minhas dúvidas. Dirijo-me para a porta. Parece que estou fora de casa há uma eternidade. Impossível acreditar que saí intempestivamente do escritório de Carol Morse há apenas algumas horas. Mas a lembrança das sessões de terapia perdidas de repente me dá uma utilidade para a raiva reprimida.

– Não dou a mínima para *isso* – digo, recusando-me a olhar para o envelope outra vez. – Mas se realmente quer me ajudar descubra aonde ela vai às terças e quintas à tarde. Ela sai de casa às 13h30. Siga-a.

– Pensei que nunca fosse pedir.

– Isto não é *pro bono* – digo. – Isto é para mim. Eu vou pagar.

– Está bem. – Alex Mercado balança a cabeça, concordando. – Mas você também tem que fazer uma coisa para mim, Anna. Procure uma banda chamada Gretchen at Midnight. Procure um vídeo no YouTube. Diga-me de quem é o rosto que você vê. E se isso fizer você mudar de opinião, ligue-me.

Vi

acordou às sete da manhã com o maxilar dolorido e reflexos de estrelas amarelas e incômodas por trás dos olhos. Will ainda estava desmaiado a seu lado, roncando.

Por um instante, ela não se lembrou por que seu maxilar doía. Então, entrou no banheiro e viu a cortina do chuveiro parcialmente desabada e os frascos de shampoo no meio da banheira. Então, lembrou-se das mãos dele agarrando-a pelo pescoço contra a parede, sob a água. Depois que a soltou, ela agarrou-se à cortina cegamente para não cair, com resultados previsíveis. Ficara lá encolhida, ouvindo o som que a água fazia ao atingir a cortina de plástico sobre sua cabeça, esperando que ele fosse voltar e gritar com ela pela bagunça que havia feito. Ele não voltou.

Foi a primeira vez que Will a agrediu, mas não a primeira vez que ameaçou. Ela já estava intimamente familiarizada com a ladainha que costumava repetir quando acordava depois de uma noite como a passada. Como podia confiar nela, com o seu passado? Dançando para todos aqueles homens – mulheres também –, mais do que dançando. Esse era o primeiro verso. Em seguida, vinha o coro, em que ele evitava os palavrões da passada, apenas gritava e jurava que nunca acreditaria que fosse suficiente para ela. Segundo verso, igual ao primeiro. Depois, melhor do que tudo, a ponte: Ela não compreendia que ele já fora traído antes? Foi virgem até os 22 anos porque sua namorada da faculdade dizia não estar pronta, mas depois descobriu que ela estava dormindo com outro sujeito. Fora um perfeito cavalheiro e ela o *traíra*.

Vi sempre fazia de conta que estava ouvindo aquilo pela primeira vez. Will chorava copiosamente e implorava perdão, mas, de certa forma, a culpa continuava a ser dela. E a lembrança de ter se desculpado, rastejado e lhe contado a humilhante história outra vez só tornava as coisas piores na vez seguinte.

Ela voltou para o quarto e olhou para ele. Will era belo em repouso. Tinha o maxilar de uma estátua, duro e arredondado ao mesmo tempo, e a sombra azulada da barba fazia sua pele parecer mármore. Imaginou colocar as mãos nele onde as dele estiveram nela, logo abaixo do maxilar, depois se inclinar e apertar com força.

As pálpebras, quase translúcidas, se moveram, e ela de repente colocou a mão em seu próprio maxilar dolorido. As manchas roxas começavam a aparecer logo no pescoço, onde podiam ser enfaixadas em um cachecol ou em uma gola rulê. Ninguém precisava ver.

Quase como se ele soubesse exatamente onde agarrar. Quase como se já tivesse feito isso antes.

O banheiro só precisou de alguns minutos para ser arrumado. Will choraria, sim, e pediria desculpas, mas não ia querer ver nada que o fizesse lembrar. Antes de mais nada ia querer fazer sexo, quando seus seios ainda estivessem escorregadios das lágrimas dele, e Vi o acomodaria delicada e amorosamente; havia, ainda agora, uma pequena e calculada contração em sua virilha diante do pensamento. Ela deitou-se de novo, em suas roupas de baixo, com cuidado acomodou-se na cama ao lado do corpo imóvel, puxando o lençol sobre os dois, ajustando-o. Fechou os olhos. Não conseguiria dormir de novo, mas tudo bem. Usaria o tempo por trás de suas pálpebras para elaborar um plano.

O plano envolvia Seattle. Will andara marcando shows lá para tirá-la da cidade. Tinha medo de que ela se juntasse à sua antiga turma outra vez, as amigas de Lina, embora nenhuma falasse com ela depois do rompimento. Para começar, não conhecia bem a maioria, portanto, quando estava fazendo um show com Will e os viam de vez em quando, não era estranho fingirem que não a conheciam. Vi fazia o mesmo.

No entanto, não acontecia com muita frequência, porque não estavam mais tocando em espeluncas de lésbicas. Will ligara para dois de seus antigos companheiros de banda e dissera: “Tenho uma cantora.” Os marcantes vocais de Vi eram acompanhados por guitarra elétrica, e ela era a vocalista principal, não de apoio. As letras soavam como bilhetes rascunhados de suicidas, mas não dava para ouvi-los muito bem, de modo que não tinha muita importância. Will tinha razão. As pessoas gostavam de ver uma garota na frente de uma banda. Não parecia importar que tipo de roupa rasgada ela estivesse usando; seus rostos

voltavam-se como flores, como se ela fosse um anjo de luz. E às vezes realmente se sentia como um. As luzes do palco a ofuscavam por baixo das pálpebras, de modo que ela sentia como se estivesse olhando diretamente para o céu. E se as luzes deixavam manchas escuras em sua visão depois que abria os olhos, significava apenas que tinha que olhar um pouco menos para o mundo à sua volta.

A banda chamava-se, de forma deprimente, Midnight. Mas depois de algum tempo tornou-se claro que as pessoas estavam comparecendo por causa de Vi, e, em um momento de inspiração, Will sugeriu que trocassem o nome da banda para Gretchen at Midnight, de acordo com uma história infantil que sua mãe lera quando era pequeno. De qualquer modo, nessa época já estava pronta para dar adeus a Vi e, como suspeitava, as pessoas começaram a chamá-la de Gretchen. Ela gostava. Gretchen era um nome mais saudável do que Violet, e Gretchen era uma garota mais saudável, não uma fracassada da noite, mas uma flor amarela brilhante. Seus cabelos cresceram e ela começou a fazer mechas. E quanto mais louros seus cabelos ficavam, melhor combinavam com as camisetas escuras e o jeans que usava no palco, e tudo estava mais ou menos bem.

Ao menos estava em condição estável, até que escorregou e disse alguma tolice que a denunciou, de forma fatal, de duas maneiras diferentes ao mesmo tempo. Dave e Len estavam falando em ir a boates de strip-tease depois de um show, e mencionaram o Black Rose – a rosa negra. Um pouco “alta” naquela noite, ela fez uma piada idiota sobre as lésbicas que iam lá pegar carne fresca, e Will, com seu radar ligado para tais assuntos, olhou-a com um súbito lampejo de reconhecimento e perguntou:

– Como você sabe?

Ela não se preocupou em negar. Will havia beijado a minúscula rosa preta em suas costelas centenas de vezes sem saber o que significava. Nesse momento, olhou-a fixamente e ela sentiu a tatuagem queimar por baixo de sua camiseta, seu significado repentinamente inconfundível.

Estava acabado, um fato que ela compreendeu de imediato e ele, perigosamente, não. Daquele ponto em diante, toda vez que ela ficava no palco, brilhando como um letreiro de rua, ele não via mais Vi, via Starr dançando sob os refletores, a que já devia ter desaparecido há muito tempo. Depois dos shows, por mais feliz que ele estivesse com a sua cota do faturamento, dizia:

– Cada pessoa naquela sala a desejava.

Vi apenas dava de ombros; afinal, não era basicamente esse o objetivo?

No começo, isso o excitava. Quando chegavam em casa, Will a agarrava com força, levantava sua blusa e esfregava o polegar na tatuagem até a pele sob seu seio esquerdo ficar esfolada e machucada, e a possuía como se estivesse tentando possuí-la de dentro para fora. Inútil, ela podia ter dito a ele; ninguém possuía o que havia lá dentro, nem mesmo ela. Mas não demorou muito para a indignação tomar o lugar do desejo e, então, seus olhos ficavam negros e possuí-la já não era o suficiente. Tinha que dominá-la de alguma outra forma.

A vara da cortina do banheiro se quebrara e Vi podia ver mais quebra-quebra a caminho. Era hora de cair fora, mas sua próxima situação tinha que ser diferente. Nada mais de Linas, nada mais de Wills. Estava farta de bancar a boneca de trapos, quer fosse amorosamente colocada para dormir à noite ou atirada contra a parede.

De qualquer modo, a banda estava começando a ficar popular demais. Agora, em quase todo show, ela via alguns retângulos iluminados, segurados no alto para gravar, e não gostava. Sabia que precisava bolar um bom plano e agir depressa, porque ultimamente Will nunca a deixava longe de sua vista por muito tempo. Quando estavam todos juntos na estrada, ele bancava seu anjo da guarda, significando que tinham um quarto de motel barato enquanto o resto da banda tinha que se contentar com sofás. Qualquer dia desses, a obrigaria a deixar a porta entreaberta quando fosse urinar, e nunca mais ficaria sozinha outra vez, nem mesmo no banheiro.

Ela começou tomando uma cerveja com a banda antes do show, na rodada por conta da casa que tornava o pagamento miserável mais aceitável. Will gostava que tomasse parte nesse ritual que antecedia cada show. Ele a advertira muitas vezes, esmagando a quinta ou sexta lata vazia enquanto ela se mantinha sóbria, a não agir como se fosse superior. A maré por fim mudaria, é claro, mas ela achava que sabia aproximadamente quanto mais tempo podia beber com os rapazes antes que acontecesse. Aconchegou-se para mais perto de Will a fim de ganhar um pouco mais de tempo, ignorando Dave e Len o máximo que conseguia com todos amontoados em um compartimento do bar, e fez questão de que todos a vissem se dirigir ao toalete feminino logo antes de subirem juntos para o palco. Will riu e disse que era medo do palco, mas quando chegasse a hora, pular esta etapa lhe daria uma desculpa para desaparecer imediatamente após a

apresentação.

Toda vez que tocavam em Seattle, ela se sentia como uma garotinha num balanço, varrendo o chão enquanto voava para a frente, buscando o momento perfeito para saltar do brinquedo. Não sabia exatamente quem estava procurando até que o viu: um homem na plateia do Ploughman que já vira antes, sempre sozinho. Apenas um homem, mas aquela noite, no palco, quando as luzes quentes e vermelhas batiam em seu rosto como uma máscara que ela podia retirar, sentiu-o como uma mancha molhada na frente da blusa, sentiu que a observava, e quando ela viu seu rosto escuro rodeado de rostos mais claros, um buraco na multidão pálida, soube. Fechou os olhos, deixou sua voz flutuar no registro *alto* por alguns versos, em seguida tentou alcançá-lo com seu soprano, escalando os refletores do palco com sua voz e vindo à tona na tranquila escuridão como um mergulhador que volta à superfície.

Naquela noite de outubro, com o manto de garoa descendo outra vez, abriu-se uma cortina que não se levantaria pelos próximos sete meses, e Vi saltou.

6

Quando chego em casa, esqueço tudo sobre o vídeo e Gretchen Farber, porque ela desapareceu, Julie desapareceu.

Tenho vontade de gritar com Tom por tê-la deixado sair de casa. Claro, ele não sabe a respeito do aborto, não sabe que ela devia ficar de repouso por 24 horas. Não sabe que ela deve estar sangrando, deve estar sentindo dor. Mas, de qualquer forma, quando chego em casa, Julie já estava fora há cinco horas sem dar nenhuma notícia, e Tom está desesperado. Subimos e descemos a Memorial, parando em cafés e lojas, perguntando se alguém a viu. Um barista no Starbucks diz que acha que a viu lá fora, entrando em uma SUV.

Não estamos tão enlouquecidos, lembramos de Jane, em algum lugar com a SUV de Tom. Quando o telefone de Jane cai direto na caixa postal, como acontece quando está descarregado, os cenários começam a espiralar fora de controle. Alguns homens do México estavam à procura de Julie e finalmente a encontraram, talvez quando as meninas estavam juntas, e levaram as duas. Ou foi Jane quem pegou Julie, mas foram abalroadas em um cruzamento e agora estão em coma em um hospital; cenas catastróficas, apavorantes e impossíveis, como um raio caindo duas vezes no mesmo lugar. Grito com Tom e ele grita de volta, então nos abraçamos com força e ele chama a polícia. Está com o policial na linha quando as duas finalmente entram atabalhoadas na cozinha, já anoitecendo, completamente ensopadas e rindo como loucas.

São as risadas que me abalam. Nas últimas quatro horas, desde que cheguei em casa e não encontrei nenhuma das duas, estou sentada nesta mesa da cozinha acreditando, com uma certeza mórbida, que tudo é minha culpa. Que ter ido ao consultório da terapeuta de Julie e, pior ainda, ter me encontrado com aquele Mercado, algum excêntrico que conseguiu o telefone do meu trabalho no website da faculdade, era uma traição que significava que não merecia ter Julie de volta.

Enquanto percorria a lista de amigas de Jane – Bella, April, depois amigas com quem provavelmente não se encontrava mais, mas cujos telefones dos pais nós temos – e Tom gritava, entre intervalos de espera, com a detetive Harris, Overbey e qualquer outra pessoa que se dispusesse a ouvir, eu sabia, lá no fundo, que haviam desaparecido por minha causa.

Agora estão aqui, e rindo.

– Onde vocês estavam? – pergunto serenamente.

Elas ainda estão em sua bolha de irmãs – Julie e Jane, Jane e Julie, exatamente como nos velhos tempos, embora Julie, já detectando algo errado, tenha começado a ficar mais sóbria.

– Ah, meu Deus, tantos lugares!

Jane coloca a mão no ombro de Julie para se firmar.

– Podiam começar explicando por que estão encharcadas.

– Oh – ela diz. – Sim. Foi basicamente um acidente. – Há um tom meio frenético na voz de Jane, e não estou com disposição para prestar atenção, mas percebe minha expressão. – Conte a ela, Julie. Mamãe gosta de você. – E explode numa risada reprimida e nervosa.

Julie começa a explicar.

– O trânsito estava ruim na volta para casa, então paramos para comer. Jane quis me mostrar o jardim de esculturas, mas já estava fechado...

– Pulamos o muro – Jane diz. – Já fiz isso muitas vezes, mas foi a primeira em que fui perseguida por uma guarda da segurança! – Está sacudindo-se de rir outra vez. – Assim, fomos para aquela fonte enorme no meio da rotatória em Hermann Park...

– Queríamos fazer um pedido.

– ... e as coisas saíram um pouco de controle. Então, fomos nadar.

– Ela estava pegando as moedas da fonte! – diz Julie, começando a rir outra vez.

– Bem, eu não tinha nenhum dinheiro trocado. Achei que os pedidos não se importariam de ser reciclados.

Elas já esqueceram a expressão em meu rosto que um minuto atrás as fez estancar de repente. Em suas mentes, ainda estão se jogando nas águas da fonte gigantesca, correndo atrás uma da outra por entre jorros, enquanto os carros buzonavam ao redor.

É demais para suportar. Levanto-me da mesa da cozinha. Não sei o que estou fazendo nem na direção de qual das duas estou indo, mas Julie me vê me aproximando e se funde com o batente da porta. Sem diminuir o passo, dou uma bofetada em Jane.

– Anna! – Tom grita.

– O que estavam pensando? – pergunto. – Devemos ter deixado dezenas de mensagens. O que, afinal, aconteceu?

Tom dirige-se para onde Julie está agarrada ao batente da porta e passa um braço em torno dela. Não se interpõe entre mim e Jane, mas parece estar pronto para fazer isso a qualquer instante.

Jane leva a mão ao rosto, perplexa.

– Você me bateu.

Querida, sinto muito é o que eu quero dizer, porém palavras mais duras são proferidas.

– Vocês devem desculpas a seu pai e a mim.

– Você me bateu – Jane diz. – Sua *bruxa*!

– Jane. – Tom se interpõe com um ar de advertência.

– Meu telefone deve ter ficado sem bateria! Caramba, eu verifico, se você quiser. – Ela remexe na bolsa até encontrar o telefone, aperta o botão “on” e o agita no ar. – Está vendo? Descarregado!

– É responsabilidade sua mantê-lo carregado, sempre. Você sabe disso.

– Desde quando você se importa? – Jane larga o telefone dentro da bolsa de novo. – Isso nem tem a ver comigo. Já estive cinco minutos atrasada antes e você nem notou.

– Você está cinco horas atrasada, não cinco minutos – Tom diz. – Não fazíamos a menor ideia de onde vocês estavam.

– Eu perco o jantar o tempo todo – Jane continua. – Ninguém nunca me bateu. Droga, nada do que eu faça por aqui faz diferença. – Ela ri. – Por que é diferente quando Julie está comigo? É porque você tem medo de que algo aconteça àquela que importa?

– Você sabe cuidar de si mesma – falo, entre dentes.

– O que quer dizer com isso?

– Você a deixou ir uma vez! – Estou gritando agora. – Você a viu sair por aquela porta!

Os olhos de Jane se arregalam. Ela se aproxima de mim, bastante perto para eu sentir o quanto é maior do que eu. Ergue a mão e, por um instante, acho que vai me esbofetear. Em vez disso, aponta para Julie.

– Culpe-me, se quiser, mas não se esqueça, Julie está parada bem ali. Pode fazer a ela qualquer pergunta que quiser.

Meus olhos seguem seu dedo e, pela primeira vez, noto o cabelo de Julie, que está molhado e emplastrado na cabeça como o de Jane, mas começando a secar. Vejo a cabeleira curta, vermelha, fofa, com um tufo de cabelo espetado para cima na linha capilar e, por um instante, não consigo nem falar.

– Eu disse que ela ia pirar – Jane diz, mas ninguém presta atenção agora.

– Sinto muito – Julie murmura.

– Por que... – dou um passo em direção a Julie, estendo o braço e hesitantemente toco o lugar acima de sua orelha, onde ficavam seus cabelos longos, louros e platinados. Agito os cabelos ao lado de sua cabeça, puxo-os para a frente, verifico se são reais.

Então, desato a chorar. Não consigo me conter.

– Não dá para acreditar – Jane diz. – Foi ela quem saiu de casa hoje sem dizer a ninguém aonde ia. Foi ela quem desapareceu. Não eu! – Há uma atadura no dedo anular esquerdo de Jane que se soltou e se sacode em todas as direções. Quando vê que ninguém vai tentar impedi-la, não se preocupa em sair batendo os pés, apenas foge e bate a porta de seu quarto.

Julie a segue, mas devagar, um pé depois do outro, atravessando minha dor como se fosse uma corrente em uma inundação, como se pudesse perder o chão e ser levada pelas águas. Parece alguém que perdeu muito mais crianças do que eu poderia imaginar.

Minha mãe me deu um tapa certa vez.

No verão depois da quinta série, Angie Pugh me convidou para passar parte das férias com sua família em Northeast Harbor. Minha mãe, que tinha ideias rígidas sobre como criar meninas, concordou relutantemente, mas meu maiô não cabia mais em mim e comprar um novo foi uma verdadeira tortura. Ela ficava atrás de mim no canto da cabine de provas, observando com a testa franzida enquanto eu ajeitava cada maiô em meus quadris ultimamente mais largos. O que nós finalmente escolhemos era de bolinhas e tinha um saíote franzido que quase

chegava aos meus joelhos – eu já chegara ao máximo do meu estirão de crescimento no ano anterior e jamais cresceria nem um centímetro acima de um metro e sessenta.

No meu primeiro dia de férias, Angie fez uma careta para meu maiô de bolinhas e disse:

– Tome, vista um dos meus.

Ela abriu uma gaveta cheia de biquínis do departamento juvenil, trajes de banho que minha mãe não deixaria eu sequer tirar da prateleira. Experimentei um biquíni de crochê com a parte de cima amarrada atrás do pescoço e a de baixo amarrada nas laterais com tiras enfeitadas de contas que tilintavam quando eu andava. Angie me examinou com um olhar avaliador e disse:

– Agora vejo como ele *deve* ficar.

Ela parecia estar com inveja, mas só um pouco. Afinal, era ela quem tinha a casa de praia em Northeast Harbor e eu quem tinha a mãe católica.

Por dez dias jogamos peteca e pingue-pongue, andamos até a antiquada lanchonete para tomar vaca-preta, contamos histórias de fantasmas uma para a outra com uma lanterna. Ao final das férias, devolvi o biquíni de Angie, mas não pensei nas marcas do bronzeado. Minha mãe, que não acreditava em bater na porta, entrou quando eu estava trocando de roupa.

Enquanto eu chorava, ela gritava:

– Sabe o que pensavam os homens que a viam? Sabe?

Não acreditei. Para mim, era apenas um corpo, mas quando o verão terminou, descobri que para os garotos da minha escola, os homens nas ruas, qualquer um para quem eu olhasse, eram mais do que isso; eram um livro aberto cheio de segredos terríveis, uma revista obscena que qualquer um podia folhear. Minha mãe nunca mais me bateu, mas a detestei por ter razão.

Minha mãe morreu antes que os quadris de Julie pudessem encher uma saia. Ela nunca me viu ter meu primeiro choque – aquele momento em que você olha para sua filha sob uma certa luz e vê que um dia vai se tornar uma mulher, e isso a faz se lembrar de todo garoto que levantava sua saia com um lápis enquanto você sobe as escadas, cada homem que a olhava fixamente no ponto de ônibus, cada toque de buzina na rua, cada comentário malicioso. Lembra-se de estar sozinha, gloriosamente sozinha, lendo um livro em um vestido de verão, sentindo a grama pinicar suas coxas e o sol em seus braços, e então perceber que não estava sozinha

quando um homem de quem você teve vergonha de sentir medo aproximou-se e perguntou se podia passar protetor solar em suas costas. Você olha para sua filha e tudo isso volta, cada microssegundo em que sentiu aquela onda de vergonha e medo. Agora isso está fora de você, acontecendo a um corpo que parece o seu, mas não lhe pertence, de modo que não há como protegê-lo.

A certeza do assédio me paralizou, na época. Tive medo por ela, medo *dela*. Prendi a respiração e pensei: *Logo isso vai terminar. Quando for uma adolescente, ela vai compreender. Como eu.*

Ela não conseguiu chegar lá.

– Como pôde? – Tom está mais furioso comigo do que jamais vi, inclinado para me encarar, mas ainda parecendo ter os trinta centímetros que tem a mais do que eu. – Nós não fazemos isso, Anna. Não batemos em nossas filhas.

– Você teve tanto medo quanto eu.

– Não importa o medo que você sentiu – ele diz, seu corpo ficando maior a cada segundo. – Nós combinamos: nunca em nossa casa. Vi muito disso na minha.

– E como vão as suas irmãs, Tom? – indago, erguendo os olhos subitamente.

– Mortas de medo do pai delas! – ele retruca rispidamente. – E provavelmente de seus maridos também! É isso que você quer?

– *E quantas delas foram sequestradas e vendidas a quem desse o lance mais alto?* – grito. – *E quantas foram estupradas todos os dias por oito anos?*

– Anna...

– Suas irmãs estavam *seguras*, Tom! Eram *mantidas* em segurança!

Tom levanta o dedo para o meu rosto e pronuncia cada palavra com um grunhido entredentes.

– Se você acha que era assim que eu me sentia quando era criado por meu pai, não sabe absolutamente *nada* sobre se sentir seguro.

Mas eu já não consigo pensar racionalmente. A gritaria desencadeou algo grande demais para ser colocado em palavras. Acho que estou soluçando, mas logo percebo que estou apenas arfando, incessantemente, tentando respirar. Sinto-me tonta e minha vista escurece. No instante seguinte, volto a mim, ainda de pé no mesmo lugar, apertada contra o peito de Tom. É como se ele estivesse empurrando o ar para dentro dos meus pulmões, e aquele terror dentro de mim se dissolve em lágrimas normais.

– Por que ela fez isso? – pergunto, soluçando contra seu peito. – Por quê?

– Conhece Jane – ele diz. – Ela perdeu a noção da hora. E Julie, acho que ela estava apenas se sentindo confinada, presa. Sabe o que ela passou. – Tom estremece e dá um longo suspiro. – Eu estava tão preocupado quanto você, e com raiva. Mas agora que sabemos que estão bem, honestamente, acho que deve ter sido bom para elas passarem um tempo juntas.

– Quero dizer... seu cabelo.

Tom me solta, recua um passo e me olha fixamente.

– Não está falando a sério.

Sei que ele tem mantido o contato com Jane todos esses anos, vencendo as armadilhas que ela inventa para nos manter afastados, enquanto eu me contentava em acreditar que ela não queria minha interferência. Mas Julie... como ele manteve contato com ela também? Como ainda tem aquela ligação de antes? Como soube mover-se diretamente para Julie e abraçá-la quando eu parti direto para Jane e fiz o que fiz?

– São como estranhas.

Ele olha para mim, incrédulo.

– Anna. É assim que toda mãe de adolescente se sente.

Mas Julie, como Carol Morse me lembrou, é adulta. Tom não sabe nada a respeito de Carol Morse e do aborto, Alex Mercado e o envelope. Tom não enxerga dentro daqueles olhos e se pergunta se têm o tom certo de azul, e em seguida pensa consigo mesma: *Eu saberia a diferença?*

Eu poderia contar tudo a Tom, mas fui eu quem deixou o veneno entrar, e já estamos sendo punidos por isso. Que prova melhor do meu sacrilégio do que essa sensação horrível de não reconhecer meus próprios filhos, expulsando-os do ninho por terem o cheiro errado, batendo neles quando quero abraçá-los, só porque desaparecem em alguns momentos do dia e da noite e nunca saberei que aparência terão quando retornarem?

– Tem razão – digo. – Eu sei que você tem razão.

Tom e eu só aguentamos uma briga por noite. Estamos apenas convalescendo para aguentar mais do que isso. Deixo que ele me leve para a cama. Quando está dormindo, deslizo silenciosamente para o banheiro com meu telefone, deixo o volume mudo e busco até encontrar um vídeo no YouTube chamado “Gretchen at Midnight @ Chapel Pub – 10/2/14”. Aperto para tocar o clipe e observo o rosto

de Julie, menor do que uma impressão digital branca e borrada na tela, abrir a boca sob os refletores do palco e cantar silenciosamente.

Violet

cantou pela primeira vez no quintal de Lina.

Violet nunca pensou no espaço como *seu* quintal, embora tivesse morado ali quase um ano, tempo suficiente para pintar o cabelo de azul, depois descolori-lo, cortá-lo bem curto e deixá-lo crescer de novo em louro avermelhado. Cabelos curtos não eram especiais naquela companhia, é claro, mas ela sabia que Lina gostava mais de cabelos longos, qualquer que fosse a cor.

Lina estava recebendo amigos e todos tinham bebido. Anoitecera e ficara um pouco frio, de modo que acenderam uma fogueira no quintal e colocaram as cadeiras da cozinha em volta. Lina nunca fumava maconha, por isso Violet geralmente também evitava. Devia ser um sinal de que estava pronta para uma mudança quando, desta vez, Violet aceitou o baseado que apareceu à sua esquerda como por milagre, na mão de Susan.

– Vi – Lina começou, mas virou-se e deu de ombros na mesma hora quando Violet tragou profundamente.

Violet gostou da pequena oportunidade de lembrar a Lina que não era uma bugiganga exótica e barata. Ninguém além de Lina agia sob a suposição de que tirar Violet do pole dance era o mesmo que comprar uma pessoa, mas esse efeito pairava no ar como resultado de fogos de artifício, o resultado de uma empolgação perigosa já terminada antes que alguém pudesse apreciá-la. Expelindo uma baforada de fumaça sem nenhum som, Violet devolveu o baseado a Susan, que abriu um sorriso largo, bonito e passou-o adiante.

Uma vez livre do baseado, Susan pegou o violão de trás da cadeira.

– Já é hora da cantoria? – indagou a namorada de Susan, Beck, do outro lado do círculo, enrolada em uma manta de lã.

Mas Susan não cantou uma canção de amor. Ela começou tocando algumas batidas e em seguida começou a dedilhar o violão de uma maneira que, para

Violet, lembrava água escorrendo, dissolvendo os acordes em notas individuais. A maconha afrouxava os nós nas pernas e braços de Violet, um a um, e a tensão em ser namorada-troféu; vista, mas não ouvida, começou a se dissipar como creme no café. Os dedos de Susan nas cordas provocavam arrepios em seus braços, suas pernas, sua nuca.

Então, Susan começou a cantar em um alto gutural, uma canção folclórica. *Ela vaga por esses montes em um véu longo e negro. Visita meu túmulo quando o vento uiva.* A canção era ligeiramente familiar – talvez estivesse simplesmente drogada – e a mente de Violet corria para alcançar o final de cada verso, sem realmente conseguir acompanhar. Então, a borda curva do violão encostou em seu joelho nu, enviando a vibração por sua coxa, até a virilha, e pela primeira vez ela se sentiu atraída por uma mulher, realmente atraída. E não era Lina.

Beck olhava para Susan com uma expressão em que paciência e paranoia se misturavam – ela também estava alta –, mas a maior parte das outras ainda estava conversando, rindo, colocando garrafas de cerveja e copos de vinho no chão sem cuidado ou arrastando as sandálias pelo concreto para pegar outra garrafa lá dentro.

Então Violet começou a cantar. No começo, ela acompanhava Susan, depois começou a se destacar nas rimas, elevando a voz em resposta à ênfase de Susan, seguindo os altos e baixos de sua voz da maneira como costumava seguir John David. Depois, finalmente, ela descolou sua voz do fundo da voz de Susan, como se tivesse voado nas costas de um pássaro e, tendo aprendido o sentido do voo, tivesse aberto suas próprias asas. Depois disso, foi como dançar. Violet e Susan inspiravam e expiravam de forma sincronizada, vibrando como duas cordas do mesmo instrumento.

Fora da bolha onde cantavam, copos de vinho balançaram e garrafas de cerveja pararam no ar, suspensos a meio caminho de lábios entreabertos.

Quando as notas se entrelaçaram novamente em acordes, Violet soube que estava terminado, e a sensação causada pela droga desapareceu imediatamente, deixando em seu lugar um monótono vazio.

As mulheres no círculo bateram palmas e congratularam Violet como se ela fosse uma garota prodígio ou um animalzinho que conseguia falar.

– Lina, onde você andou escondendo essa aí? – alguém perguntou, como se Violet não estivesse presente em todas as leituras de poesia e jantares daquele

verão, sem mencionar o Black Rose, onde as observava enquanto recebiam *lap dances* de suas ex-colegas de trabalho.

Enquanto Lina absorvia o elogio, Susan colocou a mão em seu braço e perguntou:

– Onde você aprendeu a cantar assim?

– Igreja – ela respondeu sinceramente, e como ainda estava um pouco alta, a palavra pareceu-lhe incorporar tudo que queria dizer, que era John David, a escuridão no centro da luz e todas as coisas, tanto odiosas quanto meigas, que oferecia a qualquer um se significasse sobrevivência. Susan balançou a cabeça e Violet achou por um instante que ela realmente compreendia. O que teria acontecido a Susan para ela entender?

– Se algum dia quiser se juntar a mim para tocar em público... – Susan disse, dando uns tapinhas em seu braço e uma piscadela.

Violet sabia pelo formigamento em sua pele, e pelo olhar de Lina, que o círculo ficara carregado de uma energia perigosa. Imaginou ser transformada numa espiral de fogos de artifício, um carrossel de Catarina, lançando fagulhas e faíscas que destruiriam a vida em comum de Susan e Beck, forçando-as a decidir quem ficaria com o apartamento em Northwest, o restaurante em sociedade e seu filho de quatro anos. Violet pesou tudo contra a vibração que sentia entre as pernas, alimentada pela droga, e que poderia esgotar em uma única noite ou no máximo algumas semanas.

Era tentador, mas escolheu apagar a minúscula chama.

– Acho que eu não poderia – disse. Susan era complicada demais.

De qualquer modo, dizer não para Susan teve um lado positivo. Lina ficou tão agradecida que quando a chance seguinte surgiu, como Violet sabia que surgiria, Lina disse sim. E então Violet passou a cantar música folclórica com trios em pequenos cafés, compunha melodias aqui e ali com outras de bandas também, e ela sentiu a satisfação de, com grande atraso, se livrar dos resquícios de Starr, a stripper, de cabelos vermelhas, e assumir sua nova identidade, Violet, a cantora, de cabelos curtos louro-avermelhados, que cresciam pouco a pouco. Ela mudou de show a show, de banda para banda, até topar com um baterista.

Will era solteiro; portanto, só precisava romper com uma banda.

7

Quando acordo na manhã seguinte, Tom está lá fora limpando a piscina.

Eu o observo pela janela do quarto, em pé na borda de pedras, como um gondoleiro apoiado ao longo cabo do aspirador varrendo devagar o fundo da piscina. A cada movimento, a noite anterior parece mais longe. O formigamento de minha mão pelo tapa que dei em Jane, os gritos de Tom e, acima de tudo, o rosto na tela do celular encaixado em minha palma enquanto me agachava no banheiro – tudo se foi, levado pelo sono e pelo aguaceiro matinal. Um erro. Um mal-entendido. Uma garota loura em um vídeo pouco nítido. Pego uma calça jeans do cesto de roupa lavada e visto-a, então sinto no bolso de trás o cartão do detetive Overbey, esmagado na máquina de lavar e desfeito pela secadora como se fosse algodão, ilegível. Jogo-o na lata do lixo.

Levo meu café para fora e me recosto em uma espreguiçadeira para observar os movimentos rítmicos de Tom. É uma dessas raras manhãs refrescadas pela chuva, reluzente, que de vez em quando agracia Houston em junho, como se fosse uma reversão a março, um dia que se poderia confundir com um dia comum de verão em um clima mais hospitaleiro. As sombras dos altos pinheiros se movem pelo deque. As brisas agitam suavemente seus cumes de um lado para outro, e mal me alcançam. Uma lagartinha amarela do carvalho, já em final de estação, cai dentro da minha caneca, eu a “pesco”. Podemos ter nossos problemas, mas afinal somos uma família outra vez: marido, mulher e duas lindas filhas, finalmente juntos.

A porta se abre e Jane sai, puxando uma mala de rodinhas.

– Querida? – Tom chama enquanto Jane leva a mala para o carro, nos ignorando. Ouço a porta do carro se abrir e fechar-se outra vez com um baque surdo. Quando ela passa de volta pelo deque sem a mala, Tom diz:

– Jane?

– Vou voltar. Comprei minha passagem ontem. Vou dormir na casa da April esta noite e ela vai me levar ao aeroporto amanhã.

Tom desliga o aspirador e encosta o cabo em uma árvore.

– Querida... nós conversamos sobre isso. Talvez você precise de algum tempo para...

– Eu quero voltar. Agora. – Tom não pergunta por quê. Nenhum de nós pergunta. – Você me leva à casa da April?

– Claro que sim – ele concorda. Jane desaparece dentro de casa outra vez. Tom se volta para mim.

É a minha deixa.

– Vou me desculpar – digo. E em seguida, quando ele abaixa os olhos para seus pés em sandálias, continuo: – Sinto muito. – Tom não ergue os olhos quando passo por ele, mas sua raiva é palpável.

Subo as escadas e bato na porta de Jane e, quando não há resposta, abro-a centímetro por centímetro, dizendo baixinho:

– Ei.

Jane está revirando seu closet. Olha para mim por cima do ombro e retorna imediatamente ao que está fazendo, que é encher uma sacola de coisas, ao que parece escolhidas mais ou menos aleatoriamente.

Atrás de mim, o chuveiro começa a funcionar e penso nos novos cabelos de Julie. Imagino quanto do excesso da tintura irá pelo ralo, se o vermelho manchará a banheira. Então, retorno subitamente a Jane, parada à minha frente, de costas para mim.

– Sinto muito, Jane. Não há desculpa para isso. É que nós estávamos... eu estava tão preocupada.

Jane arranca um suéter do cabide e atira-o dentro da sacola.

– Preocupe-se – ela diz. – Pode fazer isso sem que eu esteja por aqui.

Dou um passo para dentro e fecho a porta atrás de mim. Jane gira nos calcanhares.

– Eu disse que você podia entrar?

– Jane, por favor.

– Por favor o quê? Por favor, fique fora do caminho para que você possa estar com sua outra filha, sua filha de verdade, aquela com quem você se importa? Por favor, seja boazinha, para que você não tenha que gastar seu precioso tempo

comigo ou ouvir o que eu tenho a dizer?

– Por favor, fique. – Ela me olha com muita ansiedade, o maxilar cerrado e tremendo, como costumava fazer quando era pequena. – Seu pai precisa de você.

Jane olha para o chão e quando levanta o olhar outra vez, seu queixo já não está tremendo.

– Vou sair para tomar café com ele a caminho da casa de April. Isso o deixaria feliz?

– Acho que ele ia gostar, sim.

– Vou sentir falta dele. Vou sentir falta de vocês dois... de todos vocês. – Ela enxuga os olhos com a manga da camisa de flanela. – Eu só... não posso continuar aqui agora. Está me enlouquecendo. Ela também é minha irmã, sabe. Eu também senti falta dela. Eu também tive medo todos esses anos. – Jane olha à sua volta, para o quarto, para o closet. – Detesto este quarto. Dormir aqui ainda me dá pesadelos.

– Não podíamos nos mudar – falo. – Nós...

– Eu sei; queriam que ela pudesse encontrar vocês. E ela encontrou. Portanto, isso é tudo o que importa. Eu entendo. – E volta a enfiar mais coisas na sacola. – Nem me importo que você mal tenha me perguntado sobre minha situação na escola...

– Jane...

– Pare. Eu vou resolver isso sozinha. Sempre resolvo. – Ela termina, pega a sacola do chão, joga-a em cima da cama. – Só não desconte em mim porque foi Julie quem a encontrou, e não o inverso.

Ouve-se uma leve batida na porta e Jane passa por mim para abri-la.

Julie está parada ali, segurando um par de tênis preto de cano alto nas mãos. Com seus cabelos curtos molhados e emplastrados na cabeça, parece mais velha e menor, quase como um passarinho.

– Vai precisar deles – ela diz, estendendo-lhe os sapatos.

– Pode ficar com eles – Jane retruca, a voz um pouco embargada. – Preciso de um par novo de qualquer modo.

– Tem certeza? – Julie pergunta.

– Tenho – Jane responde. – Quero que fique com eles.

– Obrigada – Julie diz.

– Tem meu e-mail, certo? – Jane pergunta. Sinto que eu deveria deixar as

meninas a sós para se despedirem, mas elas estão bloqueando a porta, de modo que simplesmente fico ali parada, as mãos nos bolsos do jeans, esperando.

– Sim – Julie diz. – Obrigada por sair comigo ontem. Eu me diverti.

– Eu também – Jane diz. Ela se lança para a frente e dá um rápido abraço em Julie. – Eu te amo. Fico feliz que esteja de volta.

Em seguida, Jane se vira para fechar o zíper da sacola em cima da cama. Pega uma pilha de cadernos e livros da escrivaninha, coloca-os em uma bolsa e a pendura no ombro. Quando se vira novamente para a porta, Julie já se foi, a porta de seu quarto fechada.

Estendo a mão para pegar a sacola, mas Jane recusa ajuda com um gesto, agarra-a e se dirige para a porta. Desce as escadas a passos rápidos, *tum-tum-tum*, pesados, determinados, como se estivesse se mudando definitivamente de algum lugar. Sigo seus passos mais devagar e mais suavemente. Tom levanta-se da mesa da cozinha quando a vê e vai em sua direção, estende as mãos para pegar as sacolas. Ela entrega tudo a ele, até a bolsa de livros, e Tom as carrega silenciosamente para o carro. Continuo em sua sombra até que chegamos à porta dos fundos, onde Julie deve ter hesitado há muito tempo, uma faca às suas costas, antes de dar seu último passo, ultrapassar a soleira da infância e entrar no que estivesse à sua espera do outro lado.

Ainda com as mãos nos bolsos, tenho vontade de colocar o braço em seu ombro. Não o faço, mas talvez alguma parte invisível de mim o tenha feito, como um braço fantasma, porque Jane se vira de qualquer modo.

– Mamãe. – Ela enterra a cabeça em meu ombro por um segundo, os braços prendendo os meus junto ao corpo, quase me machucando.

Quando se afasta, tenho os olhos cheios de lágrimas, mas consigo estancá-las e fazê-las retroceder. Finalmente tiro as mãos do bolso, pouso uma delas em seu ombro.

– Eu te amo – digo.

Seu rosto permanece sério e um pouco triste.

– Mamãe – ela fala. – Acho que há uma coisa que você deve saber. Julie tem um celular. Ela me disse que pediu um emprestado para ligar para mim ontem, mas depois eu o vi em sua bolsa. – Ela enfia a mão no bolso e retira um pedaço de papel. – Eu anotei o número. – Jane tira minha mão de seu ombro delicadamente e a última sensação que tenho de Jane são seus dedos pressionando um papel na

palma da minha mão.

Em seguida, ela se foi. O carro ronca pelo caminho de entrada e fico ali parada um longo tempo antes de colocar o papel no bolso, ainda sentindo o toque da mão de Jane e imaginando distraidamente por que ela tem uma atadura branca em um dos dedos.

Quando me viro, Julie está parada na ilha da cozinha, olhando para mim. Há quanto tempo ela estaria ali, o que teria ouvido e o que teria visto?

Starr

aprendeu a mentir no Black Rose em Portland, Oregon. Já tinha mentido antes – para policiais, pais substitutos, qualquer um que pudesse usar a verdade para feri-la. Mas essas eram mentiras que dizia com palavras e qualquer um que estivesse realmente prestando atenção poderia enxergar através das palavras. No Black Rose, ela aprendeu a mentir com todo o corpo.

Acabara na Pioneer Courthouse Square como Mercy com discretos cabelos castanhos, na altura dos ombros, e caminhara diretamente para leste, atravessando o rio, até cansar. Passara por dois outros *nightclubs*, mas o Rose foi o primeiro com um desenho no letreiro encardido, e os volteios das pétalas escuras rodeadas por uma auréola de espinhos pontiagudos chamaram a sua atenção. Ela nem teve que tirar a roupa para conseguir o emprego, apenas mostrar a Gary – um sujeito alto, magrela, com um bigode estiloso – uma prova de que já completara vinte e um anos. Ele explicou que precisaria arrendar seu tempo de palco obrigatório com aguados drinques de dez dólares que os clientes lhe comprassem; eram dez drinques para uma dança no palco, vinte para duas e assim por diante. Se não fizesse sua cota de drinques, compraria o resto ela mesma no final da noite, com o dinheiro que fizesse com *lap dances*... depois de ter dado gorjetas ao bar, à porta, às garçonetes e ao pessoal da segurança. Portanto, seria *conveniente*, Gary disse, satisfeito com a palavra escolhida, que ela conseguisse o maior número de drinques possível com suas *lap dances*.

Quanto às regras: bem, desde a desregulamentação, valia tudo. Nenhuma regra para não tocar, nenhuma regra para manter um metro de distância e nenhuma obrigatoriedade de cobrir nada. Gary gesticulou, indicando uma das cadeiras de braço alinhadas contra a parede, onde uma dançarina estava sentada nua no colo de um cliente, as pernas abertas, os dedos dele enfiados nela até a terceira junta. A cabeça do cliente estava inclinada para trás, contra a parede,

enquanto a dançarina se movia distraidamente.

– Obrigado, Suprema Corte do Oregon – Gary disse, com um sorriso implícito, mas a expressão do rosto impassível.

Ela não tinha que fazer isso, é claro. A questão era que podia fazer o que bem entendesse. Podia atear fogo a seus pelos púbicos que Gary não estava nem aí. Só havia um senão.

– Você não pode ser Mercy. Já temos uma.

A primeira dança de palco de Starr foi em uma quinta-feira à tarde, cedo demais, embora não se soubesse que horas eram dentro da boate sem janelas, onde a máquina de fumaça funcionava dia e noite. Ela se contorceu desajeitadamente ao som da música, deslizando de dentro de seus trajes improvisados de menina comum, montado às pressas com um fio-dental roubado de uma loja do centro comercial, e aguardou a sensação de estar exposta e em perigo. Porém, quanto mais se aproximava a hora de tirar o fio-dental pelos tornozelos, mais vestida se sentia. Nua no palco, exceto pelos saltos plataforma amarelos-néon, era inacessível, apenas mantinha uma armadura que jamais poderia ser retirada.

Quando desceu do palco e caminhou entre suas presas, a sensação diminuiu – eram melancólicos clientes diurnos, e como havia uma boate em cada esquina, nada era novidade. A recente desfeita das leis de defesa da moral e dos bons costumes significava que as strippers podiam usar o corpo para arrancar dinheiro das carteiras com descarada agressividade. Algumas das garotas terminavam cada dança deitadas de costas, os braços colados no chão, agitando as pernas como estranhas plantas subaquáticas, os genitais nus erguidos à altura do rosto do cliente. Estavam secos como bocas abertas por muito tempo e tão impessoais quanto frangos de borracha, mas não importava. Os homens ficavam hipnotizados, espiando dentro da pele permanentemente arrepiada, como se pudessem, pela simples força da vontade, transformá-la em intimidade cálida e úmida. Starr tentou o movimento de helicóptero em casa certa vez, mas seus músculos abdominais eram patéticos. Ela mal conseguia fazer os movimentos mais básicos do pole dance, embora estivesse aprendendo com as colegas de moradia, a maioria das quais também eram dançarinas.

Gary lhe indicara o edifício vitoriano na Hawthorne; metade dos degraus da frente estavam apodrecidos; janelas remendadas com fita isolante vazavam e

transpiravam na garoa incessante. Starr não deixava nada lá. Sua mochila cheia de troféus e sua coleção lentamente crescente de trajes estavam mais seguros em um armário com fechadura no Rose; e ao redor do tornozelo usava sua única joia, o cordão de ouro com o pingente em forma de cavalinho, enquanto dançava.

Por mais pegajosas que fossem as luzes quentes em sua pele suada e o gosto amargo da máquina de fumaça no fundo de sua garganta, não havia dúvida de que Starr era uma terrível dançarina de palco. Seus *lap dances* eram mais bem-sucedidos. Ela detestava descer do palco para a plateia, entre olhares e apalpadelas, e ficava distante e mal-humorada. Ainda assim, tem seu próprio apelo para alguns e Starr conseguia seus clientes exatamente da mesma maneira que as garotas que riam e flertavam. Entusiasmo não era ingrediente necessário, desde que seguisse o script, e as falas eram quase dolorosamente fáceis de memorizar; não importava se acreditavam nela ou não, tudo fazia parte da transação. Ela aprendeu a quais clientes dizer que era apenas sua primeira ou segunda vez fazendo aquilo, a quais dizer que estava economizando dinheiro para a faculdade ou para alguns novos brinquedos para seu filho. Com outros, não dizia absolutamente nada a respeito de si mesma, apenas fazia uma espécie de som ronronado, como se estivesse se sentindo com sorte de estar rebolando em cima dos genitais deles.

Entretanto, havia strippers demais e poucos clientes. Algumas garotas reviravam os olhos a respeito da desregulamentação, reclamando que nada pior poderia ter acontecido. Em algumas noites, Starr quase não levava nada para casa depois de pagar as gorjetas. Além disso, havia um milhão de maneiras pelas quais se podia estragar tudo numa fração de segundo, entre um sorriso e um aceno com a cabeça. Tinha visto garotas serem seguidas até os fundos em seus intervalos para fumar por seus clientes favoritos, depois de uma oferta para fazer um pouco de dinheiro extra, e depois aparecerem nessa mesma noite com um olho roxo ou um osso quebrado, ou simplesmente não aparecerem mais.

Lembrando-se dos Petes, Starr não tinha interesse nessas transações avulsas. E se negasse muitas vezes, arriscava-se a perder um cliente regular, o que significava perder um cliente regular da boate, e isso também não era bom. Assim, sua função era não dizer nada, não dar a entender nem que sim, nem que não, mas manter o ar de quem poderia dizer sim um dia, como estivesse apenas esperando pelo momento certo. Era uma educação em desaparecer.

A formatura veio quando outra dançarina lhe deu um tubo já pela metade de tinta Manic Panic em um tom imperdível de vermelho e disse:

– Acredite-me, vai sobressair sob as luzes. – Conselhos dessa natureza não aconteciam com frequência, de modo que Starr pegou-o e descobriu que ser mais vistosa do lado de fora significava, paradoxalmente, criar um esconderijo ainda mais escuro do lado de dentro.

Pelos próximos oito meses, ela aprendeu que não tinha que ser apenas cabelos; podia ser um sotaque, um sobrenome estranho ou uma tatuagem falsa na nuca. Podia ser um delineador de olhos azul brilhante, um par de botas de caubói ou algo insólito que inventasse na hora quando os clientes lhe perguntavam de onde era: uma fazenda onde crescera, uma bailarina famosa com quem havia estudado. Quando se tinha a sua aparência, com maçãs do rosto proeminentes, olhos sem expressão como os de uma boneca Kewpie, as pessoas aceitavam qualquer coisa a seu respeito, exceto a verdade. Quer dissesse que havia sido uma estrela pornô ou que lutava por dinheiro, acreditavam nela, de uma forma que nunca acreditaram nem se importaram sobre sua fictícia irmãzinha ou cursos na faculdade local. Ela começou a ganhar muito dinheiro, comprando quatro danças no palco por noite e entretendo mesas de doze clientes ou mais que iam lá só para vê-la. Mais ainda, compravam drinques para quaisquer garotas que Starr levasse para a mesa e isso amansava as outras dançarinas.

Depois de um turno particularmente cheio, ela e algumas das outras garotas desceram a rua e fizeram tatuagens iguais da rosa aberta e espinhosa, como a do letreiro da boate. Não sabia em que mais podia gastar dinheiro de um modo que não a acabrunhasse.

A outra lei de ser altamente visível era precisa, ir embora enquanto ainda estivesse brilhando. Assim, quando um grupo de mulheres começou a frequentar o Black Rose durante seus turnos, Starr passou a lhes prestar atenção.

Lina, abreviação de Carolina, era uma salvadorenha de 55 anos, com uma cabeleira curta e grisalha, um pescoço largo e um corpo roliço e agradável. Lina sempre aparecia na boate com sua namorada, Heidi, que se parecia um pouco com Starr sem maquiagem. Então, certa vez, Lina foi sem Heidi, e Starr, que estava pronta para deixar a boate e sair da casa Hawthorne, entendeu o recado. Ela foi embora com Lina ao fim de seu turno.

Lina vivia em uma enorme casa vitoriana em Northeast, tão lá no alto que era praticamente construída sobre estacas. Uma planta rasteira que forrava o terreno derramava-se por cima do muro de concreto coberto de musgo que mal impedia que o jardim da frente desmoronasse na rua. Uma escadaria de pedras pontilhada de tufo de minúsculas violetas fechadas no frio do fim da madrugada levava da calçada à porta da frente. Starr subiu na frente, passando por retorcidos bordos japoneses com gravatinhas e brincos-de-princesa, cujas flores rosa pareciam paralisadas em se abrir. Os degraus de pedra bruta pareciam intermináveis após um longo turno, mas quando Starr chegou ao topo, percebeu que valia a pena. O vitral oval na porta começava a capturar os primeiros raios de sol.

Lina abriu a porta e deixou que Starr entrasse. O assoalho era de madeira fria e lustrosa, coberta com um tapete grande e macio de pelo branco-amarelado.

– Alpaca – Lina disse, observando o rosto de Starr enquanto apertava os dedos dos pés no tapete felpudo. – Da minha terra. São muito baratos lá. Eu comprei este por trezentos dólares.

Não parecia barato para Starr, mas ela apenas disse:

– É bonito.

O teto da sala de estar era abobadado e havia um quadro abstrato pendurado na parede. Pareciam frutas derrubadas de uma grande altura.

– Foi você quem pintou? – ela perguntou.

– Na verdade, sim – Lina respondeu. Sua voz endureceu e ela olhou à volta da sala distraída. – Gosta?

– Me deixa um pouco zonza – Starr disse sinceramente. – Posso me deitar?

– Claro – Lina disse, conduzindo-a para fora da sala de estar abobadada para uma sala ao lado, revestida de madeira rústica, onde havia uma cama alta coberta com um edredom cintilante laranja-avermelhado. As venezianas de madeira estavam cerradas e o aposento, maravilhosamente escuro. Sem hesitar, Starr tirou os sapatos e subiu no colchão, que afundou sob seu peso. Deslizou para o centro e deitou-se de costas, exausta, fitando o ventilador de teto, de madeira escura, imóvel. Imaginou o que deveria se passar pela cabeça de Heidi quando olhava o ventilador de teto. Onde Heidi teria trabalhado quando Lina apareceu? Ela teria se apaixonado por Lina?

– Por que não me diz o seu verdadeiro nome? Não acho que seja Starr.

Podia sentir as minúsculas contas bordadas na colcha machucando suas

costas, como em *A princesa e a ervilha*.

– Violet – ela disse, pensando nas flores roxas do lado de fora no gramado íngreme. Não era o nome mais convincente que já tinha inventado, mas ela precisava de algo tão bom quanto Heidi – que certamente também inventara seu nome, antes de ser extraída primorosamente como um dente, de modo que Starr pudesse ocupar seu lugar na cama. Não seria mais fácil se pudesse simplesmente usar o nome de Heidi? Ela se imaginou dizendo “*Heidi*” e Lina dizendo “*Que coincidência*”.

Mas a cama era o lugar mais macio em que já estivera nos últimos meses e ela acidentalmente disse a segunda parte em voz alta. No exato momento em que Lina perguntou “*Que coincidência?*”, Starr desviou os olhos do ventilador e adormeceu.

8

Quando a porta se fecha, o lustro de animação que Jane traz para a casa desaparece e os perturbadores segredos que Julie e eu compartilhamos se desprendem, enchendo a cozinha como uma fragrância ruim.

– Como está se sentindo hoje? – pergunto.

– Ok – ela diz, colocando a mão na barriga. – Como uma cólica menstrual.

Balanço a cabeça, lembrando-me do meu aborto.

– Você contou a Jane?

Julie sacode a cabeça.

– Não. Estávamos nos divertindo. Eu não queria fazê-la se sentir mal.

– Sabe, podia ter me chamado para vir pegá-la. Se quisesse sair de casa. – Julie fica em silêncio. – Podíamos ter saído para almoçar ou algo assim. Fazer compras.

– Mais compras? – ela diz com uma pequena risada. Em seguida, exibe uma expressão agradecida. – Eu só queria minha irmã.

Agora ela se foi... A segunda parte da declaração segue em seu rastro como um fantasma.

– Fico feliz que vocês tenham passado um tempo juntas. E lamento muito pelo modo como me comentei. Eu só queria saber onde vocês estavam. – Escolho as palavras com cuidado, dando-lhe bastante espaço, como se ela fosse uma corça atrás de uma árvore em vez de uma jovem atrás de uma tábua de açougueiro.

– Sinto muito por isso – ela diz. – Acho que eu estava começando a me sentir um pouco... presa.

Não consigo nem pensar no que essa palavra deve significar para ela. Ouvi-la falar é diferente de quando Tom disse isso na noite anterior. O que me faz sentir presa também, sufocada pela dor. Como se ela estivesse me mantendo em um aposento com todas as luzes apagadas. Luto contra as evidências de suas

mentiras, o papel dobrado no bolso da minha calça jeans, mas tenho tanto medo de confrontá-la que, em vez disso, acabo dizendo:

– Julie, acho que está na hora de comprarmos um celular para você.

Ela nem pisca. Faço uma pausa antes de continuar.

– Por Tom e por mim, na verdade. Para que possamos nos contatar, se precisar.

Eu devia ter esperado mais um pouco? Sua boca estava se abrindo para me dizer a verdade quando a interrompi? *Já tenho um, está na minha bolsa, eis uma explicação plausível de como eu o consegui, juntamente com todas as minhas razões por não ter mencionado.*

De qualquer modo, o que ela diz agora é:

– Obrigada, mãe. – E sinto um estranho alívio por não ter que ouvir ainda a explicação plausível, as razões certas. Julie continua: – Posso lhe perguntar uma coisa que está me preocupando?

– Claro. – *Talvez esteja vindo agora, afinal de contas.*

– Estou meio preocupada com... dinheiro.

É tão inesperado, tão diferente de algo que Jane, por exemplo, diria, que apenas repito a palavra automaticamente.

– Dinheiro?

– Bem, sei que terei que arranjar um emprego em algum momento.

– Ah, querida, não precisa pensar...

– Mas eu tenho que pensar nisso. Tenho, sim – ela insiste. – Não temos conversado sobre como foi para vocês depois do que aconteceu, mas eu sei que devem ter gastado muito... quero dizer, sei que é caro. Eu... vi os cartazes.

– Você viu?

– Procurei material sobre meu caso na internet – ela diz.

Terá usado o computador de Tom? Ou o celular secreto?

– Eu só... sei que papai deixou o emprego. E Jane está na faculdade...

– Seu pai está se saindo bem, e eu também. Estamos bem, Julie.

– ... e agora eu estou aqui.

– O que é a melhor, a mais feliz e maravilhosa coisa que poderia nos acontecer.

– Eu sei. É só que... – Ela levanta as mãos. – Tenho que descobrir o que vou fazer da minha vida. – E em seguida, em um tom ligeiramente diferente: – Andei

procurando emprego, sabe?

A informação me pega desprevenida.

– Que tipo de emprego?

– Ah, qualquer coisa – ela diz evasiva. – Barista, caixa. Até fui ao bar da esquina no outro dia... me esqueci do nome... para perguntar se queriam um lavador de pratos.

Levo alguns instantes para perceber de que bar ela está falando. Aquele barzinho tristonho, imundo, no centro comercial perto da estrada? Billy's ou Bobby's ou algo assim? Ela foi *lá*? Está observando meu rosto, examinando minha expressão hesitante, de modo que procuro parecer esperançosa, como se estivesse esperando sem julgamentos que ela terminasse de falar.

– Também tentei o Starbuck's – ela continua rapidamente –, mas acabei não me inscrevendo lá. Estava cansada demais. E um pouco zonza, acho que dos analgésicos. Foi quando liguei para Jane.

– De um telefone emprestado – acrescento. Não consigo me conter.

– Sim. Não sei por que não liguei para o papai, só que eu sabia que Jane estava com o carro e que ele teria que caminhar no calor para ir me buscar. Não queria incomodar demais. E eu estava me sentindo um pouco... não estava pensando com clareza.

Toda esta conversa é uma mentira.

– De qualquer modo, eu queria lhe dizer... sinto muito por tudo isso, mas eu quero que você saiba por onde tenho andado. – Ela respira fundo, preparando-se para a grande revelação. – Nas últimas semanas, eu não tenho ido à terapia.

Eu me preparo. Julie vai me contar tudo. E fará sentido. Vai fazer perfeito sentido.

– Fiquei dirigindo à toa por aí – ela diz, e então será mais outra mentira, penso, mas imediatamente depois não tenho tanta certeza. – Não consigo pensar em todo o dinheiro que isso está custando, então apenas cancelo, e depois dirijo por aí tentando imaginar o que vou fazer. Se eu arranjar um emprego, como garçonne ou algo assim, posso estudar para o supletivo à noite, e depois... talvez possa ir para a faculdade também. Como Jane. – Ela ergue os olhos nessa última frase com um tipo absurdo de esperança, desafiando-me a não acreditar na emoção por baixo daquelas palavras. Funciona. A ideia de todas as oportunidades que Jane tem tido, todas as oportunidades que Julie perdeu e que jamais poderão

ser recuperadas, é paralisante.

Minha cabeça dói de tentar separar o que é verdade do que não é.

– Isso é... fico feliz que esteja pensando no seu futuro – consigo dizer. – Quero dizer, quero tudo isso para você também, se for o que você quiser. Mas, por enquanto, você precisa de terapia. Pode ser com outra pessoa, se você não gostar dela. O dinheiro não tem nada a ver com isso. Estamos bem, vamos conseguir.

– Vocês já gastaram tanto comigo – ela pressiona. – Todas essas roupas, móveis novos, e agora um telefone. E se algum dia conseguir recuperar os estudos e ir para a faculdade... não sei quanto custa uma faculdade, mas duvido que haja bolsas de estudo especiais para jovens sequestradas.

A palavra *bolsas de estudo* me faz pensar em algo.

– O Fundo Julie – digo.

– O que é isso? – ela pergunta.

– O fundo de doações públicas em seu nome. Foi como pagamos pelos outdoors e pelo dinheiro para resgate e... todo o resto. Nós? Tom, o contador, pagou. Ele lidou com tudo, enquanto eu... quem sabe o que fiquei fazendo. Mal me recordo dos dias, semanas, meses. – Houve uma quantia reservada para resgate. Íamos usá-lo para instituir uma bolsa de estudo em seu nome se... – Não consigo terminar.

– Não podemos usá-lo agora? – ela pergunta. – Quero dizer, eu voltei.

– Não funciona assim – respondo, tateando por lembranças nebulosas em busca dos detalhes. – Há restrições para o que doações públicas podem financiar e alguém que não seja da família tem que ser o responsável. Tom e eu nem podemos fazer um resgate sem entrar em contato com o administrador do fundo.

Quando percebo que não sei a resposta para a pergunta seguinte que vai fazer, ela a faz:

– Quem é o administrador do fundo?

– Ah, eu teria que ver com seu pai – respondo de maneira pouco convincente.

– Mas você é a única beneficiária.

Ergo os olhos e vejo que ela está me fitando.

Quase posso ver as palavras seguintes se formando em seus lábios, de modo que antes que ela pergunte, eu digo:

– Algo em torno de cinquenta mil dólares.

Julie nem tenta esconder o quanto a quantia é muito maior do que esperava.

– Nossa – ela diz. E em seguida as lágrimas começam a fluir aos seus olhos azuis, seu queixo estremece. – Vocês devem realmente ter tentado me achar.

Somente depois que ela sobe para tomar um banho e ouço seus soluços vindos do banheiro, é que me pergunto como pôde ter lido o suficiente para encontrar os outdoors sem se deparar com alguma notícia sobre o Fundo Julie.

A garota nova

estava pensando sobre seu próximo nome enquanto observava Mercedes agarrar o lençol e esticá-lo com uma das mãos, levantar o canto do colchão com a outra, dobrar um triângulo branco, alisar e enfiá-lo embaixo. Antes que ela pudesse aprender o truque da dobra, Mercedes já havia terminado e passado para o seu lado da cama. A mulher com mais experiência precisou de apenas quinze segundos para desfazer a péssima tentativa da garota nova de prender o lençol como uma perfeita dobra hospitalar e refazê-la.

– É mais ou menos como colocar uma fralda – disse a garota nova.

Mercedes parou o que estava fazendo – movendo-se rapidamente de um canto para o outro do colchão enquanto prendia a borda inferior do lençol – e revirou seus extraordinários olhos azuis.

– Acho que você também nunca fez isso, não é?

A garota nova sentiu-se corar.

Mais tarde, quando estavam juntas no closet de material de limpeza, carregando o carrinho com rolos de papel higiênico, Mercedes disse:

– Você tem filho pequeno? – A jovem não respondeu de imediato. – Eu não deveria perguntar.

A garota nova deu de ombros e passou a palma da mão de leve por cima das pontas dos sprays pendurados no carrinho, procurando os vazios.

– Você tem filhos? – ela perguntou.

– Dos, e para mim já chega – respondeu Mercedes, fazendo o sinal da cruz com uma risada. – É tudo que consigo criar.

– Eu não consegui criar nem um.

– Você é muito nova – Mercedes disse. – Melhor esperar até ter a minha idade.

– Quantos anos você tem?

– Vinte e quatro.

Pareceu bastante idade para a garota nova, com inveja. Levou um susto quando ficara sem dinheiro para o ônibus em Eugene e descobrira, na primeira boate de striptease que tentou, que era preciso ter 21 anos para trabalhar ali. Seus documentos falsos eram suficientes para fazê-la entrar nos bares, mas sabia que nunca sobreviveriam a uma inspeção mais cuidadosa no escritório dos fundos de uma boate onde bebidas alcoólicas eram servidas. Ainda assim, ela fizera uma tentativa com Jessica Morgenstern, sua loura de olhos azuis do Texas, de 22 anos, em uma segunda boate.

O sujeito mal olhou para o documento sob a luz negra antes de atirá-lo de volta para ela.

– Tente do outro lado do estacionamento – ele disse. – Eles contratam ilegais lá.

A garota nova agarrou a identidade falsa de volta e atravessou o estacionamento para o Budget Village Inn and Suites. Camareiras ganhavam gorjetas, não é? Ela não estava inteiramente convencida, mas o pessoal do motel estava sobrecarregado naquela manhã por causa de um jogo de futebol da faculdade. Mal teve tempo de pensar, muito menos de apresentar a identidade falsa, antes que o gerente da recepção, equilibrando o receptor do telefone em um dos ombros, lhe empurrasse um uniforme por cima do balcão e lhe indicasse o carrinho de Mercedes mais adiante no corredor.

– Só faça o que ela lhe disser, *compreende?* – ele disse, com a mão tampando o bocal, mal olhando para a garota nova.

Nos fundos do motel, um grande depósito cheio de móveis quebrados catados dos quartos abrigava um grupo de trabalhadoras sem documentos nem familiares na cidade. A jovem com quem compartilhava um colchão de molas resmungava enquanto dormia, mas ao menos era uma cama. No começo, o trabalho também parecia bom, e a garota se parabenizou por suas costas e pernas vigorosas, fortalecidas por cavalgar em Red Bluff.

Mais perturbadoras para ela foram as multidões de universitários e seus pais, todos paramentados com camisetas verdes e amarelas com um pato – o mascote – bordado. Barulhentos, arrogantes e sempre aborrecidos quando elas tinham que atravessar para o outro lado do saguão para acomodar os rangentes carrinhos de limpeza. Ela olhava mais intensamente para as garotas louras, de rabo de cavalo. Quando entrava em seus quartos, tocava em pulseiras de amuletos

deixadas descuidadamente sobre as cômodas, frascos de condicionador de cabelos de aspecto caro nos boxes do chuveiro, sacolas esportivas de marca cheias de sandálias e pijamas cor-de-rosa pelo chão.

No terceiro dia, dores excruciantes começaram nos ombros, região lombar, pescoço e braços da garota nova. Ela mal conseguia sair da cama do depósito, e usar o aspirador de pó causava dores agudas de cabeça, no ritmo do ronco da máquina. Naquela manhã, enquanto Mercedes limpava um banheiro, a garota nova aproveitou um instante para massagear os ombros enquanto o aspirador de pó ficava parado. Ela viu uma longa fita verde e amarela na cômoda, ergueu-a e amarrou-a em volta de seu próprio rabo de cavalo, contraindo-se com a queimação em seu tríceps. Em seguida, olhou-se no espelho e apertou os lábios em um sorriso mudo. Quando ouviu a descarga, fraca e distante por trás do barulho do aspirador de pó, ela arrancou a fita. Mercedes emergiu do banheiro segurando um diminuído rolo de papel higiênico e pronunciando exageradamente a palavra *Reabastecer*.

Depois que terminaram com o que tinham que fazer no armário de abastecimento, Mercedes disse:

– Sei onde você anda dormindo e, menina, você vai acabar com suas costas desse jeito. Venha para minha casa esta noite. Temos uma cama extra agora que minha prima se mudou.

A garota nova balançou a cabeça e Mercedes sorriu levemente, antes de empurrar seu carrinho para fora, para ir bater no quarto seguinte.

A casa de Mercedes era um apartamento no segundo andar de um prédio de tijolos vermelhos a cerca de uma hora de ônibus, incluindo quinze minutos esperando por uma baldeação na garoa. A garota nova não gostou de ter que tirar o preço da passagem de ônibus de suas parcas gorjetas, mas quando subiram as escadas depois de já ter escurecido ela pôde ver pelo vapor na janela da cozinha que uma refeição a aguardava. Mercedes abriu a porta para os sons aconchegantes de comerciais de televisão e uma torneira aberta, e o maior de dois meninos deitados em frente à TV olhou por cima do ombro e disse “Oi, mamãe”, virando-se novamente quando um desenho começou.

Da cozinha, uma mulher já conversava com Mercedes em espanhol, desfiando os acontecimentos de um dia exaustivo, ao que parecia. Mercedes cortou-a, também em espanhol, e gesticulou, indicando a garota nova, que fechou a porta

atrás delas e relaxou no apartamento barulhento e fumegante. A mulher que se virou da pia da cozinha parecia uns dez anos mais velha do que Mercedes, mas era difícil dizer sob a pesada maquiagem.

– Esta é minha irmã, Lucia. Sente-se – Mercedes ordenou, apontando, depois deslanchou uma nova rodada de espanhol dirigindo-se à irmã e gesticulando para o único prato posto na mesa. A mulher mal olhou para a garota nova e, sem sorrir, deu de ombros. Sem uma palavra, abriu o armário da cozinha, retirou um prato, pegou talheres de uma gaveta e arrumou tudo no balcão que separava a cozinha da sala de jantar. Em seguida, pegando a revista que estava aberta diante dela na bancada, saiu da cozinha, passou pelas crianças na sala de TV e entrou no corredor.

– Ela está bem? – A garota nova sussurrou quando Mercedes deu a volta no balcão, entrou na cozinha e começou a pegar colheradas de frango com arroz de uma panela no fogão, colocando-as no prato.

– Está bem, ela é ok. E toma conta das crianças até eu chegar em casa, depois tem que ir dormir para se levantar cedo e abrir a loja de departamentos.

Quando Mercedes terminou de servir seu próprio prato e o levou para a mesa, outra TV fora ligada no quarto dos fundos, vozes em espanhol perfeitamente audíveis através das paredes finas, chocando-se com as vozes dos desenhos em inglês.

– Coma.

A garota nova obedeceu. A comida era boa e ela elogiou.

– Faz algum tempo que não come comida caseira, não é? Lucia é uma boa cozinheira. Ela não deixa eu pegar McDonald's para todo mundo no caminho de volta. Diz que os meninos têm que comer tudo fresco. – Deu de ombros sobre uma garfada de frango. – Eu não poderia fazer comida com o meu horário no motel, mas ela vai tentar conseguir um emprego para mim na loja quando já estiver lá há algum tempo.

A garota nova sentiu o calor reconfortante da refeição espalhar-se pelo corpo. A coxa de frango em seu prato estava tão macia que a carne se soltava do osso com um leve toque do garfo. Ela pensou como seria ter uma amiga, alguém com quem conversar enquanto esperavam no ponto do ônibus. Imaginou-as em seus uniformes, lado a lado no ônibus, rindo sobre... o quê?

– É a minha vez!

– Não, *minha!*

Os créditos do desenho animado já estavam rolando e os garotos brigavam pelo controle remoto. Quando um deles começou a choramingar, Mercedes virou bruscamente a cabeça, o sorriso desaparecendo de seu rosto como uma máscara.

– Meninos! – ela gritou. – Hora de ir para a cama! Estarei no quarto de vocês para colocá-los para dormir em cinco minutos, portanto, comecem a escovar os dentes *agora!* – Olhou novamente para a garota nova com um ar de desculpas. – Vou arranjar lençóis limpos para você e colocar as crianças na cama. Coma mais se quiser e veja TV. – Ela gesticulou vagamente, depois se levantou e atravessou a sala, parando algumas vezes para apanhar brinquedos espalhados pelo chão antes de desaparecer no corredor.

Enquanto portas de um closet se abriam e se fechavam em algum lugar no apartamento e os dois garotos disputavam alguma coisa – “Me dá isso!” –, a garota nova olhava a bolsa de Mercedes onde estava, o zíper aberto, sobre a bancada da cozinha. Metade de seu cérebro ainda estava no ônibus, indo para o trabalho no dia seguinte, e a outra metade estava somando suas gorjetas, subtraindo a passagem do ônibus, calculando se o resto daria para tingir o cabelo de castanho. Não havia nenhuma necessidade de roubar dinheiro, quando tudo que havia entre ela e o verdadeiro potencial de ganho era um pequeno retângulo de plástico dizendo *Mercedes Rodriguez, Califórnia, cabelos castanhos, olhos azuis, vinte e quatro anos*, jogado em uma bolsa aberta a um metro de distância. Se o universo estava distribuindo clemência, ela aceitaria.

9

Tom não volta para casa depois de tomar o café da manhã com Jane. Também não volta para o almoço.

Ocorre-me pela primeira vez que Tom nem sequer mencionou o Fundo Julie depois que nossa filha voltou. Sem dúvida, ele pensou no que poderíamos ou deveríamos fazer com o dinheiro – se deveríamos prosseguir com a bolsa de estudos em nome de Julie ou se, como ela mesma sugeriu, poderíamos convertê-lo em um tipo de bolsa de estudos para ela. Talvez, agora que Julie tem 21 anos, o dinheiro e a decisão sejam dela. “Única beneficiária.” E quanto aos gestores, o administrador? Tom lidou com todo mundo, até mesmo com nosso advogado, por tanto tempo que me vejo completamente perdida, sem saber por onde começar.

A escrivanhinha de Tom está no quarto onde Julie está deitada, dormindo. Dei um Valium para ela depois que saiu da banheira e ela o engoliu com a pele ainda fumegando, enfiou-se debaixo das cobertas, de roupão de banho e tudo, e imediatamente fechou os olhos inchados.

Desço o corredor e, depois de ouvir por um instante sua respiração suave de fora da porta, abro apenas uma fresta. Julie não se moveu, nem mesmo para se virar; as cobertas ainda estão do mesmo jeito que as ajeitei, os cabelos vermelhos arrepiados em estranhas direções, como acontece com cabelos curtos quando se vai dormir com eles molhados. Posso ver uma leve sombra rosada filtrando-se debaixo de sua cabeça sobre o travesseiro.

Viro-me de costas e sento-me à escrivanhinha de Tom, ciente do guincho ampliado da cadeira de escritório, do som quebradiço de suas rodinhas rolando sobre o suporte plástico. Em certo momento, viro bruscamente a cabeça, certa de ter ouvido Julie se mexer, mas ela continua deitada, imóvel, de costas para a escrivanhinha.

A escrivaninha de Tom é quase assepticamente organizada, os instrumentos perfeitamente arrumados em porta-lápis divididos em seções, os blocos de anotações e papel quadriculado são empilhados em divisórias de bandejas e tela de arame. Um cacto minúsculo, de agulhas secas, empoleira-se no parapeito da janela atrás da escrivaninha, pegando apenas uma nesga de luz pelos dez centímetros de suspensão das persianas de ripas largas. No canto da escrivaninha, vê-se um retrato de nós quatro e, em frente a ela, um instantâneo de Julie – não o que usávamos para a foto de pessoa desaparecida que esteve em todos os noticiários, mas uma feita no Grand Canyon, durante as últimas férias em família. É uma foto posada. Dessa viagem, há incontáveis fotos de Jane com uma perna em cada lado de um vão, os pés em duas rochas, as mãos nos quadris, os cotovelos virados para fora. Julie, que atravessara um surto de crescimento e parecia não saber ao certo o comprimento de seus braços e pernas, estava sempre escorregando quando escalávamos as rochas e costumava ficar bem longe da borda. Na foto, ela está empoleirada, vacilante, em cima de uma pedra, um pé à frente, cotovelo no joelho, queixo na mão.

Após um instante, mexo o mouse e fico aliviada ao ver que o monitor se acende sem pedir senha. A foto no monitor é uma paisagem, alguma ilha tropical genérica ao pôr do sol e os arquivos estão arrumados com meticulosa precisão. Faço uma busca de arquivos, digitando palavras-chave uma após a outra – *Julie, fundo, trustee, gestores, doação, resgate* – achando que devia haver uma planilha em algum lugar, um registro da entrada de doações e de despesas relativas às buscas, no mínimo um arquivo com as informações de contato dos gestores. Nada aparece e imagino se Julie fez a mesma pesquisa recentemente. Se assim for, ela não teve mais sorte do que eu. Abro o navegador da web e verifico o histórico – nada. O que, considerando-se que ela acabou de me contar que tem verificado seu caso na internet, faz parecer que a própria Julie limpou o histórico do navegador.

Afastando esse pensamento, começo a abrir as gavetas da escrivaninha, mas encontro apenas recarga para lapiseiras vazias, elásticos e cliques de papel. Uma gaveta lateral guarda pilhas de formulários de impostos em branco que fazem minha cabeça girar só de olhá-los. Fecho todas o mais devagar possível e forço o puxador da gaveta de arquivos. Trancada.

Droga.

Quem precisaria de senhas de computador se mantém documentos debaixo

de sete chaves? Devem ser pastas de clientes – altamente confidenciais. De repente, tenho certeza de que as informações sobre o Fundo Julie estão nesta gaveta. Acho que vi uma chave de escrivaninha no chaveiro de Tom antes, mas chaves sempre vêm em duas; deve haver uma sobressalente em algum lugar. Abro a gaveta rasa outra vez para ter certeza de que não há nenhuma chavinha misturada aos cliques de papel. Inspirada, levanto o separador de plástico e espio embaixo dele, onde encontro poeira, mas nenhuma chave.

Abro as demais gavetas rasas, dando uma busca, mas não há nada. Como alguém pode esperar encontrar alguma coisa em toda aquela arrumação?

Desta vez, o barulho atrás de mim é real e me viro bruscamente, encolhendo-me com o ranger da cadeira. Julie virou o rosto, mas seus olhos ainda estão fechados e, após outro murmúrio e um suspiro, aquieta-se outra vez. Será que estaria fingindo? Se abriu os olhos e me viu, fechou-os quando me virei. Depois de um susto, em que meus membros ficam entorpecidos na expectativa de seu mais leve movimento, decido que não importa. Se ela me viu, já é tarde demais, e portanto é melhor que eu consiga o que vim buscar. Talvez não tenha visto. Prefiro acreditar nessa última hipótese, vasculho a escrivaninha mais uma vez, à procura do esconderijo da chave.

Nunca fui bisbilhoteira. É de imaginar que depois do desaparecimento de Julie eu passasse a vigiar Jane como um falcão, patrulhasse seu celular, quando ganhou um, verificasse contatos e histórico de mensagens, lesse seu diário – não que o diário de Julie, que a polícia vasculhou, contivesse qualquer coisa mais interessante do que trekking, deveres de casa e *i's* com pingos em forma de coração. Ainda assim, costumava pensar que, ao resistir à vontade, eu estava respeitando a privacidade de Jane. Agora percebo que a vontade nunca esteve lá; simplesmente não queria saber. A rebeldia de Jane era saudável, compatível com a idade – os cabelos coloridos, os piercings. O que eu ganharia bisbilhotando? Achei que se a deixasse ter seu mundo particular, se a deixasse bater a porta e ouvir suas músicas, um dia Jane sairia lá de dentro e me agradeceria por lhe dar espaço. Agora que foi embora, saiu da cidade, do estado, percebo que ela me *queria* vigilante. Lembro-me da pilha de cadernos que carregava quando deixou a casa hoje de manhã. Eram diários. Na verdade, deixou seus antigos diários em casa quando foi para a faculdade e deixou para que eu os encontrasse. E agora começo a compreender a falta que faço para ela, já é tarde demais.

De repente, sei onde a chave está e que Tom a escondeu não só do mundo inteiro, mas especificamente de mim. Ele a guardou no último lugar onde eu procuraria.

Pego a foto de Julie, viro-a e encontro a chave embaixo de um dos prendedores de metal. Retiro-a. Abro a gaveta. No fundo, atrás de quarenta centímetros de arquivos de clientes, há um arquivo sem identificação. Eu o retiro. Em seguida, reagrupos os arquivos para esconder a falta deste da melhor forma possível, tranco a gaveta, guardo a chave novamente em seu lugar e saio do quarto repleto do hálito quente e sonolento de Julie, tão rápida e silenciosamente quanto possível, levando a pasta comigo.

Esperava, talvez, que fosse mais volumoso, um arquivo empoeirado, cheio de recortes de jornal, nossa correspondência com o grupo de pais, a mídia e a polícia. Em vez disso, encontro alguns formulários grampeados, dobrados, porque são maiores do que o tamanho carta: os documentos do banco para instituir o truste. Passo os olhos por cima, mas tudo é jargão, impenetrável como um tijolo para mim. Há alguns documentos anexos e quando os desdobro vejo a assinatura reconhecida em cartório no pé do formulário do administrador do fundo. *Alma Josefina Ruiz*. Não faço a menor ideia de quem seja, mas é ela quem segura os cordões da bolsa do que, agora vejo, era a impressionante soma de doações de 240 mil dólares em 2008. Quem sabe o que resta agora, mas deve ser o suficiente para pagar as aulas do supletivo ou mesmo alguns anos de faculdade se Julie entrar para uma estadual.

Não me lembro de nenhuma Alma. Mas não me recordo muito de nada desse período. Bebia muito. Dormia dias seguidos. Tomava pílulas para conseguir dormir à noite mesmo depois de ter dormido o dia inteiro. Acima de tudo, eu não queria saber dos detalhes. Queria que tudo ficasse nebuloso, se esvaísse, desaparecesse para sempre. Queria que me deixassem sozinha. Agora, deparando-me pela primeira vez com tudo que bloqueei cruamente quantificado em dólares, finalmente vejo o quanto consegui me tornar solitária.

Verifico a hora e me pergunto quando Tom chegará em casa. Ele costumava ir às reuniões do grupo de apoio a pais de crianças desaparecidas nas noites de domingo, mas será que ainda vai, agora que Julie está em casa? Ele pode ir? Como seria estar cercado pelos rostos daqueles cujas filhas ainda estão desaparecidas depois que suas próprias preces foram atendidas?

Então, eu me lembro.

Pergunte a Alma se alguém sabe como é a filha dela.

Foram os outdoors. A última vez que fui à reunião do grupo de apoio com Tom, eles se dirigiram a nós, a mim, a respeito dos cartazes.

– Sua filha está por toda parte – uma mulher, acho que seu nome era Connie, disse naquela última noite. – Vejo o rosto dela toda vez que saio da loja da esquina. Quando foi a última vez que você viu o rosto de minha filha Shawna? Vocês sequer sabem como ela é. – Ela virou-se de um lado para o outro, olhando para baixo para as pessoas sentadas perto dela. – Pois é. Acho que sabem que ela é negra, basicamente só isso. Uma garota negra de catorze anos, provavelmente apenas fugiu, certo? Ninguém dá a mínima. Pergunte a Alma se alguém sabe como é a filha dela.

Na minha lembrança, Alma tem olhos tristes, cílios escuros, os cabelos presos em uma trança francesa apertada.

A líder do grupo disse algo sobre a importância de cada um focar em seus próprios sentimentos, e Connie disse:

– Estou furiosa.

Um murmúrio teve início entre os pais de crianças sequestradas de maneiras mais comuns: apanhada na escola por um ex-marido e levada para fora dos limites do estado, como a filha de Alma, ou convencida a ir embora no caminhão de um namorado mais velho. Crianças que eram muito pobres ou muito morenas, mais velhas ou muito malcomportadas para figurarem no noticiário noite após noite durante semanas e meses depois de terem ido embora.

Os olhos grandes e inocentes de Julie, entretanto, pareciam feitos para a TV. Ela era personagem em um crime de histórias em quadrinhos: uma das filhas da América, de faces rosadas e cabelos dourados, perseguida por um psicopata e roubada sob a ponta de uma faca, debaixo de seu próprio teto. Aquele rosto redondo com o lábio superior plano que lhe dava um ar infantil exatamente da mesma forma que mulheres adultas devem tentar parecer infantis; seus olhos azuis como gelo, a cabeleira lisa e clara. Eu costumava olhar para os cílios espessos, escuros junto à raiz, e que desapareciam em direção às pontas e pensar: *Quando esta menina usar maquiagem, estaremos perdidos.* Claro, não tivemos que esperar tanto.

Um a um, os rostos dos membros do grupo viraram-se para nós com inveja,

até mesmo raiva. Como se nosso pior pesadelo tivesse sido orquestrado para tirar os holofotes dos seus. Como se tivéssemos sorte de ter tido nossa filha roubada por um verdadeiro psicopata.

Digo *nós*, mas eu sou a mãe. Quando me encararam, eu me senti transformar em pedra.

– Estou muito contente que estejamos falando sobre a raiva que sentimos – a líder do grupo disse. – Estou muito contente por estarmos compartilhando esses sentimentos.

Minha filha está tão morta quanto as suas, tive vontade de dizer. Mas, em vez disso, saí e nunca mais voltei, deixando Tom para trás, com a tarefa de dizer palavras conciliatórias. Nunca perguntei como ele voltou para casa ao final da noite.

De repente, tenho certeza de que foi Alma quem lhe deu uma carona.

Karen

A festa de aniversário de dezessete anos de Karen consistiu em três pessoas: Karen, Melinda e Bob McGinty.

– Feliz aniversário – Melinda disse, entregando-lhe uma caixinha de papelão. Os cabelos curtos e grisalhos de Melinda estavam macios e bem cuidados como sempre, mas ela usava brincos que balançavam e batiam na gola rulê e seus dentes grandes podiam ser vistos pelo sorriso largo e retesado. Até Bob parecia satisfeito. Karen abriu a caixinha. Dentro, havia um cordão com um pingente na forma de um cavaleiro.

A equitação ajudou Karen a sobreviver à escola pública em Red Bluff, Califórnia; um lugar ermo e baldio, de brutamontes jogadores de beisebol namorando garotas com rostos de leite azedo. Como praticava equitação, ela não precisava ir ao ginásio e tinha um status social independente do que vestia. Isso foi uma sorte, porque vestida nas saias, collants e suéteres que os McGinty compravam para ela – e alguns não eram nem comprados, mas herdados de uma sobrinha que largara o colégio há quinze anos e era mais ou menos do seu tamanho – Karen ficava com uma aparência esquisita, para dizer o mínimo. Melinda e Bob não tinham filha, embora tivessem tentado, e seu filho não viera mais à casa desde os dezoito anos. O que quer que estivesse fazendo em Nova York, se ainda estivesse por lá, não queria contar a seus pais. Eles recebiam um cartão-postal a cada um ou dois anos, Melinda contou, acrescentando “Para sabermos que ele ainda está vivo” de uma maneira prosaica que sugeria que muitas lágrimas já haviam corrido por aquela frase.

Karen já ouvira tudo, ou uma versão disso, antes. Ela não ficara surpresa quando pais substitutos lhe contavam o motivo de estarem adotando uma criança. Acontecia com tanta frequência que ela quase sempre sabia exatamente quem estava substituindo: uma criança que nunca nascera, mas que desejaram,

suplicaram e da qual finalmente desistiram; uma criança que morreu; uma criança desaparecida; uma irmã ou irmão mais velho que fora embora em uma motocicleta há quarenta anos e nunca mais voltara. Ela aprendeu a não confiar nas famílias numerosas, onde os verdadeiros irmãos formavam uma gangue contra ela, tolerando-a diante dos pais, mas ignorando-a pelas costas. *Não se dê ao trabalho de aprender nossos nomes, você não vai ficar aqui por muito tempo.* Os pais podiam agir como se tivessem amor demais e precisassem sempre doar, mas havia, é claro, o dinheiro. Ela não os culpava, mas também não lhes agradecia.

Qualquer que fosse o papel temporário de Karen, ela nunca estava interessada em representá-lo bem. Sabia que estava apenas matando o tempo até atingir a idade de não poder mais ficar sob os cuidados de uma família. Havia riscos em ser criada por uma família, mas geralmente era mais seguro do que as ruas. E quando se tornava inseguro, quando um pai entrava na hora em que estava trocando de roupa e demorava-se um pouco demais antes de recuar e fechar a porta, quando um primo entrava em seu quarto durante o churrasco de família – bem, Karen, sabia já o momento exato depois do qual não podia mais avaliar o valor de seu corpo em queijinhos e Snack Packs.

Nada de valor; ela não queria acabar em um reformatório. Em vez disso, dava preferência ao sentimento. Coisas das quais não sentiriam falta por algum tempo, mas arrancariam lágrimas de seus olhos quando descobrissem. Dois anos em famílias substitutas a deixaram com uma pequena coleção desses troféus, inclusive uma boneca da Precious Moments com uma cabeça de cebola e olhos marejados de lágrimas, agarrada a um ursinho, cuja orelha havia se quebrado em sua mochila; um dedal de souvenir de Niagara Falls que ela achara na gaveta da mesinha de cabeceira de uma mãe de criação; uma pintura a dedo, amarelada pelo tempo, com *Deacon, 4 anos*, na caligrafia de uma professora de pré-escola no canto. Ela hesitara nesse último, lembrando-se do garotinho doente, mas depois se lembrou do que o irmão mais velho de Deacon fizera com ela e a forte bofetada que a mãe de Deacon lhe dera quando ela o delatou. Karen mantinha dobrado em quatro o desenho, para não ver os traços borrados em tinta vermelha e azul.

Mas os McGinty eram diferentes. Davam-lhe muito espaço, porque também gostavam de muito espaço. Ambos eram aposentados, mas Melinda trabalhava como voluntária na biblioteca todo dia de manhã, como se ajeitar as almofadas e limpar as bancadas constantemente não fossem um escape suficiente para sua

necessidade. No começo, Karen achou que fora trazida para cuidar de Bob durante os turnos de Melinda na biblioteca. Toda manhã, depois que Melinda partia em seu carro, Karen ficava à espera de sua perversão emergir, mas Bob continuava apenas apreciando seu café por uma ou duas horas antes de ir para a carpintaria passar o dia ociosamente. Ela subia, fechava a porta e ficava deitada em sua cama durante horas, fitando a luminária, tomada por uma sensação sufocante que não conseguia compreender, como se houvesse uma forte mão em volta de seu pescoço. Fazia muito tempo que não ficava entediada.

O campo de equitação salvou-a seguramente de atos desesperados de vandalismo que começava a cogitar. Melinda matriculou-a por oito semanas em um rancho administrado por um velho amigo seu, logo abaixo na mesma rua. Karen presumiu que fosse um favor entre amigos, porque embora dois meses de aulas de equitação parecessem caros, Melinda não parecia se importar se ela fosse ou não.

– Bob a levará se você quiser ir – ela dizia.

– Ou você pode andar meia hora pela FM 229, que vai chegar lá. Começa às dez da manhã todo dia útil.

Karen se mostrara evasiva, mas quando chegou o dia, depois que Melinda saiu para a biblioteca e Bob dobrou seu jornal e se afastou para a carpintaria, e ela viu que eles realmente não iriam forçá-la, resolveu que uma caminhada parecia melhor do que mais uma manhã sozinha com o papel de parede. Além do mais, ela sentia uma distante curiosidade sobre cavalos. Quando criança, tivera fantasias com um corcel branco-prateado invisível para todo mundo, exceto para ela, que galopava pelo horizonte silenciosamente como uma nuvem, observando-a de longe.

Quando entrou nos estábulos pela primeira vez, a realidade suada, malcheirosa, repugnante sobre cavalos a deixou envergonhada da versão ingênua que ela havia imaginado. Eles a amedrontavam, contorcendo os músculos e revirando os olhos, batendo com os cascos no chão com tanta força que ela podia sentir o tremor pelas solas dos tênis. Mas, via de regra, Karen só demonstrava medo quando isso a ajudava a minimizar os danos, e ela percebeu imediatamente que se encolher não a levaria a lugar algum com animais tão poderosos. Além do mais, havia meia dúzia de crianças no campo, a maioria de cavaleiros experientes, anos mais jovens. A mais nova tinha nove anos. Quando Karen acariciou a cabeça

gigantesca da égua castanha em sua primeira visita aos estábulos, fez questão de que o instrutor, a menina de nove anos e qualquer outra pessoa que estivesse observando vissem que sua mão não tremia.

Ela voltou lá no dia seguinte, e no outro, e durante oito semanas, e tornou-se bastante boa em lidar com cavalos – montar, cuidar deles, limpá-los. Não era maravilhoso, mas era confortável. No final do verão, Melinda saía da biblioteca mais cedo para vê-la montar, e por mais que estar no dorso de um cavalo forte e rápido fosse relevante para Karen, ver Karen parecia ainda mais importante para Melinda.

Mas foi o amuleto do cavaleiro que fez Karen entender o quanto aquilo significava para Melinda. Olhando para o frágil berloque, ela pensou que ninguém havia dado algo assim para Melinda e que deve ter desejado um, provavelmente de alguém em particular.

– Queremos comprar um de verdade para você um dia – Melinda disse. – Quero dizer, um cavalo. Nossas finanças não estão em ordem este ano, mas estarão em algum momento. – Os McGinty, de vez em quando, se referiam a um passado distante, mais próspero, em que tiveram cavalos, mas esta foi a primeira vez que mencionaram comprar um.

– Nossa, obrigada – Karen respondeu.

– Você tirou boas notas este ano – Melinda continuou. – Estamos orgulhosos de você. – Bob balançou a cabeça, concordando. – De qualquer maneira, gostaríamos de conversar sobre o próximo passo. Nós queremos adotá-la oficialmente, Karen.

Meu nome não é Karen foi o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça.

– Adorei o cordão – foi o que ela disse. – Muito obrigada. – Estava sendo sincera. O amuleto na fina corrente de ouro era barato, um dos lados plano e o outro esculpido para parecer tridimensional. Mas o cavalo estava correndo.

– Você não tem que decidir agora – Melinda disse. – Só queríamos que você soubesse que a consideramos nossa filha.

O que Melissa não estava dizendo, mas Karen ouviu em suas palavras, era a preocupação com o limite de idade para adoção. Karen ouvira as histórias na casa de acolhimento. Pensou nos Petes com um estremecimento.

Ela contrabalançou as lembranças deles contra o rosto comprido e forte de Melissa, que era mais do que sem-graça, era quase feio. Rugas profundas,

amargas, cortavam caminho dos cantos de sua boca à parte inferior de seu queixo – aquele filho –, mas um sorriso enternecia seus olhos cinzentos e chorosos. O futuro de Karen com Melissa e Bob podia envolver cavalos, mas também envolveria a faculdade, um emprego em Red Bluff, Redding ou mesmo Sacramento. Mais ainda: um rufião do beisebol só para ela, talvez uma caminhada pela nave de uma igreja enfeitada de fitas e sinos feitos em papel de seda. Depois, um dia, esta casa de ripas de madeira sobrepostas e telhado pontiagudo seria dela, e ela dormiria na suíte principal que dava para as montanhas arborizadas e levaria seus próprios filhos para a costa uma vez por ano. Tudo bem arrumado e previsível.

– Este é o melhor aniversário que eu já tive – Karen disse. Era bem próximo da verdade, ainda que não fosse realmente seu aniversário, apenas uma data qualquer em que acreditaram.

Na próxima vez em que montava no campo de hipismo, imaginou inclinar-se para a frente apenas um pouco mais, fazendo com que a poderosa criatura trocasse, depois comesse a galopar, até parecer-se com o pingente de seu cordão. Saltar por cima da cerca de madeira baixa, atravessar pastos e bosques a meio galope e subir as montanhas. Era pura fantasia, é claro, outra versão do corcel branco-prateado. Karen não sabia saltar, acabaria se matando e talvez também o cavalo. Cavalos não eram bons em montanhas, nem ela. De qualquer modo, até onde uma garota podia ir a cavalo hoje em dia?

Assim, ela começou a pensar em rotas de ônibus. Era hora de se dirigir a Portland, onde ouvira dizer que havia mais boates de striptease per capita do que em qualquer outra cidade dos Estados Unidos. Isso soava como dinheiro fácil. Quando chegou a hora, depois que Melinda saiu para a biblioteca, Bob dobrou seu jornal e saiu para a carpintaria, e Karen começou a cumprir seu caminho habitual, ela ficou surpresa e aliviada de como lhe pareceu natural virar na direção contrária na FM229 e simplesmente ir embora. Dera duas voltas no cordão em volta do tornozelo e o pequeno pingente de ouro lhe batia no osso conforme andava. A cada oito passos mais ou menos, o amuleto deslizava para dentro de seu sapato e ficava preso contra a pele por um segundo, depois saltava para fora com um estalinho, movia-se ao redor do tornozelo e deslizava para dentro do sapato outra vez. O ritmo era agradável, como se o cavquinho estivesse galopando, e Karen estivesse saindo da cidade montada nele, e não em um ônibus

Greyhound.

10

– Acha que ele a está traindo? – Alex Mercado pergunta, descontraidamente, mas interessado, como alguém discutindo as probabilidades em uma corrida na qual não está apostando.

– Não. Não sei. Eu só... – Uma sombra passa pela janela estreita, fosca, do escritório e mudo o telefone para o outro ouvido. Sempre há alguém espreitando pelo departamento, mesmo nos fins de semana.

– Você quer que eu descubra se Tom a está traindo? – ele refaz a pergunta. – Posso perfeitamente segui-lo, descobrir aonde vai. – *E isso vai lhe custar*, diz a parte implícita da frase.

– Em vez disso, você poderia apenas investigar uma coisa... alguém... para mim? – digo, abaixando a voz. – Alma Josefina Ruiz.

– Antecedentes básicos? – ele diz. – Ou vigilância?

– Antecedentes – digo apressadamente. – Ela é a gestora de nosso fundo de doações. A administradora do fundo, na verdade.

– Ah! – Alex diz. – Talvez seja por isso que o nome me parece familiar. Não deve ser difícil descobrir quem ela é. *E se está se encontrando com seu marido*. Ah, e você quer que continue a seguir Julie? Descobri onde ela tem ido. – Antes que eu possa perguntar, ele diz, ainda naquela enervante voz despreocupada. – Julie vai à igreja.

– O quê? Qual igreja?

– O Portal.

Fico sem fala. O Portal é a megaigreja por cujo outdoor passo todos os dias no viaduto da 610, a caminho do trabalho. Eles se reúnem no famigerado Astrodome.

– Ela não entra – ele diz. – Só fica sentada no carro, no carro do seu marido – ele se corrige. – No estacionamento.

– O que ela faz?

– Não sei. É um maldito complexo, há muita coisa acontecendo lá dentro. Três grupos de estudo da Bíblia por volta dessa hora, uma liga de boliche para solteiros e algo chamado Círculo de Cura. – Ele parece estar achando graça. – Nunca foi a essa igreja?

– Nunca fomos a igreja nenhuma – falo. – Quero dizer, Julie às vezes ia com uma amiga quando dormia na casa dela. Experimentando, como as crianças costumam fazer. – Penso no largo sorriso do televangelista no outdoor. *Fé diária, não fé ordinária.* – Não consigo imaginar Julie querendo ir a um lugar como esse.

Alex Mercado faz silêncio por um instante.

– Você viu o vídeo, Anna?

– Sim, vi. Gretchen Farber. Aquela banda em... Portland, não é?

– E?

– E... sim, se parece com ela. Talvez. Mas a imagem está tão ruim, não se pode saber ao certo. – Sinto que estou sendo sincera, porque vi o vídeo apenas uma vez, no meio da noite, sem som. E porque não consigo ter certeza de mais nada ultimamente.

– Vídeo feito com celular – ele concorda, mas tenho a sensação desagradável de que está sendo indulgente comigo. – Não é uma ótima imagem.

– Exatamente – digo. – E Portland...

– ... não é o México – ele termina.

Faz-se uma pausa e saio na ofensiva.

– Posso perguntar por que você estava procurando em Portland?

– Eu não estava – ele diz. – Tenho verificado relatórios policiais de toda parte desde que Julie chegou, qualquer coisa envolvendo uma mulher da idade dela, na esperança de que surja alguma pista. Há um relatório de pessoa desaparecida sobre essa Gretchen Farber... não em Portland, na verdade, mas em Seattle. É de alguns dias depois que Julie apareceu...

– Depois que ela voltou para casa.

– Você tem que esperar três dias para dar entrada em uma notificação de pessoa desaparecida para um adulto, especialmente se for o marido ou o namorado que estiver dando parte, caso seja o que eles chamam de briga de casal. Esse caso foi notificado por um namorado, Calvin alguma coisa. De qualquer modo, tive sorte – *Sorte*, eu duvido –, porque há um vídeo dela. Não se preocupe, estou examinando o caso, ligando para os bares, tentando encontrar um

documento de identidade. – Ele faz uma pausa e posso ouvir o barulho de papéis sendo remexidos. – Só há uma outra possibilidade que estou explorando.

– Quer dizer, para identificar a impostora? – pergunto, tentando parecer sarcástica, mas Alex não se altera.

– Charlotte Willard – ele diz. – Mesma idade de Julie, fugiu de casa em Louisiana logo depois de Julie... hã, desapareceu. Talvez não seja nada, mas uma Charlotte, com um sobrenome diferente, é claro, foi apreendida há sete anos em San Francisco, passou algum tempo com uma família de acolhimento e depois é como se tivesse sumido do mapa. Mudou de nome outra vez ou algo assim.

– E daí?

– Daí que não tenho certeza – ele admite. – Mas acho que Charlotte pode ser Gretchen. E Gretchen pode ser... bem, Julie.

– E por que essa Charlotte ou Gretchen ou quem quer que seja estaria se fazendo passar por minha filha? – Ouço minha voz se elevando a um tom mais alto e tento baixar o tom de novo, em vão. – O que ela poderia querer?

Afasto o Fundo Julie da mente, embora Alex certamente não tenha se esquecido do motivo pelo qual liguei para ele, para começar.

– Sinceramente, Anna, ainda não sei. Eu a informarei quando souber de mais alguma coisa.

Sua diplomacia me irrita.

– Diga o que está pensando. Acha que é o dinheiro, não é? O dinheiro do fundo?

– Não saberei o que pensar enquanto você não me der aquela amostra de DNA.

Desligo sem me despedir e abro o navegador no meu computador.

O website do Portal apresenta uma série elaborada de animações em flash, pelas quais clico impaciente até encontrar o Círculo de Cura. Quando clico no link, uma gota de água cai no meio das palavras, empurrando-as para fora em círculos concêntricos que ondulam por toda a tela. Quando a tela fica lisa outra vez, surge a seguinte descrição:

*Convidamos para o Círculo de Cura todos os que
se sentem alquebrados.*

Quando pedirmos perdão no Círculo de Cura,

Deus nos mostrará que já estamos curados.

Ao rodapé, uma série de rostos aparece e desaparece, cada qual com um testemunho: uma mulher idosa era cega por catarata até o Círculo de Cura lhe mostrar que já podia ver. Uma adolescente negra é salva de abandonar a escola pelo Círculo de Cura. Um homem, antes um sem-teto, descobriu o caminho para a segurança financeira através do Círculo de Cura. *O plano de Deus é para a abundância*, diz a citação. *O Senhor torna Seu Reino grandioso!*

Anoto apressadamente os horários dos encontros em um bloco Post-it e volto a atenção para a tela, onde outra entrada é um link para um recente perfil bibliográfico de revista do reverendo Chuck Maxwell, o homem cujo rosto assoma sobre a paisagem urbana em outdoors em cada gargalo do caminho. O artigo intitulava-se “Não é por acaso, Chuck: Como o reverendo Chuck Maxwell tornou-se o maior orador de igreja do Texas”.

Chuck Maxwell é mais bonito pessoalmente do que nos outdoors para sua megaigreja de Houston, O Portal. O pastor de 42 anos, barba grisalha e olhar penetrante, tem 1,90m de altura e é surpreendente charmoso. É fácil ver como este homem construiu um império espiritual... e financeiro.

Oh, vai ser um daqueles perfis.

Maxwell nunca foi ordenado em nenhuma seita, nem tem diplomas em religião nem em filosofia. Na verdade, ele nunca terminou a faculdade. Entretanto, toda semana está presente naquele que um dia foi chamado de Houston Astrodome e faz um sermão para 30 mil paroquianos e para até 10 milhões de telespectadores em seu canal de televisão e pelos ministérios na internet.

Pulo alguns parágrafos.

Depois de abandonar a Texas Christian University, ele arranhou um emprego na equipe de produção do apocalíptico televangelista Jim Wilton, o pregador da danação eterna no lago de fogo e enxofre. Maxwell diz que foi lá que começou a ter ideias poderosas para uma mensagem cristã que se sentia singularmente preparado para passar.

“Eu não diria que tive uma desavença com a Igreja Batista”, ele fala. “Mas a

mensagem era muito negativa: ‘Vocês estão fazendo tudo errado! Se acertem com Deus!’” Ele ri. “Mas Deus não quer que vocês se concentrem em seus pecados do passado! Deus diz: Renove! ‘Make it new!’”

Meu olhar de professora de inglês esbarra em “*make it new*”, o slogan modernista de Ezra Pound, e desfruto de um breve instante em que imagino o velho verme antissemita e elitista se revirando agora no túmulo. Continuo passando um olhar rápido nos textos e Maxwell continua pregando a reinvenção infinita, espalhando a palavra de que nada importa a não ser o momento presente. Poderia ser o que Julie buscava? O perfil continua por mais três páginas, abordando as maciças doações de Maxwell a uma organização sem fins lucrativos para crianças desaparecidas – isso, obviamente, chama a minha atenção –, mas não tenho estômago para continuar lendo até o fim. A ideia de Julie estar precisando da mensagem de Maxwell – *Apague o passado, viva o agora!* – é repulsiva demais para suportar. Jane, Tom e eu somos, afinal de contas, o passado de Julie. Assim supomos.

O que me leva ao meu último telefonema. Pego o pedaço de papel que Jane me deu, ainda enfiado no bolso, e o analiso. O código de área me parece familiar, mas não consigo localizá-lo até consultar a lista: Seattle.

Jane deve estar me pregando alguma peça. Este é o número de telefone de uma amiga dela, sua colega de quarto, alguém que ela convenceu a participar disso. Sinto uma onda de raiva, seguida por uma pontada de culpa. Negligenciei Jane – às vezes, ignorei-a deliberadamente – nos últimos oito anos. Toda vez que eu olhava para ela, tudo que podia ver era o fato de não ter gritado no closet naquela noite, durante as três horas que passou lá, agachada entre seus sapatos, com lágrimas e coriza escorrendo pelo rosto, enquanto Julie... Sei que não foi culpa de Jane, mas não conseguia agir de outra forma. Lançar dúvidas sobre a identidade de Julie seria uma maneira particularmente cruel de me atingir, mas era eficaz. Minha mão tremia.

Digito o número e espero. Toca meia dúzia de vezes, como se alguém do outro lado da linha estivesse olhando fixamente para a identificação da chamada, decidindo se atendia ou não. Então, alguém atende.

– Pare com isso – Julie diz.

Fico muda de espanto.

– Bem, diga alguma coisa, Cal – ela fala, a voz aborrecida. – Eu finalmente atendi um de seus misteriosos números, portanto diga alguma coisa. Sei que é você. Telefonando a cada parada em sua grandiosa *tournee* da minha vida, não é? – Faz uma pausa. – Bem, você me encontrou. Você está aqui. Então, o que é que você quer dizer?

Prendo a respiração.

– Que segredinho sujo você descobriu sobre mim agora? Garanto, independente do que seja, que há algo ainda pior sobre mim que você ainda não sabe.

Eu não sei nada, absolutamente nada.

Na outra ponta da conexão, Julie diz:

– Droga, Cal. Eu fui embora. Acabou. *Volte pra casa.* – A ligação termina.

Charlotte

estava sentada em uma sala quase vazia com a assistente social e um homem de barba que ficava tentando fazer com que dissesse o nome de seu cafetão. O policial Pete também usou essa palavra, mas Charlotte não sabia o que significava, só que havia emocionantes segredos em torno dela, como um palavrão. Ela a fazia pensar em café, mas não diria isso ao homem de barba.

– Não tenho um desses – ela disse, incapaz de se obrigar a repetir a palavra.

– Ora, vamos, o que foi que ele lhe disse? – perguntou o homem de barba. – Disse que você era especial, que ia cuidar bem de você, não é?

A única pessoa em quem ela podia pensar que se encaixava nessa descrição era John David. Ele seria um cafetão? Cafetão *dela*? Não tinha certeza. Não havia como este homem de barba saber a respeito de John David, havia? Mas um poço fundo e negro pairou sob esse pensamento, à espera que Charlotte escorregasse e caísse lá dentro. Ela sacudiu a cabeça.

– Ele a convenceu a começar a trocar isso por dinheiro, certo? Só que é ele quem fica com todo o dinheiro.

Agora ela compreendeu e uma onda de calor explodiu embaixo do seu queixo.

– Só fiz isso umas duas vezes – ela murmura.

– Ok, só uma ou duas vezes – ele disse, em uma voz agradável demais. – Só para ajudá-lo. Então, você quer protegê-lo, porque ele a protege, certo? Você acha que ele é seu amigo? Talvez seu namorado?

– Não tenho namorado – ela disse, o calor espalhando-se da linha do maxilar até sentir os próprios globos oculares ferverem. Procurou lançar todo o seu ódio pelos olhos, diretamente para a barba castanha e desgrenhada. O policial Pete ao menos acreditava nela. Inspirou fundo para dizer isso, mas percebeu que não sabia o nome verdadeiro do policial Pete.

– Ele comprou coisas para você, no começo? – continuou o homem de barba,

tentando arrancar respostas. – Talvez ele tenha pagado para você fazer as unhas.

Charlotte retirou as mãos da mesa, constrangida. Havia linhas negras sob as unhas quebradas e uma delas tinha um inchaço vermelho no canto, onde a pele estava rasgada. Ela notou a assistente social, uma mulher morena, com um par de óculos pendurado de uma corrente no pescoço, sacudir a cabeça e revirar os olhos rapidamente, depois desviar o olhar.

Mas o homem de barba continuou por mais cinco ou dez minutos antes de finalmente se levantar. Atirou um cartão em cima da mesa diante dela, pressionando um dedo no canto do cartão e dizendo:

– Caso se lembre de alguma coisa, me chame neste número. Não se esqueça, ele é um predador. Você é a vítima aqui.

Ao levantar a mão, seu dedo suado puxou o canto do cartão o suficiente para tirá-lo de seu alinhamento perfeito com o veio da madeira falsa da mesa. Ela ficou observando o cartão assentar-se obliquamente à sua frente, memorizando o ângulo para evitar ter que ler o nome dele. Quando ergueu os olhos, o homem já havia desaparecido e a assistente social havia se sentado do outro lado da mesa com uma expressão de puro alívio.

– Sou Wanda, Charlotte.

Ela quase deu um salto. Embora tivesse sido o nome que colocou na papelada, o primeiro que surgiu em sua mente, ninguém a havia chamado assim ainda – os policiais que a haviam empurrado de uma sala para outra diziam “você” ou “mocinha” ou, quando falavam sobre ela como se não estivesse ali, “a menor”. Ouvindo o nome ser dito em voz alta pela primeira vez, percebeu o quanto fora fraca e burra de usá-lo como seu nome verdadeiro só porque a fazia se sentir corajosa. Agora, soava como uma acusação.

– Charlotte – Wanda continuou, como se estivesse determinada a acusá-la o mais frequentemente possível –, disseram-me que você gostaria de ficar sob os cuidados de uma família de acolhimento. Atualmente, chamamos isso de “assistência fora de domicílio”. Você tem um lar seguro?

Ela tentou pensar em sua casa, mas em vez disso viu um par de olhos de cabeça para baixo, vazios, fixos, opacos e sem vida.

– Não.

– Você não tem casa? – Wanda insistiu. – Ou acha que não é seguro para você lá?

Soava como uma pegadinha. Esta Wanda não era como o policial Pete, tagarelando grosseiramente depois de um longo dia, ou o idiota de barba, sondando-a de forma implacável na esperança de encontrar algo que pudesse usar. Não tem um lar ou não é seguro? Ela olhou para os cantos da boca de Wanda, buscando uma tremulação que lhe indicasse qual resposta a assistente social queria ouvir, mas Wanda apenas esperou, o rosto relaxado e sem expressão.

– Sou. É. – Como começar? – Não é seguro.

Não era exatamente uma mentira.

Wanda apenas balançou a cabeça, uma expressão não tanto de aprovação, mas de finalização, tinha um quadradinho assinalado.

– E, Charlotte, você espera ficar sob os cuidados de uma família apenas por pouco tempo ou por um período mais longo?

Múltipla escolha outra vez. Ela fora boa em testes um dia.

– Quero uma colocação emergencial – respondeu, lembrando-se do que o policial Pete dissera.

– Eu também gostaria disso para você, Charlotte – disse a assistente social. – Infelizmente, temos uma escassez de opções no momento. Os serviços de proteção à criança lidarão com tudo isso, só estou fazendo a indicação. Mas tenho que lhe dizer uma coisa. Se você estiver entrando em um programa de família de criação agora, é muito provável que tenha que ficar em um abrigo, uma casa de acolhimento, durante algum tempo, enquanto procuram uma colocação para você.

Ela balançou a cabeça. Abrigo.

– Será apenas temporário, mas eu só quero prepará-la para isso. Tem certeza de que não tem um amigo ou parente com quem possa ficar? Um lugar onde fique segura? Pense.

Ela pensou, com afinco desta vez. Em todos os lugares para onde podia ir, teria que ser uma criança e já não era. Crianças não vão a apartamentos sujos e têm bebês raspados de dentro delas. Crianças não faziam com Petes o que ela havia feito. Crianças não faziam com outras crianças o que tinha feito com a garota no porão.

Charlotte não sabia o que era.

– Vou para o abrigo – disse.

Quando as duas deixaram a delegacia, ela perguntou:

– E as minhas coisas?

Porém, mesmo antes de Wanda abrir a boca para responder, Charlotte compreendeu que a faca roubada se fora para sempre.

Não tinha importância, porque em abrigos só as crianças maiores tinham facas. Elas as escondiam no colchão ou as prendiam com fita adesiva embaixo das gavetas. Ninguém as roubava e ninguém denunciava as crianças. Um dos garotos franzinos tentou fazer a sua própria com uma faca de manteiga de plástico que quebrou ao meio. Ele a mostrava a todo mundo, vangloriando-se, até que um dos garotos maiores tirou-a dele no meio da noite e fez algo com ele que não aparecia.

Por causa de regras básicas como essa, o abrigo era mais fácil do que ela imaginara que seria. Particularmente, chamava as crianças maiores de *Monitores*. Tentou ser uma Invisível, obviamente a atitude mais segura.

Sua colega de quarto era uma Ansiosa. Ansiosos faziam tudo o que os conselheiros pediam, apresentando-se como voluntários em sessões de grupo e ganhando estrelas douradas, escovas de dente cintilantes e adesivos fofos por bom comportamento. As estrelas e os adesivos eram piores do que inúteis; sendo permanentes, deixavam uma cola grudenta e dura para trás que estragava as roupas e tinha que ser removida da pele com uma bucha de esfregar. A parte de baixo das cadeiras e as paredes atrás das camas estavam imundas, repletas de adesivos.

As escovas de dente eram outra história. Ela já vivera sem uma antes e o frágil palito de plástico que lhe deram quando chegou era melhor do que nada, mas sua rala fileira de cerdas duras e brutas machucava as gengivas. Certo dia, pegou a escova de dente de Beth e virou-a, observando as profundezas translúcidas e róseas do plástico cintilante, deixando seus olhos deslizarem juntamente com os fios que refletiam a luz quando girava a escova de um lado para o outro.

– Ei, deixe isso aí. É minha – disse Beth da porta.

– É bonita – Charlotte disse, mas não largou a escova. Esperou para ver o que Beth ia fazer. Beth, que tinha apenas onze anos, remexeu-se desconfortavelmente. – É linda – Charlotte acrescentou, encorajadora.

– Obrigada – Beth disse. Depois de uma breve luta interior, os olhos arregalados quase cheios de lágrimas, falou, os dentes rangendo a cada sílaba: – Pode ficar com ela.

Charlotte largou-a com uma batida.

– Que nojo. Não quero sua escova de dente usada.
Mais tarde, porém, ela a pegou, de qualquer modo.

Na segunda-feira à tarde, entro no carro e vou ao Portal.

Irônico, não? Há duas semanas que venho dizendo a Tom que estou indo trabalhar e Julie vem nos dizendo que está indo à terapia, e agora nós duas estamos mentindo para ir ao mesmo lugar. Entro no estacionamento, onde uma nova construção esconde o antigo Astrodome do vizinho NRG Stadium, e vejo a passarela entre os dois prédios. O Portal deve ter um significativo tráfego de pedestres nas finais de campeonato. Como se tivesse dado um sinal, um painel digital lampeja – PARA DEUS, NADA É IMPOSSÍVEL – e dou uma risada rouca e ansiosa.

Há cerca de cem veículos mais ou menos amontoados na entrada. Não é dia de terapia para Julie, de modo que sei que ela não está de carro, mas ainda me sinto nervosa em pensar que posso vê-la ou que ela possa, neste mesmo instante, estar me vendo. O terreno do estacionamento é vasto e inclui um edifício-garagem de cinco andares que, de onde estou, parece vazio. Estaciono e me aproximo da fachada de pedra e do campanário, de aerodinâmica moderna, que foi adicionada à colossal tigela, em uma malsucedida tentativa de trazê-la à convivência humana. Abro uma enorme porta de vidro e entro em um saguão tão arejado, claro e moderno como uma sala VIP de aeroporto. Há telas penduradas no teto a intervalos regulares, exibindo o logotipo da igreja, com o reluzente portão. O carpete verde-mar é salpicado de tapetes imaculados de pelúcia branca nos quais cadeiras retas alinham-se umas em frente às outras em uma intimidade decorosa. Uma música muito suave é soprada de alto-falantes invisíveis e, no canto do amplo saguão, um aspirador de pó robô faz o seu trabalho. Segunda-feira deve ser um dia fraco.

À direita da entrada, há uma planta da igreja, montada em um cavalete, e uma breve consulta me aponta na direção de um corredor com a palavra FÉ pendurada em cima, em aço escovado. O número da sala que estou procurando é 19F, e por

um instante me pergunto se há uma ala denominada AMOR, em que os números de todas as salas possuem um A também. O aspirador de pó se desliga e, olhando para trás, vejo meu caminho, uma fileira de pegadas verde-mar ligeiramente mais escuras deixando um rastro no carpete. *Ali deve ser onde Deus me carregou*, penso. Sempre tive dificuldade de levar religião a sério, mas este lugar me parece uma grande piada.

A pesada porta de madeira da sala 19F está fechada e não tem portinhola. Após um rápido instante de hesitação, empurro a porta de uma das extremidades de uma sala do tamanho de um ginásio de colégio. Cerca de cem pessoas estão em pé, de mãos dadas, formando um elo que corre todo o comprimento da sala, estão de olhos fechados, cabeças baixas, alguns balançando-se ritmicamente para a frente e para trás, outros absolutamente imóveis. Entro e fecho a porta bem devagar atrás de mim. O murmúrio baixo do círculo me envolve. Achei que teriam cadeiras ou algum lugar para sentar e observar, mas não há espaço em nenhum lugar do salão sem janelas, a não ser o círculo murmurante, suspirante. Sem abrir os olhos nem olhar para mim, os dois suplicantes mais perto da porta soltam as mãos um do outro e dão um pequeno passo para fora, abrindo o círculo e estendendo as mãos. Meu estômago se revira. Parece muito mais real do que eu esperava e, ao mesmo tempo, constrangedoramente falso. Quando dou um passo à frente e seguro as mãos de cada um deles a meu lado – uma mão é seca, áspera, de juntas grossas de um velho, a outra, uma mão maleável e terrivelmente úmida de um garoto adolescente –, torno-me oficialmente uma impostora.

No começo, não consigo identificar de onde vem o murmúrio; amplificado ao meu redor de todos os lados e em todos os tons, não parece se originar de um único lugar. Mantenho os olhos abertos e examino o maior número possível de membros do círculo que consigo ver, mas se há um ponto de partida para a prece, deve ser em algum lugar perto da outra extremidade do oval, a parte oculta pelo lado mais comprido. Olhando à volta, tudo o que vejo é um cortejo infindável de cidadãos idosos de camisa suada, adolescentes cheios de espinhas e mulheres de rabo de cavalo em calças de ioga, todas repetindo as mesmas palavras. Fecho os olhos e, após um instante, uma das vozes parece se destacar do mar indistinto de barulho em que vem nadando e erguer-se alguns centímetros acima. É uma voz de homem comum, as vogais anasaladas pelo sotaque de Houston. Entretanto, posso ouvir as palavras, perfeitamente nítidas, como se estivessem sendo ditas

diretamente em meu ouvido.

– Encontrado. – A palavra cai como uma pedra no lago de murmúrios. – O que se perdeu foi encontrado. Mais ainda, nunca esteve perdido.

– Mais ainda, nunca esteve perdido – a frase ecoa no resto do círculo.

– Você olha para o seu Pai Celestial, que lhe oferece braçadas de bênçãos e pede um único favor? Se lhe oferecem um prato de comida em um casamento, você suplica ao doador por apenas uma garfada? Você tem o que precisa bem à sua frente. Os lírios do campo abaixam seus rostos em súplica? Os pardais rogam aos céus em desespero? Não. Os lírios erguem seus rostos para o Senhor em adoração e encantamento. Os pardais erguem suas vozes em canções de louvor. Eles decoram a criação de Deus com seus agradecimentos. Uma filha agradecida veste-se de trapos? Não, ela mostra ao mundo que seu pai a ama. Ela é grata por seu amor. O que se perdeu foi encontrado. Nunca esteve perdido. O que se perdeu foi encontrado. Nunca esteve perdido. O que se perdeu foi encontrado. Nunca esteve perdido.

– O que se perdeu foi encontrado. Nunca esteve perdido.

Alguns continuam a entoar as mesmas palavras, enquanto outros seguem em frente, repetindo suas palavras apenas alguns segundos depois que as profere, tão desajeitadamente quanto areia na praia, moldando-se à imagem das ondas.

– O que você precisa já está em sua vida – continua o locutor. – Jesus se sacrificou para nos salvar.

Alguns dos cantores mudam de mantra depois disso. Um deles começa a chorar alto.

– Nosso Senhor tem ferimentos pelo corpo, para que possamos ser inteiros por dentro.

Diante desse desprezível e tolo jogo de palavras, reprimo um riso sarcástico, mas quando a frase reverbera pelo círculo, levada pelo coro de vozes, o riso abafado sofre algum tipo de alquimia emocional em meu estômago. Inacreditavelmente, sinto meus olhos começarem a lacrimejar.

– Somos completos e perfeitos em cada aspecto de nossas vidas. Você quer um novo emprego? Já está trabalhando nele. Um cônjuge? Vocês já estão casados, mas nenhum dos dois sabe disso ainda. Quitação de uma dívida? Já foi paga, agora e para sempre. Quer se livrar de uma dor? Não há nenhuma dor, a não ser em sua mente.

Um segundo fiel começa a chorar também, este com falta de ar, lutando para respirar entre os soluços. Cada soluço que ressoa é imediatamente cercado e recolhido pela onda murmurante, de modo que o próximo parece inteiramente novo, como se viesse de um planeta diferente.

– Alegrem-se! O que se perdeu foi encontrado. Nunca esteve perdido. Era você quem estava perdido. O filho que estava morto agora vive outra vez; aquele que estava perdido foi encontrado. Mas ele nunca esteve realmente morto; nunca esteve realmente perdido.

Não consigo suportar mais aquilo. Abro os olhos repentinamente. Ninguém percebe. Então, avisto uma pessoa à minha frente, do outro lado do círculo. Uma mulher idosa sentada em uma cadeira de rodas, usando uma camiseta do Mickey Mouse.

Liberto minhas mãos com um violento puxão e tateio cegamente em direção à porta, meus dedos suados escorregando na maçaneta quando abro a porta, e corro de volta pelo carpete verde-mar, onde meu rastro já foi apagado pelo aspirador de pó.

De volta ao meu escritório, digito o número no celular e o telefone toca, mas Alex Mercado não atende, de modo que terei que encontrar o que estou procurando sozinha. Digito as malditas palavras no mecanismo de busca e espero pelas reportagens mais recentes: OS RESTOS MORTAIS NO ABRIGO NUCLEAR PERTENCEM A UMA GAROTA DE 13 ANOS, SEGUNDO OS ESPECIALISTAS.

A foto principal mostra uma cabana de tijolos em River Oaks, um antigo bairro central sombreado por grandes árvores e, atualmente, constituído de prédios amontoados em terrenos muito pequenos. A casa na foto estava sendo derrubada para dar lugar a mais um prédio quando escavadeiras encontraram canos que levavam a um abrigo nuclear, enterrado abaixo de três metros de concreto no quintal. Outra foto mostra canos retorcidos levando a um abrigo de concreto quebrado. Não há fotos do que encontraram no interior. Continuo cavando: a casa foi desapropriada em 2008 de Nadine Reynolds, residente em uma clínica de repouso, por falta de pagamentos de impostos. Foi vendida em leilão a um investidor de fora da cidade, que a alugou durante anos sem atravessar a soleira da porta; mudou de mão várias vezes antes de ser adquirida, em 2015, pelo mais recente construtor, que resolveu que o lugar daria mais dinheiro com

apartamentos.

Mas é a foto que importa, não a casa. Terminei no website do Texas DPS, o departamento de segurança pública do Estado, onde há um banco de dados de pessoas desaparecidas, e há mais de trezentos registros. Tanta gente desaparecida; e há tantos corpos não identificados, cada qual correspondendo a uma filha perdida, marido, mulher ou filho, como um grande quebra-cabeça de peças espalhadas por todo o planeta.

Percorro os mais recentes registros do condado Harris e vejo as fotos minimizadas de rostos masculinos com os olhos fechados, estranhamente dignos e brutalmente melancólicos. Então, o contorno de uma cabeça com um ponto de interrogação. A data da morte é indeterminada, 2008 ou 2009, a época aproximada em que todas as nossas vidas se desintegraram. Prendo a respiração e clico, e a foto que vem me assombrando surge na tela, os detalhes horripilantes eliminados, a fim de focalizar em um único retalho apodrecido de tecido preto desbotado, na forma de dois círculos ligados por um istmo parcialmente desgastado de preto.

Posso ver por que não a reconheci no começo. Afinal, foi devorada pelo ar no abrigo atômico durante oito anos. Ninguém poderia tê-la reconhecido de imediato, nem mesmo alguém que tem carregado consigo a lembrança da camisola de sua filha por oito anos. Uma camisola agora reduzida a um par de orelhas do Mickey Mouse.

Eu só quero o corpo, disse certa vez no grupo de apoio, antes de abandoná-lo para sempre. *Eu só quero algo para enterrar*. O coro de vozes de policiais, de terapeutas e da mídia entoando em conjunto – *As três primeiras horas, os três primeiros dias* – tornava difícil conceber um mundo em que minha filha estivesse vivendo. Agora sinto um estranho torpor se abater sobre mim à ideia de que ela não estava viva. Não está. Não reconheci de imediato porque não queria. Eu não queria que Mercado estivesse certo a respeito de Julie estar morta. Não queria que estivesse certo sobre *nada* a ver com minha filha. Queria ser eu quem a conhecesse melhor do que ninguém.

Meu telefone está tocando. É Alex, retornando minha chamada. Aperto o botão verde para atender, pronta para fazer uma confissão completa. Mas não chego a ter a oportunidade.

– Tenho más notícias – Alex diz.

Petes

é como ela os chamava, mesmo os que compraram os comprimidos e a maconha que roubara de um carrinho de supermercado embaixo da ponte sem nem lhe pedirem para chupar seu pau ou deixar que o enfiassem. Aprendera a cuspir na mão e enrolar o bagulho rápido, de modo que houvesse uma chance de que se esquecessem de enfiar nela, se fosse suficientemente rápida. E caso se lembrassem, seria mais fácil, terminaria um pouco mais rápido.

Quando afinal chegou a San Francisco já perdera a conta dos homens que a fizeram chegar lá, mas ao menos se lembrava de seus nomes. Chamavam-se Pete. Dois Petes na rodoviária. Um Pete no banheiro de um posto de gasolina Diamond Shamrock. Um Pete no ônibus, que ela tentara afastar com uma faca, mas depois desistira e, em vez disso, pegara a carteira dele. Ficou sentado a seu lado durante todo o trajeto até Sacramento com seus dedos sujos entrelaçados aos dela, como se fossem namorados. Ela fez catorze anos entre um Pete e outro, mas não tinha certeza de quando o dia passara e, de qualquer modo, para os Petes dizia ter dezesseis anos; para a polícia, dezoito. Ela memorizara o ano para dezoito e quando lhe pediam para cair fora de onde estava – *Quantos anos você tem, mocinha?*, *Não deveria estar em casa a esta hora?* *Ah, é mesmo, qual a data do seu nascimento?* –, dava datas diferentes para aquele ano, certa vez acidentalmente dizendo aquela mesma data em que estavam sem perceber. O policial disse “Feliz aniversário” e fez careta.

O último Pete veio a ser um policial. E quando ela entrou em seu carro e ele perguntou a data de seu nascimento, disse uma qualquer e ele simplesmente a olhou e sacudiu a cabeça.

– Tem certeza de que tem dezoito? – indagou. – Sabe que pode ser acusada como adulta.

Ele acionou alguma coisa e a sirena disparou. Ela olhou e viu que as portas não

tinham trancas pelo lado de dentro e que sua porta sequer tinha maçaneta.

– Onze de janeiro de 1989 – ela disse, imediatamente. Não era o dia, nem o ano certo, mas a colocava dois anos mais perto de sua idade real.

– Assim está melhor. Vamos arranjar uma assistente social e abrir um caso sobre você, antes que se meta em uma situação da qual não possa sair.

Já estive em uma, pensou. *E saí.*

– Sei que você se acha durona e tudo o mais – ele disse, lançando-lhe um rápido olhar de soslaio. – Mas você estava prestes a ser pega por alguém que a teria deixado muito machucada. Juarez é dono deste quarteirão. Aquele era um dos rapazes dele no carro velho, logo antes de eu parar.

O Honda manchado de ferrugem havia reduzido a marcha e o motorista abriu a janela, mas logo fechou-a outra vez e partiu a toda velocidade antes que ela pudesse descer da calçada.

– Eles deram o fora quando me viram. Eles sabem que sou um policial à paisana – continuou. – Ainda bem, porque você estava prestes a levar uma surra até ficar a um passo da morte. Então, seria despejada em algum lugar convenientemente perto da casa de Juarez. Aliás, esse não é seu nome verdadeiro, ele só quer que todo mundo pense que foi um figurão no México. Então, a convenceria a aceitar uma espécie de acordo, do tipo que você poderia ficar morando na casa e trabalhar para ele, e que garantiria que ninguém a incomodasse na rua, garantiria que nunca mais ninguém viria atrás de você outra vez. E uma semana depois, você veria o sujeito que a violentou e surrou sentado na sua sala de estar comendo uma Pop-Tart no sofá, e você entenderia tudo, mas já seria tarde demais.

Ela permaneceu em silêncio durante essa aula. O policial Pete, como começara a pensar nele, tinha cansaço na voz e o tique de dar um peteleco no nariz. Fez isso regularmente, um pouco mais no final de seu discurso, tão rápido que sua outra mão nem sequer chegou a empalidecer no volante.

Policial Pete limpou a garganta.

– Bem, seja como for, de nada – ele resmungou. – Agora vamos nos encontrar com a simpática assistente social que vai abrir um arquivo sobre você e colocá-la em uma família de acolhimento.

Ela endireitou-se no banco, com um sobressalto.

– Não tenho que ficar num lar adotivo. Tenho dezoito anos.

– Foi o que disse da primeira vez. Qual é mesmo a sua data de nascimento? – Ele riu. – Aposto que você não consegue se lembrar de nenhuma das duas.

– Não preciso ficar em um lar adotivo.

– Não quero ver você nas ruas sendo esfaqueada por um cafetão. Você não está por conta própria há muito tempo, não é?

Ela considerou a pergunta. Será que John David contava? Não sabia, mas ainda assim sacudiu a cabeça.

– Foi o que pensei. Está na cidade há menos de uma semana?

Dois dias.

– Você não ama esse seu trabalho, não é? Não é sua paixão, é?

Ela sacudiu a cabeça de novo.

– Ok. Então, você precisa de um lugar para ficar de graça. No mínimo, irá para um abrigo por algum tempo.

Um abrigo. Já ouvira falar deles. Se não sabia dos detalhes era somente porque as crianças na rua que diziam “Acabo de fugir de um abrigo” não estavam dizendo isso para compartilhar suas histórias. Diziam isso para meter medo em você.

Pete viu a expressão em seu rosto.

– Relaxe, não vou levá-la diretamente para lá – ele disse. – Você vai conversar com a Wanda e ela verá o que fazer com você. Se você tem tanto medo de abrigo, diga-lhe que quer alocação de emergência e depois quer ser adotada por uma boa família que não bata em você ou não repita a sua. – Ele deu outro piparote no nariz e lançou-lhe um olhar de esguelha que provavelmente achou que era sub-reptício. – Sinto muito por qualquer coisa que tenha sido. Imagino que fosse muito ruim. Ainda assim, esse é um modo muito perigoso de sobreviver. Tem absoluta certeza de que não quer voltar para casa?

Pensou em sua casa por um longo instante. Parecia menos real do que o que havia feito, não só com os Petes para sobreviver, mas na outra vez. Lembrou-se de uma pequena lâmina perversa e de ter se arrastado para fora de um buraco, sobre as mãos e os joelhos escorregadios de sangue. Pensou em quem estava esperando na saída do buraco. O sangue de quem estava secando no chão do bunker.

– Não era – ela disse, e tentou de novo. – Eu só *precisava chegar a...*

– A San Francisco. Eu sei. – Ele suspirou profundamente e ela o odiou com cada fibra do seu ser, o Pete idiota. – Você não inventou isso – ele completou.

Ela sabia que não. Foram os Petes. Foi Janiece. Foi John David.

12

Tom está terminando uma comida requentada à mesa da cozinha quando chego em casa. Não há sinal de Julie.

– Onde está o dinheiro? – pergunto. As palavras soam trêmulas e tensas, como se ditas através de uma vidraça riscada.

Tom abaixa o garfo.

– Anna – ele diz, desesperado por ver que já sei de tudo.

– Onde está o dinheiro do Fundo Julie? – pergunto. – E você está transando com Alma?

– Não.

– Mentiroso. – Não acredito que nem me ocorra sentir raiva. Tenho mentido. Julie tem mentido. Jane, também, ao menos a respeito da faculdade. Tom, entretanto... eu sinceramente não sabia que ainda restava uma parte de mim que precisava que ele fosse honesto, que fosse bom, mas havia. Eu queria ficar com todos os sentimentos ruins para mim mesma, lidar com a morte de Julie – *Sim*, digo a mim mesma, *a morte dela* – da pior e mais destrutiva maneira possível. E ele me deixou pensar que eu estivesse fazendo exatamente isso. Isso é, portanto, traição máxima. Não que ele fosse mentiroso e trapaceiro, todo este tempo, mas por me deixar pensar que *eu* é que era.

– Anna, ouça – ele diz. – Você estava bebendo tanto. E se recusava a conversar comigo, se recusava a ouvir. Eu estava muito sozinho. Você nem ia mais ao grupo de apoio comigo.

Tenho vontade de gritar que parei de ir ao grupo de apoio porque aquilo estava me matando. A esperança, sim, mas também a visão da dor das outras pessoas, a ideia das filhas de outras pessoas. Somente minha dor importava.

– Não jogue a culpa em mim – grito.

– Você foi embora e eu precisava de alguém. Eu não amava Julie menos do que

você. Não sentia menos a falta dela do que você.

– Era você quem controlava o fundo – digo. – Era você quem mantinha os outdoors, distribuía os panfletos. Você providenciou os malditos outdoors. Você conversava com os gestores do fundo. E você colocou *Alma* a cargo do dinheiro.

– Sim – ele admite.

– Onde está o dinheiro, Tom?

– Não posso falar com você assim neste estado.

– Que estado? Você roubou o dinheiro de Julie e o deu para sua puta!

– Anna!

– Negue que deu o dinheiro para *Alma Ruiz* – grito, expelindo o nome furiosamente.

Ele coloca a cabeça entre as mãos.

– Eu o dei a Alma. Sim. Uns bandidos que trabalhavam para seu ex-marido apareceram com um pedido de resgate. Talvez a ex-namorada o tivesse chutado e ele viu que não era fácil criar um filho sozinho, não sei. Eu a tornei administradora para que ela pudesse assinar e retirar o dinheiro, esvaziar a conta. Eu o dei para ela pagar o resgate, e ela conseguiu sua filha de volta.

– Agora negue que dormiu com ela.

Faz-se uma longa pausa.

– Negue. Vá em frente. Quero ouvir de você.

– Uma única vez – ele admite, acabrunhado. – Depois disso... cada qual seguiu o seu caminho.

– Acho que você conseguiu o que queria.

Tom se levanta, repentinamente furioso.

– Não fale assim.

– Acho que posso falar como eu quiser – digo, mas ele continua falando.

– Acha que está me dizendo algo que eu não saiba? Sim, talvez tenha sido pelo dinheiro e talvez porque estava tão sozinho e confuso... de qualquer modo, nós tínhamos e ela não. Não a culpo, eu teria feito o mesmo sem pensar duas vezes para ter Julie de volta. Se achasse que cinquenta mil dólares fossem tudo que era preciso, teria dormido com qualquer pessoa por isso. Teria *matado* por isso. – Ele está tremendo. – Você também teria.

Não consigo pensar. Não me permito.

– E se tivéssemos precisado do dinheiro para um resgate para Julie?

– Mas não precisamos. – Ele engole em seco, abaixa os olhos, depois os ergue de novo para mim. – Quer que eu admita? Achei que Julie estava morta, Anna. Era mais fácil acreditar nisso do que ter esperança. – Ele desmorona. Abaixa a cabeça, começa a tremer, os olhos secos, chorando sem lágrimas. É horripilante. – Pode me perdoar?

É nesse ponto que devo me aproximar dele, passar os braços pelo seu pescoço e deixar que ele abrace a minha cintura e comece a chorar, enquanto confesso, também, que acreditava no pior. E em seguida, admitir a terrível verdade: que eu estava certa e, portanto, que ele também estava.

Certo em transar com Alma, certo em salvar a filha de Alma em vez de ficar alimentando a esperança por nossa própria filha. Certo quando, ao dar o dinheiro, Julie estava morta. Morta.

Mas não posso nem pensar em fazer nada disso porque eu o odeio por não acreditar na volta de Julie. Todos esses anos, duvidei disso somente porque pensava que ele acreditava. A ideia de nós dois, lado a lado, cada qual trancado em seu mausoléu particular, chorando sozinhos por Julie, ano após ano, é deprimente e enfurecedora. Durante todos esses anos tive inveja de sua fé. Se soubesse que ele duvidava, poderia ter sido aquela que mantém a esperança. Poderia ter sido *eu* quem frequentaria aquelas reuniões, *eu* a manter a busca viva enquanto o dinheiro desse. Poderia ter sido eu.

– Anna, por favor. – Ele ergue os olhos.

Saio da cozinha sem dizer nem uma palavra. Tenho que ir ao encontro que marquei com Alex depois que ele me contou sobre o Fundo Julie, mas primeiro preciso encontrar algo em minha mesinha de cabeceira. O IHOP, o restaurante da cadeia especializada em café da manhã, na I-10, era bem perto de casa, mas quero acabar logo com isso, o mais rápido possível, antes que eu mude de ideia.

O envelope de papel pardo ficou muito mais gordo, como se tivesse comido sem parar desde a última vez que o vi. Já não fecha mais, fica com a boca aberta sobre a mesa grudenta entre nós, o conteúdo parcialmente obscurecido pela aba. Pergunto-me o que Alex teria coletado naquele envelope sobre Tom e eu, sobre Alma Ruiz, sobre Gretchen Farber. Minha vida, camada sobre camada de mentiras sedimentares, sob as quais, bem no fundo, posso ver um lustroso canto de verdade: a fotografia. Sustento a aba sobre a mesa com o polegar e retiro a foto

de dentro do envelope.

Eu a seguro nas mãos e me obrigo a não desviar os olhos. O original é muito maior do que a miniatura e muito mais horrível. Ossos branqueados de um amarelo encardido pelo flash, crânio caído para o lado, uma meia-lua de luz aninhada em cada órbita vazia. Farrapos pretos agarrados à caixa torácica naquela forma que agora reconheço como a terrível paródia de um desenho infantil.

Eu só quero o corpo.

Tento pintar o rosto de minha filha sobre o terrível vazio do crânio. Construo as faces macias, preencho os olhos, lhe dou olhos azuis e cabelos louro-claros que se espalham pelo chão. Mas é demais e, em vez disso, me vejo pensando em Julie, ou na pretensa Julie, na mulher que está morando na minha casa e que diz que é minha filha – por dinheiro, por diversão, por alguma outra razão terrível demais para imaginar. Seu rosto se intromete, mesmo neste momento. A fotografia fica turva, mas continuo olhando, as lágrimas escorrendo por meu rosto.

– Sinto muito, Anna – Alex diz baixinho, colocando a mão em meu braço, onde os músculos que mantêm meus dedos pressionados ao redor da foto estão tremendo. Ele deixa sua mão pousada ali por um tempo, em seguida a retira.

Coloco a foto sobre a mesa com a mesma delicadeza que colocaria um bebê no berço.

– Agora você tem certeza – fala Alex, a voz ainda baixa, mas com aquele tom penetrante, incansável, já reaparecendo. – Por quê?

Enfio a mão na bolsa, retiro a fotografia, coloco-a na mesa e viro as duas fotos para Alex.

Ele imediatamente prende a respiração.

– A camisola – ele diz. – Não sei por que eu não...

– Eu tinha que vê-las juntas para ter certeza.

A foto é da manhã de Natal, nove meses antes de tudo acontecer. Julie está sentada sobre os joelhos diante da última árvore de Natal que tivemos, segurando seu diário novo em uma das mãos e na outra a caixa propositadamente grande demais em que o pusemos para despistá-la, sorrindo com a felicidade tola e grogue de uma criança ainda pequena o suficiente para se importar com Natal.

– Por que a polícia não tem esta foto? – Alex indaga baixinho, ainda fitando-a.

– Eles pediram fotos recentes – explico. – Eu simplesmente não pensei em...

quero dizer, olhe para ela. Ainda é uma menininha. – Foram apenas nove meses entre a data em que a fotografia foi feita e a data em que Julie desapareceu. Como podia ter mudado tanto em nove meses? É o sorriso, é claro. Esta é a última foto de Julie sorrindo como uma criança, com a boca aberta, exibindo os dentes. Pouco depois disso, ela se tornou uma adolescente de sorriso reticente. E então desapareceu.

– Não, não – ele insiste. – Quero dizer, não há nenhuma foto dela com esta camisola em nenhuma parte dos arquivos do caso, apenas uma descrição. Presumi que você não tivesse nenhuma. É exatamente esse tipo de descuido que jamais teria acontecido se o caso tivesse sido tratado... – Ele se interrompe, sacode a cabeça, olha para as duas fotos outra vez e suspira. – Bem, de qualquer modo isso coloca aquela teoria por terra.

– Que teoria?

– A de que Julie fugiu de casa.

Olho fixamente para ele.

– Ora, vamos, Anna. Você tinha que saber que essa era uma possibilidade. Não se parecia nada com um sequestro. – Ele sacode a cabeça. – Por que você acha que eles investigaram você e Tom tão rigorosamente?

– Mas Jane viu...

– Testemunho ocular de uma menina de dez anos? Daquele ângulo, de um closet escuro em uma casa às escuras? Não é particularmente confiável – ele diz. – Sinceramente, Anna, sempre houve mais de uma pequena razão para se acreditar que Jane inventara tudo isso ou que tivesse sido convencida a mentir. Ou, se realmente tivesse visto alguma coisa, não tenha entendido o que viu.

– Mas... – *Eles lhe deram um pirulito para ficar sentada muito tempo com o desenhista de retrato falado da polícia*, tenho vontade de dizer, mas as palavras parecem tolas até em minha mente. – A investigação...

– Claro, um caso chocante, de grande repercussão, não deixa pedra sobre pedra. Sem outras pistas, eles estavam prontos para levar a história dela a sério, ao menos em público. Por trás das portas, entretanto... acredite-me, eu estava lá, sei para onde estava caminhando. Vi todos os sinais.

– Não – digo. Parece-me importante continuar a repetir isso, porque o que ele está deixando implícito é na verdade pior do que o meu pior pesadelo. É algo que nem sequer cheguei a reprimir. Nunca precisei, porque simplesmente nunca

pensei nessa possibilidade. Embora agora, com a palavra *fugitiva* em vez de *sequestrada* reverberando em meus ouvidos, pergunto-me de repente por que não.

Como se lesse minha mente, tateia os dedos e começa a enumerar suas provas.

– Sinais mínimos de entrada forçada. Quase encenado, como se alguém só tivesse passado uma gazua por lá durante algum tempo, depois aberto a porta com uma chave. O alarme nem sequer estava ligado.

– Nós às vezes...

– Eu sei, vocês não o ligavam toda noite, ok – ele diz. – Pode ser. Ou pode ser que ela própria o tenha desarmado. – Ele prossegue para o dedo médio. – Nenhuma arma.

– A faca...

– *Sua* faca, que ele pega na cozinha depois de invadir. Ele vai à casa, no meio da noite, completamente desarmado. E vai diretamente para cima. Sabe exatamente qual quarto...

– Nós repassamos tudo isso com a polícia. Disseram que ele devia ter vigiado a casa.

– Não estou dizendo que ele não tenha feito isso – Alex me lembra. – Só estou dizendo o que a polícia dizia. Eu estava lá, lembra-se? Vi o arquivo.

Deixo-me afundar, esgotada, no banco.

– Eles não acreditaram que houvesse nenhum homem. E mesmo que tivesse havido... tudo indicava que ela já o conhecia, Anna.

Esforço-me para não altear a voz e ela fica entrecortada.

– Olhe, eu não me importo se ela o conhecia ou não. Julie tinha treze anos. Isso é sequestro de criança.

– Sem dúvida. Mesmo assim, um crime. Mas um tipo muito diferente de investigação. Fugitivos são mais difíceis de serem encontrados, porque não querem ser achados. – Alex Mercado espera um segundo, como se avaliasse se devia falar. Então, prossegue. – Não sei como dizer isso. Se estivesse em meu bairro, não haveria dúvida de que ela era uma fugitiva.

– Mas Julie tinha apenas treze anos...

– Assim como Stephanie Vargas. Ela entrou num carro com um amigo da família em 2005. Minha irmã menor fez o colégio com o irmão dela. Nós não

levantamos um dedo pela família Vargas. Ela e o irmão estavam com um tio enquanto a mãe visitava parentes no México. – Ele suspira. – Stephanie era uma aluna que só tirava as melhores notas. Tocava clarinete. Praticava todos os dias. – Ele me olha direto nos olhos. – Seu corpo foi achado a cerca de um quilômetro de sua casa. Jogada em uma vala de esgoto.

Calo a boca. Seu rosto parece mais velho, anos mais velho, e posso ver a sombra de muitas brigas. A raiva toma conta de mim.

– Então, você sabia – digo. – Sabia disso, sabia que não estavam realmente procurando por Julie, assim como não procuraram por essa outra garota e, em vez de denunciar, em vez de lutar por todas essas meninas, *Por Julie*, você simplesmente pediu demissão?

– Eu não pedi demissão. Fui demitido.

– Não foi o que me disse antes.

– Eu menti.

Você e todo mundo, penso.

– Então, por que não nos procurou na época? – pergunto, implacável. – Se você é o tal cavaleiro branco, onde estava há oito anos? Quando realmente importava?

– Não sei dizer ao certo, mas se tivesse que adivinhar, diria que desmaiado de bêbado em algum banheiro público – responde. – Ou em um estacionamento ou atrás de uma caçamba de lixo. É preciso esforço e determinação para ser expulso da polícia só por ser bêbado. Realmente enche a sua agenda social. – Ele suspira. – Olhe, para ser honesto, mesmo depois que fiquei sóbrio, eu não tinha muita confiança em mim mesmo. – Inclina-se para a frente. – Mas eu tentei achá-la. Por favor, acredite-me, Anna. Eu tentei.

– Por que você se importa?

Ele dá de ombros, desconfortável.

– Alguns casos a gente nunca esquece. Eles simplesmente nos atormentam. Você tem certeza de que deu uma mancada, mas não há nenhuma prova.

Nós dois olhamos as fotos sobre a mesa.

– Até agora. Não precisamos de uma amostra de DNA, não com isto. Posso levá-la à polícia. Você, fique calada; não precisa nem se envolver. Eles vão comparar o relatório forense sobre os restos mortais com os registros de Julie. E vão descobrir o que já sabemos. – Ele me olha nos olhos. – Basta dizer a palavra.

Mas não consigo dizer nada.

– Tenho a sua permissão?

Desvio os olhos. Balanço a cabeça, concordando.

– Sei que é tarde demais, Anna. Sei que nunca poderei desfazer o que fiz, ou deixei de fazer, enquanto bebia. Mas isso é tudo que eu tenho. – Faz uma pausa. – É tudo que posso fazer para me desculpar.

– Não quero suas desculpas.

Quero minha filhinha.

Baby

acordou sem abrir os olhos. Todos os seus órgãos internos doíam, como se sua barriga fosse um punho apertando-se com toda a força. Era como dormir com um elástico nos cabelos molhados e tentar puxá-lo de manhã. Como alguma coisa que não quisesse se soltar agarrando-se a alguma coisa que já não estava lá. Ela dobrou-se sobre si mesma para juntar melhor as paredes internas de sua barriga e preencher um buraco, mas seu corpo moveu-se lentamente e quando ela tentou envolver os joelhos com os braços, seus pulsos pareceram presos ao chão por ímãs poderosos. Permaneceu assim, curvada sobre um dos lados, os joelhos no queixo, os braços arriados.

Seu corpo estava lento, mas sua mente estava acordando depressa. A ausência que fazia seu ventre doer soava em seus ouvidos como uma campainha, tocando cada vez mais alto, enviando calafrios para cima e para baixo em sua espinha. Ela vencera. Esther estava sangrando para fora dela em uma grossa tira de toalha dobrada e enfiada no meio de suas pernas. Esther finalmente se fora e, com ela, o último resquício de John David.

Ela tentou invocar sua imagem, da maneira como o vira um dia, usando um tremeluzente halo de luz. E quando via um halo de luz agora, era o globo aceso na cozinha onde estava deitada de costas sobre a mesa dura, com as pernas escancaradas, e a parte escura no centro da luz não era John David, mas um homem em jaleco de médico, com máscara cirúrgica e luvas, que lhe deu uma pílula doce para fazê-la derreter sobre a mesa até quase afundar através dela. Então, seu espírito subiu, subiu em direção ao globo de luz, onde os corpos de insetos alados, eviscerados, com as entranhas incineradas, jaziam em uma pilha de pó. Com sua última gota de força de vontade, voou para dentro da luminária e deixou que seus tecidos fossem incinerados para fora. Agora era outro esqueleto que somente ela poderia preencher.

Quando acordou outra vez, sentia tanta dor que mal podia aguentar. A cama feria seus ossos. Onde estava?

Como estava escuro lá fora, levou algum tempo para perceber que não estava em uma cama. Estava deitada em uma laje corrugada, inclinada, de concreto, embaixo de uma ponte, o cheiro de gasolina e de azedo enchia suas narinas. Janiece estava sentada a alguns passos dali, a cabeça e os ombros emergindo de um monte de cobertores. Moveu-se e Janiece virou-se para ela.

– Ei, Baby, está se sentindo melhor? – Janiece perguntou. Inclinou-se e ajeitou alguns cobertores sem abandonar seu próprio ninho. – Você andou fazendo uns barulhos aí.

Ela abriu a boca para dizer *Dói muito*, mas houve apenas uma arfada de ar onde sua voz deveria estar, como se o punho cerrado em sua barriga também estivesse espremendo seus pulmões.

Janiece balançou a cabeça.

– Sim, você tem cólicas – ela confirmou. – São horríveis. Eu tive muita cólica depois do meu.

À ideia de Janiece com um bebê na barriga, ela pestanejou.

– Não tenho nada para lhe dar contra isso, Baby – Janiece continuou. – Ah, não olhe para mim desse jeito. Eles não a mandam de volta para casa sem nada lá na casa do Smith. Eles lhe dão uma grande dose dupla para derrubá-la de vez, mas depois disso é “Nã, nã, nã, nã, não. Você tem que vender” ou “Você tem que cheirar”. Baby, eles não lhe dão nada na casa do Dr. Smith. Não confiam merda nenhuma em você. – Ela falava mais consigo mesma, mas em voz alta, como se tivesse uma plateia debaixo da ponte, onde os pombos se alinhavam no nicho embaixo do concreto como uma fileira de animais empalhados em uma prateleira.

Ela abriu a boca para falar outra vez, mas sua respiração continuava difícil.

– O que foi, Baby?

– Pare de me chamar de Baby.

Janiece apenas olhou para ela, sem se impressionar.

– Bem, você não é mais a Garota da Peruca. Qual é o seu nome?

Ela pensou por um minuto. Permaneceu em silêncio.

– Tudo bem, Baby – Janiece disse. – Você pode ser Baby por algum tempo, não vai te matar. – Inclinou-se outra vez, estendeu a mão. Os dedos tocaram seus

cabelos e Baby não resistiu, relaxou. Os dedos eram cálidos e pesados contra seu couro cabeludo, a pele seca e áspera pegava seus cabelos e dava pequenos puxões, e sua própria pele pinicava em torno dos cabelos puxados.

Baby permaneceu de lado a noite toda, mas não dormiu. Sua barriga doía tanto que não podia sentir qualquer outra coisa.

– Você só precisa de algo para comer – Janiece disse. – Agente firme, vamos ter alguma coisa quando Pete voltar.

Baby não perguntou quem era Pete, apenas balançou a cabeça.

Esperaram muito tempo. Os carros passavam com um zunido a intervalos aleatórios, às vezes vários ao mesmo tempo, às vezes trinta segundos sem nenhum e depois somente um a cada dez segundos durante algum tempo. Baby contava-os, mas não podia ver de que cor nem de que tipo eram. Janiece olhava fixamente na direção dos carros, imóvel como os pombos.

Quando Pete finalmente chegou, Baby viu que também tinha permanecido imóvel como um pombo todo esse tempo, porque Pete trouxe tanta movimentação à rampa de concreto que Baby retomou a consciência, mesmo quando novas rodadas de cólica fizeram suas entranhas chocalharem como as rodas do carrinho de supermercado que Pete empurrava à sua frente. Quando ele se aproximou, puxou algumas tiras de cobertor que estavam enroladas em seu pulso e amarrou-as em volta das rodas do carrinho, para que não rolassem pela rampa abaixo.

– Você demorou muito – Janiece reclamou. – Pensei que íamos apodrecer aqui. Olhe, Pete, preciso que tome conta dela para que eu possa ir arranjar alguma coisa para comer. Estou morrendo de fome. Tomei conta desta menina o dia e a noite inteiros.

– Do que você precisa, J? – Pete perguntou sem olhar para Baby nem por um segundo.

– O que você tem aí para acalmar? – ela indagou. – Pó?

– Vai sonhando – Pete respondeu. – Posso conseguir um pouco para você mais tarde, mas vai ter que me arranjar alguém, compreendeu?

– Tylenol?

– De jeito nenhum. Sinto muito.

– Então, pra que você serve, Pete? Por que acha que ficamos sentadas aqui a noite inteira esperando sua bunda mole?

– Vá até o acampamento se quiser Tylenol.

– Não com esta aqui – ela disse, olhando para Baby outra vez. – Ela ainda não pode se virar sozinha.

– Ou à clínica.

– Não vamos a mais nenhuma clínica por algum tempo – Janiece falou em tom baixo e grave.

– Tudo bem – ele concordou. – O que eu tenho é um pouco de erva, é tudo que tenho no momento.

– Sabia que você não era um inútil. – Ela sorriu. – Vamos, Baby, arranjei uma coisa pra você. Vai ajudar, acredite em mim.

Baby tentou mexer os braços e as pernas, mas o concreto irregular era mais difícil do que pensava.

– Vamos, vai querer ou não? Vai acabar com as cólicas para você. Então, eu vou poder sair e arranjar alguma coisa para comermos.

Baby forçou-se a ficar parcialmente sentada e viu Pete olhando para ela pela primeira vez. Um cheiro forte, quente, encheu o ar, algo como o interior de um sapato, mas também como o vapor de uma xícara de chá, não inteiramente desagradável.

– Tome, querida – Janiece disse, empurrando o baseado para junto de seu rosto.

Baby já vira um baseado antes, quando um menino levava para a escola, embora outros garotos tivessem dito que era orégano. Certamente não era nada que ela associasse com o cheiro que atingiu seu rosto quando Janiece lhe entregou o enrolado de papel frágil e quebradiço, quente do trago que já o havia atravessado.

– Está de brincadeira comigo... – Janiece disse, vendo sua confusão. – Assim, Baby, viu? – Ela sugou a ponta amarrotada do baseado com os lábios rachados e enrugados, tragou, prendeu a fumaça nos pulmões e soltou-a em um jato com uma tossida. – Você é mesmo um bebê. – Ela passou o baseado e Baby o pegou, sugou experimentalmente a ponta úmida e tragou. A fumaça a surpreendeu, uma sensação estranha em seu peito, algo áspero e irritante. Tentou segurá-la, mas seus pulmões entraram em convulsão, expulsando a fumaça para fora, no ar. Ela começou a tossir incontrolavelmente.

– Tudo bem – Janiece falou. – Tente outra vez. Não se preocupe comigo, Baby,

termine você mesma. É todo seu. Eu só estava lhe mostrando como é.

– Claro – Pete disse. – Eu não quero. Mas nunca vi você recusar um baseado, J.

– Só estava mostrando a Baby como se faz – ela retrucou. Enquanto isso, Baby tossia outra vez, mas um xarope espesso escorria em sua boca, de modo que ela mal percebeu que estava tossindo. Em seguida, uma sensação deliciosa tomou sua barriga. Era como se o punho cerrado tivesse relaxado, ou talvez, ao prestar atenção, o punho ainda estivesse lá, tão cerrado como sempre, mas ela não se importava mais porque todos os seus músculos haviam começado a se tornar elásticos, um a um, menos tensos, que podiam se esticar para sempre, como Silly Putty. Sua pele tremia sob os milhares de folículos de pelos que pareciam ter se transformado em pequenas antenas, e todo seu corpo se dissolveu em pontos de luz, ou bolhas, como em um refrigerante. Ela se sentiu muito feliz, muito segura. Até mesmo aquele lugar embaixo do viaduto se transformara em uma pequena câmara e ela era algo precioso guardado ali dentro, escondida onde ninguém poderia achá-la.

– Está se sentindo um pouco melhor, Baby? – Janiece perguntou, e agora ela conseguiu balançar a cabeça. Sua boca se abriu por conta própria e as palavras “Sim, obrigada” saíram como de uma boneca de marionete.

– Tão educada! Isso é bom. Continue fumando. Mas logo vai ficar com muita fome. Tenho que arranjar alguma comida no acampamento. Pete está aqui, ele vai cuidar de você enquanto eu estiver fora.

Baby sacudiu a cabeça de um lado para outro ao ver Janiece se levantar. De repente, Janiece parecia muito ágil, plantada nos dois pés, já que o mundo inteiro estava inclinado e ela se equilibrava perfeitamente naquela posição oblíqua. Baby girou o pescoço para fazer o mundo voltar a ficar na posição certa, mas tudo voltou a ficar em declive, e ela se lembrou de que ele era realmente torto. Isso lhe pareceu engraçado, tão engraçado que começou a rir sem parar. Seu ventre doía da risada, não das cólicas, a menos que fossem a mesma coisa. E tinha se esquecido de como era a dor da cólica. Não havia nada dentro dela. Ela era Nada.

A essa altura, Janiece já se fora e, de repente, Baby compreendeu o que estava acontecendo com uma clareza cristalina. Era tarde demais para ela se mover, é claro, estava imobilizada contra o concreto como uma boneca em uma prateleira com enormes olhos de vidro que não se fechavam, nem mesmo quando Pete começou a mexer em suas roupas por baixo do saco de dormir e o cheiro dele

tornou-se sufocante. *Ok*, ela disse a si mesma, porque o pânico estava começando a tomar conta dela, denso e quente, e sabia muito bem que gritar por Janiece ou qualquer outra pessoa não adiantaria absolutamente nada, porque este era apenas mais um caminho que escolhera percorrer, lembra-se? De agora em diante, escolheria tudo que a preenchesse, e no momento era Nada, no momento era Pete, no momento era algo que ela precisava fazer para ter direito ao xarope quente de fumaça que forrava suas entranhas de tinta cintilante.

Esse mundo lento, licoroso, lhe deu todo o tempo de que precisava para decidir o que fazer em seguida. Era como se estivesse em uma bolha com o homem chamado Pete, o saco de dormir, os pombos e os carros, cujos faróis nunca iluminavam o lugar atrás do pilar por mais que um quarto de segundo, mas durante aqueles lampejos, via que Pete tinha punhos cerrados e que havia uma faca escondida em seu bolso, e por que não haveria? Não seria a primeira vez que ela roubava uma lâmina perigosa.

Baby permaneceu imóvel, esperando que acabasse. Nada ficou fora de visão.

13

Eu a observo a semana inteira, à espera de que algo aconteça.

Agora, agradeço por seus cabelos curtos e vermelhos, que tanto revelam quanto tornam seu rosto menos familiar. Refaço seus contornos, não com o conhecimento íntimo de uma mãe, mas o com a curiosidade de uma estranha. Tento não sobrepor a verdadeira Julie sobre a falsa, comparar linha por linha, mas conhecer cada curva e covinha de novo. Seu queixo é bonito, fino, mas o maxilar é mais quadrado e mais bem delineado do que parece à primeira vista, sua testa mais alta e toldada pelas primeiras rugas que nenhuma expressão vazia poderá apagar completamente. Tento determinar o ângulo entre a ponte e a ponta do seu nariz, traçar as abas de suas narinas.

Não a encaro se puder evitar. Perigoso demais. Ela vai sentir que estou olhando e sentirei algo que pode ou não ser real.

Ainda assim, eu a estou deixando apreensiva. Ela deixa cair um copo na pia da cozinha na quarta-feira de manhã e ele se estilhaça; Tom tem que segurá-la pelos ombros e movê-la para o lado para poder limpar tudo. Julie corre para seu quarto e fecha a porta, de forma dramática, mas tão silenciosamente como se estivesse desempenhando um papel em um filme mudo. Pode subir ou descer as escadas quase sem nenhum ruído. Imagino se ela está andando de um lado para o outro em seu quarto; se estiver, não ouvimos nada embaixo.

Tom e eu não falamos sobre isso. Não nos falamos desde a segunda-feira e ele dorme no quarto vazio de Jane, para onde levou sua escrivaninha e seu computador. Presumo que trabalhe lá durante o dia. Talvez Julie entre e saia enquanto Tom olha para sua tela e tenta não notar.

Quanto a mim, também vou para o trabalho. Uma vez em meu escritório, com a porta trancada por causa da secretária do departamento, fico alheia aos professores e alunos passando pelos corredores; nada pode me atingir. Coloco

meu celular sobre a mesa e deito a cabeça ao lado dele, à espera da ligação de Alex, à espera de notícias sobre o teste de DNA. Às vezes, fico impaciente e me imagino chamando a polícia eu mesma, contando-lhes minhas dúvidas sobre a mulher em minha casa. As coisas caminhariam muito mais depressa depois disso. Mas joguei fora o número de Overbey e encontrá-lo novamente exigiria mais força de vontade do que tenho.

Além do mais, dessa forma, como Alex disse, não tenho que me envolver. Ela jamais saberá que fui eu. Essa é a vantagem de identificar um cadáver em vez de uma jovem viva.

E o que acontecerá quando eles obtiverem os resultados? Imagino a polícia invadindo a casa, pronta para algemá-la e levá-la embora. Ela está sentada no sofá debaixo da manta, vendo um filme; e se vira com o barulho. Tento me vacinar contra a expressão em seu rosto quando eles forem pegá-la. Choque? Raiva? Mas eu nunca o vejo. Em vez disso, continuo vendo sua expressão iluminada pela tela de ultrassom: uma dor sem fim, um desespero absoluto.

E se eu estiver errada?

Mas estes são os hábitos da negação. Quando sinto que estou começando a ceder, me obrigo a pensar na foto.

É uma viagem curta, daí à lembrança da arma de Tom. Quando foi que Tom fez aulas de tiro, quando obteve a licença para ter uma arma? Mais uma coisa que ele estava fazendo sozinho, embora eu saiba que não leva muito tempo. Sei, porque certa vez planejei comprar uma arma. Disse a mim mesma que foi por essa razão que fui ao campo de tiro: estava praticando para obter minha licença, atirando contra um pedaço de papelão no formato de um homem por razões inteiramente pragmáticas. Se alguma coisa desse tipo acontecesse de novo, dizia a mim mesma, queria estar preparada.

Era mentira. Eu queria fingir, em todo cenário possível, que o estava matando. Toda vez que a arma disparava e sentia o tranco atravessar meu corpo, sentia uma euforia com a ideia de que talvez tivesse errado o coração, atingido um ombro, um joelho ou a virilha, de modo que teria a chance de fazer isso repetidas vezes. Eu queria matá-lo para sempre.

Certo dia, quando dirigia para o campo de tiro, compreendi que não era realmente o sequestrador de Julie quem eu queria matar. Era outra pessoa, a pessoa realmente culpada pela morte de Julie – e mesmo que ela não fosse a

culpada, era a única pessoa que eu podia responsabilizar. Um campo de tiro é o lugar mais fácil do mundo para você se matar; nem é preciso possuir uma arma para disparar. Chovia muito, um desses aguaceiros de verão em que o ar parece do avesso, como uma monção, e quase bati com o carro no caminho. Estava bêbada demais para escrever meu nome na folha de presença naquele dia e eles não me deixaram entrar.

Nunca mais voltei lá. Foi o começo do fim da bebedeira, e quando fiquei sóbria, resolvi não comprar uma arma.

Mas há leis de inevitabilidade em ação em nossas vidas. Enquanto eu chorava, bêbada, em meu carro, à beira de um colapso, Tom, em algum lugar do outro lado da cidade, estava tomando uma decisão diferente. E agora a arma está em nossa casa, como sempre deveria ter estado.

Agora que a perdi outra vez, sempre posso usá-la.

Na noite de sexta-feira, após o jantar, Tom sobe para o quarto de Jane e fecha a porta, enquanto me sento no sofá e vagarosamente zapeio os canais a cabo. Algo tem que acontecer; algo tem que se quebrar. Creio que acontecerá esta noite.

No meio de uma reprise de *Roseanne*, Julie confirma passando rapidamente pelo sofá a caminho da porta. Ouço a porta da garagem se abrir, vejo de relance, pela janela da cozinha, o carro de Tom saindo de ré. Deixando a televisão ligada, espero alguns segundos e a sigo em meu carro.

À noite, a autoestrada está menos movimentada, e as contas do rosário passam como um lampejo, em vez de rolarem devagar. Os toldos desbotados e as novas construções e prédios residências parecem lisos e sem graça à noite, irrelevantes. Mal consigo distinguir uns dos outros. Mais à frente, o Range Rover ultrapassa com habilidade os carros mais lentos, para dentro e para fora das pistas – *Julie é uma boa motorista para alguém que acabou de aprender a dirigir*, penso com algum sarcasmo. Embora haja vários carros na estrada, sempre consigo vê-lo. O SUV destaca-se acima dos outros carros, bem visível para mim no pequeno Prius. Sei para onde ela está indo antes mesmo de sinalizar a mudança de direção.

À noite, o Portal é uma colina pelada envolta em vidro brilhante. O estacionamento do térreo está cheio – há algum evento em andamento, um dos cultos noturnos que estão entre as mais intensamente frequentadas das opções

oferecidas pela igreja. Entro na garagem, onde atendentes de terno direcionam uma fila de carros cada vez mais para cima, e um fluxo constante de pessoas flui de volta por uma escada central que desce do telhado. Vou para onde me conduzem, subindo, passando por milhares de carros, até o nível mais alto da garagem.

Toda vez que passo pela escada, olho para a fileira de pessoas, e exatamente quando estou virando para o nível superior, dirigindo para as vagas ao longe, avisto Julie descendo as escadas com o resto da multidão. Ela está usando uma saia longa e um cardigã que comprei há algumas semanas, quando tudo era totalmente diferente.

Estaciono e desço a escada com o resto dos retardatários: um casal magro, idoso, usando camisas de brim iguais e brilhantes fivelas de cinto, a mulher carregando uma bolsa de couro com grandes pingentes de prata pendurados; uma mulher negra mais ou menos da minha idade, de jeans e uma blusa de babados, conduzindo duas crianças à sua frente; uma mulher idosa com uma bengala; um latino alto, barrigudo, de cabeça pontuda, que passa na frente de todo mundo, impaciente. Todos nós emergimos ao mesmo tempo no térreo, depois descemos o caminho que leva ao saguão, apinhado de gente. Os monitores suspensos e a iluminação do salão parecem artificiais à noite, cercados por um leve eco de estádio que nenhuma profusão de carpetes macios e aveludados, nem tapetes felpudos, pode amortecer. Faz o ar parecer um pouco efervescente, de modo que é óbvio que esta estrutura foi originalmente feita para arrebatar.

As escadas rolantes que cortam a entrada ao meio estão cobertas de gente, mas não vejo Julie. Passo depressa pelo balcão de informações e subo na escada rolante para evitar os entusiásticos recepcionistas. Sou entregue diretamente nas mãos de uma mulher magra, de olhos brilhantes e arregalados por trás de óculos grandes demais, no topo da escada.

– Programa?

Pego o folheto de papel lustroso, ainda examinando a multidão à procura de Julie, e ela percebe minha hesitação.

– É a primeira vez que nos visita? – ela pergunta, com um forte sotaque de Houston, aplainando as vogais, pinçando as consoantes.

– Hum, sim. – Balanço a cabeça e ela coloca a mão em meu braço.

– Bem, ouça, querida, eis o que você vai fazer. Você vai descer de novo esta

escada rolante e... está vendo aquela recepção à sua direita? Bem, geralmente Sheena está aqui em cima no topo das escadas comigo, mas você pode vê-la lá embaixo...

Começo a entrar em pânico. E se Julie me vir, parada ali no topo da escada?

– Posso me sentar um pouco?

– Claro, querida – ela diz, mas depois me chama enquanto estou me afastando. – É que, como você é nova, gostaríamos que ficasse com um dos lugares *realmente bons*.

Em minha opinião, um bom lugar é um de onde se possa ter uma ampla visão sem chamar atenção. Dou a volta pela curva do estádio no segundo andar, seguindo o fluxo de pessoas e passando pela sala com uma placa dizendo COMUNHÃO, mais monitores de vídeo e um estande de informações embutido, vazio, que costumava ser uma concessão de lanchonete ou bar quando o lugar era um estádio. Então, entro no santuário propriamente dito.

É imenso e cavernoso. Grupos de lâmpadas iluminavam partículas de poeira a trinta metros de altura, contra a abóbada preto-azulada do que costumava ser o Astrodome; havia somente o intrincado padrão irradiado das claraboias retangulares no teto aludindo à sua antiga identidade.

Já não existe mais o gramado, o Astroturf, substituído por quilômetros quadrados de carpete bege; as cadeiras dobráveis, alinhadas à volta das paredes, foram reformadas em azul-marinho com muito bom gosto. Telões flanqueiam o estádio e uma câmera de TV em uma grua precipita-se sobre o tablado forrado de carpete vermelho, como se estivesse se preparando para o show. Encontro um lugar mais ou menos no meio da seção superior, junto ao corredor, e me sento.

Após alguns minutos, as luzes diminuem e o estádio, ainda se enchendo com um fluxo constante de pessoas, explode em aplausos. O público se levanta em ondas, gritando “Jesus vive!” e “Jesus seja louvado!” acima do som da banda, que começou um zumbido pulsante e dramático. Sete cantores emergem das profundezas do altar, vestidos em trajes adequados à transmissão televisiva e segurando microfones sem fio.

Imediatamente, a música explode, uma batida forte retumba por todo o estádio, tão alto quanto um show de rock, jogo de beisebol ou corrida de caminhão-monstro. O show de luzes a laser começa, raios brilhantes verdes e azuis varrem o estádio. Um deles atravessa meu rosto por uma fração de segundo

e sinto uma injeção de adrenalina, a resposta química por ser banhada, repentina e forçosamente, em uma luz poderosa. Meu coração parece que vai saltar pela boca, como no poema de Wordsworth; sempre me perguntei como seria essa sensação.

A música prossegue com suas batidas explosivas. É um hino pop crescente, a canção que você ouve quase no fim de um filme sobre adolescentes apaixonados. Os telões cortam para os rostos dos cantores, a banda suada tocando seus instrumentos e uma montagem de imagens em modo acelerado: crepúsculos e auroras, flores se abrindo em um décimo de segundo, jovens guiando um jipe pelas dunas, uma linda loura deitada de costas junto a uma fogueira de acampamento, um bebê negro dando passinhos trôpegos com pernas gorduchas enquanto uma mulher branca se ajoelha com as mãos estendidas, um barco a vela atravessando velozmente um lago imenso em sincronia com as nuvens.

Após alguns minutos, os cantores se separam e recuam ao redor de uma figura solitária que caminha para a frente do palco. As pessoas começam a dar socos no ar, os gritos de “Jesus seja louvado!”, cada vez mais altos.

– Estou aqui por vocês – ele diz simplesmente. – E assim também o Senhor.

Reconheço a voz do Círculo de Cura, mas é a primeira vez que vejo Chuck Maxwell em pessoa. Ele parece um cantor pop-sertanejo no Houston Livestock Show and Rodeo ou o pai desaparecido em uma novela. O telão me dá um close-up do par de olhos azuis mais bondosos e sorridentes que já vi.

– Estou aqui para lhes dizer que o Senhor reserva grandes coisas para vocês, seus filhos – Maxwell responde aos gritos e aplausos. – E vocês estão aqui por uma única razão: ouvir, conhecer e louvar Seu Santo Nome. Porque nada acontece por acaso neste grande universo que o Senhor fez. Ele é maior do que seus problemas. E quando Ele chamar o seu nome, eles terão *desaparecido*!

– A-mém! – uma voz grita bem atrás de mim.

Maxwell faz uma pausa e deixa a plateia gritar por algum tempo, um sorriso enrugando sua barba no pescoço.

– Ouçam – ele diz. Outra pausa dramática. A música vai aumentando e as pessoas se balançam de um lado para o outro, sacudindo a cabeça para a frente e para trás.

– Diga, Chuck! – uma voz ressoa.

– Eu vou dizer! Sim! – ele grita. – Por que vocês estão aqui hoje? Deixem-me

lhes fazer esta pergunta: Por que estão aqui hoje?

Ele estende o microfone para a plateia e coloca a outra mão em concha atrás da orelha, enquanto o público grita em uníssono:

– Não é por acaso, Chuck!

Ele leva o microfone para perto de sua barba outra vez e diz:

– Isso mesmo. Não é por acaso. Nada é por acaso neste universo que o Senhor fez para nós. Ele ama cada um de nós, todos nós somos Seus favoritos e logo Ele nos trará algo que está além do que podemos imaginar. E o que quer que Ele tenha reservado para nós – faz outra pausa dramática – *vai valer a pena!*

A gritaria e os aplausos explodem mais uma vez e os cantores chegam à frente novamente para começar uma canção, ocultando-o de vista temporariamente. O homem sentado à minha esquerda bate no meu ombro e me passa um balde de plástico azul com envelopes e dinheiro vivo, uma nota de cem dólares estalando de nova no topo da pilha. Passo o balde para um assistente no final do corredor, que sorri beatificamente para mim, embora eu não tivesse feito nenhuma contribuição.

– As bênçãos do Senhor vão se derramar sobre vocês – diz Maxwell confiante enquanto a música diminui. – Sei que estão preocupados. Sei que não têm emprego fixo, sei que têm uma criança doente ou que há gente atrás de você por causa das contas. Sei que têm o genro que ainda não encontrou Jesus. Vocês ligam o noticiário e pensam como este mundo está ficando cada vez mais sombrio, desviando o rosto de Deus. Estou aqui para lhes dar as boas-novas: *Não se preocupem!* Deixem que Deus cuide de seu vizinho, seu filho, seu senhorio e seu chefe. Aquilo que vocês estão esperando está a caminho e a única razão para não ter chegado é porque sua fé ainda não é *forte* o suficiente!

A música sobe de novo, mas desta vez mais devagar, mais como um hino.

– Agora, na próxima canção, eu e minha equipe de líderes de orações vamos descer deste palco e qualquer um que quiser pode vir aqui e orar conosco. Apenas dirijam-se ao chefe de sua seção e um líder de orações irá ouvir e rezar com você, rezar para que você tenha a sabedoria de ver o que o Senhor já está lhe dando. E os demais podem se sentar e apenas ouvir esses inspirados cantores lhe falarem sobre o amor de Deus.

Conforme a multidão se levanta e se precipita na direção do palanque, começo a entender para que servem os “lugares realmente bons”. Formam-se

filas, enchendo o chão do estádio e subindo pelos corredores, enquanto Maxwell e um punhado de outros assistentes começam a conversar com os poucos primeiros que conseguem chegar ao palco. Meus olhos varrem a multidão de um lado para o outro, à procura de uma cabeleira vermelha, mas o chão do estádio está rapidamente se tornando uma massa indiferenciada de gente arrastando-se para frente em busca de suas orações personalizadas.

Exatamente quando estou decidindo que essa é uma tarefa impossível, lá está ela, na câmera principal, as feições que tenho estudado tão minuciosamente ampliadas e suspensas no alto, em um telão. Observo, paralisada, quando Maxwell aparece a seu lado, o rosto inclinado para o dela, as sobrancelhas arqueadas em uma expressão séria, compassiva, uma das mãos pousadas em seu ombro. A cabeça vermelha ergue o rosto, fica na ponta dos pés até quase atingir a sua altura e aproxima-se tanto que parece que vai beijá-lo. Ela aproxima os lábios do ouvido dele e sussurra alguma coisa. A expressão de Maxwell muda dramaticamente. Seus olhos se arregalam de repente, as sobrancelhas disparam para cima e sua boca se abre com uma arfada, como se tivesse levado uma joelhada entre as pernas.

A câmera corta para outra pessoa.

Arrasto meu olhar da tela para o chão do estádio, desesperada para encontrá-la antes que o momento acabe. Lá está ela, uma das mãos apoiando-se na ombreira do casaco de Maxwell para se firmar e assim poder continuar na ponta do pé, e a outra apontando um dedo em seu peito. Ele dá um salto para trás enquanto ela volta a se apoiar em seus saltos e vira-se para ir embora. Dois homens de terno que estavam atentos ali perto emergem da multidão e começam a se mover em direção a ela, mas Maxwell a alcança primeiro. Agarra-a pelo braço e aproxima-se bem de perto, o corpo inteiro retesado em sua direção, envolvendo-a com uma terrível intimidade. Ele dá um único safanão em seu braço, ela se livra dele e dá uma guinada para o lado, escapando dos dois guarda-costas e do meu olhar, perdendo-se na multidão.

Quando olho de novo para Maxwell, já está conversando com a próxima mulher da fila, suas testas tão próximas que quase se tocam. Entretanto até posso ver que sua mente não está com a mulher que ele está absolvendo. Está com Julie, e Julie se foi.

Levanto-me da minha cadeira com um salto para segui-la, mas paro e deixo-

me cair sentada outra vez. Julie está no térreo e eu estou em cima. Quando conseguir sair do Portal, ela já estará a meio caminho do carro de Tom. Estou estacionada mais longe. De qualquer modo, não faço a menor ideia do que foi que acabei de ver e assim não faço a menor ideia do que lhe diria se a alcançasse agora. Somente uma coisa é verdade: a julgar pela expressão alarmada de Maxwell e a feroz intimidade de sua linguagem corporal no chão do estádio, eles se conhecem. O que ela sussurrou em seu ouvido? Uma ameaça? O que Julie poderia ter contra Maxwell?

Não é Julie, lembro.

Quando o culto chega ao fim, a música se avoluma e estrondeia, as telas piscam e escurecem novamente, os fragmentos de aurora vermelha delineiam o logotipo do Portal e, no *grand finale*, ele se abre. Quando a banda de louvor finalmente chega aos decrescendos, as pessoas ao meu redor parecem exaustas e felizes com a avalanche de positividade. Saio aos esbarrões, sentindo-me vazia. Do lado de fora, no ar da noite, verifico meu telefone. Há uma nova mensagem de voz de vinte minutos atrás. O sinal deve falhar dentro do estádio de concreto, porque não senti o telefone tocar. Então, vejo o número e apressadamente coloco o telefone no ouvido para ouvir a mensagem.

– Oi, Cal. É Gretchen.

É a mesma voz que gritou “Mamãe, Papai” quando nos abraçou na sala da emergência, a mesma voz que sussurrou “Vocês devem ter realmente tentado me achar”, antes de irromper em lágrimas. E agora esta voz confessa em voz alta que ela, a mulher que está morando em minha casa, não é minha filha. Depois de tudo que fiquei sabendo, isso não devia me surpreender. É mais destruidor do que um vídeo indistinto do YouTube, mais destruidor até mesmo do que uma foto da cena do crime. Somente agora percebo que tenho me apegado a um derradeiro e frágil fio de esperança. Essas palavras – É Gretchen – são o som do fio se rompendo.

A mensagem continua.

– Preciso de sua ajuda, Cal. Estou com medo. – Ela começa a chorar. – Se você ainda estiver neste número, você está em Houston. E se você me encontrou aqui, talvez já saiba tudo a meu respeito. Talvez saiba do pior. – Ela soluça incontrolavelmente. – Se você vier me buscar depois de saber o pior, saberei que ainda me ama. Vou à fonte Water Wall para confrontar o homem que fez isso

comigo. Ele vai estar lá à meia-noite. Por favor, venha. Não quero ir sozinha.

No correio de voz, ouve-se o som de uma buzina, seguido de um barulho, como se ela tivesse deixado o celular cair. Em seguida:

– Cal, não sei se isso faz alguma diferença, mas por algumas semanas, eu estive... nós estivemos... Acho que era uma menina.

Ouçó o sinal da caixa postal. “Pressione sete para repetir esta mensagem. Pressione oito para apagar esta mensagem. Pressione nove para salvar...”

Pressiono 9. Quando confrontá-la, quero ter sua própria voz no meu bolso como prova. Quando finalmente chego ao meu carro, são 11h35, e sei que tenho que achá-la agora, esta noite, antes que eu perca o controle e exija saber o que ela está fazendo aqui, por que está atormentando minha família.

Agora que sei que Julie na verdade é apenas Gretchen, um rosto indistinto em um vídeo do YouTube, uma artista de segunda classe, uma impostora, um blefe, não tenho escolha. Tem sido Gretchen o tempo todo. E logo será meia-noite.

Ela

não sentiu a pancada, mas sentiu o preto. Era como água em que estivesse afundando, ou que estava afundando dentro dela. Havia um vermelho acima do preto, e quanto mais perto chegava do vermelho, mais doía. Ao passo que o preto era um preto-azulado tão macio e lustroso quanto nuvens de pássaros alçando voo. O preto era um preto-esverdeado tão macio e lustroso quanto o leito do oceano. O preto era tão macio quanto a almofada de veludo preto que engole o anel de diamante. O preto era tão preto quanto ela própria adormecida.

Ela nadou para o vermelho, lutou na direção do vermelho, embora o preto estivesse tentando engoli-la como um diamante, estivesse enrolando gavinhas em volta de seus tornozelos e arrastando-a delicadamente para baixo, cercado-a de corvos crocitando em silêncio e levando-a para um céu preto-azulado. Mas toda vez que descansava em sua maciez, ouvia Charlotte gritando. Então, houve uma pancada e os gritos cessaram.

Em seguida, outro barulho, um miado, que não parecia vindo de Charlotte, nem de ninguém. Seria ela? Sua língua estava morta, um pássaro morto com asas preto-azuladas. O barulho continuou, um gorgolejo, e depois outra pancada surda que sentiu dentro de suas pálpebras.

Se ela concentrasse cada partícula vermelha de energia nas pontas de seus dedos, quase podia sentir o chão. Estava escorregadio, quente e vermelho. Podia sentir o vermelho pinicando as pontas de seus dedos. Ou talvez não fosse uma sensação, mas um cheiro, um cheiro penetrante que era ao mesmo tempo limpo e sujo. Era o cheiro de perder um dente, o que também era um gosto – quente, metálico.

Ela tentou retirar os dedos, mas os pássaros tinham sido todos eles derrubados do ar, um por um, e parecia ser feita deles, da cabeça aos pés. Assim, seus dedos de pássaros mortos pousaram na poça vermelha elétrica que cheirava

a dentes.

Palavras estavam sendo ditas, uma litania, uma prece. Estavam sendo ditas em uma voz que conhecia muito bem, a voz de John David, mas eram palavras raivosas. Talvez fossem palavras de Deus e Deus é que estivesse com raiva.

– Sua bostinha. Maldita bostinha – eram as palavras que se repetiam sem parar.

O pássaro em sua boca se remexeu e soube que ele estava vivo afinal de contas. E queria gritar. Ela fechou a boca com força.

– O que vou fazer?

Batidas surdas de pés, afastando-se, subindo e desaparecendo. Ele subiu aos céus. Ele havia retirado a pedra e agora Ele estava subindo as escadas do porão em direção ao céu.

Ela abriu os olhos. Charlotte estava caída diante dela, de cabeça para baixo, a pouco mais de um metro de distância, fitando-a através de olhos cheios de sangue. Olhou dentro dos olhos invertidos de Charlotte. Pareciam cheios de sabedoria. Charlotte estava tentando lhe dizer alguma coisa. Charlotte era a corajosa, Charlotte era a inteligente. Ela até mesmo roubara a pequena lâmina da lata de lixo de John David para serrar a fita adesiva.

Não, foi Julie quem roubou a lâmina.

Charlotte, afinal, não estava fitando-a nos olhos. Olhava para a mão direita de Julie, curvada a poucos centímetros de seu rosto. Fitava algo que Julie podia sentir que estava embaixo das costas de sua mão, penetrando em uma das juntas com uma quina aguda. Uma pequena quina perversa.

Quando moveu a mão, a lâmina raspou o chão embaixo e, então, lá estava, a poucos centímetros de seu rosto, dobrada e indistinta, mas inconfundível. Sua mão esquerda deslizou, as pontas dos dedos deixando rastros elétricos pelo líquido vermelho que mesmo agora estava menos quente do que havia estado, mesmo agora era apenas um pouco mais quente do que o próprio ar. Seus dedos ensanguentados fecharam-se em torno de um dos lados da lâmina.

Pés surgiram nas escadas e, ao lado deles, a cabeça de um machado. Por apenas um instante, ela apertou os olhos bem fechados outra vez. Só para se lembrar de como era a vida quando não sabia que Charlotte estava morta, e que ela seria a próxima.

Um barulho inesperado de ânsia de vômito veio do canto. Ela abriu os olhos e

John David estava ajoelhado, de costas também para Charlotte. Ele não estava rezando. Uma poça de vômito escorreu, passando pelos joelhos de John David em direção ao lugar onde estava o sangue, onde ela estava.

Antes que a poça a alcançasse, ela já estava de pé. Mal sabia como fora parar lá. Sua cabeça parecia um bloco de concreto, mas ela a colocou em cima de seu corpo e colocou seu corpo em cima de suas pernas, e então estava de pé, muito mais alta do que a boneca quebrada que era Charlotte e a figura encurvada de John David gemendo no canto. Ele cuspiu, gemeu outra vez e arquejou, lutando para respirar. Uma onda de tontura varreu-a de repente, o vermelho voltando a nublar sua visão com pontinhos preto-azulados nadando em torno das bordas, tentando se levantar outra vez como fumaça. Ela estendeu um pé para se firmar e o barulho fez o esvaziado John David girar sobre os joelhos, uma das mãos ainda no cabo do machado, um pé já entrando em contato com o chão para dar impulso ao corpo e colocá-lo de pé. Mas, quando ele puxou o outro pé para cima, o salto da bota desceu sobre a trilha sinuosa de vômito e escorregou para a frente como a de um dançarino russo. Ele caiu com força sobre a mão que ainda segurava o machado, com tanta força que todo o seu peso esmagou seus dedos entre o cabo do machado e o chão, e ele ganiu de dor.

Ela ficou parada, segurando a lâmina à sua frente, mas enquanto ele se arrastava, tentando se firmar no chão que estava escorregadio de tanto sangue e vômito, ela deu um grito e correu para a escada estreita, não exatamente de quatro, porque ainda segurava a lâmina na mão esquerda, mas quase, usando os braços em sonho, correndo sobre as mãos e os pés, uma espécie de regressão, talvez, a uma época em que as mãos eram úteis para algo mais do que segurar uma lâmina frágil e pequena que, embora perigosa, não era nada em comparação à imensa crueldade de um machado. Seus joelhos, tudo nela estava escorregadio de sangue.

– Esther! Esther! – A voz estava atrás, abaixo, mas a que distância? – Esther, volte! Não vou machucá-la.

Estava no topo das escadas e ele, no pé. Ela olhou para ele ali, tão minúsculo, e viu o começo de uma calva surgindo bem no alto de sua cabeça. Nunca estivera mais alta do que ele antes.

– Esther! – ele gritou outra vez, mas sua mão ainda segurava o machado, agora agarrado perto da cabeça. Sua voz se tornava cada vez mais adúladora, sedutora.

– Nunca pretendi machucá-la, Esther. Charlotte é que era a má. Eu só derrubei você para que você não tivesse que ver.

– Meu nome não é Esther – ela gritou, mas sua voz saiu num sussurro.

– Não – ele concordou.

Ela ficou chocada.

– É Ruth – ele disse – Porque você viu demais.

Ela continuou imóvel.

– Ruth – ele prosseguiu –, você passou no teste. Você fez um sacrifício de sangue.

Sua voz perdera o componente desvairado e se tornara calma, melosa.

– Você fez o que era certo, Ruth. Ela tentou fugir e você a impediu. Agora podemos ser uma família feliz outra vez, só você e eu.

– Eu...

– Você pediu socorro. Charlotte a dominou e você pediu socorro. E eu vim.

Embora sua cabeça estivesse flutuando, sabia que não fora nada disso que acontecera.

Ela sacudiu a cabeça para se livrar das teias de aranha.

– Meu nome é Julie.

Era a única coisa que fazia sentido, mas fez as mãos dele apertarem o cabo do machado com mais força. Ela virou-se e correu, no mesmo instante em que ele galgou a escada.

As pernas dele eram mais longas do que as dela, mas ela dobrou a curva da escada com um salto no instante em que ele tentava agarrar seu tornozelo, o cabo do machado batendo pesadamente contra os degraus. Ela deu a volta para o outro lado da mesa da cozinha quando ele apareceu no topo das escadas, mas então percebeu que havia ficado imprensada contra a parede. Ele segurou o machado com as duas mãos, mudando seu peso de uma para a outra, como se apreciasse sua sensação na palma das mãos.

– Não me faça matá-la, Esther – ele disse.

– Pensei que meu nome fosse Ruth agora – ela retrucou, desta vez forçando as palavras a soarem fortes e altas.

– Seja quem for! – ele gritou. – Não me faça matá-la, porque eu o farei se for preciso, mas Deus não a quer morta.

– Deus é merda – Julie disse.

– Deus é amor e *você* é merda – ele rebateu. – Nunca se esqueça disso. – Ele arremessou o machado no meio da mesa e a fôrmica rachou com a lâmina presa na fenda. Agarrou a mesa do lado dela e empurrou-a com toda a força, o suficiente para fazer John David cair sentado, o machado ainda enfiado na mesa. Ela quase riu de tão engraçada que era a cena. Logo, no entanto, John David se arrastava pelo assoalho atrás dela, tentando agarrar seus tornozelos com as mãos nuas, jogando para o lado a cadeira que atirou nele, até que finalmente ela alcançou a porta.

Ela conseguiu colocar um pé no degrau de concreto antes que a mão dele agarrasse o patético lençol que ainda estava embolado à sua volta como um robe. Tentou bater a porta de tela atrás dela, mas a porta ricocheteou no braço dele. Ela se inclinou para trás, jogando todo seu peso contra a porta. Ele soltou a mão por um instante, com uma sacudida, mas logo seus dedos agarraram seu braço e o apertaram com força.

– Te peguei – ele arfou e seu hálito quente aqueceu-lhe a face através da porta de tela. – Te peguei. – Ele se apoiou com força em seu lado da porta e ela pôde sentir o peso através da tela, curiosamente macio e íntimo contra o corpo dela. Que hora para lembrar aquelas comunhões de pesadelo, que hora para de repente sentir-se mais do que nunca pertencente a ele, naquele momento de quase liberdade, de liberdade frustrada.

– O que aconteceu aqui é culpa sua – ele respirou através da tela. – Você não é Ruth. Você não é Esther. Você não é *nada*.

Mas em suas mãos ensanguentadas ainda se encontrava algo maligno. Ela começou a retalhar cegamente os dedos dele com a lâmina e, quando se abriram, correu.

Nada.

Nada.

Nada.

Ela correu no ritmo do que ela era.

Havia algo, entretanto, encolhido dentro dela, e cada passada, cada baque dos pés nus, enviava ondas de choque por suas pernas até aquilo.

Adeus, ela disse àquilo.

Não me importo, ela disse àquilo.

Você não é nada, ela disse àquilo. Mas sabia que estava errada.

Lembrou-se de uma distante promessa de socorro – pêssegos em calda, milho enlatado – e correu desesperadamente para lá. Todo esforço era concentrado em não tropeçar nas calçadas irregulares, bater o rosto em galhos baixos ou se emaranhar no lençol, que se arrastava pelo chão. Ela não podia perder tempo olhando para trás para ver se ele estava a dez passos, vinte ou nenhum. Bastaria um tombo e as mãos dele poderiam se fechar em volta de sua garganta, mãos ensanguentadas que ela retalhara com a pequena lâmina maligna, a mesma que usara para cometer o pecado que jamais poderia ser apagado. Oh, Charlotte. Coitada, coitada da Charlotte.

Ela atravessou o antigo bairro de Houston de casas de tijolos arqueadas ocultando sabe-se lá quantos crânios esmagados e meninas desamparadas, casas com sabe-se lá quantos segredos ocultos no quintal, ziguezagueando loucamente pelas esquinas. As curvas bizarras, antiquadas, das casas semelhantes às de contos de fadas, com suas densas trepadeiras, deixavam-na nauseada, e passou correndo, em busca de ruas mais largas que significariam civilização, e possivelmente socorro. Mas as ruas estavam assustadoramente vazias – seria cedo demais até para caminhadas matinais?

Ela emergiu do bairro sufocante em uma esquina com sinal de trânsito e parou para recuperar o fôlego. Um pequeno parque estendia-se à direita, ao lado de um prédio longo e retangular, com uma calçada coberta que percorria toda sua extensão. Reconheceu a escultura no gramado, um canal de metal enferrujado afundado na grama de um modo aleatório, sem sentido, como uma fita caída ali, e lembrou-se vagamente de ter visitado este museu em uma excursão há muito, muito tempo.

Olhando à volta, percebeu que não era de manhã. Embora a luz fosse fraca e ela sentisse que atravessara uma longa noite, as cores não estavam de acordo com o amanhecer. O céu era de um branco opaco, sombrio, que a fazia se sentir como se ainda estivesse dentro de casa, apenas em um cômodo maior. As árvores assomavam-se grandes, tão densas e saturadas de verde que a cor parecia sangrar das bordas das folhas. Isso e o fato de que as árvores estavam absolutamente imóveis no ar parado as faziam parecer árvores artificiais em um palco, ou em um sonho. Ela correu para o meio da rua vazia e, esticando o pescoço para a direita, viu uma autoestrada.

E viu, assomando acima dela, mais alto do que as árvores, mais alto do que os postes de luz. *Desaparecida*: uma garota loura, linda e de faces rosadas.

Não era ela. Nada parecida. Ela olhou para o outdoor e depois para si mesma, descalça, imunda após meses no escuro com ele e as coisas que lhe havia feito. E agora havia algo que era Nada encolhido em sua barriga para lembrá-la daquelas coisas. Lembrá-la, também, do que fizera a Charlotte. A garota no outdoor não sabia nada a respeito disso. Ela era perfeita.

No instante seguinte, como se alguém tivesse arrancado um tampão do céu, caiu uma chuva torrencial. Em poucos segundos, formou-se um rio que fluía por seus pés descalços e escondia o outdoor quase por completo.

Ela recomeçou a correr.

Quando chegou ao posto de distribuição de alimentos, a chuva arrefecera, transformando-se em um chuvisco, como os respingos de uma roupa lavada sendo torcida. O sol despontava por trás de nuvens que pareciam de flanela molhada, fazendo as últimas gotas cintilarem em plena queda. O chão já estava começando a soltar vapor, mas ela tremia diante da barraca de fina madeira compensada. Estava fechada a cadeado. “Se precisar de alguma coisa”, a mulher com os pêssegos dissera. Ela precisava de muitas coisas. Seu estômago estava alagado com o enjoo que podia atacá-la a qualquer hora do dia, especialmente quando não tivesse comido. A única coisa que a impedia de vomitar era a ideia de ser encontrada de joelhos, no concreto, sozinha, em frente ao posto de comida. Ela deu a volta para trás da barraca.

Uma figura estava recostada contra os fundos da barraca do posto, abrigando-se atrás da laje de concreto, fumando um cigarro. A mulher ouviu-a e girou a cabeça lentamente em sua direção, como se já soubesse que ficaria entediada com o que veria. Ela examinou-a da cabeça aos pés com um longo olhar, exalou a fumaça do cigarro e esperou com o cigarro preso entre dois dedos junto aos joelhos. Parecia estar acostumada a esperar.

De repente, a mulher entrou em alerta e deu outra tragada, mais rápida, no cigarro. Então, ela o estendeu, apontando:

– Garota da Peruca – disse. – Eu conheço você. Você é aquela garota de peruca. Onde está sua peruca?

A garota abriu a boca para dizer alguma coisa, mas neste exato instante a

fumaça do cigarro na mão estendida da mulher pegou a brisa e flutuou até ela. O acesso de náusea que isso provocou a fez cair de joelhos na lama e ela vomitou no capim alto e molhado atrás da barraca de madeira. Mas não havia nada a vomitar, apenas uma substância ácida que queimou sua garganta. Depois disso, não conseguia ver nada além de pontinhos verdes e amarelos por algum tempo. Depois houve um momento de total escuridão antes de sentir a mão quente de alguém em sua nuca.

– Garota da Peruca, você não parece nada bem – disse a mulher, enquanto a ajudava a sentar-se no concreto. Os pontinhos desapareceram e ela viu o rosto da mulher com mais clareza. A tontura se fora e os cabelos curtos e pretos da mulher espetavam-se para trás em pequenas chamas rígidas. – Meu nome é Janiece. E o seu nome está prestes a virar Mamãe, pelo que sei.

A garota inspirou e expirou, tomando longos goles do ar agora livre de fumaça.

– Eu fugi – falou e parou. Não conseguia descrever em palavras o que acontecera. Ela mentira. Matara. Tentara ser boa. E fracassara.

– Sim, entendi – Janiece disse. – Tem para onde ir?

Ela sacudiu a cabeça.

– Precisa de roupas? Um lugar para ficar?

Ela balançou a cabeça.

– Precisa se livrar disso? – Janiece apontou.

Por um instante, ela ficou confusa.

– De quem é o bebê que você vai ter, querida? – a mulher perguntou com mais brandura.

A ânsia de vômito desta vez veio de um lugar tão profundo que ela pensou que ia se despedaçar. Exceto que isso não era sequer uma possibilidade. Para ter pedaços, você tem que ser *alguma coisa*.

Janiece observou-a enquanto se recobrava, limpando a boca com as costas da mão.

– Ok, então, não tem importância. De qualquer maneira, você precisa botar alguma comida para dentro.

Ela olhou, muda, para o posto de distribuição de alimentos atrás delas.

– Oh, droga, não – disse Janiece. – Rhonda é uma mulher legal, mas um olhar para esta barriga de quatro meses e ela não vai mais deixar você sair da vista dela.

Eles têm um quarto para você.

– Um... quarto?

– Olhe só, ela fala! Sim, têm um quarto especial com um filme especial. Eles são *católicos*, compreende? Não vai querer se meter com católicos em seu estado, merda.

– Ela disse... se eu precisasse...

– Se o que você precisa é de uma aula sobre manter as pernas fechadas. E não estou dizendo que não precisa.

– Eu preciso... – Cada palavra parecia puxada de um poço sem fundo. Às vezes, o balde atingia a água e às vezes apenas descia e descia e ficava se balançando no vazio.

– Sei do que você precisa e posso lhe dizer agora mesmo que não pode ter... não sem um monte de papéis assinados por seus pais em casa. Droga, provavelmente foi alguém de lá que fez isso com você, para começar.

Casa.

Você não é nada.

– Vamos. Você vem comigo. – Janiece ajudou-a a se levantar e suspirou. Quem quer que tenha feito isso com você, espero que apodreça no inferno, porque tirar isso daí vai dar muito trabalho. E vai precisar de dinheiro também. – Um olhar de soslaio. – Mas falaremos sobre isso mais tarde.

Ela pensou em inferno. E também em céu. Pensou no que havia dentro dela, a vida, o coração batendo. Então, pensou em John David, seu peso sobre ela repetidamente. Não conseguira se arrastar para fora do buraco, afinal. Ele estava dentro dela. Seu nome era Esther.

Em 2002, um alpinista chamado Ryan Hartley escalou a Transco Tower usando uma pequena picareta. Quando atingiu o décimo terceiro andar – quase a metade da subida –, ele saltou.

Em seu corpo quebrado, encontraram um bilhete protestando contra a guerra no Iraque. Provavelmente escolhera a Transco Tower porque era um símbolo do boom de petróleo de Houston: 64 andares de vidro preto prateado arremetendo-se para o céu, sozinho no meio de uma área residencial e comercial, o mais alto arranha-céu já construído fora de um distrito empresarial central. Pura energia lançando-se do centro da Terra, como se um gêiser de petróleo pudesse ser aprisionado, purificado e transformado em um prisma de luz. Como se alguma coisa pudesse ser assim tão pura.

Do outro lado da torre, atravessando-se um retângulo de gramado, fica a fonte Water Wall, uma queda d'água artificial, em forma de ferradura com exatamente 64 pés de altura, correspondendo aos 64 andares da Transco Tower. Certa vez, levamos as meninas lá depois das compras de Natal na Galleria. Jane, com três anos na época, libertou-se da minha mão e correu para a beira da água, e Tom saiu correndo para alcançá-la. A aventureira Jane parou exatamente ao pé dos degraus e olhou diretamente para cima, para a parede curva. Em seguida, estonteada pela água corrente, deu um passo à frente. Suas pernas se dobraram. Ela sentou-se e soltou um longo gemido.

Julie, com cinco anos, deitou-se no concreto, a cabeça inclinada para trás para ver o arco gigante de água corrente de uma distância segura. Enquanto Tom segurava Jane nos braços, deitei-me ao lado de Julie para ver o que ela estava vendo. Lembro-me de sua cabeça cálida aninhada junto à minha têmpora, seus cabelos finos roçando a minha face. Juntas, ouvimos os sons de Tom reconfortando Jane, quase inaudíveis acima do barulho da queda d'água. A água

descia pela muralha com tanta velocidade que mal parecia estar em movimento.

Quando Julie falou, suas palavras foram direto ao meu ouvido.

– Mamãe – ela perguntou: – O céu está caindo?

Tentei não esquecer para contar isso a Tom mais tarde naquela noite, depois que as meninas tivessem ido para a cama. Disse em voz alta o que o barulho da água transformou em um sussurro:

– Não se preocupe, querida, não pode nos alcançar aqui.

Senti, mais do que vi, seu sorriso corajoso.

Vistos de longe, as silhuetas recortadas contra a Water Wall iluminada e emoldurada por um arco de pedra, eles podiam ser um casal fazendo fotos de casamento: Gretchen e Maxwell. As mãos unidas, Gretchen inclinada para trás em um arco gracioso contra o peso dele. Então, ele a lança para a frente como uma dançarina e prende os braços ao seu redor. Eles se tornam uma única figura escura, dançando para a frente e para trás em frente à muralha de água iluminada. E quando corro para eles pela grama molhada que se torna cada vez mais lamacenta à medida que se aproxima da fonte, vejo seus cotovelos para fora, enquanto ela tenta empurrá-lo e os braços dele, prendendo-os para baixo outra vez. Ambos estão lutando para pegar sua bolsa, cuja alça parece ter sido enrolada em volta do pescoço dela na luta. Começo a correr.

Sempre me esqueço do quanto a Water Wall é barulhenta de perto, um rugido esmagador que muda de intensidade e de tom a cada passo meu, esvaindo-se por um momento no fundo como um ruído branco, em seguida pulsando com redobrada intensidade. Uma névoa enche a praça redonda de concreto em frente ao paredão curvo da fonte, tornando o piso traiçoeiramente escorregadio. À noite, a luz é um brilho amarelado, doentio, emanando das luzes submersas da fonte. No momento exato em que atravesso o arco e entro na praça, as silhuetas unidas inclinam-se perigosamente e derrapam. Gretchen tropeça para trás em alguma coisa que está no piso e logo está no chão, a cabeça ricocheteando com o impacto, Maxwell desmoronando em cima dela. Ele continua a se debater por um instante como uma criatura das profundezas marinhas levada para a praia, depois se lança para trás, separando seus corpos. Um filete de luz contorna sua barba e por um breve instante ilumina o grunhido de pânico de um animal feroz em seu rosto antes de ele inclinar-se para a escuridão, tentando agarrar a bolsa que agora

está quase embaixo do corpo inerte de Gretchen sobre o concreto molhado.

O *homem que fez isso comigo*. Foi como Gretchen se referiu a Maxwell na mensagem gravada. Não sei o que ele fez ou quem ela é, mas ao ver sua mão estender-se para a figura imóvel de Gretchen, sei que tenho que impedir o que ele pretende fazer em seguida.

Arremeto-me para a frente com todas as minhas forças e logo meus sapatos escorregam no concreto molhado, exatamente como aconteceu com Gretchen pouco antes, e meus pés deslizam embaixo de mim. Consigo lançar a mão à frente e cair sobre uma das pernas, mas meus dentes se fecham sobre um milímetro de língua quando bato no chão, e um jorro de calor toma minha boca. Maxwell me vê e fica de pé em um salto, ainda montado no corpo inerte de Gretchen. Quando abre a boca e fala, sua voz grave se faz ouvir acima do barulho das águas, assim como se fazia ouvir acima do mar de vozes no Círculo de Cura.

– Sei o que parece – ele diz, arquejante. – Mas você não sabe do que esta jovem é capaz. Ela é perigosamente perturbada. Ela mente. Ela é uma assassina.

– Não acredito em você – falo, mas não consigo ouvir minha própria voz e sei que a parte sobre mentir é verdadeira.

– Ela tem me perseguido, fazendo ameaças. Tentou me chantagear. Ela quer meu dinheiro. – Ele gesticula para uma mochila caída no chão molhado a alguns passos de distância. – Ela me obrigou a vir aqui, me ameaçou. Depois, me atacou. – Olho para o corpo imóvel no concreto. – Juro, eu estava me defendendo! Ela tem uma arma na bolsa!

Mas é um erro, porque agora eu nunca o deixarei pegar aquela bolsa.

– Se tudo que ela quer é o seu dinheiro, por que ela o atacaria?

Ele umedece os lábios.

– Como eu disse, ela é perturbada. Eu sou bem-sucedido, ajudo as pessoas. – Sua voz se ergue de maneira petulante, a barba inflando-se sobre o pomo de adão. – Garotas como ela não aguentam um...

– Garotas como o quê?

Ele olha para mim com um leve ar de surpresa.

– Prostitutas.

Engulo o ar por entre os dentes cerrados.

– Não fale assim da minha filha – grito. E embora não seja, de repente é como se fosse.

Ele se arremete para a bolsa, mas o alcanço primeiro e o empurro para o canal na base da fonte com uma força tão explosiva que, quando dou por mim, estou ajoelhada em quinze centímetros de água, em cima de seu peito. Atrás de mim, suas pernas se debatem e se sacodem na água, tentando chutar minhas costas, minha cabeça, mas a maior parte do meu corpo está fora da água e a maior parte do corpo dele está imersa, o que me torna temporariamente mais pesada. Meus joelhos estão sobre seus ombros e posso sentir sua mão tentando agarrar meus cabelos. *Boa sorte, desgraçado*, penso. Cortei meus cabelos bem curtos quando Julie nasceu, deixei-os pela maternidade, juntamente com brincos pendurados, paz de espírito e a capacidade de *não! dar! a! mínima! pra! ninguém! E! meus! próprios! sonhos! E! um! coração! em! meu! corpo!* Com os dedos enrolados em seus cabelos emaranhados, bati sua cabeça no fundo da fonte com toda a minha força, como fiz ao quebrar com um soco a porta do banheiro quando achei que Julie estava ferida do outro lado, mas a água oferece resistência demais e o que consigo, em vez de uma pancada, é a dispersão de água para todos os lados e uma multidão de sombras loucas saltando e adernando para fora ao ritmo da minha fúria.

Atrás de mim uma voz atravessa o rugido da água.

– John David.

Ouçõ um clique que reconheço de minhas fantasias. Na fração de segundo em que o barulho me distrai, ele começa a se arrastar para trás, chutando para se livrar de mim, até ficar imprensado contra a rampa coberta de água. Então, um olhar no rosto de Maxwell me diz que gostaria de não ter me afastado tão rapidamente, e quando me volto, compreendo o porquê.

Gretchen está de pé, segurando a arma.

O barulho da água caindo é como uma folha de papel em branco e a arma é a ponta de um lápis pairando um milímetro acima dela, desenhando nós três invisivelmente no ar antes de nos lançar na folha.

Nossos corpos formam os cantos de um triângulo aberto: o homem com as mãos para o alto à sua frente, as costas pressionadas contra a rampa, a água jorrando sobre seus ombros e golpeando seu pescoço, fazendo sua cabeça sacudir no esforço em manter a firmeza. Apoiada em um só joelho na água, estou paralisada sem me levantar. Gretchen, de pé, segura a arma.

– Esther – diz Maxwell. – Por favor.

Ela o ignora e dirige-se a mim.

– Ele tem razão, sabe? Fiz sexo por dinheiro, mais vezes do que poderia contar. Isso me torna uma prostituta. Fiz coisas muito piores também. Menti e roubei de pessoas que me amavam. Usei-as. Deixei-as.

– Julie – digo, esquecendo-me.

Ela se volta bruscamente para mim e a arma treme em minha direção. Aí, quando me encolho, a arma se volta outra vez para Maxwell.

– Não me chame assim. Estou farta de Julie.

Algo se rompe em meu íntimo. É como se uma parte de meus pulmões ou como se a água da fonte estivesse fervendo e a pele do meu pé estivesse saindo do tornozelo para baixo. Tudo isso é um exagero. O que eu devia dizer é que parece que cada parte do meu corpo está seguindo seu próprio caminho. Parece que estou sendo abandonada por tudo que sempre pareceu uma parte de mim. Talvez, depois que você é abandonada pela pessoa mais importante em sua vida, nunca mais possa deixar de ser abandonada outra vez. Talvez seja destinada a ser abandonada até por suas próprias entranhas, talvez seu pé saia andando com seu fêmur, por que não? Coisas estranhas já aconteceram.

Por exemplo, neste exato instante, Gretchen, ou Esther, ou quem quer que seja, aponta a arma para Maxwell, dizendo coisas que não fazem sentido.

– Eu voltei ao nosso antigo lugar, John David. Levei muito tempo para descobrir onde ficava. Não conseguia me lembrar de como era a casa pelo lado de fora, mas não importa, porque não está mais lá. Apenas um terreno baldio sobrou, exceto pela fita da polícia, uma cruz e um buquê de flores e ursinhos de pelúcia. – Ela faz uma pausa. – Acho que depois que você me convenceu de que eu matei Charlotte, você simplesmente fechou o bunker com tijolos e recomeçou sua vida. Deus sabe que eu tentei fazer o mesmo. – Seu rosto já está molhado demais dos respingos no ar para que eu possa ver lágrimas, mas posso ouvi-la arfar. – Mas outras pessoas amam e se preocupam com a garota morta lá dentro. Você deveria ver quantas velas. Ninguém sabe quem ela é, mas eles não limpam a cena e seguem em frente. – Ela dá um passo à frente. – Nem eu. Eu não matei ninguém. Não tenho mais treze anos e você não pode me dizer que a culpa é minha. – Ela dá mais um passo à frente e mira. – Não vou permitir que você faça isso.

– Ajude-me, Anna, por favor, ajude-me – Maxwell diz, a uns dois metros à

minha esquerda.

O mais discretamente possível, firmo o pé no fundo da fonte.

– Fique onde está! – ela grita.

– Ok – respondo. Parece haver uma parede entre nós, fervilhando com toneladas de água que tenho que atravessar.

– Gretchen.

Isso chama sua atenção. Sua cabeça vira-se abruptamente para mim.

– Sei quem você é. E sei sobre Cal. – Levanto-me bem devagar. – Sei que era dele. Talvez você o ame.

– Não faça isso – ela diz.

– Só quero que você pense no que está fazendo. Pense antes de puxar o gatilho.

– Já tive muito tempo para pensar.

– Eu também – falo. Estou de pé agora, ainda dentro da água. Começo a levar um pé à frente lentamente. Não acho que você seja uma assassina.

– Eu não sou nada.

Mas não para mim. No último mês, alimentei e vesti esta jovem. Abracei seu corpo soluçante no chão do banheiro. Fiquei sentada em salas de espera rezando para que ficasse boa, e não costumo rezar. Não posso tirar meus olhos dela agora ou a arma vai disparar. Um dos pés está quase na borda da fonte. A cada passo que dou em sua direção, seu rosto parece cada vez mais jovem. Estou lutando contra o piso, arrastando os pés pela resistência da água, que parece um rio correndo velozmente.

– Você é minha filha.

Estou suficientemente perto para colocar uma das mãos sobre seus pulsos. Eles estão petrificados, imóveis.

– Julie.

Ela sacode a cabeça para mim.

– Anna – ela sussurra com olhos assustados.

– *Mamãe*. – Delicadamente, envolvo o cano da arma com meus dedos, esperando a qualquer momento sentir um calor escaldante, abrasador.

– Não sou quem você acha que eu sou – ela diz e mal consigo ouvir.

– Quem quer que você seja, eu a amo – digo. Então, seguro a arma em minhas mãos, e estou tateando em busca da trava de segurança, devagar e

cuidadosamente, enquanto mantenho os olhos grudados nos dela. – E o que quer que ele tenha feito, não vale a pena arruinar sua vida por causa disso.

– Ele sequestrou Julie. – Seus olhos estão arregalados e azuis. – Mamãe. Foi ele.

As palavras tornam tudo mais lento, expandindo o rugido da queda-d'água em volta de um vácuo de silêncio. A meus pés, a mochila se abriu e pilhas brilhantes de papel deslizam de seu interior, molhando-se e expandindo-se devagar. Quando a brisa revira um deles sobre o concreto, vejo que se trata de um boletim da igreja.

Em algum lugar dentro do silêncio, Maxwell está gritando.

– Ela é uma mentirosa, Anna!

Mas algo que ela disse há apenas alguns instantes está ressoando em meus ouvidos. O bunker. A fita da polícia. *Nosso antigo lugar*.

– Vejo que você sabe meu nome – digo para ele e puxo o gatilho.

Esther

era uma virgem, uma órfã que vivia com seu tio Mordecai. Mas Esther nasceu para grandes feitos.

Certo dia, o Rei da Luz chamou-a a seu palácio, pois precisava de uma nova esposa, e ela era a mais bela virgem em todo o reino. Esther teve medo. Era apenas uma menina e não queria se envergonhar no palácio do Rei da Luz por suas roupas sujas. Mas ela reconheceu a voz de Deus no chamado do Rei da Luz, e sabia que, quando o Senhor chama, deve ser obedecido. Assim, ela foi à presença do rei. Ele a viu e se apaixonou imediatamente, mas recusou-se a tocar nela.

– Suas roupas estão sujas – ele disse. – Você não deve macular meu leito.

– O que aconteceu então?

Esther chorou de vergonha.

Esther chorou de vergonha. Mas o Rei da Luz disse:

– Não chore, minha menina. Tenha fé em Deus e um dia você será mais limpa e mais bela do que jamais imaginou.

E o que ela pensou?

Achou que ele devia estar enganado.

E por quê?

Porque ela era indigna.

Então?

Ela não questionou o Rei da Luz.

Por quê?

Porque ele falou com a voz do Senhor.

– O que devo fazer? – Esther perguntou.

– Você deve viver no palácio com as minhas concubinas por um ano – ele disse.

Esther ouviu a voz do Senhor nas ordens do Rei e sabia que o Senhor devia ser obedecido. Assim, ela abaixou a cabeça e foi viver com as concubinas.

As concubinas a banharam e perfumaram, e trançaram seus cabelos. Durante um ano, elas não a vestiram, para que aprendesse a humildade. E lhe ensinaram maneiras de agradar ao Rei da Luz. Elas batiam em Esther quando falava, mas nunca deixavam nenhuma marca. Ela nunca pensou em fugir, pois estava disposta a suportar tudo pelo amor do Rei da Luz, que era o escolhido de Deus.

Como Esther se sentia?

Ela se sentia muito sozinha. Sentia como se estivesse morta.

Mas?

Mas ela sabia que o barro de que era feita estava sendo moldado para o espírito.

E então?

Então, ela aguentou.

Outras donzelas foram enviadas à casa das concubinas e ela as viu chorar e se queixar, e algumas fugiram. Mas, por um ano inteiro, Esther nunca verteu uma única lágrima e, embora outras donzelas tivessem sido mandadas para a cama do Rei da Luz, Esther sabia que elas não o haviam agradado, porque depois retornaram para a casa das concubinas e se tornaram escravas do rei.

Um dia, um ano depois de ter visto o Rei da Luz pela primeira vez, ele a chamou para a sua cama. Ficou tão satisfeito que a escolheu para ser sua rainha, a Rainha da Luz. E, desse dia em diante, tem sido a escolhida de Deus.

O que ela faz?

Segue os mandamentos do Senhor.

Como?

Ela ouve seu rei.

Quem é seu rei?

O Rei da Luz.

Quem é ela?

A Rainha da Luz.

Ela é feliz?

Esta foi a parte que ela entendeu errado no começo. Muitas e muitas vezes. Esther tinha uma pequena mancha vermelha, redonda, na parte interna do braço, da primeira vez, arroxeadas e desbotadas. As novas eram na parte interna das coxas.

Mas não hoje.

Ela é feliz?

Não.

Por que ela não é feliz?

O Senhor não quer que seja feliz.

O que Ele quer?

Quer que ela seja boazinha.

E?

Ele quer que seja limpa.

E?

Quer que seja bela.

Ela é. Esther. Ela é.

E então cerrou os olhos. A parte que sempre vinha em seguida já não doía absolutamente nada.

Durante o dia, ele rezava, e ela, sua primeira discípula, segurava a cesta. Ela usava um lençol enrolado no corpo, até em cima e, no começo, por cima da cabeça, como um capuz, até que ele espreitou uma peruca em uma lixeira em um beco atrás de um prédio. Dali em diante, ela passou a usar a peruca. Era preta, cacheada, com uma auréola de cabelo frisado no topo, e uma das metades era mais comprida do que a outra, como algo que se pode encontrar em uma loja de Halloween em um saco plástico. A parte de baixo da peruca era dura e áspera por ter ficado muito tempo amarfanhada em uma única posição. Ela espetava sua cabeça. Cheirava a lixo.

John David dissera que era para cobrir seus cabelos, que haviam crescido até quase a cintura e escurecido, passando de louro platinado a dourado. Seus cabelos, ele disse, eram uma poderosa bênção. Deus a coroara de luz. Ela os cobria quando estavam na rua para que as outras pessoas não a tornassem impura ao olhar.

Com a peruca, ela não precisava mais cobrir a cabeça com o lençol. Recuperou a visão periférica e isso significava que tinha que reaprender a ignorar o modo como as pessoas olhavam para eles. De qualquer modo, ela mantinha a cabeça abaixada a maior parte do tempo. Mal ouvia as palavras que John David gritava a transeuntes, embora pudesse ver seus pés quando passavam apressadamente. Nas mãos dele, um cartaz de papelão; aos pés dela, uma cestinha. Se fitasse os pés intensamente, se concentrasse o pensamento neles, às vezes um par parava

diante dela e atirava dinheiro na cesta. Quando isso acontecia, John David nunca hesitava em seu discurso, mas ela podia sentir como ele ficava satisfeito com ela.

Nos melhores dias, eles cantavam.

Ele levava o dinheiro para longe e voltava para casa bem tarde, com um cheiro agri-doce, e desmoronava na cama sem visitá-la no quartinho. Era o que ela mais gostava no mundo: quando estava satisfeito e adormecia sem tocá-la.

Às vezes, queria ficar sozinha consigo mesma. Queria meditar sobre seus pecados. Eram uma legião.

Certa vez, eles foram ao restaurante popular onde distribuem sopa, mas o lugar estava cheio de homens que, para ela, pareciam bestas selvagens em seus sobretudos úmidos e camisetas manchadas. A maioria a deixava em paz, mas alguns não. O homem ao lado de quem se sentou na longa mesa do restaurante exibiu um largo sorriso e colocou a mão entre suas coxas. Ela ficou paralisada. John David havia se afastado por apenas um segundo, e quando ele voltou e viu o rosto barbado, o olhar lascivo, compreendeu o que estava acontecendo. O homem também percebeu e retirou a mão com um safanão como se tivesse sido queimado, pegou sua bandeja e se afastou disfarçadamente.

Esther ficou muito envergonhada. Mais tarde, foi punida.

O centro de distribuição de alimentos, ao contrário, era frequentado por mulheres com carrinhos e bebês urrando, que faziam fila do lado de fora até a hora de abrir. O centro era apenas uma barraca no estacionamento de uma igreja e não tinha aquecimento. As pessoas que administravam o centro eram tão frias quanto as latas de ervilha e milho que entregavam por cima do balcão. Às vezes, eram somente feijões empapados, e depois que abriam as latas em casa e comiam os feijões, John David a fazia beber a água salgada, verde-oliva, com pedacinhos de casca de feijão flutuando, porque seus pulsos, projetando-se de dentro de sua túnica, pareciam alarmantemente finos. Outras vezes, conseguiam feijões fritos, seu favorito, e pequenas latas de pêssegos e peras em calda. Ela guardava as tampas de alumínio viradas para cima, ainda com a argola de abrir, embaixo de sua cama, onde ficavam – não exatamente escondidos, mas guardados. Não tinha segredos para John David e, de qualquer modo, ele podia ver tudo. Sabia que as tampas estavam lá, mas era benevolente e deixava-a ter um lugar escuro para escondê-las. Enquanto a cama rangia sob o peso deles, ela meditava sobre o

acúmulo de tampas entortadas e prateadas, imaginando-se patinando ao longo de suas ladeiras dramáticas, saltando de uma para outra, ou mesmo velejando nelas como em pequenos barcos, e depois os barcos se transformavam em pétalas de rosas flutuando em um lago, mas logo, por um horrível instante, transformavam-se em metal outra vez, raspando e guinchando umas contra as outras. Então, tudo ficava em silêncio e ele já tinha ido embora.

Certa manhã, John David não desceu para vê-la.

Esther esperou ansiosa na cama. Não podia sair da cama até que ele desse permissão, toda manhã. Temia que se saísse da cama agora, ele voltaria e bateria nela. Ou, pior ainda, jamais retornaria. Podia ser um teste.

Talvez houvesse alguma razão para ele não deixá-la sair da cama. Talvez o assoalho a matasse.

Ela ficou ouvindo com atenção. E esperou.

Mais tarde, depois de ter acordado e voltado a dormir inúmeras vezes, seu estômago começou a roncar tão alto que ela não podia ignorá-lo. Era como um vácuo dentro dela. Levantou-se, colocou os pés no chão sem pensar, viu que o chão não a eletrocutara, agradeceu às tampas e subiu. Havia apenas uma lata de creme de milho no balcão. Ela a abriu e comeu. O amido adocicado entrou direto em sua corrente sanguínea; por um instante, sentiu o cérebro oxigenado e efervescente.

– Onde você está? – ela ousou perguntar em voz alta, em parte porque sabia que ele não estava lá e não ia responder. Recorreu ao sentimento de sua onipotência, mas o sentimento se retraiu e desapareceu, e sentiu que ele não só fora embora, mas que não estava vigiando. O pensamento lhe provocou um calafrio e ela estremeceu.

No terceiro dia, Esther foi à barraca de alimentos sozinha. Foi o ato mais corajoso que já tivera a ousadia de praticar, mas ela conhecia o caminho. Manteve a cabeça baixa o máximo possível e usava um xale amarrado sobre a peruca – uma *babushka*, pensou, a palavra surgindo de um outro plano de existência, como as palavras às vezes faziam ultimamente. Entrou na fila.

As mulheres na fila olharam fixamente para ela. Uma mulher idosa com uma *babushka* como a dela inclinou-se para frente por cima de um carrinho de compras que havia empurrado pelo estacionamento de piso acidentado. Uma

mulher muito alta com uma saia justa e curta e uma longa peruca loura olhou-a de esguelha. Uma viciada, uma mulher cheia de tiques, de idade indeterminada, com cabelos castanhos longos e engordurados, fitou-a abertamente por um instante, depois desviou o olhar abruptamente.

Uma mulher com um aplique nos cabelos virou-se do balcão e começou a descer a fila, cantarolando e balançando a sacola de plástico retinindo de latas. Uma caixa de biscoitos para animais chacoalhava em cima da pilha. Esther podia sentir sua aproximação, podia sentir todas as outras pessoas sentindo sua aproximação. Ela precisava de comida.

– Docinho, onde está seu amigo hoje? – a mulher perguntou.

Esther continuou de cabeça baixa.

– Eu perguntei onde está seu amigo – a mulher repetiu. – Ele é seu amigo, não é?

Os outros fingiam cuidar da própria vida, mas a mulher cheia de tiques à sua frente, marcas vermelhas inflamadas brilhando pelos punhos abertos da camisa grande demais, era a única que parecia verdadeiramente desinteressada na conversa. Esther podia sentir a tensão se avolumando. Outra mulher veio do balcão arrastando os pés, carregando suas latas em um blusão impermeável com as mangas amarradas juntas. Havia apenas uma mulher à sua frente na fila agora. Ela prendeu a respiração.

– Docinho, estou falando com você. Quem é aquele homem que costumava vir aqui com você?

Ela precisava dizer alguma coisa.

– É meu pai – murmurou, mantendo a cabeça abaixada.

– Hum-hum. Para onde ele foi? – a mulher perguntou imediatamente, como se a pergunta estivesse na ponta da língua.

Outra palavra flutuou pela mente de Esther e saiu de sua boca em um sussurro:

– Lavanderia. – Apontou para sua direita, como se indicasse algo depois da esquina, a apenas alguns quarteirões de distância, no máximo.

– Hum.

A mulher olhou-a de cima a baixo, examinando seu lençol branco sujo, o tênis, que estava se separando das solas na ponta dos dedos, e demorando-se na peruca.

– Sua mãe sabe onde você está? – a mulher perguntou.

Esther não hesitou.

– Ela morreu – disse, os olhos no chão.

– Hum-hum. – A mulher avaliou-a com ceticismo.

– Deixe-a em paz, Janiece – disse a loura alta de saltos altos vacilantes em uma voz baixa e gutural. – É alguma porcaria de custódia.

A mulher chamada Janiece retrucou asperamente.

– As mães devem ficar com suas filhas. Especialmente quando o pai é *inadequado*. – Ela pronunciou a última palavra com uma grande pausa entre as sílabas e olhou incisivamente para os saltos altos e as pernas expostas, cheias de varizes, da mulher loura.

– Dane-se, J – retrucou a loura, depois suspirou. – Além do mais, pelo que sei, a mãe dela pode ser pior. Eu sei que a minha era.

A discussão continuou, mas a essa altura a viciada se afastava do começo da fila, seu jeans largo e o bolso da camisa de flanela pesados de latas. Esther adiantou-se apressadamente. Todas as latas de salsichas já haviam acabado, mas havia uma lata de grão-de-bico e outra de feijões fritos, de modo que Esther apontou sem dizer nada. A atendente era uma senhora que estava sempre lá. Com um rosto inexpressivo, empurrou uma lata extra de pêssegos em calda por cima do balcão.

– Tome – falou –, guardei esta para você. Se algum dia você precisar de alguma coisa, me diga.

Esther não conseguiu balançar a cabeça, com medo de que ele a estivesse observando de algum lugar próximo, colocando-a à prova. Mas ela olhou a mulher diretamente nos olhos por um breve instante e tentou agradecer-lhe pelos pêssegos com um esboço de sorriso. A mulher chamada Janiece já havia desaparecido quando se virou e a mulher alta e loura cruzara os braços e falava sozinha. A viciada cambaleava pela calçada. De repente, ela ergueu as mãos para o alto e soltou um berro em direção aos céus.

Esther correu para casa, os tênis tropeçando no lençol embolado. Ela se perguntava se John David saberia que saíra de casa e, se assim fosse, qual seria seu castigo. Se tivesse sido um teste, não passara. Esther pensou em Abraão na Bíblia amarrando seu filho, Isaac, a faca erguida reluzindo ao sol do amanhecer, como John David lhe contara. Deus também sacrificara seu filho, Jesus. Sempre os filhos, nunca as filhas. As filhas seriam muito importantes? Ou seria o contrário?

Ela entrou na cozinha, comeu, desceu as escadas no fundo da despensa e deitou-se em sua cama para aguardar novas instruções.

De sua cama ela ouviu a porta dos fundos abrir-se com um rangido e dois pares de pés começarem a se mover pela cozinha em cima. Quase não reconheceu a voz de John David no começo; tinha um tom mais agudo e a fazia se lembrar de alguém que conhecera há muito tempo, um homem com um violão. Ele estava falando com uma segunda voz e, embora ela não pudesse distinguir as palavras, o tom era amistoso.

A segunda voz pertencia a uma garota de passos pesados. Uma cadeira guinchou ao ser arrastada pelo assoalho, acompanhada por um berro de dor e uma gargalhada. Quem quer que fosse, era desajeitada.

– Esther! – ele gritou para dentro da despensa. – Esther, venha aqui em cima!

Ela olhou para a peruca, o lençol dobrado ao pé da cama. Como se pudesse vê-la, ele gritou:

– Não vamos sair, não se preocupe com os sapatos, nem com nada mais. Só venha aqui em cima conhecer alguém.

Conhecer alguém. Ela subiu as escadas cautelosamente em sua camisola. Uma garota, talvez um pouco mais nova do que Esther, estava parada na cozinha, ao lado de John David. Era baixa, com cabelos pintados de preto e presos em rabichos desordenados. Usava uma camiseta preta e uma saia curta e preta que se afofava acima dos joelhos, expondo pernas brancas e sujas acima de meias altas coloridas, mas desbotadas.

– Esther, esta é Charlotte – John David apresentou.

Ela viu com um choque que ele havia raspado a barba. Uma lembrança lampejou por sua mente: um violão com uma alça bordada, um aposento com pôsteres nas paredes. A pele que ficara escondida sob a barba parecia rosada e arrepiada, como pele de galinha; sua boca parecia pequena, os lábios finos; havia um pequeno corte acima do pomo de Adão.

Charlotte rima com *harlot* – prostituta. Esther manteve os olhos no chão, mas estava consciente de que Charlotte olhava fixamente para ela e, de repente, ficou sem jeito por causa de sua aparência: camisola maltrapilha em cima de uma calça jeans que ele roubara de uma lixeira, suja, os pés descalços despontando por baixo da batinha puída. Pensou se a camisola cheirava mal. Nunca fora lavada.

– Charlotte, Esther é minha sobrinha. Está dormindo aqui por uns tempos.

Lá estava aquela voz outra vez, o novo John David que a fazia lembrar-se de quando era outra pessoa, há muito tempo. Ele se virou e se dirigiu a Esther naquela voz amável, amistosa, e ela teve vontade de tapar os ouvidos e cantar até não poder mais ouvi-lo. Mas sabia muito bem que não devia.

– Esther, Charlotte pode usar seu computador para verificar seus e-mails? Ela está muito longe de casa e sei que ficaria muito agradecida.

Esther não tinha um computador. Mas sabia o que era esperado. Balançou a cabeça, consentindo, sem erguer os olhos.

– Ótimo. Só vou levá-la lá embaixo e instalá-la em seu quarto. Se importa de ficar aqui por alguns minutos?

Esther balançou a cabeça, concordando, e afastou-se da porta. Ao passarem por ela, Charlotte disse:

– Obrigada.

Esther ergueu os olhos rapidamente, avistou olhos castanhos com um brilho de verde ou dourado em suas profundezas. Estendeu a mão para agarrar o braço de Charlotte, mas Charlotte já vira a porta estreita no fundo da dispensa.

– Nossa, isso é como uma passagem secreta ou algo assim? – ela indagou.

– Um abrigo nuclear – John David respondeu, pairando por trás de seu ombro.

– Não diga!

– Esta casa pertenceu a meus avós – ele disse. – Meu avô foi piloto de bombardeiro no Pacífico. E foi sondado para a NASA em 61. Eles podiam ter se mudado para uma casa grande em Clear Lake. Mas minha avó acreditava que a Guerra Fria terminaria em um holocausto nuclear. Ela acreditava que Jesus ia flagelar a Terra. – Sua voz soava distante. – E o convenceu a construir um bunker subterrâneo aqui.

– Alucinante! – Charlotte exclamou, admirada.

Era alucinante. Esther nunca soubera de nada disso. Pensar nos avós de John David de repente o fazia parecer muito comum.

– Não se pode ter um porão ao nível do mar, mas com cerca de dez toneladas de concreto, pode-se ter um abrigo nuclear.

As palavras se embaralhavam em sua mente, uma lição de história, dada descontraidamente, como se o homem não estivesse fora da história, não fosse divino. Como se ele fosse simplesmente um homem morando em uma casa.

– Sua sobrinha tem muita sorte. Este é o quarto mais legal que já vi.

A voz de Charlotte foi diminuindo pelas escadas, assim como seus passos. Quando os dois desapareceram na escuridão, Esther compreendeu pela primeira vez o que iria acontecer.

Compreendeu pela primeira vez que aquilo tinha acontecido com ela. Enroscou-se no sofá e tampou os ouvidos com as mãos, mas ainda assim ouvia. Nenhuma palavra, apenas a voz de Charlotte cada vez mais alta e aguda, depois um baque surdo e mais outro, algo jogado no chão de concreto do porão com uma barulheira, gritos abafados, o som de sapatos deslizando contra o chão como se tentassem se firmar. Um curto silêncio. Algo pesado sendo arrastado. E então uma espécie de murmúrio balbuciante que ela reconheceu, após alguns instantes, como o som de fita adesiva sendo arrancada de um rolo.

John David apareceu no topo da escada, parecendo exausto, e largou uma trouxa de roupas no chão da despensa. Encheu um balde de plástico com água na pia da cozinha e entregou-o a Esther.

– Dê um banho nela – ele disse.

As concubinas a banharam e perfumaram, e trançaram seus cabelos.

A esponja era uma esponja de cozinha azul, nova, macia de um lado e áspera do outro. O balde era inesperadamente pesado e balançou quando ela o segurou, derramando um pouco da água nos sapatos dele.

Ele foi deitar-se no sofá. O exercício o cansara, exaurira toda a eletricidade emocional que em geral parecia emitir em ondas vibrantes. Deitado com os olhos fechados, parecia menor. Deu um passo na direção dele, mas ele levou o braço para cima dos olhos e virou-se para o encosto do sofá. Em um instante, estava roncando.

Ficou imaginando o que ele fazia ali em cima todas as vezes que ela tremia em seu quarto lá embaixo. Tirava um cochilo no sofá? Fazia um sanduíche para si próprio? Esses pensamentos enchiam-na de terror. Virou-se e dirigiu-se para a porta da despensa. Passou por cima da pilha de roupas, espalhadas para um lado e para o outro, como uma boneca de pano jogada no chão. A camiseta preta estava em cima, do avesso e torcida, de modo que a figura da frente era apenas um esboço compacto enrugando o tecido, as letras nas costas invertidas e ilegíveis. E começou a descer as escadas.

Antes de poder ver Charlotte, sentiu o cheiro; ela havia urinado. Em seguida, seus olhos se adaptaram à escuridão e gradualmente um brilho branco mortiço aumentou e se espalhou na forma de um torso. Charlotte jazia nua no chão. Suas mãos estavam presas às costas com fita adesiva, suas pernas solidamente unidas com a fita formando uma coluna prateada, de modo que, na luz turva, era como se suas pernas tivessem sido decepadas abaixo dos joelhos, seus pés brancos jogados ali perto como um par de tênis. Um pedaço de fita adesiva cobria a metade inferior de seu rosto pequeno e redondo, uma pequena saliência mostrando onde os lábios estavam. Seus olhos estavam fechados.

As concubinas a banharam e perfumaram, e trançaram seus cabelos.

Esther ajoelhou-se, em contato com o concreto frio. Ela colocou o balde e a esponja no chão ao lado da garota e esperou.

Era demais. Iria lá em cima, dizer a John David que não podia fazer isso.

Esther avançou lentamente, de joelhos, em direção ao corpo, tentando não olhar, sentindo lágrimas quentes assomarem a seus olhos. Ela estendeu a mão, movendo-se cada vez mais para perto de onde círculos cor-de-rosa empolados manchavam a barriga branca e macia em grupos de quatro, como pontas de dedos, sobre as costelas, dedos que depois se recolheram. Pegou a esponja e mergulhou-a na água, que no começo estava morna, mas que agora já estava quase fria. Com cuidado para manter a face áspera da esponja afastada de Charlotte, ela muito delicadamente aplicou uma ponta macia, molhada, aos machucados que manchavam toda a extensão branca da barriga, como se a água pudesse apagá-las.

Os olhos da garota arregalaram-se abruptamente. Esther lançou-se para trás com um grito agudo.

Incapaz de gritar, Charlotte gemeu dentro da fita adesiva e ergueu a cabeça apenas para sacudi-la violentamente para a frente e para trás, fios dos seus cabelos pretos demais soltando-se dos rabichos e flutuando diante de olhos completamente brancos. Ela rolou sobre um dos ombros e moveu as pernas atadas para a frente e para trás até conseguir chutar Esther com força no lado de seu joelho.

Esther arfou e colocou a mão na perna. Mas o impacto do chute fez Charlotte perder o equilíbrio. Ela caiu para trás e bateu com a cabeça no concreto. Então, ficou imóvel.

Esther pegou a esponja, que havia caído perto de seus pés durante a briga.

– Só vou lhe dar um banho – disse, procurando tranquilizar Charlotte. – Não vai doer.

As concubinas a banharam e perfumaram, e trançaram seus cabelos.

– Tenho que dar banho em você – disse. – Você tem que ser purificada.

A jovem começou a mover as pernas novamente, mas devagar desta vez, como se tivesse ficado exausta com a fúria inicial. Ela firmou os pés contra o assoalho para se virar, deixando a cabeça mole. Ainda estendida no chão, foi girando pouco a pouco no sentido horário, como um peixe gordo e branco em um lago de carpas. A cada um ou dois minutos, parava e ficava imóvel por um instante. Então, recomeçava. Quando estava de costas para Esther, parou e permaneceu absolutamente imóvel.

Esther levantou-se e caminhou até o outro lado de Charlotte para poder ver seu rosto, imaginando se começaria novamente a girar para escapar dela. Mas Charlotte parecia estar olhando para alguma coisa. Esther ficou de joelhos, colocou a cabeça junto à de Charlotte e olhou na mesma direção. E então ela viu. As tampas de latas, curvadas no chão como se estivessem escondidas embaixo da cama.

Não, como lixo.

Cheiravam a lixo. Todo o quarto cheirava a lixo. Fedia com um leve odor adocicado que Esther nunca notara antes. Ela dormia em uma cama de lixo. Seu estômago se revirou. Olhou ao redor, para o minúsculo quarto sem janelas. Não era um porão. Não se pode ter porões ao nível do mar. Uma prisão. Uma câmara de tortura. A cama coberta com sua colcha esfarrapada. Seu mundo inteiro, tão pequeno.

Quando olhou de novo para Charlotte, compreendeu que Charlotte não podia ficar. Ela jamais se submeteria àquele ambiente. Estragaria tudo, já havia feito. Virara o quarto ao avesso, o transformara ao revés como a camiseta do lado do avesso. Esther quase podia ler a mensagem atravessando o tecido fino de sua realidade, mas as letras estavam ao contrário e não faziam sentido. Precisava endireitar tudo.

Tinha que se livrar de Charlotte e sabia como. Seria um pecado, mas John David sempre lhe dizia que era pecadora.

Esther subiu as escadas silenciosamente. John David continuava deitado no sofá, imóvel, e ela se surpreendeu em ver como ele parecia tranquilo. Tinha o rosto recém-barbeado e muito mais alto, ele ainda parecia mais um garoto do que um homem. Lá, como se lembrava, estava a minúscula marca vermelha em seu pomo de Adão onde se cortara ao se barbear.

Ele se *cortara*.

Havia uma lâmina na casa.

O lugar mais lógico para procurar era o banheiro vizinho ao quarto de John David, mas ela nunca entrara lá. Todos os quartos eram interditos, de modo que até mesmo entrar no corredor escuro, em “L” , lhe causava desconforto. Conhecia apenas a cozinha e o bunker, embora tivesse permissão para usar o pequeno banheiro, em vez do minúsculo vaso sanitário no bunker, que requeria vários baldes de água para descarregar. Quando espiou nos quartos ao final do corredor, ela compreendeu pela primeira vez que se tratava de uma casa comum, até mesmo confortável. As camas eram forradas de colchas e lençóis. Havia abajures, carpetes verde-azulados e papel de parede – um dos quartos era recoberto de flores, outro era salpicado de dourado. Na mesinha de cabeceira do quarto vazio havia um cervo de bronze e uma caixa de lenços de papel coberta com um paninho de crochê e um babado costurado no fundo. As bordas do único lenço de papel estavam cobertas de poeira e havia alguns fios soltos de teia de aranha flutuando no ar.

O quarto de John David era muito parecido. Ela o imaginara em algum tipo de catre, mas ele dormia em uma cama king-size, sob a pintura de uma paisagem, algum lugar seco, montanhoso, tão diferente de Houston quanto poderia imaginar.

Os armários do banheiro ainda guardavam bugingangas dos avós: garrafinhas quase vazias, com substâncias pegajosas assentadas em volta das bordas inferiores, frascos pequenos, com conta-gotas, de colírios e remédios para ouvido, blisters com comprimidos descorados. Porta-comprimidos, de plástico, marcados com os dias da semana. Nada útil.

Quando se virou para sair, avistou mais uma coisa: uma lixeira atrás da porta. Ela viu, embaixo de um bolo de lenços de papel e fio dental embolado, um reflexo.

Ela olhou para Charlotte, cujos olhos majeravam de lágrimas, suas sobrancelhas

desenhadas a lápis erguidas no meio, o queixo com uma covinha abaixo da fita adesiva. Esther levou o dedo aos lábios, pedindo atenção.

– Psiu.

Então, ela arrancou a fita adesiva.

Elas se entreolharam. Os olhos de Charlotte estavam tão arregalados que, por um instante, o resto de seu rosto desapareceu e Esther achou que estivesse olhando em um espelho, via seus próprios olhos, e o resto de seu corpo desconectou-se. Esther tirou um maço de lenços de papel usados do bolso e começou a desembrulhá-lo cautelosamente, até sentir a lâmina em suas mãos: um objeto pequeno, maligno. Um pecado.

Ela mostrou a lâmina a Charlotte e disse:

– Fique quieta.

A fita adesiva em volta dos pulsos de Charlotte estava sanfonada em pregas grossas e suada. Enquanto serrava a fita, ela sentiu toda a resistência da garota – a John David, ao buraco em que se encontravam, até mesmo a ela. A tensão ardia nos pulsos de Charlotte, que lutara contra John David. Lutaria contra qualquer um e nunca pararia de lutar.

Julie, aquela prostituta desprezível, deitara-se sem esboçar nenhuma reação.

Os nomes se atropelavam na mente de Esther, confundindo-a. Cada golpe da lâmina na fita a libertava um pouco mais – mas libertava quem? Charlotte? Esther? Ou a outra garota? Ela continuou cortando, ouvindo o pequeno rangido da fita contra a lâmina absurdamente pequena, enquanto continuava trabalhando com paciência em cada corte, a fita grossa grudava e se retorcia na minúscula lâmina, que precisava parar e desgrudá-la de vez em quando. Demorou até que as últimas fibras de um dos lados da grossa cobertura cedessem. Charlotte se afastou com um arranque, torcendo os braços para separá-los, até a pele esticada ficar branca e vermelha e um deles se libertar. Seus braços eram fortes mesmo sendo tão curtos e finos, mas Esther sabia que deviam estar doloridos por ficarem presos às costas.

Charlotte era a garota mais corajosa, mais forte que já vira. Lágrimas vieram aos olhos de Esther, que começou a retirar sua camisola, mantendo-a pelo lado direito enquanto a tirava pela cabeça.

– Tome – ofereceu.

Charlotte logo pegou a camisola aquecida e vestiu-a praticamente sem olhar

para Esther. Então, estendeu a mão para a lâmina e começou a retalhar a fita em suas pernas. Esther agarrou o lençol do pé da cama e enrolou-o ao redor do torso e ombros, ajeitando-o sob os braços. Ela já havia usado um lençol como túnica muitas vezes antes.

– Me dá uma ajuda, por favor? Tire isso – pediu Charlotte, e Esther começou a retirar as tiras úmidas de fita retalhada de suas panturrilhas, enquanto Charlotte continuava a trabalhar na fita com a lâmina.

– Ok – ela disse. – Vou cair fora daqui. Você vai me ajudar ou eu a corto também. – Ela ergueu a lâmina. – Entendeu?

Esther balançou a cabeça com um sorriso. Sabia que Charlotte não ia realmente feri-la.

– Qual é o seu nome? – Charlotte perguntou.

– Esther.

– É o seu nome verdadeiro?

Esther pensou, mas Charlotte já tinha voltado a trabalhar nas pernas.

– Esse cara é doente – falou Charlotte. – Vamos, me diga seu nome de verdade.

– Meu nome é Esther.

– Duvido – retrucou Charlotte e, com um estalo, desferiu um golpe da lâmina no último laço da fita adesiva. Quando começou a arrancar a fita das pernas e a levantar-se, a lâmina caiu no chão. Um leve toque do pé de Charlotte a fez deslizar pelo chão com a leveza de uma folha. Ela parou e girou, por um instante, no mesmo lugar, em um pedaço irregular do concreto, antes de dizer:

– Olhe, você me ajudou. Você tem coragem. Nós vamos sair daqui. Agora, qual é o seu nome?

Julie começou a falar, mas Charlotte já não a via. Estava olhando para as suas costas e abrindo a boca.

A sala de visitação do presídio – Harris County Jail – tem uma cacofonia infernal. Não há aparelhos de telefone para o detento e a visita se comunicarem pelas janelas de acrílico e os alto-falantes embutidos mal funcionam, de modo que dezenas de visitantes, muitos com crianças no colo, são obrigados a gritar através do acrílico. Depois da primeira visita de Tom, digo-lhe para não voltar e, por favor, pelo amor de Deus, também não deixar Julie vir.

Em vez disso, telefono para Jane. Uma vez por dia, de manhã, ligo para seu celular usando uma conta terrivelmente cara de terceiros e ouço-a falar até meus quinze minutos terminarem e a chamada se encerrar. Ela parece incrivelmente normal – fala sobre as aulas de reposição de verão, queixa-se sobre terminar seus trabalhos de final de curso, pensa em entrar para uma liga de *kickball*. É como se minha transgressão tivesse aberto uma comporta, e Jane está transbordante com os detalhes que antes ela me fazia lutar para conseguir. São detalhes de uma vida que acaba sendo gloriosamente mundana, apenas superficialmente rebelde, perto da tintura de cabelo. Precisava se definir em relação a alguém que não estava lá, e que portanto era sempre perfeita, fora existencialmente confuso para Jane. Agora, com uma pessoa de verdade com quem se comparar, não parece precisar mais dos grandes gestos. Pelo que eu perceba, Jane está desabrochando.

É um pouco exaustivo ouvir, mas retribui meus anos de negligência não me fazendo nenhuma pergunta sobre mim mesma, nem mesmo um “*Como vai?*”, o que agradeço. Ela também não pergunta sobre Julie, mas Tom diz que ela e Julie trocam e-mails regularmente.

(“É claro que eu sabia que era ela”, Jane respondeu, quando finalmente reuni coragem para lhe perguntar, falando em um tom que sugeria que eu não era uma mãe ruim, apenas tola. Quando a fiz lembrar que tinha sido ela quem me dissera que Julie estava mentindo sobre o celular, ela retrucou: “Não vejo que diferença

isso faz. Minto o tempo todo, mas ainda sou eu.”)

Uma parte minúscula e solitária de mim ainda está com raiva por Jane não ter se oferecido para voltar para casa, mas longos dias de reflexão me convenceram de que ela está esperando que eu lhe peça e enquanto eu não parar de ter medo ela dirá não, estamos em um impasse.

Enquanto isso, não posso dizer que não aprecio estar vivendo de forma indireta através de Jane. Como é empolgante acreditar em sua própria capacidade de desafiar as expectativas do mundo a seu respeito mesmo quando você as realiza, um clichê após o outro. Passei minha própria vida olhando para a direita e esquerda e encontrando apenas os caminhos pisados de meus próprios pensamentos e comportamento me cercando. Talvez seja um efeito colateral de estudar o Romantismo, aqueles fetichistas de originalidade que, sem querer, inventaram dois séculos de banalidades. Talvez por isso eu pareça não reagir normalmente àqueles que me amam e que amo. Mas tento, com Jane. Ouço a tudo, imagino a pancada de uma bola de *kickball* molhada contra um sapato na quadra e, ao final de cada telefonema, sinto a cela da prisão, encardida, iluminada por luz fluorescente, pesar um pouco mais sobre mim.

Houve testemunhas – um casal de adolescentes caminhava pelo gramado para namorar junto à brilhante queda-d’água naquela noite. O rapaz tem uma ficha criminal que o manterá fora do banco de testemunhas, mas a jovem testemunhará que, embora não pudesse me ver, nem a Julie, de onde se encontrava, a vítima era claramente visível sob as luzes da fonte, estava de mãos erguidas e suplicava por sua vida. Ela ouviu um tiro e o viu cair na água, mas não foi ela quem ligou para a polícia.

Fui eu.

Por acaso, a juíza designada para o nosso caso fragoroso é uma antiga procuradora de Justiça, famosa por acompanhar seus casos durante os recursos, vinculando-se à acusação e até mesmo conduzindo testemunho, condenando réus contra os quais já sentenciou. Ela também é eloquente sobre seu relacionamento com Cristo e, se eu tivesse que adivinhar, diria que Chuck Maxwell fez doações para a sua campanha. A ideia de uma acadêmica atea apodrecendo na prisão, uma instituição bem conhecida por abusos, talvez pressionada para um pedido de negociação nas mãos de suas companheiras de

cela, deve atrair a juíza Crofford tanto quanto atraía a acusação, que apresentava uma moção atrás da outra para atrasar minha audiência de fiança, usando toda desculpa possível, desde a filmagem em que Julie sussurra no ouvido de Maxwell ao exaltado sentimento público sobre esse assustador ataque a um pilar da comunidade.

É verdade que a prisão é suja, superlotada, humilhante e terrivelmente maçante – não se pode receber telefonemas, cartas são limitadas em tamanho e fortemente censuradas e o processo oficial para se obter um único livro aprovado e solicitado ao editor pode levar meses. Eu pagaria muito dinheiro por alguma coisa para ler, a fim de obnubilar o ambiente deplorável. E se Crofford espera que as internas me assediem, está enganada. As mulheres me deixam em paz. A notícia de que atirei no homem que sequestrou e estuprou minha filha deve ter se espalhado bem rápido. Ao menos, é o boato que ouviram. Provar que foi isso que aconteceu é muito mais difícil, é claro, e minha alegação de legítima defesa se baseia nisso. Na delegacia, supliquei que comparassem o DNA dele com o da cena do crime na casa-*bunker* em River Oaks, e usei meu único telefonema permitido para deixar um recado para Alex Mercado. Devo admitir que, apesar de poder ver semelhança no formato das sobrancelhas baixas de Maxwell e dos olhos azuis velados, o pastor do outdoor, de barba, maxilar quadrado, não se parece muito com o retrato falado da polícia, feito a partir da descrição de Jane, uma menina de dez anos de idade, de um sujeito muito magro, de rabo de cavalo e capuz.

Além do mais, há o que Maxwell está dizendo: que Julie e eu o estávamos chantageando.

Sim, Maxwell está bem vivo. Não por falta de eu ter tentado. Meu tiro atingiu-o abaixo do ombro e ele caiu de costas na água rasa antes que percebesse que a bala não ia matá-lo. Foi melhor assim, porque se tivesse visto na hora, sem dúvida teria continuado a atirar até não haver mais balas. Fico feliz por não ter feito isso e não é porque ache que a morte de Maxwell teria sido uma grande perda para o mundo. Não é sequer porque prefira vê-lo humilhado, desmascarado e trancafiado para sempre, em vez de morto. É que se tivesse morrido em consequência do tiro que dei, os promotores poderiam estar agora pressionando por uma acusação de homicídio com pena de morte – no Texas, até mesmo a morte acidental que ocorra durante outro crime pode ser punida com pena de morte, e chantagem é crime. Quando puxei o gatilho, a preservação de minha

própria vida não estava no topo das prioridades.

Mas tudo é diferente agora, porque tenho minha filha de volta.

Quisera poder dizer que tudo aconteceu num átimo de segundo, que estar ali de pé na Water Wall com uma arma apontada para Chuck Maxwell de repente me permitiu enxergar a antiga Julie de treze anos no rosto da Julie de 21, como um pôster de estereograma para o qual há semanas você vem olhando atentamente e que de repente ganha foco. Mas não seria verdade, porque eu sempre a vi lá, desde o começo, desde o instante em que ela apareceu na soleira da nossa porta. Eu sabia; só não *acreditava*. Suas mentiras e evasivas tornaram a descrença mais fácil, me forneceram evidências em que me concentrar. Minha nova versão de Julie era como a ilusão de óptica do espaço negativo entre dois perfis. Imagine dois rostos – a Julie de então e a Julie de agora – fitando-se de perfil por entre um talho fundo de mágoa. Todo esse tempo tenho visto apenas a forma terrível do trauma. O espaço negativo da mágoa.

Não falei mais com Julie desde que fui presa, de modo que ainda não sei o que existe naquele buraco negro, mas estou pronta a aceitar o que houver em cada face. Julie, antes; Julie, depois.

Na audiência prévia, os procuradores pedem para que a data do julgamento seja postergada. A princípio, penso que se trata de mais intimidação, de – ficar me “cozinando” por mais tempo. – Mas depois ouço as palavras “vítima do assassinato de River Oaks” e sei que Alex Mercado deve ter recebido minha mensagem. A advogada principal da minha causa pede novamente a fiança, enquanto a polícia investiga uma ligação entre Maxwell, Julie e Charlotte Willard, uma garota de treze anos que desapareceu de casa do outro lado da fronteira com a Louisiana, em Beauregard Parish, cerca de seis meses depois do desaparecimento de Julie. É o DNA de Charlotte Willard que eles finalmente comparam com o dos restos mortais no abrigo nuclear. Originalmente, a casa pertencia à avó de Maxwell. Imagino que Alex tenha me deixado mensagens no celular, mas precisarei esperar para ouvi-las. Lembro-me de como Julie chamou a casa: *nosso antigo lugar*. Alex estava errado sobre Julie estar morta, mas ele não estava errado a respeito de tudo. Apenas confundiu as duas garotas – quem fugira e quem morrera. Poderia ter sido qualquer das duas, na verdade. Penso na terrível fotografia outra vez e o horror que sofreu essa jovem que não é minha filha me

sufoca. Choro por sua mãe e desejo mais uma vez que meu tiro o tivesse matado.

O juiz nega fiança outra vez, mas minha advogada parece esperançosa. No corredor, ela me conta sobre o post em um blog anônimo cuja autora alega ter sido sexualmente molestada por Maxwell no Portal, e sua mãe, ao que parece, teria sido expulsa da igreja por apresentar uma queixa. Outra mulher, identificada como ex-membra da Springshire Methodist, alega que Maxwell foi demitido de uma posição de liderança exercida por pouco tempo no grupo juvenil há nove anos, depois de abusar sexualmente de sua filha. As duas mulheres logo receberam intimações dos advogados do Portal para desistir das acusações.

A essa altura, entretanto, as filhas de outras pessoas começaram a se apresentar.

Como interna na Harris County Jail, não posso receber telefonemas, cartas não censuradas nem livros não aprovados, mas tenho acesso ilimitado a documentos legais relacionados ao iminente julgamento. Em nosso encontro seguinte, minha advogada me entrega uma gorda pasta de arquivo.

– A transcrição do depoimento – ela diz. – Acho que você devia ler isto, Anna. Qualquer distração é bem-vinda, agradeço.

Ela suspira.

– Quero avisá-la de que o que tem aí não é uma leitura fácil.

Folheando o que pareciam ser centenas de páginas de inquérito, vejo um nome depois de outro destacado em amarelo. Sinto uma onda de horror.

– São todas vítimas de Maxwell?

– Não – ela diz. – Apenas uma.

Julie

ainda se sente uma outra pessoa.

Ela sou eu. E eu sou ela. Não quero dizer que eu não saiba.

Talvez eu esteja apenas envergonhada. Julie parece uma idiota para mim agora. Ela costumava ter um amigo imaginário quando era bem pequena. Era um cavalo de um livro, nem sequer me lembro qual. Um cavalo branco com uma crina prateada. Quando pegava o ônibus para a escola primária, costumava olhar pela janela e imaginar o cavalo galopando ao lado do ônibus. Fazia pequenos movimentos sob sua mochila como se estivesse lhe dando torrões de açúcar. Era mais do que uma fantasia; ela quase podia vê-lo.

Eu quase podia vê-lo. Era eu. Tenho que contar a história de Julie como se fosse a minha. Pelo bem dela, vou tentar.

Eu devia ter uns cinco anos quando perguntei à minha mãe quem era Deus. É uma das primeiras lembranças de Julie. *Minhas* primeiras lembranças.

Ela riu e disse:

– É só um sujeito. – Quando perguntei onde ele morava, ela disse:

“Provavelmente em San Diego.”

Em seguida, ela me disse para ir perguntar ao papai. Perguntei, mas não me lembro do que ele disse. Gostei da ideia de que Deus morasse em San Diego. Foi para lá que meu avô e minha avó se mudaram depois que se aposentaram – acho que era a piada, o quanto San Diego era melhor do que Houston. Na época, eu sabia que havia uma piada em algum lugar da resposta, mas não compreendia onde. Sabia que ela estava rindo, mas achei que estivesse rindo de mim.

De qualquer modo, naquele verão – talvez tenha acontecido antes, não sei bem ao certo –, nós de fato fomos a San Diego visitar meus avós. Eles tinham esses baldinhos no formato de castelos, de modo que se você os enchesse de areia

bem compactada e os virasse, pareciam torres, com reentrâncias dentadas e pequenos buracos dos lados para representar as janelas. Lembro-me de que entrou areia nos meus olhos por tentar olhar pelas falsas janelas, e doeu muito. Papai me ajudou a lavar os olhos para tirar a areia e, depois que parei de chorar, ele disse:

– De qualquer modo, é mais divertido apenas imaginar o que há lá dentro.

Foi o que fiz. Quando Jane enfiou a mão em uma das torres e o castelo inteiro desmoronou na praia, não me importei. Já havia construído um novo em minha mente, e era melhor, porque ninguém podia destruí-lo.

Não estou dizendo que nada disso tivesse a ver com o que aconteceu mais tarde. Só estou mencionando esses fatos para dizer que Julie tinha uma história de fé. Quis acreditar que havia um interior do castelo, embora o tivesse preenchido de areia molhada. Desejou acreditar que Deus era um belo homem e talvez um dia pudessem todos viver juntos dentro daquele belo castelo imaginário.

Na mesma viagem, papai me disse que o vidro era feito de areia derretida. Como Deus poderia ser mais difícil de acreditar do que isso?

Fico tentando encontrar o *antes*. Mas quando algo assim acontece a você não há mais nenhum *antes*. Ele apaga o antes. E se não há nenhum antes, então não há nenhuma ordem em que eu possa contá-lo que faça sentido e nenhuma razão para escolher um determinado lugar em detrimento de qualquer outro.

Eu começaria com a vergonha, mas tudo acaba lá no final. Assim, não há pressa, imagino.

Conheci Charlie na escola dominical no verão depois da sétima série, quando fui à igreja com Candyce.

Não sei se meus pais sequer se lembrariam de Candyce. Ela sempre usava aqueles laçarotes no cabelo, que sua mãe fazia com cola quente, para combinar com suas roupas. Julie tinha um pouco de inveja deles. Eu tinha inveja, quero dizer. Não consigo me importar com isso, mas Julie se importava. A mãe de Candyce comprava lindas roupas para ela e fazia lindos laços para combinar. Minha mãe apenas parecia me olhar quando eu usava roupas bonitas, de lábios cerrados. Ela é muito séria; é professora da universidade.

De qualquer forma, fui à escola dominical pela primeira vez com Candyce e lá

estava ele – não o Chuck Maxwell do artigo que encontrei tantos anos depois, nem mesmo John David, apenas Charlie, um sujeito magricela com um violão conduzindo a aula em meia hora de canções. Eu gostava da escola, mas era diferente. Havia um garoto na escola que era, não sei como se deve chamar, mas que na sétima série era chamado de “retardado” e atiravam batatas fritas nele na cantina. O nome dele era Jason. Na escola dominical, Jason sentava-se com as crianças legais na primeira fila e ninguém o incomodava, nem mesmo os garotos. Ele parecia tão feliz, cantando com os demais e fazendo movimentos com os braços que acompanhavam as canções. Era quase como se tivesse amigos. Charlie fazia todo mundo se sentir assim.

O resto da igreja era confuso. Os corredores eram repletos de estandartes de feltro pendurados, ilustrados com cenas da Bíblia: mulheres colocando bebês em cestas e fazendo-as flutuar rio abaixo, mulheres carregando jarros de água na cabeça, mulheres lavando os pés de Jesus com seus cabelos. Mas os sermões eram sempre sobre tráfico de drogas, horário nobre de televisão ou um artigo da *Newsweek*, o que não parecia ter nada a ver com os estandartes, os hinos e as leituras da Bíblia. Candyce e eu nos deligávamos da realidade e escrevíamos bilhetes uma para a outra nos boletins da igreja usando os lápis que havia nas costas dos bancos, fazíamos pequenas histórias em quadrinhos com balões de fala. Seus pais não se importavam, desde que ficássemos quietas.

Depois do culto, Candyce e eu, de braços dados, andávamos para a sala da escola dominical, que tinha sofás, televisões de tela grande e pôsters na parede que pareciam *graffiti*, mas com versos da Bíblia. Não havia sermão na escola dominical, apenas canções tolas e, depois, o que Charlie chamava de “conversa verdadeira”, quando nos sentávamos no chão formando um círculo.

Às vezes começava com um verso da Bíblia, mas logo as crianças falavam de seus problemas. Grande parte dos problemas era sobre garotas: o que vestiam, com quem dançavam, se eram devotas, o quanto eram devotas e até que ponto isso importava. Certa vez, passaram a semana inteira debatendo se uma garota podia mentir e dizer que gostava da roupa de sua amiga se na verdade a detestasse. Lembro-me de um garoto da oitava série que queria convidar uma garota judia para sair e conversaram por uma hora se os judeus iriam ou não para o inferno e, se fossem, se era responsabilidade deles compartilhar a mensagem de Jesus. Alguns jovens estavam preocupados com as cruzes de prata de James

Avery que eram tão populares, e se as garotas deviam usá-las apenas porque estavam na moda.

Eu os observava a distância. Em nossa casa, minha mãe sabia tudo e meu pai podia responder a qualquer pergunta de uma maneira que eu entendia. Mas verifiquei que havia perguntas que eu nem sabia que precisavam ser feitas, um mundo inteiro acontecendo em outra dimensão, e meus pais não pareciam saber nada a respeito. Verifiquei que havia batalhas sendo travadas por toda a minha volta, que cada palavra e ação tinham um significado mais profundo e até mesmo as joias que uma pessoa usava podiam estar relacionadas a algo chamado salvação.

Charlie não os encorajava; apenas permanecia sentado no chão e ouvia, balançando a cabeça quando as discussões se acaloravam. Então, quase no fim, ele finalmente começava a falar e todos se calavam. Explicava que Deus estava nos observando e que nos amava mais do que nós próprios poderíamos nos amar, e que só precisávamos tentar ser merecedores desse amor. Jesus se tornara um homem para que Ele pudesse entender como era. Compreendia como era difícil não pecar e pagou o preço supremo para que nós não precisássemos pagar. Então a reunião acabava.

Em outras palavras, Charlie não nos dava absolutamente nenhuma resposta.

Candyce tinha prazer em fornecer as respostas que Charlie não dava.

– Sem ofensa – ela disse, certo dia, enquanto descíamos o corredor depois do culto –, mas a Bíblia diz que seus pais vão para o inferno.

Esse foi o dia em que chorei na escola dominical. Eu estava tão envergonhada que não conseguia nem falar quando Charlie perguntou se queria ficar até mais tarde para conversar. Mas balancei a cabeça: *Sim*.

Não há mais nenhum *antes*. Tudo em minha memória é colorido pelo que aconteceu, como uma dessas fotografias antigas em que os tons são todos estranhos. Sua oferta para me levar de carro para casa depois que Candyce ficou impaciente e disse que seus pais estavam esperando na passagem coberta entre os edifícios, então se eu poderia, por favor, me apressar? Seu sorriso quando disse que Candyce e eu não deveríamos contar a nossos pais, nem a ninguém mais que Charlie estava me levando para casa, porque havia muita papelada do seguro que ele teria que preencher primeiro. Sua garantia, quando Candyce deixou a sala, de que estava disposto a correr o risco porque eu era especial.

Quero dizer, ele não afirmou isso abertamente, mas deixou implícito. Eu era especial. Julie, a filha execrada de pais execrados. Nem mesmo pais que só celebram a Páscoa e o Natal, mas pais que nunca celebravam nada.

Quando nos sentamos em seu escritório com a porta semiaberta e perguntei como Deus podia condenar meus pais e Jane ao inferno, ele me respondeu que somente Deus podia julgar e qualquer pessoa que dissesse que outra iria para o inferno estava tentando fazer o trabalho de Deus. E isso não estava certo.

– Mas não acreditar em Deus também não é certo – falei. – A Bíblia diz que você tem que acreditar em Deus.

– A Bíblia também diz que é mais fácil para um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um homem rico ir para o reino dos céus – ele disse com um sorriso forçado. Eu não sabia ao certo se éramos ricos ou não, mas tinha certeza de que Candyce era. Já dormira muitas vezes na casa dela.

Então, Charlie disse que o importante não era se outra pessoa estava condenada, mas se você própria estava salva. Falou que eu era muito corajosa em ir à igreja sozinha. E que tinha a alma de alguém que busca a verdade.

Em minha vida, desde quando podia me lembrar, sempre detestei a ideia de que ninguém jamais poderia saber o que outra pessoa estava pensando ou sentindo. O fato de que ninguém jamais poderia entrar na minha cabeça parecia a condição mais solitária do mundo. Eu queria muito que algo pudesse fazer essas fronteiras simplesmente desaparecerem. Alguma coisa tão grande que fosse como o ar, uma magia flutuando por nosso planeta, conectando tudo e todos.

Quando Charlie falava comigo, eu via as fronteiras desaparecendo.

Agora vejo uma distância se estreitando.

Charlie me levou de carro da igreja para casa três vezes. Toda vez me deixava no estacionamento da drogaria CVS em Kirkwood, e eu comprava algo barato – uma bala ou uma revista – de modo que, quando caminhasse os quatro quarteirões até a minha casa, tivesse uma explicação para o motivo de os pais de Candyce terem me deixado lá. Eu já tinha a resposta preparada, mas minha mãe nunca perguntou. Era primavera e em geral ela estava fazendo alguma coisa no quintal quando eu chegava em casa com a sacola da CVS. Acho que ela nunca pensou como era desconfortável caminhar quatro quarteirões em sapatilhas de passeio.

No estacionamento da CVS, minhas conversas com Charlie iam mais fundo

do que as que tínhamos em seu cubículo no escritório da igreja, onde o secretário estava sempre entrando para usar a copiadora. No estacionamento da CVS, Charlie me contou que nem sequer estava certo de que acreditava no inferno. Disse que todo mundo quer ter um guia, que as pessoas querem um manual de instruções para a vida. Querem que digam exatamente o que fazer. Mas Jesus veio para destruir tudo isso. Veio para apagar as leis escritas nas tábuas de pedra e, em vez disso, escrevê-las em nossos corações. Ele me disse que Jesus quer que *sintamos* o que é certo, dentro de nós mesmos, quando rezamos.

– Deus enviou Jesus como homem – ele disse. – Para nos ensinar a sermos homens.

Sua mão descansava nas costas do meu banco e podia sentir o perfume da loção pós-barba adstringente, e ver que ele tinha olhos azuis e que suas pestanas loiras eram mais longas do que eu pensara.

– Nunca se esqueça disso – disse, e eu não esqueci. – As pessoas sempre vão decepcioná-la. Candyce vai decepcioná-la. Seus pais vão decepcioná-la. *Eu* vou decepcioná-la. Somente Deus sempre estará a seu lado.

Assenti, obediente. Seu polegar tocou em meu ombro, apenas um pouco. Charlie retirou a mão do encosto do assento, soltando a respiração. Eu também estivera prendendo a minha.

De volta ao meu quarto, troquei as roupas de igreja, mas em vez de descer, me enfiei na cama e puxei as cobertas por cima da cabeça.

Deus enviou Jesus como homem para nos ensinar como sermos homens.

Quem Deus havia enviado para me ensinar a ser uma mulher? Seria Charlie?

Quando voltei à escola dominical na semana seguinte, Charlie havia ido embora.

Uma das mulheres da igreja, de cinquenta e poucos anos, chefiava a classe da escola dominical. Ela nos disse que, por razões pessoais, Charlie tivera que se demitir. Era improvável que pudesse retornar ao cargo, falou. Eles já estavam começando a procurar um novo pastor jovem e, enquanto isso, a irmandade estaria suspensa e a escola dominical seria ministrada por membros do comitê de Educação Cristã.

– Podemos nos despedir dele? – alguém perguntou.

– Vou trazer um cartão – Candyce sugeriu. – Todas nós poderemos assinar.

– Isso seria muito gentil – disse a senhora. – Agora, peguem suas Bíblias e

abram na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo treze.

Até eu conhecia aquele versículo. Estava impresso nos boletins da igreja e bordado em algumas das tapeçarias nos corredores. Mas dessa vez as palavras pareciam dirigidas diretamente a mim: *Ainda que eu tenha uma fé capaz de remover montanhas, se não tiver amor, não serei nada.*

Charlie dissera que me decepcionaria. E tinha razão. Sem a presença de Charlie, a igreja ficou maçante e parei de dormir na casa de Candyce. Na escola, tentei entrar para o time de corrida e consegui. Eu não era uma boa velocista, mas podia percorrer distâncias, me impulsionar no ar e saltar obstáculos. Olhando para as garotas com quem eu ia treinar durante o verão, todas nós de pé na pista de terra, nossas pernas finas nos shorts de nylon, eu sabia que não precisava de Candyce, da igreja, nem mesmo de Charlie. Na oitava série, teria amigas verdadeiras, que me mostrariam como pentear os cabelos, usar maquiagem e conversar com garotos. As garotas no time de corrida faziam festas do pijama e frequentavam reuniões de equipe fora de casa; pintavam listras e o símbolo da Nike nos rostos umas das outras, terminavam as frases umas das outras. Eram uma tribo. Quando eu estivesse na oitava série, minha vida iria finalmente começar.

Alguns meses mais tarde, recebi convite para um *chat*.

O nome dele era John David. Não havia foto, apenas o contorno de uma cabeça com um ponto de interrogação no meio. Segundo sua página no Facebook, tinha dezesseis anos e não tinha nenhum amigo em seu perfil.

Tentei pensar em todas as pessoas que eu conhecia que estavam no colegial. Minha amiga Ângela tinha um irmão mais velho chamado John. Tive uma paixonite por ele certa vez. Talvez John David fosse alguém que eu conhecesse da escola que simplesmente estava mentindo sobre a idade ou então algumas garotas más estavam me pregando uma peça. Talvez eu fosse atraída por algum falso “admirador secreto” e elas então imprimiriam umas capturas de tela e as postariam para toda a escola ver. Algo assim acontecera a Rebecca. E a exclui dos meus amigos no Facebook para não ter que ver aqueles posts.

Atualizei a tela, já esperando ver os amigos do perfil surgirem às centenas, de modo que eu saberia que ele era falso, um *bot*, um contorno vazio. Nada aconteceu, exceto que o ponto de interrogação levou um pouco mais de tempo

para carregar da segunda vez. Ele não poderia me contatar enquanto eu não aceitasse sua oferta, assim cliquei no ponto de interrogação e uma caixa de bate-papo apareceu:

Oi. Quem é você?, digitei. Eu sempre escrevia as palavras por extenso e acrescentava a pontuação e as letras maiúsculas, mesmo em conversas com amigos. Estava lendo *O diário de Anne Frank* e não suportava ver como parecia feia a maior parte da minha escrita e a dos meus amigos em comparação com aquelas frases de uma garota de nossa idade.

A caixa de diálogo ficou vazia por alguns minutos. Então, começou a piscar, conforme a pessoa na outra ponta digitava. A outra pessoa não escrevia as palavras corretamente, nem usava letras maiúsculas.

nao quero dar meu nome verdadeiro

Eu conheço você?, escrevi.

Houve uma longa demora enquanto digitava, era tempo suficiente para imaginar que estivesse usando um celular.

tivemos incríveis conversas juntos

Comecei a digitar outra pergunta e, então, a caixa de bate-papo piscou outra vez:

alma de alguem que busca a verdade

Uma onda de calor invadiu meu corpo, começou nos dedos dos pés e subiu até meu rosto, fazendo-o arder.

Digitei *Charlie?*, mas parei bem a tempo de pressionar a tecla *Enter* e excluí a pergunta.

julie? vc aí?

Soltei a respiração devagar e digitei:

Acho que sei quem você é. Me deu carona para casa algumas vezes.

Isso podia soar como se eu estivesse falando com um garoto de dezesseis anos. Pensei em quantos anos ele realmente teria.

sim

Onde você está agora? Você foi embora sem se despedir.

tive minhas razões. vc não sabe meu lado da historia

Lado? Franzi as sobrancelhas e digitei novamente: *Onde você está agora?*

nao posso encontrar vc no momento nem lhe dizer onde estou. tenho razões. vc sempre foi mais esperta do que as outras. queria retomar o contato com vc

É bom ter notícias suas, eu disse, porque não sabia o que mais dizer.

Houve outra pausa.

deus esta conosco o tempo todo. posso ver DEUS ao seu redor como uma auréola

Meu cabelo se arrepiou e, de repente, pude sentir seus olhos em mim, quase como eu os sentira em nossa última volta para casa de carro. Imaginei a que distância ele estaria.

Por que você foi embora? Você partiu sem se despedir.

prometo lhe contar toda a historia logo, mas por favor por enquanto apenas converse comigo. sinto-me solitário

Tentei imaginá-lo diante de uma tela de computador ou curvado sobre um celular em algum lugar, mas não consegui. Digitei as palavras *Sinto sua falta*, mas depois retrocedi o cursor até desaparecerem e, em vez disso, digitei *Todos sentem a sua falta*.

Ele respondeu: *eu tambem sinto a sua falta*, como se pudesse ouvir a verdadeira frase em minha mente. *Algo realmente importante me aconteceu desde que conversamos. vou lhe contar tudo. Deus tem um plano para mim e para vc tambem.*

Desta vez, ele não teve que me dizer para não contar aos meus pais. Sabia que eu não contaria, entendi, e embora a palavra *Deus* fizesse a velha emoção me percorrer, era a fé de Charlie em mim e a grandeza de sua necessidade que pegou a descarga do relâmpago, ampliou-a, expandiu-a e aqueceu todo o meu corpo.

Continue, escrevi.

eu vi a face de deus, julie. ele quer algo de mim. de você tb.

De mim? Consegui apenas repetir as palavras.

de todos nós, ele escreveu, depois de um longo intervalo.

O Plano parecia especial, um projeto em que estivéssemos trabalhando juntos, ou um jogo. Sempre que estava conversando com Charlie – ou John David, como passei a pensar nele – eu existia em outra dimensão. No começo, eu protegia a tela – meu monitor era visível da porta e eu dava um salto toda vez que as tábuas do assoalho rangiam no corredor do lado de fora. Mas depois comecei a me sentir confortável existindo nos dois mundos ao mesmo tempo: o comum, que consistia em jantar, terminar o dever de casa e ir para o treinamento do time de corrida depois das aulas, e o mundo do Plano.

No mundo comum, eu era Julie, aluna que sempre tirava A, atleta de corridas

de obstáculos. Minhas notas continuaram altas e não larguei minhas atividades após a escola. Isso fazia parte do Plano: nenhuma mudança de comportamento dramática. Eu me esforçava também para não perder peso, mas os quilos pareciam estar se esvaindo por mais lasanha do meu pai que eu comesse. Minha mãe culpava a corrida e me servia porções extras em toda refeição, mas eu sabia que era o Plano trabalhando em mim, preparando-me para algo que John David chamava de “privações por vir”.

No mundo comum, eu era a Julie comum, mas no Plano era radiante. Charlie me disse que minha beleza era como uma explosão no centro exato de uma luz ofuscante, como uma mancha solar. O fogo de Deus brilhava ao meu redor. Embora nunca tivéssemos nos encontrado pessoalmente, nunca tivéssemos conversado com vídeo – era perigoso demais, ele dizia – eu sabia que Charlie podia me ver. Ele dizia que me via quando fechava os olhos e rezava; que me via diante do sol, com seus raios brilhando ao meu redor.

E havia coisas que ele parecia saber a meu respeito que certamente não poderia conseguir pela internet. Sabia, por exemplo, quando comecei a depilar as pernas. Precisava fazer isso para as corridas. Embora os pelos de minhas pernas fossem bem ralos, na verdade apenas um breve reflexo à luz do sol, as outras garotas me achariam estranha se não o fizesse. Não gostava da ideia de eu levar uma lâmina às minhas pernas. E me disse que mais tarde eu não precisaria fazer tais coisas. Coisas para apaziguar o mundo.

Eu não sabia se ele estava perto o suficiente para literalmente me observar ou se estava descobrindo de alguma outra forma. Não queria saber. Em vez disso, comecei a fazer de conta que ele podia me ver o tempo todo, de modo que eu podia usar seu olhar como um segredo sob as roupas, contra a pele. De certa forma, isso tornou a Julie comum um papel mais empolgante. Eu representava minha normalidade para ele: colocava brilho labial no banheiro, dava risadinhas com as outras meninas, lia com os pés apoiados na poltrona, ajudava mamãe com a louça depois do jantar, escovava os cabelos, escrevia em meu diário – tudo para Charlie.

Até inventei anotações no diário que eram totalmente comuns, apenas relatando o que eu fizera durante o dia, coisas que a Julie comum fazia. Fingia ter uma queda por um garoto da escola chamado Aaron. Tinha certeza de que Charlie sabia como eu estava representando bem o meu papel, e comecei a introduzir

pequenas dicas e referências que somente ele entenderia. Desenhei ovelhas em meu fichário e o imaginei rindo da piada. Na corrida preparatória, pintei um sol na face para que ele visse e compreendesse a mensagem. Por mais que eu parecesse uma adolescente comum para os outros, Charlie estava lá em algum lugar, e enquanto estivesse me observando, eu era divina.

A única vez em que os dois mundos se tocavam era embaixo das cobertas à noite. Então, eu tentava sussurrar a palavra “Jesus” e, em vez disso, era John David que vinha. Certa vez, sonhei que estava caindo, me despedaçando em um milhão de pedaços, me tornando a escuridão no centro da luz. Cerrei os dentes e esperei que a sensação passasse. Quando abri os olhos, vi estrelas vermelhas.

Então percebi que estava apaixonada por Charlie. Uma onda de vergonha tomou conta de mim. Toda a história era uma tolice: uma paixonite embaraçosa demais até para imaginar, e por alguém que jamais poderia pensar em mim dessa forma, porque eu era uma garotinha idiota.

Ao menos, era assim na época. Mas eu não era mais uma criança. A imagem de Charlie, agora desbotada, parecia menor do que antes. Fazia meses que eu nem via seu rosto. Já não tinha mais uma paixonite de colegial, porque não era uma colegial; essa era a Julie comum. Eu era divina.

Em nossas conversas, o contorno da cabeça e ombros na janela do perfil me fazia lembrar uma sombra azul lançada na calçada por alguém que não se pode ver. A sombra era John David, e o Charlie comum, do dia a dia, que lançava a sombra não era mais importante do que a Julie comum, do dia a dia. Os sentimentos embaraçosos eram todos por Charlie. John David era diferente. Fazia parte da luz, era cercado de luz. Não uma sombra, mas uma pessoa real parada diretamente em frente ao sol, uma pessoa cuja figura você mal consegue divisar quando estreita os olhos, ocultada em um brilho feérico. As lágrimas assomavam a meus olhos e eu sentia um calor tomar conta do meu peito, queimando meu coração. Fechava os olhos e via John David brilhando, com um halo, um ponto escuro no centro da claridade. Ele já havia me modificado. Caminhando em sua direção, seguindo o caminho feito por seu brilho, nos fundíamos, e nossa escuridão se transformava em pura luz.

O Plano era, na verdade, uma ausência de plano. Seria uma rendição completa a Deus. Era tudo que eu sabia. John David prometeu que nós nos renderíamos à

fonte de luz juntos e afundaríamos no mar do amor d'Ele, e nós jamais precisaríamos de qualquer tipo de plano outra vez.

Certa noite, digitei o verso sobre os lírios do campo. John David me corrigiu.

nao seremos lírios, ele escreveu. nao seremos nada. nao seremos absolutamente nada.

Na última noite antes do Plano, Jane olhou para mim enquanto escovávamos os dentes e disse:

– Sei uma coisa sobre você.

Fiquei em silêncio. Estava contando até cem, como sempre fazia quando estava escovando os dentes. Podia perceber os olhos de Jane sobre mim no espelho do banheiro, mas fingi que estava sozinha, de modo que meu rosto não se movesse.

– Você acha que ninguém nota – Jane tentou outra vez. A espuma da pasta de dente começou a escorrer de sua boca e ela cuspiu na pia. – Você se acha tão descolada.

Eu não achava que era “descolada”. Meus pais me achavam descolada. Meus amigos me achavam descolada, e alguns até eram, eles mesmos, descolados. Mas eu não era. Eu só parecia ser por causa dos meus amigos, que estavam sempre me telefonando nos fins de semana para irmos ao shopping center, onde o irmão mais velho de alguém nos deixaria, para podermos provar blusinhas frente-única na Wet Seal e cheirar todos os perfumes da Sephora. Havia festas do pijama na casa da Kristian com o time inteiro e conversas até altas horas da noite com Lauren ou Maya, algumas das quais começaram a desejar Aaron. Achei que era isso que Jane achava que sabia. A paixonite fictícia por Aaron começou a ganhar tanta vida própria que às vezes, em um momento de confusão, eu pensava que era real.

Tornei a focalizar os olhos no espelho e notei que Jane ainda me olhava, mas desta vez seu rosto estava afogueado e lágrimas assomavam a seus olhos.

– Como você pode não gostar mais de mim?

Cheguei a cem exatamente quando o assunto mudou. Não era uma coincidência, sei agora. Nada era. Inclinei-me para a frente e cuspi cuidadosamente dentro da pia, em seguida endireitei-me e limpei a boca na toalha.

– Por que acha que eu não gosto de você? – perguntei.

– Você podia simplesmente ter dito “Mas eu gosto de você!” – Jane retrucou, fungando.

– Mas eu gosto de você!

– Não, não gosta – Jane continuou. A essa altura, as lágrimas brotavam dos cantos de seus olhos e escorriam por suas faces avermelhadas. Jane chorava o tempo todo agora. Mamãe disse que ela estava atingindo a puberdade mais cedo do que eu, e, assim, pelo menos, tudo terminaria mais cedo. Em seu pijama de velho, como eu o chamava, com a blusa de flanela abotoada de cima a baixo e a calça larga, amarrada na cintura com cordão, Jane parecia maior que eu, mesmo ainda não sendo tão alta. E também não tinha seios, mas havia algo a respeito dela que parecia o começo de alguma coisa. Mamãe disse que ela talvez até ficasse mais alta do que eu dentro de pouco tempo.

Eu não vou ficar sabendo, pensei com uma pontada.

– Você é minha irmã – expliquei –, eu não gosto de você, eu a amo. – Falei com a intenção de ser engraçada, mas ao dizer aquilo, soube que era verdade. Nós havíamos brincado, brigado e feito tudo juntas durante toda a nossa infância, Jane atirou brinquedos em mim quando eu virava as costas e a ignorava, eu corria para mamãe quando Jane se recusava a obedecer as regras de um jogo de tabuleiro ou quando saía porque não estava ganhando. As lágrimas começaram a comichar nos meus olhos e me perguntei, automática e imparcialmente, se deveria deixá-las cair, se chorar beneficiaria o Plano.

– Como é que você nunca quer sair comigo, então? Você está sempre saindo com seus novos amigos, e eu tenho que ficar em casa, vendo TV sozinha. Você não viu *A Bela e a Fera* nem uma vez comigo durante o verão inteiro.

– Aquele filme é meio bobo, Jane – falei. – É um filme de criança.

– Não é bobo! Eu gosto das músicas. – A canção favorita de Jane era a da taverna. Sempre que não havia ninguém prestando atenção, Jane começava a cantar essa música, e se você não parasse e cantasse algumas das vozes junto, ela continuava cantando, cada vez mais alto. Jane nunca tinha medo de ser irritante, nunca tinha medo de se fazer notar.

– Não sou mais criancinha, Jane. Não gosto mais de princesas, desenhos animados e coisas assim.

– Sinto a sua falta – Jane disse.

Nesse momento, a primeira lágrima caiu, de repente, quando pensava que o perigo já tivesse passado. *Eu estou bem aqui*, comecei a dizer, mas as palavras prenderam-se em minha garganta. Em vez disso, disse:

– Vou vê-lo com você este fim de semana. Prometo. – E a mentira de certo modo me tornou mais forte, me recolocou nos eixos.

A Julie comum estaria lá no sábado de manhã para manter a promessa, me comprometi. A Julie comum ia ficar para trás para ver o que acontecia com Jane, vigiá-la, ajudá-la com o dever de casa, dizer-lhe para não usar alguma coisa que faria as outras crianças caçoarem dela na escola.

– Verdade? – Jane perguntou.

– Sim, claro. – Olhei de novo para o espelho. – O que você estava dizendo? O que sabe sobre mim?

As lágrimas de Jane já haviam desaparecido. Ela não sorriu, mas conseguiu parecer que era isso que queria fazer.

– Sei que você não gosta realmente de corrida de obstáculos – ela disse. – Sei que você só está fingindo que gosta para se encaixar.

Fiz uma pausa. Nunca havia realmente pensado se eu gostava de corrida ou não. Parecia tão óbvio que se *podia* praticar um esporte, você devia, quer gostasse ou não, porque com um bando de amigos à sua volta, qualquer mentira podia se tornar uma verdade. De repente, tive pena de Jane com seu rosto estranho, toda emoção saindo diretamente de seu íntimo e estampando-se em sua expressão.

Jane jamais seria boa em esportes, pensei. Não seria popular na oitava série como eu era.

– Boa noite – falei, passando os braços à sua volta por um instante, mais tempo suficiente para lembrar como costumávamos nos divertir juntas. Quando estava pronta a me afastar, contei até três primeiro. A Julie comum não era suficiente para Jane. Ela sempre quis um pouco mais.

Naquela noite, acordei com a mão áspera de alguém sobre a minha boca. Tentei soltar o ar, mas não consegui e, ainda meio adormecida, por um instante, achei que estava me afogando.

Quando abri os olhos, havia um homem barbudo debruçado sobre mim. Ele balançou a cabeça, e, após um instante de paralisia, balancei também, e ele muito, muito devagar, retirou a mão – mantendo-a perto o suficiente para tapar minha

boca novamente caso eu ameaçasse gritar.

Era Charlie, mas ao mesmo tempo não era. Seus cabelos louro-escuros estavam desgrenhados e compridos o suficiente para um rabo de cavalo. Sua barba era mais escura do que seus cabelos e um bigode cobria sua boca de sombras. Tinha um cheiro agri-doce, como o cheiro que vinha da lixeira de reciclagem quando eu a esvaziava depois da escola.

Essa foi minha primeira impressão de John David e imediatamente tive vontade de gritar.

Mas eu era a Julie do Plano e, assim, repeti inúmeras vezes mentalmente: *Não é um sequestro de verdade. Não é real. Estou fugindo para ir ao encontro do meu destino. Foi para isso que eu nasci. Estou sendo escolhida. Ele está me escolhendo.*

Sorri para John David, tentando mostrar-lhe que me lembrava, que sabia. Se ele sorriu de volta, não pude ver por baixo da barba. Sua mão tremia quando puxou as cobertas de cima de mim e estendeu a mão para me ajudar a sair da cama. Quando estendi a mão, ele segurou meu pulso com força e me puxou, devagar, mas vigorosamente, até eu ficar de pé.

Nós nos movíamos deliberadamente, fazendo o jogo do espelho, deslizando juntos pelo assoalho, eu antecipando seus movimentos de modo que ele não sentisse nem a mais leve resistência. Estava desesperada para agradá-lo. Meus olhos não deixaram os dele nem por um instante, como se estivéssemos dançando, sua mão em volta do meu pulso, e todo o resto era uma corrente elétrica movendo meus pés silenciosamente pelo assoalho. Então, vi o que havia em sua outra mão.

Embora a palavra *faca* fizesse parte do Plano, eu nunca a havia realmente associado com as facas penduradas na cozinha. Nunca olhara para nenhuma delas e pensara *Faca*, nem a imaginara em sua mão. Ela ergueu-se devagar, quase preguiçosamente, até ficar ao nível do meu peito, e pensei: *Ele não quer me assustar*, e tentei ainda com mais empenho não ficar com medo. John David deu a volta para trás de mim e colocou a mão em meu ombro com força. Senti a ponta da faca pressionar minhas costas, não com força suficiente para cortar, mas com força suficiente para que sua ponta fria de metal furasse minha camisola.

Agora havia o alívio de saber exatamente o que fazer, porque não havia escolha. Pensei que tivesse desistido do controle quando começamos a discutir o Plano, mas não tinha – tudo não passara de um jogo. Agora, entretanto, com ele

invisivelmente atrás de mim, uma presença oculta conduzindo-me com a pressão de uma das mãos em meu ombro e a da ponta de uma faca à direita da minha coluna, compreendi que a hora para me decidir contra o Plano havia passado. Pela minha cabeça, flutuavam pensamentos contraditórios. Por exemplo, eu não sabia para onde ele estava me levando, nem onde estava Jane! *Ah, a salvo na cama*, Jane estava a salvo na cama. Ela permaneceria lá para sempre, confortavelmente aconchegada em uma vida que jamais mudaria.

Então, o rosto de Jane apareceu de repente.

Eu a avistei quando nos aproximamos da porta de seu quarto – nós geralmente dormíamos com as portas abertas. E mal a podia ver pela porta entreaberta do closet, agachada no chão, olhando para mim com olhos que não estavam fechados e mornos de sono, mas arregalados e vermelhos de terror. John David e eu estávamos parados no patamar da escada. O rosto de Jane me via por trás da porta do closet, desesperadamente me perguntando o que devia fazer.

Movi os olhos em direção a John David e desejei que Jane mergulhasse na escuridão do closet antes que ele a visse. Se ela gritasse uma única vez, tudo estaria acabado. John David a pegaria também. E independentemente de para onde estivesse me levando e do que fosse fazer comigo, eu não deixaria que fizesse com Jane.

Pouco antes de John David me conduzir pelas escadas, ouviu-se um barulho vindo do sótão. Senti, por um breve instante, a ponta da faca diminuir a pressão, a mão em meu ombro girar muito levemente, e compreendi que John David estava olhando para o outro lado. O mais rápido que pude, levantei a mão e levei um dedo aos lábios, *Psiiu*, enviando um sopro imaginário pelo aposento para paralisar Jane onde estava, *Psiiu*, e adeus.

E foi assim que perdi minha família, minha casa, minha vida e a mim mesma – tudo de uma vez – em uma única noite.

16

Uma tarde, quando eu estava grávida de Jane, Tom estava fora, em um curso de contabilidade, e ainda morávamos na pequena casa perto da universidade, Julie sentou-se no assoalho da sala em um local onde o sol batia. Seus pezinhos de bebê estavam esticados para a frente e seus fiapos de cabelo estavam iluminados pelo sol. Concentrava-se em mover um lápis de cera azul em cima de um jornal à sua frente. Quando acidentalmente apertou o lápis com muita força e ele escorregou de sua mão e rolou pelo jornal, ela não chorou e não pegou outro lápis, embora houvesse dúzias à sua volta. Franziu o rostinho, colocou os dedos em forma de uma pinça desajeitada, arrastou-se até o lápis azul e o recuperou. Em seguida, retomou sua brincadeira até todo o ciclo recomeçar.

Fiquei observando-a por talvez uma meia hora até concluir: *Ela gosta da cor azul.*

Foi a primeira vez que compreendi que havia todo um mundo ali dentro que eu nunca veria, um mundo tão distante de mim e tão diferente, que dizer que Julie fora feita de mim, que era minha filha e eu sua mãe, parecia sem sentido. Acho que a amei mais profundamente naquele momento do que jamais amei alguém.

Mas essas são apenas lembranças. No começo, como todas as mães, eu queria o mundo para Julie. Depois, por muito tempo, só desejava um corpo para enterrar.

Agora, só queria poder voltar no tempo e ter lhe devolvido o bendito lápis de cera azul.

Lendo a transcrição, devorando-a, na verdade, enxergo seu trauma, estudo todos os nomes que precisou ser para sobreviver: Charlotte, Karen, Mercy, Starr, Violet, Gretchen. Em seu depoimento, lutam, brigam, fracassam, mas acima de tudo, elas sobrevivem. Mesmo quando contendo as lágrimas pensando em tudo pelo

que passou, prezo cada uma delas, cada uma dessas jovens, é uma camada da minha filha, a que está em casa me esperando com Tom.

Mas a garota cuja história mais me magoa é Julie. Ela é quem eu pensava que conhecia, mas não conhecia. Pior ainda, ela era quem conhecia a *mim*. Suas palavras formam uma imagem de mim mesma que não reconheço. Tento lembrar cada momento descrito de sua incipiente adolescência, lembrar-me e possivelmente justificar o papel que representei, mas essa sensação de estranheza é monumental. Reconheço os contornos das situações, Jane, Tom e eu reduzidos a personagens em sua história. Mas é como vê-los, ver a nós todos, em um planeta estranho em meio a um ambiente alienígena.

Tento me lembrar de Julie me perguntando sobre Deus, mas não consigo. Quem era, o que estava fazendo que não consigo me lembrar? Eu estava terminando um pós-doc, depois participando de entrevistas para conseguir um emprego. *Eu sabia que ela estava rindo, mas achava que estivesse rindo de mim.*

Minha mãe apenas parecia me olhar quando eu usava roupas bonitas, seus lábios cerrados. E não preciso de um espelho para saber como é essa expressão. Eu a vi no rosto de minha mãe inúmeras vezes. Não sabia que estava no meu rosto também.

Eu já tinha a resposta preparada, mas minha mãe nunca perguntou.

Eu acreditava que as meninas se beneficiavam do meu exemplo, se não da minha total atenção.

Acho que ela nunca pensou como era desconfortável caminhar quatro quarteirões em sapatilhas de passeio.

Li em algum lugar que os puritanos às vezes explicavam a morte de um filho particularmente amado como o castigo dos pais por ter amado a criança demais. Eles não culpavam os terríveis invernos, os pântanos de malária, a falta de bons alimentos ou de água limpa, mas um Deus ciumento.

Nunca amei Julie mais do que Jane, posso afirmar isso com segurança. Ao mesmo tempo, sempre houve algo a respeito dela. Ela parecia tão completa em si mesma, tão serena. Bem lá no fundo, eu achava que Julie era perfeita. Agora eu me pergunto: Será que eu tinha tanto medo de descobrir que ela não era perfeita que quase a matei?

Quando destrancam a minha porta, eles não me dizem para onde estão me

levando. É estranho como dizem tão pouco aos prisioneiros, além de mandar que estendam as mãos para serem algemadas e indicar que sigam os corredores. Acho que ninguém quer ser responsável por compartilhar informações privilegiadas.

Presumo que estou sendo levada para ver minha advogada, porque é isso que tem acontecido quase toda vez que sou trazida por este corredor em particular. Mas dessa vez, no final, dobramos à direita, em vez de à esquerda, e atravessamos uma porta com uma janelinha de grade. De repente, estou junto ao balcão de recepção enquanto minhas algemas vão sendo retiradas.

Tom está ali também, sem jeito, a mão remexendo nervosamente as chaves no bolso de sua calça.

A agente penitenciária diz:

– As acusações foram retiradas. Seus pertences estarão na recepção em um minuto, você precisará verificá-los e assinar um documento dizendo que está tudo ali. – Meus olhos encontram os seus por apenas um instante antes que ela desviasse o olhar. Talvez seja difícil nos olhar nos olhos depois que estamos livres.

E desaparece atrás da porta outra vez, deixando-nos sozinhos na apertada sala de espera, a mulher que trabalha no balcão de recepção provavelmente foi buscar a caixa contendo minhas roupas, sapatos, a bolsa com o livro sobre Byron e paisagem, ainda inacabado, enfiado dentro dela. De repente, sinto-me tomada por uma enorme vontade de terminá-lo.

– Maxwell confessou – Tom diz. – Ao que parece, ele estava tomando medicação psiquiátrica... transtorno esquizoafetivo ou algo assim. Mas eles não sabiam disso no hospital, de modo que ele não tomou nenhum desses remédios lá e antes que pudessem descobrir o que havia de errado, ele começou a falar com Deus sobre seus... pecados.

– Aposto que a juíza Crofford não sabia a respeito dos remédios.

– Ninguém sabia. Nem mesmo seus mais graduados conselheiros. A medicação mantinha os piores sintomas sob controle, mas... – Ele abaixa a cabeça.
– Mais sete vítimas se apresentaram.

Sete. E eram apenas as dispostas a falar com a polícia.

– Obrigada por vir – digo.

– Não houve tempo de marcar um telefonema – ele fala. – Acho que assim que as acusações são retiradas, eles ficam ansiosos para tirá-lo das despesas do

contribuinte.

– Faz sentido.

Permanecemos em silêncio sob as luzes fluorescentes.

– Anna – ele começa.

– Tudo bem – digo.

– Sinto muito.

– Não é culpa sua – falo. – Eu não estava lá. Eu me ausentei.

– Eu não devia ter deixado – ele retruca.

– Você é um bom homem – digo, cansada demais para falar. – Você sempre tem que estar ajudando alguém. Eu não quis sua ajuda, então, você ajudou outra pessoa.

– Se eu pudesse voltar atrás...–

– Não diga isso – interrompo. – Alguém conseguiu a filha de volta por sua causa. Você não mudaria isso, então não diga que o faria porque acha que isso vai me agradar. Não vai.

Tom parece consternado e eu amoleço, apesar de mim mesma.

– Sinceramente, Tom? – digo. – É um alívio saber que você não é um anjo. É um padrão com o qual eu nunca pude competir.

Não digo o quanto magoa vê-lo desmoronar de seu pedestal. É por isso que precisamos de Deus – porque as pessoas são horríveis, mesmo as boas. Sempre tive orgulho de ser tão racional, tão imune aos anseios espirituais, sem perceber que meus deuses pessoais eram Tom e Julie, as boas pessoas. Mas ninguém jamais consegue ser bom, a não ser nos termos que o mundo lhes concede.

Finalmente, a supervisora da recepção emerge com uma sacola de plástico contendo minhas roupas e minha bolsa. Remexo rapidamente na bolsa e assino os papéis. Então, levo tudo ao toalete dos visitantes, troco de roupa, dobro cuidadosamente o uniforme azul da prisão. Saio dali parecendo ser quem sou novamente.

Tom sorri.

Quando coloco a pilha do uniforme da prisão sobre o balcão da recepção, imagino se tudo estará terminado para mim e para Tom. Se ele pode sorrir com esta facilidade ao me ver parecida com o que eu era antes, antes de tudo acontecer, se pode esquecer tão rapidamente a minha imagem de prisioneira, então ele nunca compreenderá quem e o que sou.

Sáímos para a resplandecente luz do dia. O sol está batendo no portão do presídio, na Commerce Street, e o calor é escaldante.

– Acha que Janie virá para casa? – pergunto, pensando em seu primeiro encontro com o rapaz do time de *kickball*. Não fiquei sabendo como foi. Eu me contive para não lhe dizer que se encontrassem em um lugar público, que informasse a uma amiga aonde iam.

Tom parece pouco à vontade.

– Ela vai ficar por lá por mais algum tempo, Anna. Ela realmente quer se acertar, terminar todos aqueles Incompletos e mostrar aos seus professores que ela consegue. – Ele suspira. – Sinto muito. Você conhece Janie.

Realmente conheço Janie. Os Incompletos não passaram de um pedido de atenção, mas ela tem uma péssima noção de *timing*. Jane funciona bem sob pressão, gravita em torno do drama e pode ser generosa desde que ninguém espere que ela seja. Então, quando as águas se acalmam e seu comportamento melodramático se torna divertido, volta ao seu próprio mundo. Penso em todos os diários.

– Espere e verá. Ela vai mudar para o curso de criação literária antes do fim do ano.

– Por que diz isso?

– Ela vai querer começar a escrever suas memórias.

Tom ri, ainda um pouco nervoso, enquanto entramos no SUV. Dirigimo-nos à I-10, o barulho do ar-condicionado no máximo, preenchendo o silêncio. Já passa um pouco das dezoito horas e o fluxo de veículos no centro da cidade praticamente se dissipou, mas quando pegamos o Loop 610, a lentidão começa. O sol se pondo, sem se deixar intimidar por nossos quebra-sóis, nos castiga através do para-brisas, e a película nos vidros traseiros parece apenas prender o calor ali dentro. Quando reduzimos a velocidade até quase pararmos, perto da saída Voss, o ar-condicionado, perdendo a velocidade do vento que entra, cai um grau de intensidade e trepida levemente. Este vai ser o verão em que o ar-condicionado vai nos deixar na mão? Este é o trecho da estrada onde esse tipo de coisa sempre acontece.

De repente, digo:

– Pare o carro.

– Vamos pegar a próxima saída...

– Pare agora!

Tom liga o pisca-alerta. O tráfego está lento, mas ele corta três pistas, embica na frente dos outros e acena a mão como uma bandeira em frente ao espelho retrovisor. Assim que os pneus tocam no acostamento, abro a porta e Tom pisa com força nos freios, enquanto saio do carro aos trancos. Meu estômago sobe à boca e transborda no asfalto.

Não há muita coisa ali, praticamente não comi nada, mas as ânsias de vômito não arrefecem. Minha visão fica vermelha no calor e em seguida escurece. Logo Tom está junto de mim, de joelhos, com seus braços grandes à minha volta, segurando-me. Ondas de calor fétidas de gasolina e vômito se desprendem do asfalto, cada qual provocando uma nova onda de espasmos, mas as mãos em mim são ainda mais quentes. Após um instante, deixo-me afundar como em uma poltrona, Tom se acomoda sob meu peso e ficamos sentados, juntos no chão de cascalhos ao lado da autoestrada.

– Ela nos deixou, Tom – minha voz desaparece na sinfonia de buzinas e nos ecos da beira da estrada. Ele continua a alisar meus cabelos para trás de minha testa suada, mas agora, apesar do calor, estou tremendo, sentindo frio e calor ao mesmo tempo. Afasto-me, viro-me para olhá-lo de frente. E repito cada vez mais alto, mas Tom sacode a cabeça, ainda sem ouvir. Finalmente, inclino-me para ele, forço minha boca a se escancarar e grito com todas as minhas forças:

– *Julie foi embora!*

– Eu sei! – ele grita de volta.

– Como pode ficar tão calmo? – pergunto.

– Vamos, Anna, entre no carro!

Porém é mais fácil gritar ali e isso eu quero fazer.

– Que tipo de mãe eu sou, Tom? Eu não a conhecia nem um pouco!

– O que quer que eu faça sobre isso? – ele grita de volta. – Eu também não!

– Mas eu sou a *mãe*!

– Sim, você é a mãe! – ele grita. – Você é a mãe e ela precisa de você agora. Portanto, vamos entrar no carro, pelo amor de Deus, vamos para casa gritar isso para *ela*!

A adrenalina se vai, e o sigo até o Range Rover; entro, sinto o carro estremecer conforme o tráfego acelera. O silêncio quando fechamos as portas parece profundo.

– Você leu o depoimento? – digo em uma voz apenas ligeiramente rouca.
– Não precisei ler. Eu estava lá ouvindo a maior parte.
– Como pude ser tão cega? Como pude deixar de ver tudo isso? É como se eu não a conhecesse nem um pouco. – Não posso deixar as lágrimas aflorarem mais uma vez hoje, então, as reprimo. – Sei que fiquei arrasada desde que isso aconteceu. Sei que tenho sido horrível com Jane. Mas pensei, quero dizer, antes disso, pensei que tudo estava bem. Eu achava que era uma boa mãe.

Faz-se um longo silêncio. Então, Tom diz:

– Acho que teria sido boa o suficiente, Anna. Mas agora nunca saberemos. Nenhum de nós sabe quem teríamos sido. Ele tirou isso de nós.

Tom dá partida no carro, liga a seta e volta ao trânsito de Houston. Ele é um motorista maravilhosamente agressivo.

Quando nos movemos de novo, ele diz:

– Posso confessar uma coisa? – Aguardo. – Queria ter atirado em Maxwell.

Visualizo Tom na noite em que Julie sofreu o aborto, parado com a arma na mão enquanto eu arrombava a porta do banheiro com um soco para poder alcançar minha filha. Então, me inclino e seguro sua mão.

Há um carro estacionado no lado de fora da nossa casa e, quando entramos, Julie está sentada à mesa da cozinha com um homem afro-americano de camiseta e jeans. Assim que atravessamos a porta, ele se levanta.

– Mãe, pai, este é Cal – Julie apresenta.

– Sr. Whitaker – Cal estende a mão a Tom, que a toma, embora pareça um pouco confuso. Cal é quase uma cabeça mais baixo, mas não parece estar se esticando para enfrentar o olhar de Tom.

– Prazer em conhecê-lo – Tom diz, e posso ver Cal me avaliando pelo canto do olho antes de se voltar para mim.

– Dra. Davalos – ele diz. Julie deve tê-lo instruído sobre como se dirigir a mim.

– Sei que você ajudou Julie a sair de uma situação difícil – digo a Cal.

– Você também – ele diz, com simplicidade e amabilidade.

Eu me pergunto: *Será este o resto da minha vida? Será que todos os homens de Julie vão ter que viver à minha altura? E eles sabem que ela estava calma com sua arma, pronta para matar? Eles sabem do que eu realmente a salvei?*

As pessoas têm uma falta de imaginação a respeito de mulheres como Julie e

do que elas são capazes. Eu mesma fui culpada disso certa vez. Agora sou mais experiente, é claro. Mas eu jamais tentaria dissuadir os homens de sua vida, os Toms e os Cals, da ideia de que Julie precisa de proteção. Alimentar essa ilusão é parte de como ela sobreviveu tanto tempo. Retirar esse mecanismo de lidar com as coisas antes de sua utilidade ter expirado seria cruel.

Cal parece mais velho que Julie, embora seja difícil dizer quanto, já que sua pele não tem nenhuma ruga, exceto ao redor dos olhos quando sorri. Imagino se estará com ela no dia que Julie superar a ilusão útil de sua fragilidade e como ele reagirá se ainda estiver por perto. Talvez ainda falte muito tempo para acontecer, até mesmo uma vida inteira. Eu mesma posso não viver para ver.

Enquanto isso, será nosso segredo.

– Muito prazer em conhecê-lo, Cal. Agora, você e Tom se importariam de me deixar falar com Julie por alguns minutos? – pergunto. – Sozinha.

– Eu já ia dar uma corrida até o mercado e comprar alguma coisa para o jantar. Por que não vem comigo, Cal? Podemos nos conhecer melhor – Tom sugere.

– Claro – Cal responde após um rápido olhar para Julie, que balança a cabeça, assentindo. Os dois homens saem da cozinha.

Depois de terem saído há uns trinta segundos, olho para minha filha. Não sei o que estou esperando. Uma revelação? Descobrir de que cor são seus olhos de uma vez por todas? Vejo a mesma mulher para quem tenho olhado no último mês, que continua a ser para mim o mesmo mistério de antes.

– Por que você não voltou? – pergunto. – Depois de ter escapado de Maxwell. Por que não veio para casa?

Faz-se uma longa pausa.

– Eu quis voltar. Eu ia voltar. Mas parecia que... depois do que ele me fez, nada mais acontecia do jeito que deveria. As coisas foram se sucedendo.

Conheço algumas das coisas às quais ela está se referindo e não quero que tenha que repeti-las. Ao mesmo tempo, não quero fechar a porta para ela, nunca mais. Então, espero pacientemente e, após um instante, Julie continua, lançando-me um olhar estranho que não consigo realmente interpretar.

– Além do mais, eu não sabia se você ia me querer de volta.

Engasgo nas palavras seguintes:

– Como pode dizer isso?

– Achei que você estaria furiosa – ela diz com um sorriso estranho. – Eu odiava

Julie. Ela foi idiota e crédula. E deixou você.

– Você era apenas uma criança. Ele a levou.

– Ele me levou – ela concorda. – Mas, para mim, parecia que eu estava indo embora por vontade própria.

– Era isso que ele queria que você pensasse.

– E havia Charlotte. Ela estava morta e eu estava apavorada que tivesse sido por minha causa.

– Ele também queria que você pensasse assim.

– Bem, ele era bom nisso. Ou eu era boa em acreditar. – Ela encolhe os ombros, desistindo. – De qualquer modo, não sei se me sentiria melhor se eu não tivesse escolha. Se isso é verdade, se fui apenas uma vítima ao acaso, então minha vida foi arruinada por absolutamente motivo nenhum.

Isso, é claro, é o que sempre acreditei. Não digo, mas Julie percebe que é o que estou pensando.

– Você nunca acreditou em Deus. Acho que Jane também não acredita. Talvez papai não se importe de um ou outro modo. Mas era diferente para mim, eu queria encontrar alguma coisa lá fora. Ainda quero, só não sei qual a palavra certa.

– Transcendência? – sugiro. – Isso não existe.

– Mas talvez exista – ela retruca. – Eu não sei. Pense em todas aquelas pessoas no Portal.

– Preferia não pensar.

– Mas você precisa – ela insiste. – Você precisa. O que estão buscando? Por que estão tão felizes lá? Onde mais poderiam encontrar uma felicidade assim?

– Poesia – respondo. – Música. Arte.

– Isso não é suficiente para todo mundo. Não foi suficiente para mim.

Seu rosto me parece triste e ansioso ao mesmo tempo, e de repente reconheço um vislumbre de uma expressão de que me lembro de sua infância. Nunca soube o que era antes. Faz-me lembrar de algo.

– “Não em completo esquecimento,/E não em total desnudamento,/Mas trilhando nuvens de glória viemos.” – Quase paro aí, mas pelo bem de Julie, termino: – “De Deus, que é nossa casa.” Wordsworth.

– Por que você tem que colocar aspas para entender?

– Tudo o que eu tenho são as palavras de outras pessoas, Julie.

Elas, no momento, estão me faltando. Após outro longo silêncio, me ocorre

que não tenho nada a perder por perguntar.

– Você voltou por causa de Maxwell, porque você viu aquele perfil na revista, ok. Mas você não tinha que voltar como Julie. Se tinha medo de ser responsabilizada pelo que aconteceu a Charlotte, por que simplesmente não mandou uma denúncia anônima para a polícia e deixou que cuidassem do caso? Por que voltou para nós depois de tanto tempo quando sabia que teria que mentir? – Respiro fundo. – Foi por causa do dinheiro? Tudo bem se tiver sido.

Ela ergue os olhos, surpresa, são olhos azuis de porcelana.

– Eu sentia sua falta – ela diz.

O pior não se apaga, mas assim, sem mais nem menos, estou em casa.

Agradecimentos

O amor e o apoio dos amigos e da família tornaram este livro possível. Estendo meus especiais agradecimentos aos membros do meu talentoso e empenhado grupo de criação, Alissa Zachary, Linden Kueck, Victoria Rossi, Dan Solomon e Paul Stinson; a Martin Kohout e sua falecida esposa, Heather Kohout, pelo tempo que passei trabalhando neste romance em Madroño Ranch, Medina, Texas; à minha agente, Sharon Pelletier, da Dystel & Goderich Literary Management, por seu contagiante entusiasmo; a Lauren Abramo, da DGLM, por incansavelmente me representar no exterior; e a Tim Mudie, meu editor na Houghton Mifflin Harcourt, por me guiar paciente e criteriosamente pelo empolgante processo de transformar minhas palavras em um livro. Conseguimos! Os maiores e melhores agradecimentos estão reservados a meu marido, Curtis Luciani, por me encorajar a escrever um romance, em primeiro lugar, acreditando em mim quando eu achava que não conseguiria, e sempre se certificando de que houvesse café de manhã e um quarto só para mim.

obrigada>

Título original
GOOD AS GONE

Copyright © 2016 by Amy Gentry
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida
ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico,
inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem
e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
VILMA HOMERO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: novembro, 2018.

A Autora

AMY GENTRY é americana de Houston, também cenário do romance, onde vive com o marido. É formada em literatura inglesa e trabalhou com vítimas de violência sexual e doméstica.